

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

MÔNICA RIET GOULART

**AS ESPIRAIS DA SUBJETIVIDADE REVELADAS NA
INTEIREZA DO EDUCADOR PARA A CONSTRUÇÃO DO
SEU PROCESSO AUTOFORMATIVO**

**PORTO ALEGRE
2010**

MÔNICA RIET GOULART

**AS ESPIRAIS DA SUBJETIVIDADE REVELADAS NA
INTEIREZA DO EDUCADOR PARA A CONSTRUÇÃO DO
SEU PROCESSO AUTOFORMATIVO**

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção de Grau de Doutora em Educação.

PROF. DRA. LEDA LÍSIA FRANCIOSI PORTAL
Orientadora

PORTO ALEGRE
2010

MÔNICA RIET GOULART

**AS ESPIRAIS DA SUBJETIVIDADE REVELADAS NA INTEIREZA DO
EDUCADOR PARA A CONSTRUÇÃO DO SEU PROCESSO AUTOFORMATIVO**

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção de Grau de Doutora em Educação.

Aprovada em 13 de janeiro de 2010.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Leda Lísia Franciosi Portal (PUCRS)

Prof^a. Dra. Marisa Campio Müller (UNISINOS)

Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera (PUCRS)

Prof. Dr. Maurivan Güntzel Ramos (PUCRS)

*Aos meus Avós e aos meus Pais,
Mestres do Amor, que me ensinaram
a sonhar, a viver, simplesmente SER...*

GRATIDÃO ...

Essência de uma Força Maior que age em cada um de nós.

Acolhimento pela Jornada Percorrida.

Escuta e transformação do Ser.

Amarosidade pelo que Fomos e nos Tornamos.

Humildade para Recomeçar com Novo Ardor.

Inteireza da Vida que revela o nosso "Eu".

A Gratidão que vem de minha alma envolve a tessitura de muitos olhares, amores e ternura...

Minha gratidão...

A Deus, fonte inesgotável de toda a minha essência. Por Ele, fui, sou e estarei sendo um projeto de amor na Vida do Outro.

Aos meus Pais, Arcy e Irma, Mestres do Amor que abriram as janelas da Vida para que eu pudesse alcançar cada pequena estrela que iluminava meus sonhos de menina, mulher e educadora.

Aos meus Sobrinhos e Afilhadas, ternura em forma de prece, por vocês é a busca e a ousadia em tornar a Educação um espaço de construção e liberdade.

Aos meus Irmãos, Simone, Ione e Emerson, símbolos de fraternidade, com vocês, aprendi que partilhar nos eleva e nos faz querer ser mais junto com os outros.

Aos meus Amigos, fortaleza de minha alma, por acreditarem nos meus ideais e afagarem minhas dores ao longo caminhada.

À minha Orientadora, Leda Lísia Franciosi Portal, parceira dos sonhos e de olhares inéditos para tempos de complexidade. Não há como não acarinhar alguém que sempre foi ternura, esperança e doação, para que juntas construíssemos um mundo novo sob a ótica da Inteiraza do Ser.

Às Irmãs do Colégio da Imaculada, por acreditarem no meu potencial, no meu desejo de tornar o espaço educativo, um lugar de valorização, promoção e respeito à vida e por fazerem nascer em meu coração, o amor a Francisco e Clara de Assis.

Aos Educadores do Colégio da Imaculada, companheiros de jornada e sonhadores de um mundo mais justo e fraterno. A face de uma ação pedagógica está naqueles que ousam fazer o imprevisível e vocês acreditaram no meu sonho e o tornaram, seus sonhos.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, pelo carinho e por dividirem conosco um pouquinho de suas vidas e dos saberes das suas formações.

Aos Alunos que atravessaram o meu caminho, por me ensinarem que o conhecimento tem sempre mais que uma possibilidade e se reconstrói junto a todos.

Aos meus Amigos Doutores, Tríade do Bem, Janaina Specht da Silva Menezes, Jorge Antônio Trevisol e Regina Leitão Ungaretti, parceiros de encontros e infindáveis discussões teóricas. Junto a vocês, meus dias ganharam matizes e nuances de alegria, amor e esperança.

À minha Mana do Coração, Dra. Adriana Salete Loss Zorzan, se existem encontros que modificam uma vida, o nosso será assim. Desprendimento e perseverança nos uniram e irão tecer novos encontros para tornar nossa Amizade plena do Amor de Deus.

Ao amigo-irmão, Leonel Fernando Flores, pela amizade, pela força e pela escuta, por acolher meus lamentos, medos, sofrimentos, angústias e por estender-me a mão, sempre que a caminhada ficava mais árdua.

Ao amigo-segundo pai, Luiz Claudio Dipp, por me ensinar que somente por meio da Caridade podemos ser pessoas melhores e fazer o bem a quem necessita.

Aos Irmãos e Companheiros da Alvorada, por estenderem as mãos e a alma para levar o alento, o alimento e o conforto a todos aqueles que carecem de auxílio, de uma palavra amiga e do conforto espiritual. Os seus ensinamentos abriram as janelas de meu coração, para servir e ser mais humilde, emprestando minha vida, para que a deles pudesse florescer.

Aos Irmãos e Irmãs da Fraternidade Santa Clara da Ordem Franciscana Secular – OFS, pelo testemunho de oração e de vida fraterna em prol da concretização do projeto de Jesus Cristo.

Às amigas Maria Lilián Silva França e Norah Dietrich, por doarem de seu tempo e de suas vidas, para auxiliar-me na finalização dos materiais do Doutorado.

Aos meus avós, Aristides e Anair Goulart, Germano e Beatriz Riet e ao meu tio Assis dos Santos Goulart, que se encontram junto de Deus, pelo amor, ternura, incentivo e por acreditarem que eu faria muito com o pouco que dispunha.

*I*mperiosa Força que
*N*asce do Amor e
*T*orna-se
*E*sperança
*I*nfinita.
*R*ecolhe
*E*scuta
*Z*ela
*A*colhe

*D*esvela
*O*rienta

*S*erve
*E*mpresta
*R*eparte e Transcende...

*M*ônica Riet Goulart

RESUMO

A proposta de analisar as espirais da subjetividade revelada na inteireza do educador para a construção do seu processo autoformativo, sustenta-se em uma perspectiva filosófica humanista, revisitada pelos olhares da psicologia transpessoal, da antropologia, da transdisciplinaridade, da complexidade, recorrendo a uma abordagem qualitativa, com ênfase para a pesquisa-ação, por meio da pesquisa cooperativa, a qual visa contribuir para repensar as concepções das pessoas que participam da pesquisa, gerando inovações educacionais. Ao analisar como as espirais da subjetividade reveladas na inteireza do educador podem construir processos autoformativos, desejo propiciar uma reflexão que favoreça um novo olhar na forma de ser e estar no mundo e assim dar um novo sentido à construção do conhecimento e suas relações com os espaços subjetivos do ser humano, repercutindo em uma prática docente que faça a diferença e dando passos para promover uma cultura para a inteireza. Para tanto, temos como objetivos: analisar os aspectos que constituem a originalidade do homem, buscando identificar a dimensão subjetiva que se constrói no seu processo formativo; compreender as limitações que envolvem a autoformação do educador na perspectiva de sua inteireza, identificando as implicações que impedem uma ação docente sustentada em uma visão transdisciplinar e auto-transformadora; analisar como a subjetividade revelada pela inteireza do educador pode construir processos autoformativos que propiciem transformações na ação pedagógica e na mediação de novas formas de ser e estar no mundo; propiciar reflexão sobre as espirais da autoformação, dimensões que podem favorecer um novo olhar frente à reinvenção do educador e ao seu compromisso com uma postura ética e comprometida com a ampliação da consciência universal e estabelecer uma meta-análise das transformações ocorridas com os co-pesquisadores durante o processo da pesquisa, na perspectiva de compreender a ampliação de consciência e as dimensões que compõem a sua inteireza. Para alcançar os objetivos, proporcionaram-se as oficinas de vivências, realizadas com um grupo de professores de uma escola particular no município de Canoas - RS, para desenvolver as espirais da autoformação do educador, as quais contemplavam: a) Espirais da Produção de Sentidos: esculpir a essência do eu; b) Espirais da Subjetividade: como revelar a inteireza que me constitui; c) Espirais da Interação: abrindo as janelas para ir ao encontro do outro; d) Espirais do Movimento: mediação entre teoria e a prática; e) Espirais dos Anéis: a reinvenção do ser humano frente às relações intersubjetivas. Os fundamentos teóricos estão alicerçados nos estudos de Wilber, Frankl, Grof, Jung, Levinas e alguns referenciais da psicologia transpessoal, principalmente no que se refere aos estudos sobre a ampliação da consciência e sobre a inteireza do ser. Pensar a existência humana e a projeção de uma cultura que valorize a inteireza do ser pode auxiliar na modificação do que chamamos de contra-senso educativo, onde não se assume a sua condição de ser em processo e impossibilita o seu *ser* e *estar* no mundo. Portanto, as espirais da autoformação do educador, alicerçadas em sua subjetividade contribuem para desvelar a sua inteireza e a transformação desse cenário e potencializam as experiências de transcendência do “eu” e do “outro”, mediados pela interlocução com a própria natureza, para desenhar uma Pedagogia essencialmente voltada para a sua Felicidade.

Palavras Chaves: Espirais da Subjetividade, Espirais da Autoformação do Educador, Inteireza do ser, ampliação dos níveis de consciência, existencialidade da condição humana, processos autoformativos do educador.

ABSTRACT

The proposal of analyzing the subjectivity spirals revealed in the wholeness of the educator in order to construct its own self formative process is supported by a philosophic humanistic perspective, revisited by the look of the transpersonal psychology, the anthropology, the transdisciplinarity, the complexity, resorting to a qualitative approach, with emphasis on action research, through cooperative research, which aims to contribute to rethink the conceptions of people who took part in this research, generating educational innovations. By analyzing the way the subjectivity spirals revealed in the wholeness of the educator can construct self formative processes, I intend to offer a reflection which facilitates a new look in the way of being in the world and therefore gives a new sense to the knowledge construction and its relations to the subjective spaces of the human being, reflecting in a docent practice which makes a difference and giving steps to promote a culture towards wholeness. Therefore, we have as objectives: analyze the aspects that constitute the originality of the man, searching to indentify the subjective dimension in which the formative process takes part: understand the limitation which involves the self formation of the educator in the perspective of its wholeness, identifying the implications which prevent a docent action supported by a transdisciplinar and self transformer view; analyze how the subjectivity revealed by the wholeness of the educator can construct self formative processes which fosters transformations in the pedagogical action and in the mediation of new ways of being in the world; offer a reflection about the subjectivity spirals, dimensions that might benefit a new look toward the reinvention of the educator and to its commitment with an ethical posture and committed with the enlargement of the universal conscience and establish a meta analysis of the transformations occurred with the co-researches during the process of the research, in the perspective of understanding the enlargement of the conscience and the dimensions which consist its wholeness. In order to achieve the objectives, experience workshops were offered, held with a group of teachers of a private school of Canoas – RS, to develop the self formation spirals of the educator, which comprised: a) Sense Production Spirals: sculpt the essence of the self; b) Subjectivity Spirals: how to reveal the wholeness which constitutes myself; c) Interaction Spirals: opening the window to meet the other; d) Movement Spirals: mediation between theory and practice; e) Rings Spirals: the reinvention of the human being towards the intersubjectives relations. The theoretic fundamentals are founded in the studies of Wilber, Frankl, Grof, Jung, Levinas and some referentials from the transpersonal psychology, mainly in which concerns the studies about the enlargement of the conscience and about the wholeness of the being. Thinking about the human existence and the projection of a culture which values the wholeness of the being can help to modify what we call the educational against sense, where there is no assumption of the condition of being in process and blocks its being in the world. Therefore, the self formation spirals of the educator, founded in its subjectivity contribute to reveal its wholeness and the transformation of this scenario and to empower the experiences of transcendenceness of “self” and the “other”, mediated by the interlocution with its own nature, to draw a Pedagogy essentially focused on its Happiness.

Key Words: Subjectivity Spirals, Self Formation Spirals of the Educator, Wholeness of the being, enlargement of conscience levels, existentiality in the human condition, self formative processes of the educator.

RESUMEN

La propuesta de analizar los espirales de la subjetividad revelada en la plenitud del educador para la construcción de su proceso auto formativo, se sostiene en una perspectiva filosófica humanista, revisada por los ojos de la psicología transpersonal, de la antropología, de la transdisciplinariedad, de la complejidad, recurriendo a un abordaje cualitativa, con énfasis para la pesquisa-acción, por medio de la pesquisa cooperativa, la cual visa contribuir para repensar las concepciones de las personas que participan de la pesquisa, generando innovaciones educacionales. Al analizar como los espirales de la subjetividad revelada en la plenitud del educador pueden construir procesos auto formativos, deseo proporcionar una reflexión que favorezca una nueva mirada en la forma de ser y estar en el mundo y así dar un nuevo sentido a la construcción del conocimiento y sus relaciones con los espacios subjetivos del ser humano, repercutiendo en una práctica docente que haga la diferencia y dando pasos para promover una cultura para la plenitud del educador. Para eso, tenemos como objetivos: analizar los aspectos que constituyen la originalidad del hombre, buscando identificar la dimensión subjetiva que se construye en su proceso formativo; comprender las limitaciones que envuelven la autoformación del educador en la perspectiva de su plenitud, identificando las implicaciones que impiden una acción docente sostenida en una visión transdisciplinar y auto transformadora; analizar como la subjetividad revelada por la plenitud del educador puede construir procesos auto formativos que proporcionen transformaciones en la acción pedagógica y en la mediación de nuevas formas de ser y estar en el mundo; proporcionar reflexión sobre los espirales de la autoformación, dimensiones que pueden favorecer una nueva mirada frente a la reinención del educador y a su compromiso con una postura ética y comprometida con la ampliación de la conciencia universal y establecer una meta análisis de las transformaciones ocurridas con los copesquisadores durante el proceso de la pesquisa, en la perspectiva de comprender la ampliación de conciencia y las dimensiones que componen a su plenitud. Para alcanzar los objetivos, se proporcionaron las oficinas de vivencias, realizadas con un grupo de profesores de una escuela particular del municipio de Canoas – RS, para desenvolver los espirales de la autoformación del educador, las cuales contemplaban: a) Espirales de Producción de Sentidos: esculpir la esencia del yo; b) Espirales de la Subjetividad: como revelar la plenitud que me constituye; c) Espirales de la Interacción: abriendo las ventanas para ir al encuentro del otro; d) Espirales del Movimiento: mediación entre la teoría y la práctica; e) Espirales de los Anillos: la reinención del ser humano frente a las relaciones ínter subjetivas. Los fundamentos teóricos están basados en los estudios de Wilber, Frankl, Grof, Jung, Levinas y algunos referenciales de la psicología transpersonal, principalmente en el que se refiere a los estudios sobre la ampliación de la conciencia y sobre la plenitud del ser. Pensar la existencia humana y la proyección de una cultura que valore la plenitud del ser puede ayudar en la modificación del que llamamos de contrasenso educativo, donde no se asume su condición de ser en proceso e imposibilita su ser y estar en el mundo. Por lo tanto, los espirales de la autoformación del educador, basados en su subjetividad contribuyen para desvelar su plenitud y la transformación de ese escenario y amplían las experiencias de la trascendencia del “yo y del “otro”, mediados por la interlocución con la propia naturaleza, para diseñar una Pedagogía esencialmente direccionada para su Felicidad.

Palabras Llaves: Espirales de la Subjetividad, Espirales de Autoformación del Educador, Plenitud del ser, ampliación de los niveles de conciencia, existencialidad de la condición humana, procesos auto formativos del educador.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tela da Exposição: Origem de Tudo e Vida na Escola	21
Figura 2 – Tela da Exposição: Grupo de Jovens e o Nascimento da Paixão pela Pedagogia	27
Figura 3 – Tela da Exposição: Primeiras Vivências da Vida: Percepção dos Outros e as Relações Afetivas	28
Figura 4 – Tela da Exposição: Desafio da Formação Profissional e o Sonho de Relações Estáveis	29
Figura 5 – Tela da Exposição: O Sonho conquistado – Formatura na Pedagogia e a Busca do Espaço Profissional	31
Figura 6 – Tela da Exposição: Caminhos da Formação Docente	35
Figura 7 – Tela da Exposição: Formação Continuada e a Inteiraza do Educador	37
Figura 8 – Níveis de Consciência - Wilber	53
Figura 9 – Dinâmica da Espiral do Desenvolvimento Humano	55
Figura 10 – Quadro Síntese da Espiral do Desenvolvimento Humano	56
Figura 11 – Quadro Síntese da Espiral do Desenvolvimento Humano	57
Figura 12 – Quadro Síntese da Espiral do Desenvolvimento Humano	58
Figura 13 – Quadrantes do Desenvolvimento Humano	67
Figura 14 – Dinâmica em Espiral	159
Figura 15 – Dinâmica em Espiral	160
Figura 16 – Dimensões da Inteiraza do Educador	161
Figura 17 – Níveis da Consciência - Wilber	200
Figura 18 – Síntese Felicidadania - Rios	223
Figura 19 – Caminhos da História da Educação	228
Figura 20 – Caminhos da História da Educação	229
Figura 21 – Linha do Tempo: Escola Tradicional	230
Figura 22 – Linha do Tempo: Escola Nova	231
Figura 23 – Linha do Tempo: Escola Tecnícista	232
Figura 24 – Linha do Tempo: Escola Progressista ou Crítica	233
Figura 25 – Varal da Ação Pedagógica e Interlocação Pedagógica	235

Figura 26 – Olhares sobre o Mundo e o Real e o Ideal do Ser Educador	237
Figura 27 – Movimento das Espirais da Subjetividade	258
Figura 28 – Dinâmica dos Anéis	262
Figura 29 – Relato dos Educadores - I Oficina: Espirais da Produção de Sentido	264
Figura 30 – Espirais da Autoformação do Educador	283
Figura 31 – Caminhos da Formação do Educador	285
Figura 32 – Espiral da Interação: Abrindo as Janelas para ir ao Encontro do Outro	288
Figura 33 – Espiral da Interação: Construindo as Janelas dos Olhares de Si e do Outro	289
Figura 34 – Espiral da Interação: Apelos e Anseios frente às Janelas da Vida .	290
Figura 35 – Quadro Síntese com as características da Maturação da Pessoa, segundo Maslow	304
Figura 36 – Quadro Síntese com as características da Maturação da Pessoa, segundo Maslow	305

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	17
2 - INQUIETAÇÕES, SENSIBILIDADE E SUTILEZA: um ser movido por interrogações, vivências e inspirações entre a ciência da terra e as experiências do sagrado	21
3 - OLHARES, OUSADIA E RUPTURA... ONDE ALCANÇA NOSSO OLHAR?..	39
3.1 - JANELAS DA ESSÊNCIA HUMANA	46
3.2 - UM ENCONTRO COM A ORIGINALIDADE ESSENCIAL	49
3.3 - ENTRELACANDO MÃOS PARA REVELAR A SUBJETIVIDADE E A BUSCA DE NOVOS CAMINHOS	59
4 - AS FACES DO UNIVERSO E DO HUMANO: do imaginário ao real e do espiritual ao transcendente.....	62
4.1 - INSPIRAÇÕES E REVELAÇÕES: inconsciente e consciente revolvendo o sagrado no humano	71
4.2 - OS ESPELHOS DA ALMA: parecer ser e vislumbrar o não ser	77
5 - AS TESSITURAS DO HUMANO NO UNIVERSO E AS CONEXÕES REINVENTADAS NO CAOS	82
5.1 - AS TEIAS QUE SE FORJAM ENTRE O IRREAL E O IDEAL: caminhos que buscam ir além das amarras, dos nós e dos laços	87
5.2 - DA INVENÇÃO AO REDESENHAR: cenários do cotidiano que gestam o previsível e o imaginável	90

6 - CONEXÕES E INTERLOCUÇÕES PARA UMA CULTURA DA INTEIREZA: os caminhos e as representações que sustentam um novo cenário.....	93
6.1 - AS PROVOCAÇÕES METODOLÓGICAS E O IR ALÉM DO ESTABELECIDO: o nascimento e a gestação de um caminho que ousa o diferente	100
6.2 - O HUMANO CONSTRUINDO AS INTERLOCUÇÕES COM AS CONEXÕES TRANSCENDENTES: os participantes da pesquisa	107
6.3 - A CULTURA DA INTEIREZA REVELANDO-SE NO AGIR COTIDIANO: a trajetória do ser e as espirais da subjetividade que tornam o humano diferente ..	119
6.4 - VIVÊNCIAS DA AUTOFORMAÇÃO: espirais da autoformação do educador	125
6.4.1 - ESPIRAIS DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS: esculpir a essência do eu ...	129
6.4.2 - ESPIRAIS DA SUBJETIVIDADE: como revelar a inteireza que me constitui	151
6.4.3 - ESPIRAIS DA INTERAÇÃO: abrindo as janelas para ir ao encontro do outro	186
6.4.4 - ESPIRAIS DO MOVIMENTO: mediação entre teoria e a prática.....	216
6.4.5 - ESPIRAIS DOS ANÉIS: a reinvenção do ser humano frente às relações intersubjetivas	254
6.5 - A AMPLIAÇÃO DOS NÍVEIS DA CONSCIÊNCIA E A COMPREENSÃO DO SER FRENTE À SUBJETIVIDADE HUMANA: reflexões e interpretações que nascem da experiência do “eu” e do “não-eu” em um contexto cultural	278

7 - A AUTOFORMAÇÃO E AS RELAÇÕES SUBJETIVAS TECENDO A INTEIREZA E UM JEITO NOVO DE EDUCAR	297
8 - A PROVISORIEDADE INCONCLUSA DA CONCLUSÃO - DIAS FUTUROS ALICERÇADOS NAS AÇÕES COTIDIANAS DOS DIAS PRESENTES: a originalidade do eu e as relações intersubjetivas como pistas do caminho que se constrói a partir de um homem conectado com a experiência transcendente e sua autoformação	308
REFERÊNCIAS	314

1 - INTRODUÇÃO

Talvez uma das maiores aspirações do ser humano ao longo da história da humanidade tenha sido a necessidade de compreender-se e tecer relações com o outro para contribuir para o avanço de transformações que modificassem o cenário no qual se vive.

O ser humano traçou inúmeros caminhos, mas em alguns deles equivocou-se com suas escolhas e estas deixaram marcas que influenciaram muitas gerações. O legado sócio-histórico revelou um descompromisso com a evolução da humanidade. As ações priorizavam resultados e o acúmulo do poder. Nesta perspectiva, pensar e refletir sobre a essência do ser humano era relegado a um plano inferior. Dizer que erramos, nos equivocamos ou nos enganamos preenche as lacunas deixadas por essa forma de ser e agir? Acredito que trilhamos caminhos que não foram os mais acertados, mas somente fazendo escolhas é que temos a oportunidade de compreender a experiência vivida.

Ao pensar neste contexto, percebo que de certa forma sempre estive comprometida com um novo jeito de ser e agir. Caminho tranquilo? Com certeza as consequências revelaram um enfrentamento diário que envolvia um olhar para as coisas do lado de dentro, para uma dimensão mais subjetiva.

Essa dimensão subjetiva fez parte da minha caminhada, a conexão vinculava-se a compreensão do que eu sentia e o que eu queria para o meu existir. Compreendi desde muito cedo que a essência era a marca singular do que nos constitui e do que queremos deixar quando estamos com o outro.

Na opção profissional e na experiência de quase vinte anos de atuação na educação, entendo que estive a procura de uma forma diferente de construir minha ação docente. Iniciei minha prática pedagógica com os pequenos da Educação Infantil e depois passei por todos os níveis de ensino, além das ações específicas

nas Classes de Reeducação e da Inclusão, Orientação Educacional, Supervisão e Coordenação Pedagógica.

Percebo que este momento inicial de minha formação profissional vinculou-se ao desejo de compreender o desenvolvimento maturacional das crianças e seus vínculos com os adultos; posteriormente, ao atuar com as classes especializadas, tive a oportunidade de conhecer um pouco mais a realidade da não normalidade evolutiva. A riqueza dessa vivência, o confronto com as informações da academia e da prática docente levou-me a pontuar questões prementes na própria formação que recebemos nos cursos de nível médio e na própria universidade. O saber formal não era suficiente para dar conta de uma problemática que até hoje está instalada no seio escolar.

O conhecimento é objeto da experiência escolar, mas não é tão somente ele que propicia uma formação que contempla a inteireza¹ do ser humano, ele torna-se um dos aspectos formativos, entretanto nele está envolvido a dimensão emocional, social, biológica, neurológica, ética e cultural. Essas dimensões carecem de um universo de informações e reflexões que possam interconectar-se para revelar a inteireza e os processos que promovem a autoformação do educador e do educando.

Nesse sentido, após a experiência de instalar um grupo de pesquisa cooperativa para analisar o desenvolvimento profissional dos professores por meio de processos reflexivos, mediados pela ação do pedagogo, instigou-me a ir além. Compreender os processos reflexivos levou-me a analisar a dimensão da alteridade e por conseqüência a penetrar no campo da Antropologia, Filosofia e da Psicologia, com especial atenção à literatura existente sobre a ampliação de consciência do ser humano, a espiritualidade, a teoria do tudo e a autoformação do educador.

Essas temáticas envolvem diretamente a constituição de uma forma diferenciada de fazer e construir a Educação. Uma escola que se preocupe com o educando em sua inteireza necessita de um educador que também se auto-

¹ **Inteireza ou Educação para a Inteireza**, conforme PORTAL, L.L.F. (2006) na **Enciclopédia de Pedagogia Universitária** envolve: *a educação para a Inteireza como uma proposta de autoconstrução do ser humano, voltado para a interioridade de seu próprio Eu, redescobrimo-se em suas dimensões constitutivas: social, emocional, espiritual e racional, que desenvolvidas de forma equilibrada são essenciais para a ressignificação de sua dignidade.*

compreenda e juntos possam ousar em consolidar uma ação educativa que instaure uma Pedagogia para a Felicidade.

Para tanto, optamos novamente por instalar um grupo de pesquisa cooperativa, na mesma instituição que anteriormente foi objeto dos estudos do Mestrado em Educação. Diferentemente da outra ocasião, quando havia um grupo definido para a pesquisa, no momento atual, para a consecução das **OFICINAS DE VIVÊNCIAS**, optou-se por acolher todos os educadores, não havendo definição quando ao nível de ensino que ministravam as aulas. As oficinas de vivências ocorreram no período de março a agosto do ano de dois mil e nove.

Sabemos que não é uma ação simplista, muito pelo contrário, a complexidade se instaura e por meio dela construir um novo jeito de ser e agir exige um compromisso real e coletivo. Necessitamos mergulhar em um universo mais profundo, nesse sentido, penso que ao analisar as Espirais² da Subjetividade reveladas na inteireza do educador para a construção do seu processo autoformativo, possa penetrar no real objeto do contra-senso da prática educativa na atualidade.

Ao longo do presente trabalho, estaremos realizando um olhar amplo e complexo sobre a condição humana, destacando no segundo capítulo: *as inquietações, sensibilidade e sutileza – um ser movido por interrogações, vivências e inspirações entre a ciência da terra e as experiências do sagrado.*

No capítulo três, vislumbraremos *os olhares, ousadia e ruptura – onde alcança nosso olhar, destacando as janelas da essência humana; um encontro com a originalidade essencial e entrelaçando mãos para revelar a subjetividade e a busca de novos caminhos*

No capítulo quatro, penetraremos nas *Faces do Universo e do Humano, do imaginário ao real e do espiritual ao transcendente; as inspirações e revelações -*

² Espiral – compõe a Dinâmica Espiral, que encara o desenvolvimento humano como um processo composto de oito estágios gerais, que também são chamados de *memes*. “Meme” é uma palavra muito utilizada nos dias de hoje e tem vários significados diferentes e conflitantes [...] mas, para a Dinâmica da Espiral, um *meme* é simplesmente um estágio de desenvolvimento, que pode ser expresso em qualquer atividade. Beck Cowan afirmam que os *memes* não são níveis rígidos, mas ondas fluidas, com muitas sobreposições e entrelaçamentos que resultam numa malha ou espiral dinâmica de desenvolvimento da consciência. A ESPIRAL é desordenada, assimétrica e tem múltiplas combinações. Em vez de tipos puros. São mosaicos, redes e mesclas. (WILBER, 2000, p. 19).

Neste trabalho, a Espiral representa os estágios citados acima, procurando associá-los a essência da subjetividade e conseqüente caminho para a autoformação do educador e do próprio ser humano.

inconsciente e consciente revolvendo o sagrado do humano e os espelhos da alma - parecer ser e vislumbrar o não ser.

O capítulo cinco contempla *as tessituras do humano no universo e as conexões reinventadas no caos*, para assim analisar *as teias que se forjam entre o irreal e o ideal – caminhos e descaminhos que buscam ir além das amarras, dos nós e dos laços e da invenção ao redesenhar – cenários do cotidiano que gestam o previsível e o imaginável.*

No capítulo seis acontecerá o momento de relatar a pesquisa, partindo *das conexões e interlocuções para uma cultura da inteireza: os caminhos e as representações que sustentam um novo cenário.*

O envolvimento do educador é essencial, mas ele mais do que ninguém precisa olhar-se como ser em processo e para tal, foi proposto uma viagem pelas **ESPIRAIS DA SUA AUTOFORMAÇÃO**, navegando pela *ESPIRAL DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS – esculpir a essência do eu; ESPIRAL DA SUBJETIVIDADE – como revelar a inteireza que o constitui; a ESPIRAL DA INTERAÇÃO – abrindo as janelas para ir ao encontro do outro; a ESPIRAL DO MOVIMENTO – mediação entre a teoria e a prática e a ESPIRAL DOS ANÉIS – a reinvenção do ser humano frente as relações intersubjetivas.*

No capítulo sete, encontraremos os caminhos da *autoformação e as relações subjetivas que tecem a inteireza para produzir um jeito novo de educar.*

O objetivo ao propor essas Espirais da Autoformação do Educador desejava contribuir para um redimensionar a ação docente, entretanto o primeiro grande desafio era promover o encontro com a originalidade essencial de cada educador, uma vez que a compreensão de quem sou e o que quero ser e fazer poderá lançá-lo justamente no movimento da espiral e do seu reencantamento enquanto um ser original que ao mesmo tempo carece do outro para promover a sua reinvenção.

2 – INQUIETAÇÕES, SENSIBILIDADE E SUTILEZA: UM SER MOVIDO POR INTERROGAÇÕES, VIVÊNCIAS E INSPIRAÇÕES ENTRE A CIÊNCIA DA TERRA E AS EXPERIÊNCIAS DO SAGRADO

*Não cessaremos de explorar
E o final de toda exploração
Será chegar aonde começamos
E conhecermos o lugar pela primeira vez.*

T. S. Eliot³

A sutileza entre o céu e a terra, a lua e as estrelas, o dia e a noite, o amanhecer e o anoitecer, a razão e a emoção e entre a ciência e a fé, passam pela experiência que ao longo de nossa existência construímos. A compreensão dessas dimensões parte do universo sensível do qual escolhemos fazer parte.

Por vezes, parece que nos acostumamos com alguns clichês que são ditos e fazemos certo esforço para mantê-los, tais como “somos o resultado das nossas escolhas”, “escolha ser feliz”, ‘supere a todos’, “ame e deixe amar”, contudo o tornar-se pessoa, postulado de Rogers⁴, envolve uma definitiva opção pelo humano, pelo autoconhecimento e pelo enfrentamento do cotidiano cartesiano, do qual somos fruto.

³ BREHONY, Kathleen A. O crescimento e a busca da Inteiraza. Rio de Janeiro: Disponível em <<http://www.rubedo.psc.br/Artlivro/inteirez.html>>. Acesso em 02 fev. 2009.

⁴ **ROGERS, Carl Ransom** - psicólogo americano, precursor da Psicologia Humanista, que procurou compreender o bem-estar da pessoa, indo além das pesquisas que apontavam ser o homem constituído de uma neurose que o impedia de tornar-se uma pessoa melhor. Para tanto, desenvolveu um método psicoterapêutico centrado (ACP) no paciente, no qual a relação que se estabelecia entre o terapeuta e o paciente, poderia fazê-lo encontrar a sua cura sozinho.

Se nos reportarmos à história das civilizações, veremos que a maioria tinha como propósito, o bem comum e as relações pacíficas. Inúmeros filósofos envolveram-se em compreender a essência humana e o que tornaria o homem um ser que construísse relações e essas pudessem, por consequência, tornar o mundo melhor. Acredito que pelo vasto conhecimento e pelas pesquisas que empreenderam, no seu tempo, desejavam uma redenção para o homem, mas acima de tudo, para si. A mudança postulada envolve diretamente a ação e um dos responsáveis é justamente quem idealizou a perspectiva. Será validada ou refutada, pela experiência ou pela vivência.

Tendemos a viver as experiências do grupo e não abrimos o espaço para o particular, pois creio que primeiramente experienciamos o singular para torná-lo plural e fonte de novas construções coletivas. Instala-se uma das primeiras interrogações: Como posso tornar-me uno se ainda existe um paradigma que divide, que de certa forma contrapõe a ciência à fé? Por que o sagrado não pode conduzir as experiências do mundo? Por que a unicidade, a inteireza e a sensibilidade não podem pautar essa nova forma de conceber as relações humanas?

As inquietações são em proporção ascendente e parece não haver um limiar, quanto mais nos apropriamos do conhecimento, maior é o horizonte das relações que podemos tecer, mas não suficientes para a saciedade das experiências.

A aventura é potencializar uma narrativa de nossa existência, para que as provocações que permeiam esse viver possam se imbricar ao que ora postulamos como proposta de tese.

Parece quase impossível destacar apenas alguns fatos relevantes em uma vida que tem bem delineada uma marca pessoal e profissional, todavia, ousaremos recontar dando o sentido e o significado pertinente, para que mais tarde então, estabeleçamos a relação entre a ciência da terra e as experiências com o sagrado.

Associo as marcas da minha trajetória de vida, com o trabalho de um pintor, que tem como objetivo ser convidado para expor sua produção em uma exposição. Começa a produzir suas telas, sonhando com o dia de seu *vernissage* e as inspirações somam-se uma a uma e o resultado são telas belas ou com uma interpretação diversa para cada um, pois ao apreciar uma obra, olhamos a partir da sensibilidade e das construções que fazemos ao longo da vida. O pintor, porém realizou o sonho, partilhou as crenças e a sua visão de mundo com aqueles que foram à exposição. Propõe-se a ouvir as críticas e observações, mas sabemos que

jamais conseguirão traduzir quer na escrita ou nas entrevistas, a essência do que o moveu conceber a exposição da forma que o fez.

Assim como o pintor, procurarei dar forma a uma exposição que terá quadros imaginários, que não encontraremos em uma exposição pública, porém terá a tarefa de retratar ou recontar os principais momentos de uma vida que se tece pela sensibilidade, humildade, coragem e ousadia em construir ou participar de algo diferente, potencializando um caminho que ousou avaliar como inédito no campo profissional.

Uma das *primeiras telas* reconta a **ORIGEM DE MINHA VIDA**, o nascimento de uma criança desejada e amada. Quando criança, lembro de vários momentos felizes, nos quais meus pais e meus irmãos sempre estavam juntos; brigávamos, mas logo a alegria estava de volta. Meus pais de certa forma evoluíram junto conosco. Hoje, sei que, apesar das posturas firmes e tradicionais, eles desejavam o melhor para cada um de nós.

Meu pai, sempre demonstrou, da forma dele, o amor que sentia por nós. Recordo de uma época em que ele trabalhava o dia inteiro e um pedaço da noite, embora se sentindo muito cansado, sempre chegava e nos tirava da cama; dava-nos o que havia trazido ou aquele beijo, para nos dizer que nós éramos importantes para ele.

Minha mãe estava presente em todo o nosso dia-a-dia, pois aguentava nossas travessuras e bagunças; quando um de nós tinha que ir ao médico, lá ia ela levar todos; desde pequenos vivíamos sempre muito juntos, embora não evitasse que existissem as famosas brigas entre irmãos, pois quando essas ocorriam eram feias. Tenho da minha mãe uma presença marcante em minha vida, mesmo que ela tenha uma personalidade séria, diferente de meu pai, que é um brincalhão, na sua forma de nos amar e ensinar, ficaram muitos ensinamentos.

Nossos passeios eram divertidos, pois meu pai tinha um senso de humor incrível; fazíamos travessuras e ele nos acompanhava. A minha mãe só nos olhava e este olhar dizia:

- Isto é perigoso, tomem cuidado! Ela era a nossa protetora.

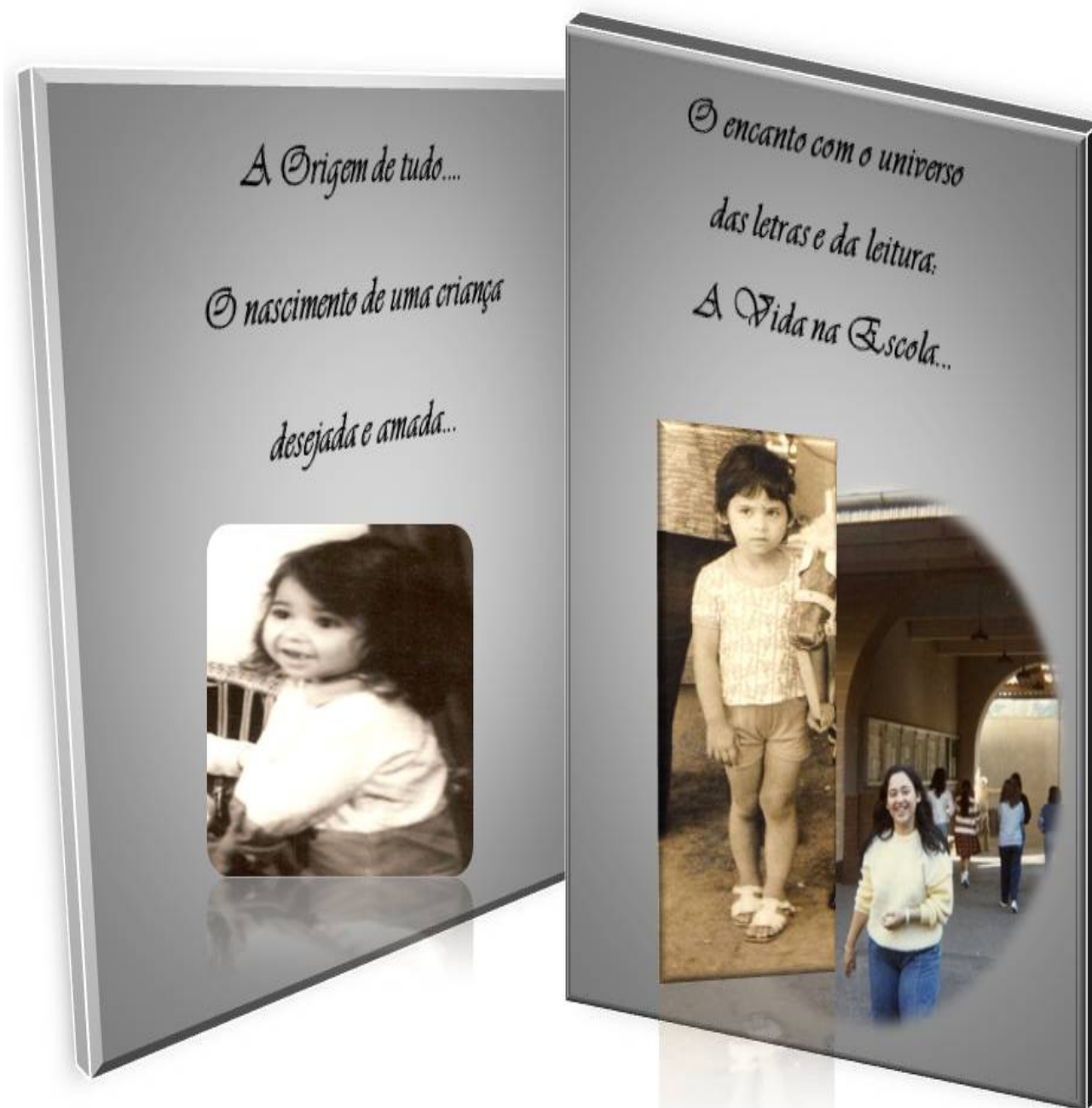


Figura 1 – Tela da Exposição: Origem de Tudo e Vida na Escola

Os valores mais importantes que meus pais me transmitiram foram o respeito e a compreensão pelo outro, a verdade e a responsabilidade no que assumimos.

Antes de estarmos em idade escolar, lembro que nas férias de meu pai, íamos para Uruguaiana, cidade de meus pais; lá nós brincávamos tanto, que não valia a pena voltar. Meu avô materno fazia o que queríamos, só não deixava que

fôssemos perto dos seus cavalos, das vacas e das ovelhas, nos dizendo que eles eram muito bravos e poderiam nos machucar.

O meu avô paterno era a minha grande alegria, pois como tinha mais contato com ele, por seu jeito e seu carinho, tornou-se uma pessoa muito especial para mim, posso dizer que foi umas das pessoas mais importantes da minha vida.

Posso até fazer um grande parêntese e falar um pouquinho mais sobre ele. Ele teve nove filhos, sendo que meu pai era o filho mais velho e também um dos filhos que mais herdou as características de meu avô. Ele foi uma pessoa que trabalhou muito durante toda a sua vida, diminuiu o ritmo de suas atividades quando sua doença se agravou. Fazia tratamentos intermináveis, procurava não demonstrar sua dor, mas percebíamos que já não tinha tanta força. Ele vinha a Porto Alegre, várias vezes no ano, para se tratar; foi aí que meu afeto por ele aumentou.

Nesta época meus irmãos estudavam à tarde, então ficava só eu com meu “vovôzinho”, pois minha mãe se ocupava com a minha avó. Cultivamos uma amizade muito bela; com a relação que se estabeleceu entre nós, começamos a nos escrever cartas e quando recebia uma carta dele, era uma felicidade só, pois era uma forma de ele dizer que estava longe, mas que se importava muito comigo.

Com a evolução da doença, quem escrevia as cartas para mim, era meu tio, ditadas pelo meu avô. Respondia cada carta com tanto carinho, acreditando que ele poderia melhorar com tal ato. Entretanto, chegou o dia em que partiu, sendo essa a primeira grande dor que senti em minha vida.

A primeira vez que voltei a Uruguaiana depois de seu falecimento, foi muito difícil, não conseguia enxergar e aceitar aquele espaço vazio, não estava acostumada ver minha avó sozinha, foi extremamente solitário e doloroso compreender que meu avô não estava mais conosco. Para uma menina de onze anos, aceitar esta situação era uma exigência muito grande. Ele é uma das marcas da minha infância e início da adolescência.

Apesar desta grande perda, pois todos sofreram muito; eu pensava que Deus não queria ser mais meu amigo, chorava muito, me escondia para chorar e às vezes, acaba adormecendo; o tempo foi passando, mas havia em todo esse sofrimento o colo de uma força maior, o carinho de uma força ou energia que mais tarde vim, a saber, qual o seu significado.

A ***outra tela para a exposição***, conta um pouquinho da minha **VIDA ESCOLAR**. Na primeira série, tive uma professora muito amorosa, morava perto da minha casa e que me enchia de orgulho quando chegava com ela na escola. Durante todo o período da escola não tive problemas com professores ou colegas, sempre mantive um relacionamento cordial com todos. Meus pais me auxiliavam bastante: para fazer as primeiras redações, contei com o apoio de meu pai e nos trabalhos que tinha que entregar, quem me ajudava, era a minha mãe.

A única coisa que não gostava muito é ter que ser responsável por meu irmão, pois era tão nova e já tinha que assumir essa responsabilidade na escola. Enquanto isto, minha irmã mais velha nem pensava em querer ter responsabilidades, atualmente compreendo o porquê de muitas de suas atitudes.

Não sei se foi pela responsabilidade assumida desde cedo, mas comecei a definir o que desejava: sabia o que queria para o meu futuro. Fui à luta, pois não seria mais uma, queria ser uma ótima profissional, lia muito e procurava me informar ou então escrever.

Fui uma aluna, que se pode considerar exemplar, quieta em sala, prestativa, atenciosa, entregava o que era solicitado, meus pais nunca foram chamados na escola para ouvir reclamações, ao contrário, os elogios faziam parte do meu dia a dia. Penso que é um fato que atrapalhou bastante quando tive que amadurecer certos conceitos sobre mim.

Definido o curso do 2º Grau, ingressei numa escola particular enorme e que no início me assustou muito. Era tudo muito diferente do que eu conhecia, entretanto por gostar de desafios, fui vencendo pouco a pouco as barreiras.

Tinha apenas pouquíssimos amigos quando comecei a estudar naquela escola, mas com as relações que fui estabelecendo, ganhei muitos outros novos amigos e esses que conquistei naquela época, são os amigos que até hoje fazem parte de minha vida no presente. Com eles aprendi muitas coisas, no meio deles me sentia a vontade para discutir assuntos que me interessavam e dizer as coisas que gostava e aquelas que não faziam a minha cabeça.

A criticidade que desenvolvi, discutindo os meus posicionamentos, levou-me a participar do Grupo de Jovens da escola, uma experiência que me transformou. Lá encontrei as razões para definir minha profissão de, ser uma Pedagoga, para atuar especificamente na área da Educação. Construí a partir dessa vivência, meus princípios e reafirmei os objetivos que desejava para o meu crescimento.

No período que estive no Grupo, fiz muitos cursos que despertaram minha paixão ainda mais pela Pedagogia. Quando prestei vestibular tinha tanta certeza do que queria, que acabei alcançando uma ótima classificação.



Figura 2 – Tela da Exposição: Grupo de Jovens
(J.U.L.A. – Jovens Unidos em La Salle – Colégio La Salle / Canoas)
e o Nascimento da Paixão pela Pedagogia

Poderia em **uma terceira tela**, unir as **primeiras VIVÊNCIAS DA VIDA**, no **seio familiar e a VIDA ESCOLAR**. Os outros me viam como uma pessoa boa, amiga, compreensiva, prestativa. Isto era suficiente para que, eu achasse que era feliz. Ser importante, me fez criar uma auto-imagem não tão verdadeira sobre mim. Percebi que isto não era tão real, quando passei por uma experiência que me deixou marcas profundas.



Figura 3 – Tela da Exposição: Primeiras Vivências da Vida: Percepção dos Outros e as Relações Afetivas

Esta **nova tela** parece retratar o que uma jovem acredita ser o fim de tudo, o buraco negro, a **imaturidade associa-se as experiências necessárias** a busca de uma maturação que virá com a evolução biopsicossocial.

Na metade de minha faculdade, comecei a namorar um rapaz que foi meu colega no 2º Grau. No início, tudo foi muito lindo, muito romântico, só que com o passar do tempo fui vendo que ele não era aquele “príncipe” que todas as adolescentes sonham; defrontei-me com ele **com a primeira pessoa** que até então **não enxergava as qualidades que os outros percebiam em mim.**



Figura 4 – Tela da Exposição: Desafio da Formação Profissional e o Sonho de Relações Estáveis

Os conflitos começaram e não foram fáceis de serem resolvidos; quando terminamos o namoro, entrei em crise profunda (adolescente tem que deixar sua marca), penso que tudo gerou essa crise, entre elas, a própria crise de identidade, a rejeição, a mágoa, a sensação de perda, o ter que abrir mão de objetivos definidos, a cobrança dos outros, reaproximar-me de meus amigos (o tempo que estive com ele, não havia como estar perto deles, pois ele os afastava um a um, por suas atitudes de posse), isto para mim foi quase o fim de tudo o que sempre busquei.

As sequelas não foram maiores porque percebi e senti o quanto era amada por meus pais. Eles me deram a força que não pensava que viria deles, numa situação destas; foram excepcionais, nos momentos mais dolorosos; quando percebiam que enchia os olhos de lágrimas, lá estavam eles a fazer algo para me distrair ou chamar a minha atenção.

A partir dessa experiência aprendi a valorizar e compreender muito mais meus pais. Eles foram os responsáveis diretos por minha recuperação.

Ficaram vários ensinamentos e lições, os quais contribuíram para minha evolução como pessoa e como mulher. Depois dessa fase, me joguei de cabeça nas aulas da faculdade. Foi o melhor semestre que realizei, pois jamais havia experienciado o fato da reprovação e perdi uma disciplina, por causa dessa situação que vivenciei. Cometi loucuras, fiz intensivos de disciplinas um atrás do outro para manter meus planos de me formar dentro dos quatro anos previstos para conclusão do Curso.

Outra tela ganha forma, nessa percebemos que os semestres foram passando; **comecei a ser mais cuidadosa com meus relacionamentos;** somente depois de dois anos consegui iniciar outro relacionamento e com dificuldades para confiar e me entregar por inteira, pois tinha algumas desconfianças e não queria sofrer novamente. A convivência, a partilha, o companheirismo foram me deixando suscetível, derrubando pouco a pouco as barreiras erguidas com o intuito de não sofrer tudo novamente. Esse encontro permitiu-me renascer, ajudou-me a enxergar as belezas da vida, a acreditar que é possível construir uma história e que obrigatoriamente não necessita ser igual à outra. Dentro de meu coração voltou a soprar a vida. Aqui surgiu outra etapa em minha vida.

Conclui minha faculdade; meu estágio foi excelente e minhas certezas quanto a trabalhar no campo da Educação estavam fortalecidas.

Minha postura, gradativamente foi mudando, conseguia socializar-me com maior intensidade, pois antes era uma ostra bem fechada, mesmo me posicionando e fazendo críticas a determinadas situações. Acreditei que poderia melhorar ainda mais e fui atrás de novos desafios.



Figura 5 – Tela da Exposição: O Sonho conquistado – Formatura na Pedagogia e a Busca do Espaço Profissional

Projetei inúmeros sonhos ao longo da graduação sobre como seria minha atuação e depois de toda a comemoração e alegria pela conclusão do curso, me defrontei com a realidade. Onde aplicaria o que aprendi na faculdade?

Para as pessoas que já trabalham na área é mais tranquilo, uma continuação do que já exercem ou a qualificação, a promoção no seu espaço de trabalho, mas para quem não vivenciava o ambiente escolar, o questionamento era inevitável: onde iria trabalhar? Após a conclusão da faculdade, trabalhei ainda por mais dois anos em uma escola de educação infantil.

Enfim, a oportunidade chegou de atuar na área de formação. Iniciei o trabalho mais voltado para a Orientação Educacional na Prefeitura Municipal de Nova Santa Rita, município recém emancipado da cidade de Canoas, no estado do Rio Grande do Sul.

Almejava viver o cotidiano de uma pedagoga que se insere no seio escolar e contribui com a vida da escola. Queremos tudo no começo, mas aos poucos percebemos que as mudanças são lentas e que a solidificação de algumas práticas leva um período longo para se desinstalar e abrir-se ao novo. Os dias, como orientadora em um município que se estruturava, em função da emancipação, não foram os mais amenos, porém o desafio e a compreensão das realidades das escolas tornaram-se uma motivação para superar os grandes conflitos que se instalavam.

Instituir uma estrutura educacional merece atenção e tive que superar as limitações estruturais e a própria concepção sobre os rumos da educação. Assessoriei, inicialmente, quatro escolas e participei ativamente de alguns projetos para a melhoria da qualidade de vida dos alunos e da própria escola. Estar inserida em um contexto menos favorável, em certos momentos me deu a sensação de podermos fazer muito por aquelas pessoas. O sentimento que carrego comigo é que na medida do que era possível realizava muito. Participei da implantação dos projetos Adolescer, Classes de Inclusão e Reeducação, os quais tinham como objetivo retirar os alunos da margem, da exclusão da informação e da convivência social, entretanto isto não era o suficiente, queríamos potencializar o mínimo de dignidade, devolvendo-lhe o direito deles se sentirem com condições de construir um conhecimento e relações estáveis. Crer em si, era na ocasião, o primeiro princípio que necessitávamos trabalhar. Penso que não alcançamos a totalidade de todos os

alunos, mas nas escolas que as equipes pedagógicas itinerantes estiveram, deixou-se uma semente que continuou florescendo.

Mudar é uma ação que nos coloca constantemente num processo de autoconhecimento, uma vez que não aceitamos o que é previsível. Podemos auxiliar nas transformações acima, quando todos trabalham em prol de um objetivo, todavia com o passar do tempo, as questões políticas eram o centro de todas as ações e isso impedia o florescer do projeto educacional. Depois de algum tempo de luta, decidi que precisava continuar buscando o **SONHO** de um espaço que realmente envolvia todos no fazer educação.

Estive por um curto período trabalhando na Prefeitura Municipal de Sapucaia do Sul, com a classe de 1ª série do Ensino Fundamental, experiência que instalou certo desespero por perceber que crianças não eram consideradas como tal e que estarem ou não na escola, era o menos importante. Essa turma em especial, ensinou-me a ser professora, pois a direção da instituição colocou nela todos os alunos repetentes e com vários anos de reprovação e que, eram ridicularizados pelos demais colegas e por alguns professores. Eles se sentiam aniquilados, o estigma era profundo, pois nada do que propunha parecia desestabilizá-los e provocá-los a sair daquele lugar que o haviam colocado. Os meus alunos, ao final do ano, com exceção de dois, que o encaminhamento era para as classes especiais, alcançaram a sua aprovação.

O relato não é para afirmar que me tornei uma excelente professora, mas para pontuar que esses alunos voltaram a acreditar que, como pessoas, possuíam o direito de sonhar e buscar um conhecimento que muitos outros já haviam alcançado. Três desses alunos, após cinco anos na mesma série, ainda não acreditavam que se tornaram leitores e escritores de suas vidas.

A vivência novamente em um meio que era educativo, contudo não agia como tal, levou-me a prosseguir, ainda havia muitos caminhos a percorrer. Nesse caminhar, o Instituto Pestalozzi em Canoas, acolheu-me e proporcionou o que afirmo ser o divisor de águas em minha formação continuada.

A instituição é voltada para o atendimento aos alunos com necessidades especiais e tive nessa experiência a possibilidade de compreender uma dimensão do ser humano que os livros, por vezes, caracterizam de forma *sui generis*, mas que não conseguem dimensionar o quanto é sensível o desenvolvimento dessas pessoas que possuem limitações. Ficava evidente que os preceitos da normalidade,

em uma escola especial não eram compreendidos assim, havia um movimento para cada um, poder se perceber em sua originalidade. Talvez aqui se preconize um dos princípios de uma verdadeira educação inclusiva, ***deixar ser e do jeito que pode***.

Cada ensinamento ou limite era um desafio para que enquanto educadoras conseguíssemos chegar o mais próximo desse aluno e vejo hoje distante muitos anos, que ao emprestar um pedacinho de nossa essência para esses alunos, ganhamos talvez muito mais do que tenhamos oferecido. Eles nos davam nos seus gestos de simplicidade e gratuidade muito, pois cada pequena construção era um castelo e a sua conquista. Não podemos afirmar que a não normalidade seja somente marcada por experiências tristes ou penosas, pelo contrário, encontramos espaço para a alegria, para a superação dos limites e para um aprender diferente, embora carregado de sentido.

No momento em que vivemos cada experiência, elas evidenciam ser únicas e singulares, com os conflitos e conquistas provisórias, no entanto, revelam a incongruência do homem frente ao que é e ao que deseja. A inconstância será uma característica marcante na vida humana?

Provavelmente tenha um indicativo de verdade, o comum não pode ser um estado permanente, precisamos incitar o movimento e ele revela a infinitude que queremos alcançar. Experienciamos sim, mas ainda não era o suficiente, carecíamos de novos olhares e as portas se abriam. A decisão era minha, ficar ou ir além, optei por outro caminho.

Em 1996, passei a integrar o corpo docente do Colégio da Imaculada, pertencente a uma rede franciscana das Irmãs da Penitência e Caridade Cristã, na função da coordenação pedagógica. Conseguiria agora, trazendo minha história de vida, dar o tom e reger com maestria um projeto educacional? Ainda muito jovem, assustei-me, no entanto era o espaço que tanto almejava.

No início, os desafios não foram fáceis, a forma de trabalhar dos antecessores estavam muito arraigados por toda a escola. O trabalho de formiguinha começou a ser construído, passo a passo, acolhendo as sugestões, mostrando firmeza do conhecimento, e aos poucos os laços foram se estabelecendo. O grupo docente construiu sob minha orientação e da direção um projeto pedagógico que é alimentado cotidianamente, aqui residindo uma das maiores conquistas minha enquanto pedagoga, o de possibilitar que estivessem envolvidos na construção de um projeto pedagógico e sentindo-se co-responsáveis por sua transformação.

Passamos por inúmeras transformações, mas a parceria e o estar junto com todos, levou-me a compreender que nada é construído por uma única pessoa, pode haver uma tentativa, mas será vã, o coletivo é fundamental. E é esse coletivo que respalda a continuidade de meus estudos.

O ser escola é um projeto para toda uma vida, pois pessoas virão e outras sairão e ele precisa olhares diversos para atender aos anseios de uma sociedade que vive intensamente mudanças tão velozes.



Figura 6 – Tela da Exposição: Caminhos da Profissão Docente

Uma tela que é uma resposta aos anseios e preocupações da vida da escola. Como os profissionais constroem sua formação sempre foi objeto de meus estudos e atualmente, tendo a possibilidade, como professora universitária, no Instituto Educacional do Rio Grande do Sul - IERGS, de contribuir para esse processo, as interrogações são mais intensas, os constructos de meus alunos dependem da forma como atuo e do quanto possibilito a eles essa construção. A responsabilidade é imensa, e novamente percebo que uma formação continuada exige uma doação que não tem fim, pressupõe que os educadores estejam revendo e abrindo espaço para ampliar os seus conhecimentos.

A dimensão humana torna-se então o foco de toda a ação, sem a sua evolução e transformação, não podemos pretender mudanças que afetem a escola e nem um projeto pedagógico, para tanto, a autoformação surge como um caminho para desenharmos uma cultura que se preocupe com a inteireza desse ser humano.

Evidenciado dessa forma, nos aproximamos da relação existente entre a ciência e suas comprovações científicas às experiências do sagrado, da sua imanência à transcendência? A ciência envolve muito mais um pensamento racional, da tese, da comprovação do que da vivência e essa diferença singular fica notória aos observarmos os relatos que pessoas fazem quando passam por experiências radicalmente transformadoras. Interessa a elas dar-se conta que muito mais que discorrer sobre dados comprobatórios, as sensações psíquicas se conectam entre as coisas do alto, do interior e da própria terra.

A mudança de paradigma ainda se constrói lentamente e nós que vivemos a emergência de novos tempos, não podemos justamente reproduzir os mesmos princípios, queremos compreender a essência humana sim, todavia ela só terá sentido se agregarmos as experiências que a ciência foi estabelecendo com um novo olhar. A tessitura jaz como elemento referencial entre essas dimensões e creio um divisor na forma de perceber as relações humanas e as interações entre o real e o sensível.



Figura 7 – Tela da Exposição: Formação Continuada e Inteiraza do Ser

Frankl (1985), quando se refere à busca que o homem faz ao longo da sua existência, procura também unir inúmeras reflexões sobre as possibilidades entre o real e o sensível, a ciência e a transcendência, traduzindo essa busca na transitoriedade da própria vida:

[...] la transitoriedad de nuestra existencia en modo alguno hace a ésta carente de significado, pero sí configura nuestra responsabilidad, ya que todo depende de que nosotros comprendamos que las posibilidades son esencialmente transitorias. El hombre elige constantemente de entre La gran masa de las posibilidades presentes, ¿a cuál de ellas hay que condenar a no ser y cuál de ellas debe realizarse? ¿Qué elección será una realización imperecedera, una “huella inmortal en la arena del tiempo”? En todo momento el hombre debe decidir, para bien o para mal, cuál será el monumento de su existencia. Normalmente, desde luego, el hombre se fija únicamente en la rastrojera de lo transitorio y pasa por alto el fruto ya granado del pasado de donde, de una vez, por todas, él recupera todas sus acciones, todos sus goces y sufrimientos. Nada puede deshacerse y nada puede volverse a hacer. Yo diría que haber sido es la forma más segura de ser. (p.117)

Os momentos que revelam a transitoriedade da vida se movem vertiginosamente, às vezes acelerado ou compulsivo, em outros, pacato e temeroso. Como seres em constante mutação e evolução, bem como diz Frankl, temos que decidir entre o bem e o mal, entretanto, revelamos comportamentos instáveis por não sabermos as reais intenções daquela circunstância ou sentimentos envolvidos.

O ser humano é assim, mutável, imprevisível e portador de interrogações que o lançam neste universo desconhecido, porém desvelador da sua própria condição existencial.

Finalizando a **última tela** para a noite de estréia do *vernissage*, trazendo um retrospecto dos principais espaços transitórios de minha existência, vejo que ainda é necessário, **CONTEMPLAR O NADA, O VAZIO REPLETO DE SIGNIFICADOS** e dele fazer apontar as interrogações e as inquietações, que dizem não a uma ciência ultrapassada, mas que buscam na complexidade de um novo paradigma as conexões para unir o científico e o sagrado. A real sutileza entre eles associa-se ao desejo de compreender para além dos processos reflexivos da formação continuada do educador, um horizonte que abrace a autoformação em uma cultura que não seja dual, mas verdadeiramente reveladora da inteireza do humano.

3 - OLHARES, OUSADIA E RUPTURA... ONDE ALCANÇA NOSSO OLHAR?

“Um dia, você finalmente soube o que tinha de fazer, e começou enquanto as vozes ao seu redor continuavam a gritar o seu mau conselho – embora a casa inteira começasse a tremer e você sentisse o velho puxão nos tornozelos.

“Consertei a minha vida!” Gritava cada uma das vozes. Mas você não parou.

Sabia o que tinha de fazer, embora o vento entrasse à força com os seus dedos duros nas próprias fundações – embora a sua melancolia fosse horrível.

Já era tarde o bastante, e uma noite selvagem e a estrada repleta de galhos e pedras caídas. Mas pouco a pouco, ao deixar as vozes para trás as estrelas começaram a arder perfurando os lençóis de nuvens e havia uma nova voz que você lentamente reconheceu como sendo sua que lhe fazia companhia quanto mais você se embrenhava no mundo decidido a fazer a única coisa que poderia fazer – decidido a salvar a única vida que poderia salvar.”

Mary Oliver⁵

Olhares, ousadia e ruptura... Onde alcança nosso olhar? Percebemos o que vemos ou simplesmente olhamos por meio das pessoas, da vida, da educação? Temos a coragem e a competência para ousar, ir além das janelas, nos desacomodarmos e romper com o que está estabelecido? Isso é possível?

O compromisso que a sociedade atualmente nos exige é intenso e muitas vezes penoso, pois não podemos afirmar que somente os envolvidos no campo educacional são os responsáveis por promover mudanças que se mostram prementes. Essa questão envolve a todos, portanto necessitamos

⁵ OLIVER, Mary. *“The Journey” in Dream Work*. Nova York: Atlantic Monthly Press, 1986. p. 38

com urgência de pessoas que assumam e provoquem a ruptura com o que é convencional, uma vez que não estão dando conta de transformar as questões cruciais pelos quais atravessamos.

Ao paramos em frente a uma janela, temos com certeza inúmeras perguntas para nos fazermos, mas há algumas que são vitais: olhar, admirar, vislumbrar e/ou fechar? Parece que os educadores tendem a fechá-la, no momento que são instigados a olhar, apontar, inferir, propor, questionar, transcender e assim colocarem-se em uma posição de eternos aprendentes.

Como isto é possível? Somos a herança de uma educação que muito pouco se importou com a autoria do pensar, do refletir, tínhamos que reproduzir o que se bastava, entretanto hoje aprendemos que não basta!

Precisamos acreditar que somos capazes de produzir e protagonizar uma história que revolucione nosso existir no mundo, lançando um novo olhar a tudo o que vivemos. Nós temos esse direito e nosso dever com o legado às futuras gerações, possível pela ampliação do olhar cósmico que necessita renascer em cada um de nós para propiciar um espaço para que essas construções sejam possíveis.

Quantos educadores estiveram à frente de uma janela ou de vidros e não foram capazes de descerrá-los? Evidentemente que reelaborar o conhecimento, nos apropriando da informação existente é tão necessário quanto à singularidade ou originalidade, contudo sair da pequenez do mundo que nos cerca é vital. Nesse momento, é este o exercício que estou procurando construir.

O que entendemos por educação não pode simplesmente ser analisado no âmbito formal, pois fazer educação é pensar espaços diferenciados para além da escola imaginada. A informação está sendo acessada diariamente de muitas formas e o conhecimento não pode ser preconizado apenas pelo sistema formal. Esse pode ter nuances e validade tão mais significativas também em um espaço não formal. Qual seria o tão ideal sonhado? Talvez não exista! Um caminho seria provocar uma ruptura “verdadeira” com o faz de conta pedagógico, ainda muito enaltecido por muitos educadores, o que pode levar a esquecer que é o sujeito que escolhe a sua forma de aprender.

Quem de fato está interessado em promover rupturas? O discurso não convence mais, precisamos ir além dele e redesenhar uma escola, um estado

de conhecimento diferente do que estamos habituados a vislumbrar, construir e reconstruir.

A escola tal como hoje existe tende a sucumbir, pois “*finge*” estar atenta a tudo o que ocorre dentro dela, porém desconhece o que constitui o ser humano. Planilhas, polígrafos, manuais e apostilas são suficientes para a construção de um currículo com sentido e significado que sustente seu olhar na sensibilidade, na arte e na criatividade? Uma boa parte dos profissionais da educação fez e ainda faz um pacto “ *fingindo*” preocupar-se com outra forma de fazer educação, entretanto suas práticas continuam arcaicas e muitas vezes demagógicas, desencadeando a incoerência entre o pensar, o sentir, o significar e o agir.

Para Freire (1996) o ato de ensinar está vinculado ao processo de aprendizagem:

[...] ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistente validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi aprendido não pode ser realmente aprendido do aprendiz. (p. 26)

Surge daí uma das mais intrincadas questões: Se o educador não se preocupa de fato com os rumos da educação, embora não seja ele sozinho quem fará as mudanças, quem poderá fazê-lo?

Nos estudos realizados com professores⁶, percebemos que o desenvolvimento de processos reflexivos é uma das alternativas viáveis para essa ação, decorrendo para tanto um comprometimento e mudança, pois sua

6 GOULART, Mônica Riet. Pesquisa Mestrado em Educação: Educação Continuada de Professores: Desenvolvimento Profissional através de Processos Reflexivos Mediados pela Ação do Pedagogo – Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS em 2002.

prática cotidiana deve estar refletida e iluminada pela teoria, que nasce e mediatiza-se no diálogo com o grupo de professores.

Por meio dessa pesquisa cooperativa procurou-se penetrar neste espaço singular da formação e ação docente e as contribuições foram interessantes por apontarem que antes mesmo de ser uma questão de formação específica, há um sujeito que necessita ser olhado, provocado e acolhido no exercício de sua prática. A pessoa que se esconde por trás do profissional provavelmente seja a maior interrogação a ser por nós, compreendida e aprendida, pois não me parece ser possível atuar bem e ser competente profissionalmente, se, primeiramente, não me conhecer enquanto “um ser potencial em construção permanente”.

Os encontros desse grupo de estudos viabilizaram essa dimensão e os encaminhamentos para o seu fazer docente foram aos poucos se transformando. Evidentemente, que nem todos os participantes conseguiram alcançar este propósito, mas os que se projetaram e se dispuseram a viver e experienciar a viagem proposta obtiveram avanços em sua prática e a escola, por conseqüência, também foi beneficiada.

A referência a essa pesquisa de Mestrado é pertinente para que observemos que existem, embora de forma isolada, experiências que procuram responder aos anseios de buscar outro caminho, no qual os olhares, a ousadia e a ruptura possam ser alguns dos desafios a serem considerados efetivamente.

Morin (2000, p. 99) afirma, que *“não se pode reformar a instituição sem uma prévia reforma das mentes, mas não se podem reformar as mentes sem uma prévia reforma da instituição.”*

Complementa essa ideia Melucci (2001) quando assim se posiciona:

[...] a ideia de que só a mudança das estruturas pode produzir transformações, sem envolver os modos de construir, individual e coletivamente, a mesma experiência humana, pertence às ilusões do passado. (p.11)

É esse o desafio que devemos enfrentar, pois o pensamento da modernidade não possui mais espaço para dicotomias, mas para relações,

entrelaçamentos, cooperação e vivências, sendo que isto só acontece se compreendermos, assim como postula Morin (2000) em unirmos o interesse da pessoa e da instituição e esse processo necessita acontecer no entrelaçamento das mãos, dos pensamentos e dos olhares.

Creio que, embora haja o compromisso com a melhoria da qualidade da Educação, nos mantemos ainda muito atrelados às velhas concepções e não percebemos as propostas que poderiam contribuir para a transformação do espaço acadêmico e escolar.

Por vezes, bloqueamos a experiência humana, a categoria central das teorias da ação humana, gerada pela compreensão do sentido da ação que se constrói a partir da ação educativa que revela a perspectiva da pessoa que educa, do educador que possui uma ação interpretativa e a perspectiva do sujeito que se dirige à ação, atuando como produtora de sentido, impossibilitando qualquer via de mudança.

A diversidade das ações propostas aponta para a unidade de análise que parte da dimensão temporal. Nesse sentido, percebemos que a educação é uma ação permanente e inacabada do ser humano, refletida em uma ação racional por meio de um sistema de ações intencionais que busca metas educacionais e sociais, assinaladas por espaços, tempos e agentes específicos. Portanto, se dimensiona o tempo real e o projetivo, considerando as conexões reflexivas e normativas entre um passado irreversível, um presente contingente e um futuro indeterminado.

A ação educativa não existe sem as metas ou finalidades formativas e sem um projeto educativo orientado à realização das finalidades. Para tanto, os paradigmas citados procuram responder as propostas idealizadas, quer sejam sustentando-as naquele que busca ir além, emancipação ou naquele que prescinde um pensar mais formal e objetivo

Nesse processo que estamos propondo nos apropriar, necessitamos refletir sobre ele, mas cabe a nós enquanto pesquisadores lançar outros olhares, que possam desfazer os equívocos que surgem quanto à interação entre teoria e prática, o que se estabelece ou não entre ambas carece de atenção, proposição de idéias e ações que favoreçam a reflexão e o re-olhar sobre a ação, mas sempre iluminada pela teoria que a ela se agrega.

Deparamo-nos assim com a proposta deste momento histórico, de ser agente que promova a inovação e um fazer educação que agregue o novo, valorize o clássico e construa, no hoje, um sentido, um significado pelo qual existir.

Deste modo, os espaços reflexivos poderão gerar uma teoria crítica que se transforme em ciência, residindo aqui outro entrave no campo educacional: pensar não ser possível adentrar no campo em que todas as demais profissões se arrogam o direito dessa produção.

[...] la práctica educativa es algo que hacen las personas. La práctica educativa es una forma de poder; una fuerza que actúa tanto a favor de la continuidad social como del cambio social que, aunque compartida con otros y limitada por ellos, sigue estando, en gran medida, en manos de los profesores. Mediante el poder de la práctica educativa, los docentes, desempeñan una función vital en el cambio del mundo en que vivimos. (CARR, 1996, p. 08)

Nós educadores, somos portadores de um poder que desconhecemos e por meio dele, poderíamos construir um valor, um significado e um sentido para uma prática docente, favorecendo a pesquisa pedagógica, o enfrentamento das concepções errôneas e dando posse a uma Ciência Crítica da Educação.

Kuenzer (1990) contribui com essas percepções quando afirma:

[...] é preciso aprender o movimento dos fatos através do desenvolvimento histórico, as formas de estruturação, as conexões internas, as relações de causalidade, as distinções entre o permanente e o transitório. É preciso compreendê-las como partes estruturais da realidade educacional, perceber que cada fato é parte de um momento do todo, revelador de sua especificidade ao mesmo tempo em que sinaliza suas implicações para a compreensão da totalidade, já que existem relações de interdependência e um dinamismo recíproco entre ambos. (p. 67)

Para construirmos outro caminho, necessitamos perceber os movimentos dos quais fazemos parte, quer sejam subjetivos, objetivos ou definição que se assemelhe. Neste processo de transição, aliado ao conhecimento que as teorias favorecem, o olhar sobre a prática educativa,

temos que partir para outro nível de mudança que envolva a desconstrução do conhecimento, para permitir novas reconstruções.

Uma escola com a face da Felicidade⁷ é possível? Após tantos olhares sobre o panorama educacional, poderíamos dizer que agora é hora de ousar e de romper com o estabelecido, colocar-se na sacada da janela, descer até a realidade e inovar. Não podemos ficar apenas admirando, embora a paisagem seja bela, mas empreender ações que por meio dela necessitam ser transformadas e para isto precisamos de pessoas que assumam esta missão, pois a Felicidade busca o bem estar do outro.

Diante da sociedade que temos, precisamos de outro olhar, precisamos reestruturar a escola a partir da aprendizagem do educador e nesse processo, ele deve dar os primeiros passos para que isto se concretize. Queremos alunos que pensem, interajam nos meios em estão inseridos, protagonizem novas formas de ser e estar no mundo, porém para que isto ocorra o educador é o principal ator convidado para desenhar esta nova tela.

Assim, para Boff (2002)

[...] o ser humano se descobre numa situação histórica, datada, pessoal, social e ecologicamente definida, sempre junto com os outros no mundo, situação face à qual se sente desafiado a tomar posição e a assumir decisões e destarte a constituir-se como pessoa. Ele é o único ser da criação que não nasce pronto. Tem que se constituir e plasmar seu destino interferindo no mundo e se relacionando com os outros. Ao assumir radicalmente essa situação concreta, experimenta de fato quem ele é: um ser mergulhado no mundo e nas várias estruturas e conjunturas, mas também um ser capaz de elevar-se permanentemente acima delas, de rebelar-se contra elas, de questioná-las, de elaborar alternativas a elas e de fazer opções que o definam. (p.33)

Tenhamos a ousadia para caminharmos sempre na perspectiva do desvelamento e da autoconstrução, pois este processo se dará ao longo de nossa evolução e se nos permitirmos ser melhores, estaremos contribuindo para uma educação que esteja pautada no sensível, no belo, na poesia, na

⁷ **Escola com a face da Felicidade ou uma Pedagogia da Felicidade** compreende a busca do ser humano por uma melhor qualidade de vida e conseqüente alcance das dimensões evolutivas que potencializam sua inteireza frente à vida.

música e na arte, princípios essenciais para favorecer a construção de uma Pedagogia que seja essencialmente voltada para a Felicidade do ser humano.

3.1- JANELAS DA ESSÊNCIA HUMANA

“Hay un espectáculo mayor que el mar y es el cielo.

Hay un espectáculo mayor que el cielo y es el interior del alma.”

*Victor Hugo
Fantine – Los Miserables⁸*

Ao nos colocarmos diante de uma janela, naturalmente olhamos para o que há no exterior, entretanto esse olhar necessita se ampliar e olharmos também e simultaneamente para as janelas de nossa essência interior e na atual condição humana pouco ou quase nada fazemos para nos percebermos e saber quem de fato somos.

O humano sofre pelo descaso, pelo excesso de consumismo, pelas influências quer locais ou globais na sede de querer cada vez mais “ter” do que “ser”. Sabemos que isto é comum nas discussões que empreendemos sobre o cotidiano e o que o envolve, contudo não são essas as dimensões que precisamos considerar.

Carecemos de algo muito mais significativo e profundo que diz respeito ao que o homem está fazendo com sua vida e suas relações com o

⁸ HUGO, Victor Marie. Fantine – Los Miserables. In GROF, Stanislav et Bennett, Hal Zina. La Mente Holotrópica: los niveles de la conciencia humana: Editorial Kairós, 1993, p. 15

transcendente, consigo e com os outros. Ao nos distanciarmos da conexão com nossa essência, estamos boicotando um espaço que é rico em vida, em idéias, em projetos, em descobertas, em sonhos e esperanças.

Wilber⁹ (2000) faz referência ao estudo psicológico, para nos dizer que por meio da consciência humana e suas manifestações no comportamento iremos perceber as funções da consciência por meio da percepção, do desejo, da vontade e da ação:

[...] as estruturas da consciência, das quais algumas facetas podem ser inconscientes, incluem corpo, mente, alma e espírito. Os estados da consciência incluem o normal e o alterado. Os modos de consciência incluem o estético, o moral e o científico. O desenvolvimento da consciência abrange todo um espectro, que vai do pré-pessoal ao pessoal e ao transpessoal, do subconsciente ao autoconsciente e ao superconsciente, do id ao ego e ao Espírito. Os aspectos relacional e comportamental da consciência referem-se à sua interação mútua com o mundo objetivo, exterior, e com o mundo sociocultural dos valores e das percepções compartilhados. (2000, p. 15)

O ser humano possui uma complexa constituição e que dependendo de suas opções pode ou não transformar o que o cerca.

Por que fazemos isso? A negação a tudo que nos cerca, o medo e a frustração caminham paralelos aos projetos que temos em mente. A influência externa tem mais força que nossa essência? Parece que nos condicionamos a viver um processo medíocre, porque não ousamos ser e querer alcançar metas maiores em nosso processo evolutivo.

Constatações e “verdades desenhadas” não podem direcionar uma existência, é necessário muito mais. É preciso ir além: lançarmos-nos em uma viagem pelo que de fato nos constitui, como um dos primeiros caminhos para

⁹ **WILBER, Ken.** Criador da Psicologia Integral, que busca a integração de todas as áreas do conhecimento. A partir de seus estudos cria ***A Theory of Everything – A Teoria do Tudo (2000a)***, um metamodelo do conhecimento já produzido que possa unificar e estruturar a visão do que chama de Kosmos: físico, vida, mente, alma e espírito.

que possamos ser interlocutores de uma ação diferenciada e com sentido no meio educacional.

O que de fato somos? Seres que buscam uma transcendência ou marionetes nas mãos daqueles que acreditam deter algum tipo de poder “sobre”? Sabemos de onde viemos e para que e qual nosso projeto de vida?

Poderíamos nos fazer Infindáveis questionamentos, eles são importantes, mas na verdade a ação consciente precisa concorrer simultaneamente para perspectivar um novo cotidiano.

Para tanto, um espaço que se faz necessário no qual possamos realmente sentir-nos plenos na busca incessante de nosso autoconhecimento.

Busca simples de se dizer, contudo a ciência psicológica há muitos anos vem apontando nossas principais crises existenciais, para as quais, tendemos a nos fechar, nos bloquear ou nos propomos ignorar. E agora?

No contexto vivencial que nos encontramos, perceber o nosso eu é um ponto fundamental para que o sentido da ação pedagógica torne-se um diferencial. Afirmamos tal pressuposto por constatarmos no contato diário com educadores terem suas ações transformadas em funções automatizadas numa proteção de não desvelamento de seu ser.

Instaura-se assim um conflito, pois como querer conhecer intimamente nosso aluno, se, somos os primeiros a negar nossa própria história pessoal? Uma dicotomia imperdoável. O mundo atual está repleto de conexões, de tessituras, de associações, procurando romper com a fragmentação e no espaço que deveria privilegiar o pensar plural, nos deparamos com situações contraditórias.

Moore (2004) salienta e corrobora tais reflexões ao afirmar:

[...] são muitas as pessoas, hoje, que vivem exclusivamente a vida exterior e, quando o mundo interior irrompe ou se agita, saem correndo em busca de um terapeuta ou de drogas para ajudá-las. Tentam externar profundos desenvolvimentos míticos numa linguagem comportamental e experiencial. Muitas vezes não têm a mínima idéia do que lhes está acontecendo, porque vivem marginalizadas de seu *self* profundo. Sua própria alma lhes é tão estranha que não se dão conta do que anda acontecendo para além do conhecido reino dos fatos. (p. 13)

A exterioridade deve refletir o que nos constitui e não buscarmos no que está fora o sustento para o que devemos revelar. Evidente que necessitamos do referencial do outro, contudo na relação ou na convivência a nossa essência deve ser revelada e a partir dela estabelecer as conexões com o que desejamos alcançar.

Desvelar nossa essência passa por uma ressignificação de quem somos e pela compreensão do meio no qual estamos inseridos.

O educador somente poderá dar um passo adiante em sua condição humana quando deslocar seu olhar para a sua própria visão antropológica que o define, na relação consigo, com o outro e com o transcendente.

Ser e vir a ser é voltar não ao início de sua formação acadêmica, mas ao princípio que o tornou um ser no mundo cotidiano e as respostas ou pistas poderão ser encontradas se o educador se dispuser a re-olhar sua história e suas primeiras relações consigo, com o outro e a natureza.

3.2 - UM ENCONTRO COM A ORIGINALIDADE ESSENCIAL

*“ ¿Estás dispuesto a ser absorbido, borrado y aniquilado?
¿ Estás preparado para no ser nada, para desaparecer en
el olvido?
Si no lo estás, jamás podrás cambiar realmente.”*

D.H, Lawrence, Phoenix¹⁰

Tudo o que nos cerca já não responde às indagações que emanam de nosso mundo interior. A crise é um processo benéfico desde que acompanhada da provocação e do desejo de superação. Estamos nos condicionando a dar

¹⁰ LAWRENCE, David Herbert. Phoenix. In GROF, Stanislav et Bennett, Hal Zina. La Mente Holotrópica: los niveles de la conciencia humana: Editorial Kairós, 1993, p. 92

respostas robotizadas para tudo e o que há de original e particular vai sucumbindo à aceleração das relações.

Pivatto (2008) mostra-nos que essa crise sustenta-se no grande questionamento sobre a visão do homem na educação e da própria humanização, uma vez que compreender quem é esse ser humano carece da influência das demais Ciências e, principalmente, do voltar às origens do humano. Para isto:

[...] o fato do existir, de existir como consciente responsável, de existir como consciente não coincidente com a alteridade e a totalidade, é anúncio do ad-vento do homem em cada momento do existir e do conviver. Eu sou, mas não sou na medida em que sou chamado a ser. Ser e consciência não coincidem. A ontologia que concebe a coextensividade ilimitada entre ser e pensar não consegue englobar a identidade e a diferença dinâmicas que o ser homem em sua expressão “eu” apresenta e abrange, sem conseguir exauri-las.(p. 359)

Sendo o homem, um criador de realidades, ele acaba criando:

[...] uma teoria que apresenta e mede sua compreensão do mundo e de si mesmo. Mas o homem supera sua criação pelo fato de ser esta obra sua, isto é, ele transcende seu próprio pensar. Sendo assim, as próprias medidas ou idéias de humanização e alienação são criticáveis e superáveis. Porém, é neste processo inexaurível que o homem forja seu existir e sua qualidade humanizante ou alienante, alarga sua consciência e responsabilidade à medida que se exerce no incessante vir a ser. Significa dizer que o que é chamado “eu” não é nada de absoluto. É relativo, fragmentário e processivo. (2008, p. 359)

Vislumbrando essa criação do homem, ainda enfrentamos no cotidiano os questionamentos que se relacionam à dimensão processual, na qual o considera como um ser em constante evolução e aprendizagem. Pivatto (2008) complementa dizendo que:

[...] sob este viés, procedem as críticas dirigidas ao idealismo pelo fato de absolutizar o ser humano, perdendo de vista sua temporalidade e processualidade. A mais elementar experiência que o ser humano faz de si mesmo mostra sua identidade peregrina em perfectibilidade, quer dizer, sua finitude aberta ao contingente e ao incomensurável. É inclusive a partir desta experiência que se torna possível uma abertura reflexiva de ordem eletiva. (p. 360)

A experiência peregrina do ser humano que o autor se refere parece-nos querer alcançar muito mais do que o próprio processo de humanização, na medida em que o homem só poderá se auto-desenhar, se de fato conseguir voltar-se ao ponto de partida.

O encontro com a originalidade essencial necessita muito mais de perguntas do que de suposições e de respostas.

Arntz, Chasse e Vicent (2007) juntamente com diversos pesquisadores que atualmente buscam compreender tudo o que envolve o desenvolvimento pessoal e profissional e suas conexões com uma nova forma de pensar, também reafirma tal pressuposto:

[...] perguntas como essas nos despertam para o que não sabemos. E de fato são a única forma de chegar lá – ao outro lado do desconhecido. Por que fazer uma grande pergunta? Perguntar é um convite à aventura, a uma viagem de descobrimento. Partir para uma nova aventura é emocionante; há o profundo encantamento da liberdade, a liberdade de explorar um território novo. Então, por que não fazemos essas perguntas? Perguntar abre a porta para o caos, o desconhecido e o imprevisível. No momento em que fazemos uma pergunta cuja resposta desconhecemos, despertamos para todas as possibilidades. Estamos prontos para receber uma resposta que não gostamos ou com a qual não concordamos? E se a resposta nos deixar desconfortáveis ou nos tirar da área de segurança que construímos para nós mesmos? E se a resposta não for o que desejamos ouvir? Para fazer uma pergunta não é preciso força; é preciso coragem. (p. 03)

Penso que embora não tenhamos a melhor pergunta e muito menos a mais sábia resposta, é preciso, sim, um desinstalar do formal e do previsível

para compreendermos quem de fato somos e o que queremos fazer com nossa vida, com o que nos caracteriza e com o que nos têm levado à autodestruição de nosso ser.

Essa mudança na forma de ver-se enquanto pessoa é um dos caminhos necessários para uma transformação radical que ultrapasse o discurso no meio educacional e considere quem nele interage, como alguém que possui sentimentos, idéias, propostas e um efetivo desejo de fazer diferente.

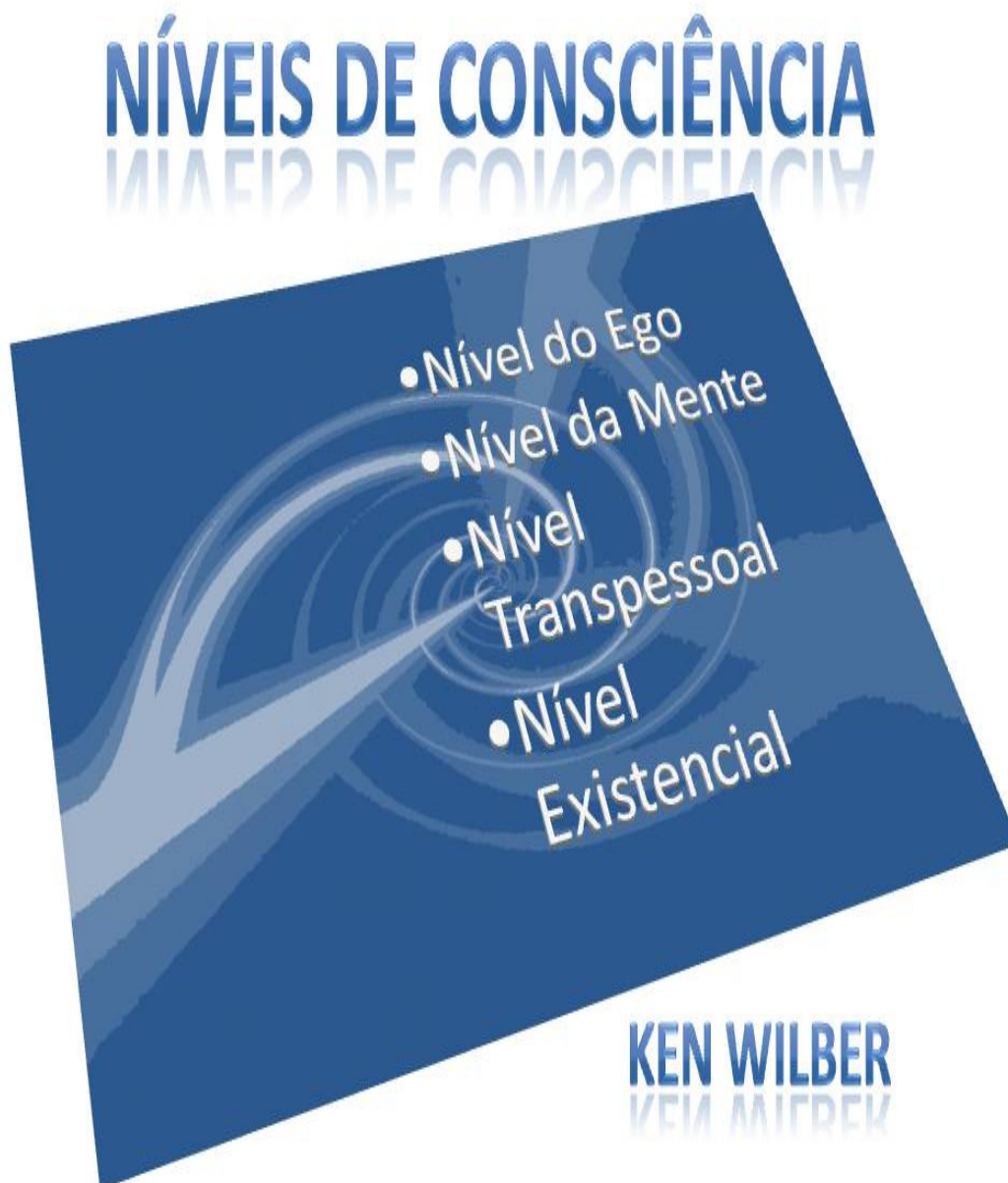
Discursar sobre os equívocos educacionais não contribuirá para que as práticas sejam alteradas. Tudo o que vivemos até agora são experiências que precisaram acontecer e que talvez a consciência dos educadores não vem sendo suficientemente ampliada para alterar o cenário no qual transitamos.

O que nos interessa é poder refletir conjuntamente sobre o que pode ser feito para que na atualidade sejamos educadores preocupados e comprometidos com a pessoa que está diante de nós e para que isto tenha eco é fundamental que o nosso foco de percepção permeie o encontro com tudo o que está no mundo subjetivo, ou seja, nossa originalidade enquanto ser pertencente a um todo e particular nas construções com o sagrado e com o outro.

Wilber nos traz a ampliação dessa reflexão ao retomar o olhar integral diante de tudo o que vivemos:

[...] integral – essa palavra significa integrar, reconciliar, juntar as partes, unir, abarcar. Ela não tem o sentido de uniformidade, nem relação com a tentativa de eliminar todas as extraordinárias diferenças, a multiplicidade de cores e o ziguezaguear dos diferentes matizes do arco-íris humano. Essa palavra remete à idéia de unidade na diversidade, de compartilhar atributos comuns e respeitar nossas incríveis diferenças. Buscar, não só na humanidade, mas no Kosmos como um todo, uma visão mais abrangente – uma Teoria de Tudo (T.T.) – que garanta um espaço legítimo para a arte, para a moral, para a ciência e para a religião, sem meramente reduzi-las ao nosso pedaço favorito de torta cósmica. (2000a, p. 14)

Esse olhar sobre o todo está intimamente ligado ao modo como nos revelamos e deixamos que os outros nos percebam e nesta espiral do único com o todo, um encontro se potencializa para que a presença e a não-presença possam acontecer, revelando os caminhos e descaminhos do que está na origem do que somos e pretendemos vir a ser.



Níveis de Consciência
Wilber, 2000a.

Sustentar uma Teoria do Tudo, acolhendo e ampliando olhares nos faz retomar à espiral¹¹ do desenvolvimento humano, fruto dos estudos de Graves (1973), ampliada e aperfeiçoada por Beck e Cowan e adaptada por Wilber, considerando que os estágios ou memes¹² irão favorecer a ampliação de nossa consciência e efetivamente fazê-la atuar de forma diferente em nosso espaço de trabalho.

Parece uma afirmação simples e corriqueira, contudo viver os estágios propostos por Wilber, não se mostram assim, envolvem um caminho para tecer e entrelaçá-los, pois envolvem:

- o Instinto de Sobrevivência,
- os Espíritos Ancestrais,
- os Deuses de Poder,
- a Força da Verdade,
- o Impulso para a Realização,
- as Ligações Humanas,
- a Flexibilidade e Fluidez,
- a Visão Global e
- a Integral-Holônico,

¹¹ **A Dinâmica da Espiral - *Spiral Dynamics***, proposta por Don Beck e Christopher Cowan (1996) trata do desenvolvimento do ser humano, considerando os seus estágios de desenvolvimento, ou seja, o ser humano nasce no estágio um e pode evoluir até ao estágio nono, dependendo dessa evolução de múltiplos fatores psicológicos, culturais e sociais. Para **Clare Graves**, estudioso e criador da teoria ***The Emergent Cyclical Níveis de Existência Theory***, nos anos de 1952 a 1959, a Dinâmica da Espiral "é um processo espiralado, emergente, oscilante, marcado por uma progressiva subordinação de sistemas de comportamento mais antigos e de ordem inferior a sistemas mais recentes, de ordem superior, que ocorre à medida que os problemas existenciais de um indivíduo se alteram".

¹² **MEMES** – Conforme BECK e COWAN, "os **memes** são unidades de informação na nossa consciência coletiva e transportam as suas perspectivas através das nossas mentes. Um meme contém instruções de comportamento que passam de uma geração para a seguinte, artefatos sociais, e símbolos carregados de valores que mantêm colados os sistemas sociais. Como um vírus intelectual, um meme reproduz-se através de conceitos como estilos de vestir, tendências de linguagem, normas culturais populares, formas arquitetônicas, formas de arte, expressões religiosas, movimentos sociais, modelos econômicos e declarações morais de como se deve agir". A dinâmica da espiral propõe um tipo de metameme, como onda, ou sistemas, ou "memes de valores" (Vmeme), onde cada vMEME funciona como princípio organizador, um organizador, centro de gravidade, um fractal geométrico, uma força auto-reprodutora e um campo magnético que atrai outros pequenos memes ricos em conteúdo. Um vMEME envolve uma visão de mundo, um sistema de valores, um nível de existência psicológica, uma estrutura de crença, um princípio organizador, uma maneira de pensar e um modo de vida". (p. 45). **Para tanto, ao longo do trabalho, ao nos referirmos aos Estágios ou Níveis de Consciência, estaremos fazendo referência a expressão Meme, que pontua toda a obra de WILBER, autor que sustenta nossas reflexões.**

No entanto, trazem presente o despojamento do ser humano em uma essência primeira e principalmente no que se refere ao contato com o outro. Não há como enganar a si e nem ao outro.



Dinâmica da Espiral do Desenvolvimento Humano
BECK e COWAN, 1996.

ESPIRAL DINÂMICA DE DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA

PRIMEIRO NÍVEL - MEME DE SUBSISTÊNCIA			
MEME	Tema Básico	Crenças e Ações Características	Onde são Vistos
BEGE Primeiro Despertar Sobrevivência	Fazer de tudo para nos mantermos vivos.	Usa instintos e hábitos para sobreviver; Eu distinto pouco desperto; Comida, água, calor, sexo e segurança têm prioridade; Juntam-se em bando de sobrevivência para perpetuar a vida.	Primeiras sociedades humanas, recém-nascidos, pessoas senis, pessoas em estágio avançado do Mal de Alzheimer, moradores de rua mentalmente doentes, massas famintas, pessoas com traumas de guerra, más experiências de droga.
PÚRPURA Segundo Despertar Mágico	Manter os espíritos satisfeitos e o ninho da “tribo” quente e seguro.	Obedece aos desejos dos seres espirituais e dos sinais místicos; Mostra fidelidade ao chefe, aos mais velhos, aos ancestrais e ao clã; Preserva objetos, lugares, eventos e memórias sagradas; Cumpre os ritos de passagens, os ciclos sazonais e os costumes tribais.	Crença em anjo da guarda e maldições vodu, juramentos de sangue, invejas antigas, cânticos e danças de transe, amuletos, rituais familiares, e crenças nas gangues, nas equipes esportivas e tribos corporativas.
VERMELHO Terceiro Despertar Impulsivo	Ser o que se é e fazer o que se quer, indiferentemente	O mundo é uma selva cheia de ameaças e predadores; Libertar-se de qualquer domínio ou restrição para agradar o Eu como o Eu desejar; Orgulhoso, quer atenção, exige respeito e dita as regras; Desfruta o Eu ao máximo agora mesmo sem culpa ou remorso; Conquista, engana e domina outros caracteres agressivos.	Juventude rebelde, mentalidades fronteiriças. Reinos feudais, vilões a James Bond, heróis [épicos, soldados da fortuna, impetuosas estrelas do rock.

<p>AZUL</p> <p>Quarto Despertar Determinado</p>	<p>A vida tem significado, direção e propósito com resultados predeterminados</p>	<p>O Eu sacrifica-se a uma causa, verdade ou caminho virtuoso transcendententes; A ordem obriga a um código de conduta baseado em princípios eternos e absolutos; Uma vida honrada produz estabilidade agora e garante recompensas futuras; A impulsividade é controlada através da culpa; toda a gente tem seu lugar apropriado; Leis, métodos e disciplina constroem caráter e fibra moral.</p>	<p>América puritana, China confuciana, Judaísmo hassídico, Disciplina de Singapura, Códigos de cavalaria e honra, Atos de caridade, O Exército da Salvação, Fundamentalismo islâmico, escoteiros, patriotismo.</p>
<p>LARANJA</p> <p>Quinto Despertar Realizador</p>	<p>Agir em interesse pessoal jogando para ganhar.</p>	<p>Mudança e avanço são inerentes ao esquema das coisas; Progresso pela aprendizagem dos segredos da natureza e pela procura das melhores soluções: Manipular os recursos da Terra para criar e espalhar a boa vida abundante; Pessoas otimistas, autoconfiantes e dispostas a arriscar merecem o seu sucesso. As sociedades prosperam pela estratégia, tecnologia e competitividade.</p>	<p>O Iluminismo, ministérios de sucesso, classes médias emergentes, indústria cosmética, caça de troféus, Câmara de Comércio, colonialismo, informações televisivas, moda.</p>
<p>VERDE</p> <p>Sexto Despertar Comunitário</p>	<p>Procurar a paz no Eu interior e explorar, com os outros, as dimensões carinhosas da comunidade</p>	<p>O espírito humano deve ser libertado da avareza, dos dogmas e da divisão; Sentimentos, sensibilidade e o fato de nos preocuparmos invalidam a racionalidade fria; Espalhar os recursos da Terra e as oportunidades igualmente entre todos; Chegar a decisões através de processos de consenso e reconciliação; Refrescar a espiritualidade, trazer a harmonia e enriquecer o desenvolvimento humano.</p>	<p>Músicas de Jonh Lennon, idealismo holandês, aconselhamento rogeriano, Teologia da Libertação. Médicos sem Fronteiras, Conselho Mundial de Igrejas, treino da sensibilidade, direito dos animais, Green Peace, ecologia profunda.</p>

SEGUNDO NÍVEL – MEME DO SER			
MEME	Tema Básico	Crenças e Ações Características	Onde são Vistos
AMARELO Sétimo Despertar Integrativo	Viver completa e responsabilmente com o que somos e o que aprendemos ser.	A vida é um caleidoscópio de hierarquias naturais, sistemas e formas. A magnificência da existência é valorizada acima das posses materiais; Flexibilidade, espontaneidade e funcionalidade têm prioridade máxima; Conhecimentos e competências deveriam invalidar posição, poder, estatuto; As diferenças podem ser integradas em fluxos interdependentes e naturais.	Astronomia de Carl Sagan, organizações de Peter Senge, Brief story of time de Stephen Hawking, objetivas de W. Edwards Deming, versão do estrelato de Paul Newman, teoria do caos, tecnologia apropriada, parques, eco-industriais, “nova física” de Fred Alla Wolf, Ageless body de Deepak Chopra.
TURQUESA Oitavo Despertar Holístico	Experiência do todo da existência pela mente e pelo espírito.	O mundo é um único organismo dinâmico, com sua própria mente coletiva; O Eu é distinto e, ao mesmo tempo maior e compassivo; Tudo se conjuga com tudo o mais em alinhamentos ecológicos; Energia e informação atravessam o total do ambiente da Terra; Deve-se contar com pensamento intuitivo e holístico, e ações cooperativas.	Teorias de David Bohm, “aldeia global” de McLuhan, Metaman de Gregory Stock, Rupert Sheldrake e os campos mórficos, ideias de Gandhi de harmonia pluralista, “Espectro de Consciência” de Ken Eilber, “hipótese de Gaia”, de James Lovelock, “noosfera”, de Pierre Teilhard de Chardin.

Adaptação de BECK, Don Edward & COWAN, Christopher, 1996.

Necessitamos abrir esses espaços para o autoconhecimento, para a percepção e o desvelar dos entraves que não nos permitem ser o que somos diante dos outros e com as conexões que se originam no desenvolvimento pessoal.

Assmann (2000) corrobora ao destacar que:

[...] o nosso ser é totalmente mundanal, sujeito a, e desencadeador de espaço-temporalidades entrelaçados no interior daquilo que percebemos como nosso “eu” e “nosso mundo”. É por isso que a corporeidade deve ser a instância referencial de critérios para a educação, para a política, para a economia e inclusive para a religião. Ninguém pode servir aos valores espirituais sem encarná-los em valores corporais (para a visão ético-política e para a economia, tocamos aqui o ponto-chave de uma visão antropológica na qual se vejam e levem em conta conjuntamente os desejos e as necessidades, numa visão antropológica unificada dos potenciais de iniciativa e das disposições solidárias. Isso implica, de certo modo, numa visão pós-capitalista e pós-socialista). (p.61)

Como se faz isto? Receitas não dão conta de uma questão tão séria e profunda de nossas vidas. Um dos caminhos é justamente poder se aproximar das janelas da essência humana e pouco a pouco estabelecer tessituras para que o entrelaçamento entre a originalidade e a subjetividade nos mostre os avanços construídos pela pessoa e que resultarão numa diferença na dimensão profissional.

3.3 - ENTRELAÇANDO MÃOS PARA REVELAR A SUBJETIVIDADE E A BUSCA DE NOVOS CAMINHOS

“A diferencia de cualquier otra entidad orgánica o inorgánica del universo, el ser humano puede evolucionar más allá de sus obras, ascender por la escala de sus ideas y trascender sus logros actuales.

*John Steinbeck*¹³

¹³ **STEINBECK, John.** In GROF, Stanislav et Bennett, Hal Zina. La Mente Holotrópica: los niveles de la conciencia humana: Editorial Kairós, 1993, p. 283

O célebre escritor e poeta, Antônio Machado, em seu poema *Cantares*, nos diz que “*o caminho não se faz só*”, é necessário que haja a união de esforços para que ele possa trazer conquistas e os propósitos que inicialmente se havia projetado.

Além de nos colocarmos diante da janela da essência humana e de irmos ao encontro da originalidade essencial, subjaz outra necessidade, dar passos e esses gritam por algo que tenha um sentido diferente. Estender a mão carrega em si o apelo para que o outro venha caminhar junto, da partilha, da cumplicidade e, neste entrelaçamento, há o apelo para que a linguagem da humanização aconteça.

Josso assevera que *a busca de si é inseparável de uma relação com o outro, mesmo quando o destaque é posto, por um tempo, na exploração de sua ligação consigo mesmo a partir de propriocepções e de auto-observações, sustentadas ou não por um quadro terapêutico ou de desenvolvimento pessoal. Nós não saberíamos viver, mesmo como eremitas, sem pertencas de fato e simbólicas.*” (2008, p. 31)

Permitir-se ir ao profundo do que nos constitui somente é possível se realmente quisermos compreender quem somos e como faremos para aprender a ser com o outro. As circunstâncias são as mais diversas e o auto-retrato que faremos, pode ser o mais belo ou aquele que deixaremos lá pela falta de coragem em transformá-lo. O confronto exige uma atitude e não fomos acostumados a pensar sobre quem somos e o que guardamos nesse lugar sagrado. O desvendar implica desacomodação, o mergulhar nas nossas profundezas, nossa subjetividade.

Será que estamos preparados para esse enfrentamento real?

Josso exemplifica que *somente quando nos sentimos bem conosco mesmos e com os outros. Tendo a sensação de que estamos vivos e de que podemos revelar nosso potencial de humanidade, que essa busca de si e de nós cessa de ocupar o primeiro plano da cena. Ou seja, quando nosso conhecimento de nós mesmos nos permite ligar-nos aos outros com prazer e criatividade, sentido um equilíbrio entre o dar e o receber, estamos disponíveis para uma exploração de um além de nós mesmos, estamos disponíveis para a vida.* (2008, p.32)

Neste processo de humanização, voltar às origens em que os homens se respeitavam pelo que as suas palavras expressavam é um dos maiores desafios de uma sociedade que se considera pós-moderna.

Onde o homem se perdeu? Talvez na sua ganância por querer “ter” tudo aquilo que supunha garantir-lhe a felicidade e isto não aconteceu. Começou a procurar por respostas para saciar sua sede do querer e elas não vieram, pois não era no exterior que iriam encontrar.

Precisou acontecer uma crise de valores para que as pessoas percebessem que o belo é o que se cultiva no interior e que esse processo, por muito tempo impedido de se mostrar como tal, era piegas, bobo e sem propósito. Um grito por sentido nos fez dedicar atenção ao olhar para o mundo de dentro, para entendermos tudo aquilo que nos incomodava do lado de fora. E o choque ocorreu, pois na sede do querer, o espaço para o cultivo era mínimo e sem vida. Engano cruel, pois é justamente lá que reside a maior aventura de nossas vidas, autoconhecer-se é trazer à vida o que de mais precioso possuímos, nossa essência e sem ela não temos como projetar mudanças no cotidiano. Não há como independer uma dimensão da outra, é vital o entrelaçamento entre a subjetividade e o exterior, entre o particular e o universal, entre o sagrado e profano.

Somos capazes de modificar tudo isto se desenharmos nossos mapas trazendo presente à dimensão integral da pessoa, suas conexões e entrelaçamentos com tudo o que nos cerca.

Considerando que o contexto local e global interfere na consecução dos propósitos e ações no momento de cada pessoa produzir sentido para sua vida e perceber as influências do meio, estará abrindo o leque para as suas responsabilidades sociais diante da existência.

Para tanto, SER é pensar que não somos nada sozinhos, e que iremos sempre precisar do outro e das mediações que fazemos com o mundo interior e exterior, para nos situarmos como seres conectados para propiciar as mudanças que suscitam do nosso mundo subjetivo e real.

4 - AS FACES DO UNIVERSO E DO HUMANO: DO IMAGINÁRIO AO REAL E DO ESPIRITUAL AO TRANSCENDENTE

“Sonhar...

Não me refiro apenas ao sonho que vem enquanto dormimos, àquele recurso do inconsciente para refazer energias, para consolar-nos em nossas irrealizações.

Esse sonho é reconfortador, reconheço-o, e tem sua valia.

Se não sonhássemos enquanto dormíssemos, há muito que nossas energias psíquicas e mentais estariam consumidas e viveríamos praticamente em agonia, sob o peso enorme e insuportável de nossas frustrações.

Desejo-te, assim, que tenhas essa espécie de sonho, o transporte ao paraíso e ao impossível enquanto estiveres dormindo. Mas eu quero ir além... eu quero desejar-te mais: que sonhes de olhos abertos.

Esse novo e definitivo tipo de quimera te fará ainda mais bem... quer o conduzas em tuas próprias fantasias. O importante é que tenhas coragem sadia, o bom senso realista de sonhar.

Sonha, assim, com todas as forças de tua alma, com toda sua capacidade de construir um mundo novo, um mundo ideal em que se concretizem todos os teus anelos.

Sonha... quem não se atreve a sonhar, não vive, deixa se viver apenas, é frágil barco ao sabor da corrente, é pluma ao sopro do vento.

Sonha... Nenhum grande construtor deixou de sonhar...

Tudo aquilo que existe e grandioso, houve época em que foi firmado nas nuvens e existiu apenas na imaginação fértil de quem teve coragem de ter idéias.

O próprio Deus é um sonhador, se vale a comparação antropomórfica. Ele também sonhou com um mundo ideal, em que as criaturas se amassem umas às outras, assim como Ele as amou infinitamente. Por isto sonha, sonha com alma, coração e espírito e sentimento.

Quando estiveres prostrado sob o fardo da dor mais amarga e da decepção mais cruel, aí é chegado o momento de recorrer ao sonho. Fantasia, imagina que o mal haverá de passar, que virá o tempo em que os pássaros cantarão novamente, as estrelas brilharão de novo, as pétalas terão o perfume mais uma vez...

Sonha com a sinceridade... dá realidade à tua fantasia... acredita no teu interior, que a felicidade existe, que aventura acontece, que o amor

vence tudo. Sonha isso com bravura e coragem. Pouca, porém, esse sonho legítimo e belo com ternura, com as tintas de um pintor inspirado e levado pela própria quimera.

Sonha com profundidade... atreve-te a construir uma vida nova, ousa sonhar e fazer castelos de areia ou de nuvens... o importante é que devaneies, que libertes de tudo que oprime, diminui ou é rasteiro.

Sonha com grandeza e sem limites. Quem não sonha e vê apenas o aspecto frio, existencial das coisas, vê unicamente o exterior... Somente sonhando é que se pode sentir o calor de um coração, a vida de um pensamento, a doçura de um afeto. Sonhar é viver dentro da alma das coisas e das pessoas.

Sonha, assim; busca no sonho, aquilo que te falta e o que gostaria de dar, de transmitir e te sentes incapacitado ou inferiorizado de oferecer. Só o sonho não sente a ação corrosiva do tempo. Por isto, se a vida te pesa dentro da alma, sonha que és jovem, que tens o direito de esperar, de aguardar e de confiar.

Quando te doer o fracasso, sonha que a vitória está à frente: assim não desanimarás no combate mais rude e não sucumbirás na luta mais cruel. Sonha que o perdão virá... assim o arrependimento não terá sentido e não será apenas um remorso que nada repara.

Sonha que a vida não pára, que a vida continua... assim não temerás o próprio fim, nem se arrepearás da própria morte...

Sonha que a alegria coroará tudo, que após a tempestade virá à bonança.... Assim os raios trarão luz e não medo... e a noite será bem-vinda, pois dentro dela e com ela é mais fácil continuar a sonhar.

Pinte a tela de tua fantasia com a cor de cada gota do arco-íris... arremata a sua moldura com a poeira das estrelas. Sente que o beijo tem gosto que não envelhece e a alma tem carinhos que ainda precisam ser inventados para serem entendidos.

Se queres que a realidade não te abata e não te leve ao pesadela constante de não poderes fantasiar, viva intimamente, mas intensamente, a beleza de não haver limites à tua frente e nem barreiras a teu redor.

Para isto abre os olhos e mergulha no infinito... sonha, sonha tudo aquilo que jamais realizes, mas que a imaginação te trará dentro da música e da poesia...

Sonha hoje e para sempre... Mas sonha!"

Maurício Ponsancini¹⁴

Podemos nos perguntar por que estamos aqui e quem desejou que nos transformássemos em pessoas, em seres humanos que poderiam ser ou não ser em uma sociedade que tende a padronizar ou classificar cada um, por aquilo que se convencionou julgar certo.

¹⁴ PONSANCINI, Maurício. Sonhar. São Paulo: 2007

Alguém ousou **SONHAR**, e neste ato, deu vida a um ser que iria construir uma aventura para se tornar humano. Os pedaços destes sonhos foram se unindo e buscando uma unidade, uma sintonia, uma inteireza de si com os sonhos dos outros seres.

A busca por um projeto de felicidade levou muitas pessoas a se defrontarem com os capítulos iniciais de suas histórias de vida e, não o bastante, provocaram uma viagem interior para os recantos mais secretos do seu ser, ou seja, um encontro com sua subjetividade.

Nesse encontro, as respostas eram poucas e as interrogações incessantes, pois não nos constituímos pelas afirmações, mas por tudo aquilo que desconhecemos e nos leva a nos desacomodarmos de nossas certezas. O processo desencadeante do reinventar-se passa pela negação, pelo caos, pela ebulição das emoções e dos sentimentos, pela própria auto-transcendência.

Para compreender esse processo que se instala no ser humano em buscar sua humanização, sua inteireza, nos defrontamos com os conhecimentos produzidos ao longo da história, pelos cientistas e estudiosos, que muitas vezes procuraram descrever minuciosamente a sua evolução e preconizar a caracterização do que se sentia e/ou se pensava.

Percebemos que caminhar no sentido contrário destas concepções nos leva a assumir um compromisso significativo e repleto de desafios, pois se queremos desvelar a subjetividade do humano, temos que abrir espaços para essas revelações, para o *tornar-se* e para a reinvenção do que cada um não deseja vir a ser.

Provavelmente estaremos começando a enfrentar concepções e paradigmas estruturados, comprovados e testados. Com isto, não estamos afirmando que os mesmos não tenham servido a um propósito e a aos avanços científicos. Evidentemente há uma contribuição intensa, sustentações teóricas e científicas que demonstram os caminhos percorridos para o homem se apropriar de sua condição intelectual e social, entretanto não podemos pensar somente a partir dessas dimensões, há muito ainda para compreender, principalmente as dimensões emocionais e espirituais. Esses aspectos formativos talvez no momento atual tenham em si, a possibilidade de redesenhar o humano, valorizando o conhecimento construído, mas potencializando a abertura de novos horizontes e perspectivas.

E neste contexto, reencontramos o **SONHO**, o mote para a desestabilização do que vivemos e, conseqüentemente, o princípio para buscarmos outro olhar, outra ação para o viver e para nos tornarmos felizes.

Não podemos nos sentir devedores dos princípios que foram instituídos, necessitamos abrir os horizontes e perspectivar a mudança e o estado de felicidade que o ser humano anseia.

Seligman (2004) aponta que quando as pessoas sentem-se felizes, elas pensam menos em si e percebem gostar mais dos outros, desejando partilhar o que se tem de bom, ainda que seja com estranhos.

O bem-estar é condição *sine qua non* para ser e desejar que o outro também seja. O que faremos para encontrar esse bem-estar está interconectado com a viagem ao centro do nosso eu, da nossa subjetividade. Em um primeiro momento, solitária, contudo necessitando do apoio e da parceria do outro, para refletir o espectro das transformações.

Aristóteles afirmava que a finalidade da ação humana é a felicidade, e se formos analisar ou aprofundar qual o projeto de felicidade que cada pessoa possui, esse está sustentado nesse bem-estar.

Rios (2001) amplia nossa reflexão, ao unir este projeto de felicidade à cidadania, gerando a Felicidadania, no qual o exercício da cidadania possibilita a experiência da felicidade. Argumenta ainda:

[...] falar em felicidade como algo que se experimenta em companhia não significa dizer que não há experiência individual da felicidade. Cada sujeito, na sua vivência pessoal e intransferível, tem a sua maneira de conduzir-se à felicidade. Ela é como um prisma, com múltiplas faces, que reflete a mesma claridade de maneira diferenciada, no espaço em que se coloca. (p. 120)

O exercício da cidadania, só pode ser levado a efeito, se compartilhada com o outro, e neste contexto, a dimensão da alteridade é fundamental, nos construímos na medida em que percebemos nossas contradições e reconhecemos a reciprocidade de cada experiência vivida. Entretanto, temos princípios que conduzem a reflexão ética que está em todos os momentos da

existência, tais como o respeito mútuo, a justiça, o diálogo e a solidariedade. Eles apontam para um núcleo, que Rios (2001), chama de relação intersubjetiva que se pauta pela ética, ou seja, o reconhecimento do outro.

A relação social que se estrutura acontece sempre entre sujeitos (eu e outro) e se não reconheço a presença do outro, acabo gerando um conflito, que impede a construção deste projeto de felicidade.

Rios (2001) postula que ***não podemos dizer quem somos, se não somos reconhecidos pelo outro e se não reconhecemos o outro como alguém que nem nós [grifo nosso].*** *“Não alguém idêntico a mim – impossível! -, mas alguém diferente e igual. O contrário de igual não é diferente – é desigual, e tem uma conotação social e política. A afirmação da identidade se dá na possibilidade da existência da diferença e na luta pela superação da desigualdade.” (p.121)*

Percebemos que cidadania e felicidade, conforme a autora são complementares e ganham o seu sentido em um espaço que priorize a democracia e esteja sustentada em princípios éticos. No momento que as pessoas envolvidas conseguem reconhecer a si e ao outro e por meio do respeito conseguem coexistir com o autoconhecimento, pois se estabelece uma relação dialética, *“ao voltar-me para mim mesmo, encontro o outro, e para voltar-me para ele é necessário que eu me volte sobre mim mesmo, na medida em que na relação intersubjetiva não há possibilidade de conhecimento sem que sejam afetados os dois pólos. (p. 124)*

Provavelmente o que sentimos e o que pensamos tende a ser captado pelo espectro da consciência¹⁵, uma vez que os seus níveis irão potencializar a expansão espiritual e psicológica que o ser humano precisa para se redimensionar.

Wilber (2000a) refere-se à Teoria do Tudo que agrega um trabalho árduo de vários estudiosos, entre eles, Clare Graves, Abraham Maslow, Deirdre Kramer, Jan Sinnott, Jürgen Habermas, Cheryl Armon, Kurt Fischer, Jenny Wade, Robert Kegan, Sussanne Cook-Greuter, sobre a evolução da consciência. Cada um aprofunda aspectos significativos, mas que não podem

¹⁵ **Espectro da Consciência** – Envolve as estruturas básicas, os estágios de transição e o sistema *self*, conforme teoria de Wilber (WILBER, Ken. Transformações da Consciência: o espectro do desenvolvimento humano. São Paulo: Cultrix, 1986).

ser analisados sob uma ótica linear, pois as teorias da atualidade procuram analisar ou considerar as contribuições, partindo então desses estudos, alternativas e novos olhares. Nesse sentido, pontuaremos o recorte voltado a Dinâmica da Espiral, inicialmente proposto por Graves e aperfeiçoado por Beck e Cowan e revisitada por Wilber ao associar as suas pesquisas sobre o Projeto da Consciência Humana (mapeamento intercultural de todos os estados, estruturas, memes, tipos, níveis, estágios e ondas da consciência humana).

Ao considerar as dimensões física, biológica, psicológica e espiritual, temos condições de compreender os possíveis obstáculos que impedem a pessoa de construir uma visão integral de suas próprias possibilidades. Não é possível avançar na reflexão sobre a inteireza do ser humano, sem destacar de onde parte nosso olhar e as reflexões que o sustentam.

SUPERIOR ESQUERDO Interior-Individual	SUPERIOR DIREITO Exterior-Individual
INFERIOR ESQUERDO Interior-Coletivo	INFERIOR DIREITO Exterior-Coletivo

Quadrantes do Desenvolvimento Humano

WILBER, 2000a

Ao longo da trajetória profissional, inúmeros processos reflexivos foram sendo desencadeados, talvez a partir do **SONHO**, no qual, não podemos estar e ficar no mesmo espaço temporal de origem, percebendo a necessidade de mudança e transformação, a ousadia é o que sempre me moveu, procurando compreender qual o sentido para a vida do homem. Fato pelo qual, instigou-me

a trilhar um caminho que não foi o mais fácil, mas que está contribuindo para a minha própria autoformação. A vinculação com os estudos cognitivos favoreciam a ampliação de conhecimentos, mas isto não era suficiente, ainda faltava algo.

A falta de sentido e de compreensão das coisas da vida impeliu-me a percorrer outros caminhos procurando respostas, mas elas ficavam distantes, justamente porque não há uma única resposta. Associando a estas percepções, a dimensão espiritual se inquietava a passos largos. Parecia que o encontro da mediação entre o desconhecido e o palpável clamava por um encontro. As leituras acessadas para tentar gerar essa compreensão começaram a ser construídas e a penetrar na academia, fomentando discussões por meio dos estudos de Zohar, Wolman, Capra, Grof, Nicolescu, Sheldrake, Weil, Goswami. Autores das mais variadas áreas, mas que traziam contribuições inovadoras, principalmente no que se refere à espiritualidade e às conexões que o homem projetava para sua autoformação.

Estou compreendendo que muito ainda há por conhecer, principalmente no que se refere ao ser humano que se constitui e busca a sua origem e as suas conexões. Creio que esta é uma das janelas do universo que podem nos mostrar para onde ir.

O caminho é essencial, entretanto desconhecido e revelador, talvez do que queremos conhecer, mas que por outro lado, causando o medo, a preocupação, a paralisação, o bloqueio, a necessidade de nos percebermos como de fato somos. Talvez tenhamos muitas obras publicadas sobre essa temática, mas elas não conseguem ainda nos responder o que nos causa pânico ou períodos longos de inércia ou frustração.

O ser humano anseia por se compreender, contudo onde sustenta esses olhares e no que mantém entrelaçado seus desejos de preservação da mudança ou da transformação? As faces do universo e do humano, não devem se associar às ideias da mitologia grega, na qual o Deus Janus, olhava em direções opostas e não conseguia vislumbrar o mesmo caminho. Acredito que o humano necessita reconhecer-se como parte do universo e buscar nesta experiência a sua própria reinvenção, para alcançar a sua elevação e consequente transcendência.

A reinvenção do humano se delinea, considerando os próprios espectros da consciência e os movimentos espirais que propiciam a expansão e ressignificação das marcas existentes,

Wilber (1986), em seus estudos quanto ao desenvolvimento psicológico propõe a estrutura básica e de transição para compreender as formações psíquicas que concorrem para que a consciência tenha sua elevação. A estrutura básica é aquela que ao surgir no desenvolvimento, permanece existindo juntamente com as unidades e subunidades relativamente autônomas em relação ao próximo estágio, enquanto a estrutura de transição está associada a uma fase específica ou temporária que podem ser mais ou menos substituídas pelos estágios posteriores.

Propor essa reinvenção, portanto passa necessariamente por um ir e vir entre o imaginário e o real e entre o espiritual e o transcendente, trazendo presente a dimensão psicológica, uma vez que estamos nos referindo a um ser humano que busca sua auto-compreensão e o sentido de sua existência e para tanto, em suas relações subjetivas e intersubjetivas terá um caminho para auto-construir-se e perspectivar a sua própria inteireza.

Jourard e Landsman (1987) procuraram em seus estudos ter um olhar analítico sobre esse ser que deseja ser mais humano e destacavam que a **PERSONALIDADE SAUDÁVEL** almejada é a forma como a pessoa atua, guiada pela inteligência e pelo respeito à vida, de modo que as necessidades sejam satisfeitas e a personalidade possa crescer em consciência, suficiência e na capacidade de **AMAR a SI MESMA**, aos **OUTROS** e ao **AMBIENTE NATURAL** (Natureza).

Esses elos nos fazem perceber que as conexões são vitais, e que não há como estar no universo, sem sabermos quem somos, como projetamos e vivemos o amor para conosco, com os outros e com a própria natureza que nos constitui.

Quando podemos afirmar que nos tornamos plenos em nosso processo evolutivo? Será que de fato temos condições de sustentar tal pressuposto e mergulharmos na infinitude de nosso ser para percebemos o universo simbólico mediado pelas subjetividades humanas?

Suponho que lentamente estamos possibilitando uma ampliação dos níveis da consciência para redesenharmos nossa condição de ser humano que respeita a si, aos outros e a natureza que o constitui.

Possível predizer que tempo é esse e que ensinamentos e/ou experiências serão acolhidas nas vivências humanas? Questões complexas, mas que evidenciam novos olhares e aprendizagens que necessitam se inserir no contexto no qual se vive e a partir dele comprometer uma grande parte das pessoas em uma aliança que vise à preservação do humano.

Estamos atravessando um limiar de anti-vida, que nos leva paulatinamente as mais diferentes formas de morte e acabamos nos tornando impotentes diante dos apelos que emergem das vivências pessoais e coletivas.

Desejamos muitas coisas, temos sede de experiências diferenciais, mas nos esquecemos do principal, de olhar para esse ser que busca incessantemente uma transformação e conseqüentemente um estado tal de felicidade, de plenitude que não pode advir senão pela experiência e pelas relações que se reconstroem na mediação entre o mundo subjetivo e objetivo de cada pessoa envolvida.

Responder às interrogações parece-nos o maior desafio do ser humano, uma vez que fomos educados para não expressar e muito menos partilhar os sentimentos, sensações, frustrações e conquistas. Que sociedade é essa que nega a essência do humano?

Como podemos nos compreender como pessoas falíveis ou inconclusas se não temos o direito de externar o que realmente constitui o interior, as particularidades, os anseios e as perspectivas do viver?

Quanto mais ousamos nos aprofundar em compreender essa pequena partícula do que é o humano, mais interrogações se manifestam e não há outro caminho. Só avançamos, quando reconstruímos nossos saberes e conseguimos dar a eles outro sentido. Isso só é possível se pudermos ver os níveis de consciência se ampliando. O espectro que se desprende é a energia que se encerra em cada ser humano revelando o quanto somos portadores de novas aprendizagens, novos significados e SONHOS que se concretizam por meio das vivências.

4.1 - INSPIRAÇÕES E REVELAÇÕES: INCONSCIENTE E CONSCIENTE REVOLVENDO O SAGRADO NO HUMANO

“Não sei quantas almas tenho. Cada momento mudei. Continuamente me estranho. Nunca me vi nem acabei. De tanto ser, só tenho alma.

Quem tem alma não tem calma. Quem vê é só o que vê, quem sente não é quem é, atento ao que sou e vejo, torno-me eles e não eu.

Cada meu sonho ou desejo é do que nasce e não meu. Sou minha própria paisagem; assisto à minha passagem, diverso, móbil e só, não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo como páginas, meu ser. O que segue não prevendo, o que passou a esquecer. Noto à margem do que li, o que julguei que senti. Releio e digo: "Fui eu?"

Deus sabe, porque o escreveu.”

Fernando Pessoa¹⁶

De onde nos vemos ou talvez como nos percebemos? Que inspirações podem revelar quem somos, como mediamos nossas relações com as dimensões consciente e inconsciente para revolver a essência do sagrado que se encontra no humano?

Suponho que novamente as respostas não sejam reveladoras de tantas interlocuções que se movem entre o que pensamos ser e o que manifestamos por nossas ações.

A construção do humano potencializa os sensores que norteiam todo o estado de experiências que se transformarão nos princípios a serem vividos na vida adulta e ao longo de toda a trajetória humana. Por isso, ao nos defrontarmos com a perspectiva de estabelecer relações entre os mundos conscientes e inconscientes, carecemos do auxílio de alguns colaboradores da

¹⁶ PESSOA, Fernando. Não sei quantas almas tenho. Disponível em <http://www.vidaempoesia.com.br/fernandopessoa.htm>. Acessado em 25 de maio de 2009.

Psicologia, e neste sentido faremos um recorte buscando esclarecer quais os postulados das escolas psicológicas que sustentam a nossa compreensão sobre a evolução humana e sua conseqüente inteireza, mediadas pelas espirais da subjetividade e pela sua própria autoformação.

Assim, a perspectiva de associar a dimensão consciente e inconsciente, remete a uma personalidade que é a expressão do fazer-se humano ao longo de sua evolução e para tanto, destacaremos algumas ideias de Jung¹⁷, Erikson¹⁸ e Rogers¹⁹ que favorecem essa visão prospectiva de um ser que inicialmente se desconhece, mas que ao longo de uma evolução vai buscando se apropriar de uma condição que lhe permite expandir sua consciência em relação a si, aos outros e à natureza.

Jung, em sua vasta obra, começa por retratar a estrutura da personalidade (o ego, o inconsciente pessoal e coletivo, o *self*, as atitudes, as funções e as interações entre os sistemas da personalidade), logo a seguir descreve a dinâmica da personalidade considerando a energia psíquica, o princípio da equivalência, o princípio da entropia e o uso da energia, para então chegar no desenvolvimento da personalidade, que trata da causalidade versus teleologia, da sincronicidade, da hereditariedade, dos estágios do desenvolvimento, da progressão e da regressão, do processo de individuação, da função transcendente, da sublimação e da repressão e por último da simbolização.

No intuito de clarificar alguns aspectos dos estudos de Jung (1975), pontuo a sua própria fragilidade de praticamente ao final de sua vida, ainda não saber quem de fato ele era:

¹⁷ **JUNG, Carl Gustav.** Psiquiatra criador da Psicologia Analítica. Em sua teoria, enquanto o inconsciente pessoal consiste fundamentalmente de material reprimido e de complexos, o inconsciente coletivo é composto fundamentalmente de uma tendência para sensibilizar-se com certas imagens, ou melhor, símbolos que constelam sentimentos profundos de apelo universal, os arquétipos: da mesma forma que animais e homens parecem possuir atitudes inatas, chamadas de instintos.

¹⁸ **ERIKSON, Erik.** Psiquiatra responsável pelo desenvolvimento da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial e um dos teóricos da Psicologia do Desenvolvimento. Erikson refere-se ao desenvolvimento psicossocial destacado que os estágios de vida da uma pessoa, do nascimento a morte, são formados por influências sociais interagindo com o organismo que está amadurecendo física e psicologicamente. (1975, p.192).

¹⁹ **ROGERS, Carl Ranson.** Psicólogo, um dos criadores da Psicologia Humanista, tendo como trabalho psicoterapêutico a Abordagem Centrada na Pessoa, na qual o paciente conduz a terapia e não o terapeuta.

[...] minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo o que nele repousa aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir a partir de suas condições inconscientes e experimentar-se como totalidade. A fim de descrever esse desenvolvimento, tal como se processa em mim, não posso servir-me da linguagem científica: não posso me experimentar como um problema científico. O que se é, mediante uma intuição interior e o que o homem parece ser *sub specie aeternitatis* só pode ser expresso através de um mito. Este último é mais individual e exprime a vida mais exatamente do que o faz a ciência, que trabalha com noções médias, genéricas demais para poder dar uma ideia justa da riqueza múltipla e subjetiva de uma vida individual. (p. 19)

Jung (1975) ainda nos deleita, com sua criticidade, quando afirma:

[...] assim, pois, comecei agora, aos oitenta e três anos, a contar o mito da minha vida. No entanto, posso fazer apenas constatações imediatas, contar histórias. Mas o problema é somente este: é a minha aventura a minha verdade? [...] sei que em muitos pontos não sou semelhante aos outros homens e no entanto ignoro o que realmente sou. [...] cada vida é um desencadeante psíquico que não se pode dominar a não ser parcialmente. (p. 19)

Destaca-se, nessas reflexões, o contínuo processo do autoconhecimento, a necessidade de compreender nossos anseios. Jung, em toda a sua trajetória pessoal e profissional, buscou alcançar uma resposta parcial para suas elucubrações, todavia, acredito que pelo rigor de sua vasta obra e pela tentativa de dar uma qualidade ao seu ser, que mesmo no alto de sua idade cronológica, queria alcançar um estado de equilíbrio entre o seu ser inconsciente e consciente e confrontar os estados psíquicos e/ou psicológicos pelos quais procurou desvendar com suas teorias e estudos complementares, auxiliado por colaboradores da corrente da Psicologia Positiva.

Erikson (1998) trata sobre a personalidade, desenvolvendo-a a partir de um ciclo formado por oito etapas ou idades inter-relacionadas. Revela para tanto, a interação entre as dimensões psíquica e social, as quais formam a personalidade, que seria fruto justamente dessa interação.

O Ciclo de Vida Completo compreende os estágios psicossociais que envolvem: a confiança básica versus desconfiança básica; autonomia versus vergonha e dúvida; iniciativa versus culpa; diligência versus inferioridade; identidade versus confusão de identidade; intimidade versus isolamento; generatividade versus estagnação e integridade versus desespero. A passagem para o estágio seguinte vai ser desencadeado por uma crise, pois o propósito é a formação da personalidade. Para Erikson (1968, p.92) *“tudo o que cresce tem um plano básico, e [...] desse plano básico surgem as partes, cada parte tendo o seu momento de ascendência especial, até que todas elas tenham surgido para formar o todo que funciona”*. Isso é conhecido como o princípio epigenético, um termo tomado emprestado da embriologia.

Enquanto Rogers acredita que a pessoa, qualquer pessoa, contém dentro de si o potencial para um desenvolvimento sadio e criativo. O fracasso em realizar esse potencial se deve às influências coercitivas e distorcedoras do treinamento parental, da educação e de outras pressões sociais. Mas os efeitos prejudiciais podem ser superados se o indivíduo estiver disposto a aceitar a responsabilidade por sua própria vida. Há em seus estudos a preocupação com as experiências das pessoas, seus sentimentos e valores e tudo o que está contido na expressão “vida interior”.

Segundo Rogers (1951, p. 487), *o organismo tem uma tendência e uma busca básica – realizar, manter e melhorar o organismo que experiencia. A tendência realizadora é seletiva, prestando atenção apenas àqueles aspectos do ambiente que prometem levar a pessoa construtivamente na direção da realização e da completude; Por um lado existe uma única força motivadora, o impulso auto-realizador; por outro, existe uma única meta de vida, auto-realizar-se ou ser uma pessoa completa.*

Percebe-se que a ousadia de compreender o ser humano é praticamente utópica, pois as dimensões constitutivas encerram uma infinita gama de pequenas novas sub-dimensões, que talvez não revelem o seu pretensão significado. Será que de fato, podemos almejar essa compreensão?

O ser humano carece estar em conexão com o outro e com a natureza, mas essa auto-compreensão não pertenceria a sua subjetividade e nós, queremos, justamente que ele revele aos outros quais as suas características e o que guarda em seu intimo.

Parece-nos uma ironia, contudo, não carrega uma contradição, mas um entrelaçamento entre o pensar e o agir. Uma necessidade de ser transparente para si e para o outro, construir um auto-retrato de tudo o que há no seu recôndito sagrado e o que deseja externar nos espaços que transita.

Emerge nesta busca, inúmeros sentimentos, sensações e indagações, entretanto, é este revolver que desestabiliza e faz o ser humano ir além, mesmo que ainda não esteja totalmente convencido que é o seu ser em desenvolvimento que faz a diferença e a promove, para gerar as conexões necessárias a sua ampliação de consciência e indubitável movimentação para o alcance da Felicidade.

Csikszentmihalyi²⁰ (1992, p. 14), afirma que a Felicidade não é algo que acontece, não é o resultado da boa sorte ou do acaso. Não é algo que o dinheiro possa comprar ou que o poder possa controlar. Não depende de acontecimentos externos, mas sim de como os interpretamos. ***A felicidade, na realidade, é um estado que precisa ser preparado, cultivado e defendido por todos nós [grifo nosso]. As pessoas que aprendem a controlar sua vivência interior serão capazes de determinar a qualidade de suas vidas; isso é o mais próximo que qualquer um de nós consegue chegar do estado de felicidade.***

O estado interior o qual Csikszentmihalyi se refere no ser humano está vinculado aos níveis subjetivos e esses, notoriamente só poderão ser descobertos, se nos dispusermos a partilhar com o outro, nossos nichos sagrados e por meio dessa vinculação, explorar o que ainda é desconhecido ou subjacente ao próprio inconsciente. O desvelamento obriga a uma transparência total, o espectro da consciência não consegue esconder nada, uma vez que, é justamente pela fluidez dos estágios que manifestamos o avanço dos níveis que constitui o homem.

Csikszentmihalyi corrobora nossa reflexão, quando novamente aponta que ao pensar como nos sentimos a respeito de nós mesmos, a alegria que experimentamos por estarmos vivos, depende diretamente, afinal, do modo como nossa mente filtra e interpreta as experiências diárias. Sermos felizes ou

²⁰ CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Psicólogo e Professor de Psicologia húngaro, que emigrou para os Estados Unidos, quando tinha 22 anos. É conhecido por seu trabalho no estudo da Felicidade e da Criatividade, mas é mais conhecido como o **ARQUITETO DA NOÇÃO DE FLUXO** e de seus anos de pesquisa e redação sobre o tema.

não depende da nossa harmonia interior, não do controle que exercemos sobre as grandes forças do universo. Por certo, devemos continuar aprendendo a dominar o meio ambiente externo, porque nossa sobrevivência física pode depender disso. Mas esse domínio não acrescentará quase nada ao nosso bem-estar como indivíduos, nem diminuirá o caos do mundo, tal como o conhecemos. Para que isso aconteça, precisamos aprender a ter domínio sobre nossa própria consciência. (1992, p. 24)

As pistas para a construção e vivência deste equilíbrio interior é um propósito que, por vezes, parece inatingível, entretanto a ousadia é validada por esse desejo de transformação e urgente autoconhecimento do eu, permeado pelas dimensões consciente e inconsciente, que no nosso entendimento levará ao desenhar real das inspirações e das revelações subjetivas do ser humano.

Para tanto, a consciência procura desenvolver a capacidade de ultrapassar suas instruções genéticas e estabelecer seu próprio curso de ação independente. (Csikszentmihalyi, p.45). Este curso de ação independente associa-se ao movimento da espiral do desenvolvimento da consciência, uma vez que, só podemos ultrapassar um nível se estivermos bem, mas carregando sempre conosco as construções que experienciamos.

Elucidando as reflexões acima, Csikszentmihalyi (1992) pontua que:

[...] a função da consciência é representar a informação sobre o que está acontecendo fora e dentro do organismo de modo que isso possa ser avaliado pelo corpo e este possa agir de acordo. Nesse sentido, ela funciona como uma central informativa que processa sensações, percepções, sentimentos e ideias, estabelecendo prioridades entre os diversos dados. Sem a consciência, nós ainda “saberíamos” o que está acontecendo, mas teríamos de reagir de modo reflexivo, instintivo. Com a consciência, podemos avaliar deliberadamente o que os sentidos nos dizem e reagir de modo correspondente. Podemos também inventar uma informação antes não existente: é por termos consciência que podemos sonhar acordados, mentir e escrever lindos poemas e teorias científicas. (p. 45)

Os diversos estudos na área da consciência insistem que o ser humano é o único que pode, mesmo que já tenha uma trajetória definida, realinhar ou

redimensionar sua existência. Pensar sobre o que deseja, suas escolhas e propostas, carregam em si, a possibilidade do erro, que aqui não é compreendido como uma dicotomia (acerto / erro), mas como o retomar de uma escolha que não foi a mais bem sucedida, para então, buscar outra trajetória que o levará ao alcance de suas metas ou projeções.

Desta forma, destacamos que, alguns autores, ao aprofundar seus estudos na Psicologia Positiva ou mesmo aqueles que ampliaram seus estudos a partir da Teoria do Caos, da Antropologia e da Filosofia, tinham o desejo que nos fazer reflexionar sobre a existência humana e tudo o que a cerca, para que, diante das mais diversas interrogações, pudéssemos repensar o nosso agir e a própria condição de ser humano em construção permanente, um eterno vir-a-ser, que compreende no meu entender, o movimento do ser, que se faz pequeno, retoma a sua originalidade e as suas heranças culturais, para então, personalizar sua subjetividade, respaldando-a com o que deseja preservar, com tudo que supõe carecer de renovação e possível transformação.

4.2 - OS ESPELHOS DA ALMA: PARECER SER E VISLUMBRAR O NÃO SER

“ O significado de minha existência é que a vida me endereçou uma questão... ou, ao contrário, eu mesmo sou uma questão.”

Carl Gustav Jung²¹

Quantos olhares desenvolvemos ao longo da vida sobre nós e de que forma isto reflete na maior parte dos relacionamentos de compartilhamos? Por

²¹ JUNG, Carl Gustav. *Ab-reação, análise dos sonhos, transferência*. Obras Completas de C.G. Jung. Vol.XIV /2. tradução Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 36

vezes, olhamos repentinamente e julgamos ser aquela imagem, contudo o que parece, na maioria das situações não é o que imaginávamos.

Quando nos lançamos na aventura do viver, não sabemos o que exatamente encontraremos, e muito menos se esta experiência será agradável, favorável ou significativa, se tocará o canal da sensibilidade ou simplesmente não nos permitirá extravasar as energias que carregamos em nosso interior.

Podemos fazer uso de uma metáfora, na qual veremos que dentro do interior da pessoa, há um abismo, no qual, quanto mais queremos conhecer, mais nos distanciamos da borda e escalar as profundezas não é uma ação fácil. Parece que toda vez que nos aproximamos do cume, lá estamos nós a despencar ou derrapar e temos que começar novamente a escalada.

O ser humano, realmente, é um ser imprevisível, pois poderão vir a existir pesquisas extensas ou com os maiores dados estatísticos ou comparativos, mas creio que não conseguiremos descrever quem é este homem, que da fragilidade se torna um gigante ou desafia as suas próprias limitações.

Por isso, que ao longo da existência nos revezamos em inúmeros papéis, somos, por vezes, artistas magníficos e em outros parecemos, sem vida, sem forças. A alma ou a energia que necessariamente nos constitui, se anula, pela tristeza, depressão, omissão, medo ou frustração. As teorias psicológicas apontam que não se pode ser plenamente equilibrado, entretanto, o projeto para sentir-se pleno deve fazer parte do cotidiano.

Beláustegui²² (2007) considera que a presença associada ao interior e ao exterior, envolve os sentidos humanos e por eles, o homem pode compreender a sua existência e a difusão dos papéis que vivencia ao longo de sua vida.

[...] esta co-presencia de todos los sentidos en el sentido común, y por la confluencia en él de todos los datos actuales de sus actos, éste adquiere una importancia fundamental en la función perspectiva. La evidencia mayor se da en tanto que, cada uno de los sentidos, como sus actos singulares, no puede existir independientemente de la unión que tienen. (p. 137)

²² BELÁUSTEGUI, Gustavo Daniel. Psicólogo Argentino e Professor na Pontifícia Universidad Católica Argentina. Seus estudos versam sobre as representações interpessoais e imagens e marcas do *self*.

Para tanto, a percepção e tudo o que os sentidos captam, irão nortear essa aventura pelo universo desconhecido da subjetividade humana, uma vez que está interconectada com o contexto intersubjetivo social ao qual pertence.

As imagens ou representações que serão tecidas pela vida humana, dependem do espaço subjetivo, como demonstram os estudos de Beláustegui (2007), contudo é justamente a expressão que determinará os desenhos mais representativos da condição humana e as conexões estreitadas no cotidiano, levarão a outra forma de perceber o seu estar no mundo. Nenhuma condição humana sustenta-se em um único prisma, ela será vista e analisada na ótica da perspectiva, que favorece olhares dos mais diversos e todos particulares, mas mediados pela riqueza das percepções.

Os espelhos da alma surgem como o confronto inevitável entre um *ser* e o *não ser* que busca justamente a interlocução entre estes dois universos, mas que ao mesmo tempo, almeja o espaço para que este *ser* também tenha os momentos de um *não ser*. A subjetividade, como o termo pontua, instala-se entre estes dois pólos para que possam co-existir e recriar um novo eu, assumindo uma experiência que ultrapassa os limites do próprio *self*.

Jung (1999), já apontava em seus estudos sobre o inconsciente, que há duas formas de analisá-lo, a dimensão pessoal e a coletiva e na interlocução dos dois, o espaço para o *não-eu* encontra elementos para tornar-se o que deseja por meio da vivência.

[...] se realmente existe um inconsciente que não é não pessoal, isto é, que não seja constituído de conteúdos adquiridos individualmente (esquecidos, percebidos subliminalmente, reprimidos), então deve haver necessariamente processos intrínsecos a esse Não-Eu, acontecimentos arquetípicos espontâneos, que só podem ser captados pela consciência através de projeções. É o primordial desconhecido e, simultaneamente, o primordial conhecido, do qual emana um enorme fascínio. Ele cega e ilumina, atrai e apavora ao mesmo tempo. Ele se manifesta nas fantasias, nos sonhos, nas alucinações, bem como em certos estados de êxtase religioso. (p. 155)

Provavelmente seja este fascínio, que observa Jung, um dos responsáveis por conectar o desconhecido com a experiência e com o autoconhecimento do eu, vislumbrando o que os olhos veem, porém por vezes fingem não compreender, e na medida em que se expandem, podem gerar fantasias ou aproximações com vivências místicas, que tendem a ampliar a consciência do homem.

As vivências místicas, por outro lado, nos permitem compreender a razão ou os motivos pelos quais, queremos *ser* pessoas melhores e naturalmente, agir juntamente aos outros, considerando as potencialidades que todos carregam em seu interior. A riqueza a qual se faz referência está no âmago de nossa essência, mas que tolhemos porque agimos pela lógica mercadológica, ofuscando o eu amoroso e terno que habita em cada um.

Jung²³ (1999) elucida nossas reflexões, ao discorrer sobre o processo que o inconsciente pessoal faz para agregar o inconsciente coletivo, vinculando-se ao *animus* e a *anima*, a alma e o corpo, o particular e o universal, sendo que esse apropriar-se da liberdade ou do aprisionamento, é o confronto que possibilita a ruptura e o autoconhecimento do eu e do não-eu frente às vivências místicas que tendem a revelar o *ser* e o *outro* co-existindo.

[...] a “alma” que se une de novo ao “*corpus*” é o Um que nasce do Dois como “*vinculum*” comum a ambos. A alma aparece, portanto, como uma essência de relação. Em sua qualidade de representante do inconsciente coletivo, a anima psicológica também possui um caráter do “coletivo”. O inconsciente coletivo tem existência óbvia e universal; assim sendo, toda vez que aparece, ele acarreta uma identificação inconsciente, ou seja, uma “*participation mystique*”. Na medida em que a personalidade consciente nisso estiver aprisionada e não opuser resistência a esse envolvimento, este último vai personificar-se como anima (por ex. no sonho), como uma personalidade parcial relativamente autônoma que exerce influências essencialmente perturbadoras. Mas depois que uma profunda e demorada crítica e uma dissolução das projeções permitiram que se realizasse uma diferenciação entre o eu e o inconsciente, a anima vai pouco a pouco deixando de ser uma personalidade autônoma. Desse momento em diante, ela se torna a função de relação entre o consciente e o inconsciente. (p. 157, 158)

²³ JUNG, Carl Gustav. Ab-reação, análise dos sonhos, transferências, Petrópolis: Vozes, 1999.

Os caminhos para ultrapassar as projeções que se estabelecem na experiência do ser e do outro, podem ser os mais diversos, entretanto, não podemos ignorar que somente pela aproximação entre o que conhecemos culturalmente, nossa subjetividade e a relação que se constrói a partir desses três pilares, será possível, revelar quem queremos ser e o que não queremos ser.

O parecer ser e o vislumbrar não ser, se imbricam entre essas duas premissas, uma não consegue se estruturar sem a outra, justamente porque a partir delas, o homem, tem condições de perceber-se tal como é, interagindo e descobrindo suas limitações e dimensiona um novo eu, pois toda a experiência de confronto, nos modifica e mesmo que o inconsciente não revele, nos tornamos diferentes do que estávamos no início da experiência.

Um espelho jamais nos parecerá o mesmo, não pela sua condição estática e imutável, mas porque nos colocamos diante dele de uma outra forma e é isto que faz do homem um ser que não se contenta com o permanente e o definitivo, ele nasceu com a imanência do corpo, mas sua alma necessita transcender para prover e transgredir as suas próprias limitações e certezas, uma vez que somos aprendizes ao longo de toda a existência.

5 - AS TESSITURAS DO HUMANO NO UNIVERSO E AS CONEXÕES REINVENTADAS NO CAOS

“Ninguém vive pela metade. O espaço de vida de cada um é o que cada qual tem de inteiro. Se dura vinte ou cinquenta anos, não faz diferença. O que conta é que uma vida é uma vida. Não existe meio amor, meia felicidade, meia saudade. Todo sentimento por si só é inteiro. Ou a gente é feliz ou não é; ou ama, ou não ama; ou quer, ou não quer. Quando amamos, dúvida não existe; se queremos realmente, dúvida não existe; se somos felizes... cadê o espaço para a infelicidade, se a felicidade toma conta de tudo?!”

Então, se você se sente nesse meio caminho, talvez seja o momento de parar e refletir um pouco na sua existência. A vida é inteira, mas não temos a vida inteira para decidirmos vivê-la intensamente. Temos o agora. Há quem diga que pelo fato de ser jovem ainda tem tempo. Mas quem, além de Deus, sabe dizer a medida da vida de cada um? Perdemos preciosos minutos no nosso hoje com a ideia que amanhã as coisas acontecerão e que podemos esperar.

Quando começamos a medir e pesar nossos sentimentos, não vamos a lugar nenhum. Haverá sempre uma luta cerrada entre o coração que quer viver e a razão que mede consequências. Medindo dificuldades, não fazemos nada. Se devemos medir alguma coisa, devem ser então as possibilidades. Ai sim estamos no caminho certo. Para os pessimistas uma pedra é um estorvo, para os otimistas é um pedacinho do alicerce da própria vida. O segredo está no olhar com que cada um vê as situações.

Só enfrentando os medos e o desconhecido é que conseguiremos viver de forma inteira essa vida que se oferece a nós em pedaços. Ninguém disse que não há riscos. Mas não é melhor arriscar do que viver o restante dos nossos dias na infelicidade de se perguntar o que teria sido se tivéssemos tentado? Quando fizer alguma coisa, faça com inteireza de coração. Ame totalmente, ria totalmente, faça de tudo um todo.

A vida é bela demais para ser deixada em suspenso. O amor é bom demais para que possamos vivê-lo em pequenas partes, sem que o tornemos real e possível. Fente viver com a metade do seu coração e veja se consegue... difícil ser feliz sem ser completo. Impossível ser completo parado num caminho de indecisões. O coração talvez não seja o melhor conselheiro. Mas é o que nos mantém vivos e que está sempre junto, sempre ligado a nós. Deixe, pelo menos uma vez, que ele fale mais alto...”

A Inteireza da Vida - Leticia Thompson²⁴

²⁴ THOMPSON, Leticia. A Inteireza da Vida. Poema e Multimídia. Disponível em http://www.leticiathompson.net/a_inteireza_da_vida.htm, acessado em 21 de junho de 2007.

Se tivéssemos a possibilidade de viver novamente, refazer os caminhos que não trouxeram o que esperávamos, faria a diferença? Provavelmente não. O ser humano recolhe-se ao medo, à frustração e à desesperança e por longos períodos se esconde da experiência existencial, impedindo que as tessituras entre o universo e o humano tornem-se reais.

Por vezes, relacionamos inúmeros problemas ou situações que nos assolam, procuramos o culpado e nos esquecemos que somos os protagonistas. Colocamos em nossas vidas tantas coisas que elas propiciam um descompasso, o exterior é uma resposta, mas as interrogações estão lá dentro e bem escondidas. Viver a inteireza da vida vai muito além das amarras.

Toda vez que adiamos algo, acabamos mergulhando em justaposições e nos perdemos em justificativas e não vivemos a emoção do momento. O que vivemos, no hoje, não haverá como reprisar, tal como nos filmes. A emoção é daquele encontro, da partilha ou simplesmente da contemplação. Não repetimos experiências, principalmente a nível psicológico, podemos nos aproximar, contudo jamais será vivida igualmente.

A compreensão das emoções humanas, na verdade deve ser um processo que se instala por toda uma vida. O estado de felicidade que o ser humano anseia necessita encadear não somente os bons momentos, mas essencialmente aqueles que potencializam os sofrimentos. Associados, poderemos nos aproximar dos pressupostos da Psicologia Transpessoal, da possível inteireza do humano.

Tecer envolve um comprometimento elevado e quando pensamos em propiciar essa união entre o humano e o universo, precisamos estabelecer justamente os princípios que poderão dar uma face ou um rosto a esse movimento, que tende a ser infinito.

Tart (1979) revela que existe uma natureza humana e outra no universo, que posteriormente se aproximam e desenham a função do homem no próprio universo.

Avançando nos estudos do autor, percebemos que a psicologia espiritual não aceita a suposição que o homem é um corpo e nada mais, pelo contrário, considera:

[...] siempre al hombre como algo más que un cuerpo físico, potencialmente al menos. Así, tenemos el concepto de alma: una parte no física, en gran medida la esencia misma del hombre, que puede ser capaz de existir independientemente de lo físico. O bien tenemos la idea de que el hombre es por esencia un ser mental y, considérese o no que posee un alma individual, puede entrar en contacto y fundirse, fuera de un cuerpo físico, con entidades no físicas. O bien está la idea de que el hombre puede llegar, por un trabajo psicológico adecuado, a desarrollar algo distinto de lo puramente físico, algo que entonces llega a ser en gran medida parte de su realidad. Las diversas psicologías espirituales pueden ver el cuerpo como relativamente poco importante, o bien como un importantísimo factor configurador de la experiencia, pero en todo caso como sólo un componente de la naturaleza humana total. (1979, p. 71)

O desenho que se forma ao fundir-se a natureza humana e a do universo poderia nos levar a face da inteireza, ou seja, uma busca incessante pela compreensão de quem somos e de como o universo consegue emaranhar uma complementaridade que supõe uma vida plena.

Evidente que não somos simplistas em fazer uma redundância a respeito de um projeto que é complexo, a vida humana não se contenta com atalhos, ela precisa das pedras, dos entraves e dos empecilhos para se auto-superar. Do caos emerge algo novo e com animo de modificar as convenções estabelecidas.

A força que se revela, associa-se à dimensão transcendente do homem, pois sem ela, não haveria a busca por um caminho que ousa ir além. No entanto, essa perspectiva precisa estar vivida e entrelaçando os pensamentos e as vivências de cada pessoa.

Hollis (2004, p. 14) refere-se a essa busca como uma *missão que teria de convencer as pessoas de que uma espiritualidade ampla corre dentro de cada um de nós, de que é possível encontrar uma nova profundidade de relacionamento com a nossa tradição de crença religiosa, se assim desejarmos. Ele também sustentava que aqueles que não mais se sentiam à vontade em qualquer fé institucional também podiam ter acesso à vida do espírito por meio de um encontro pessoal com os símbolos gerados espontaneamente, que emergem da alma. Ele acreditava que essas encarnações simbólicas nos conectam de forma direta com as grandes*

energias que regem o universo, e que perseguem seu objetivo por meio do projeto de individuação corporificado em cada um de nós.

Se colocamos a dimensão transcendente como missão, como aponta Hollis (2004), temos como compromisso deixar que nosso espírito entre em contato com as energias que regem o universo. A dimensão espiritual encarna outro panorama no paradigma da complexidade, por meio dela, nos tornamos mais sensíveis e abertos para a conexão entre a natureza humana e universal.

Capra (2002, p. 61) intervém ao destacar que nas experiências subjetivas, há três grandes caminhos de análise: o primeiro baseia-se na introspecção, método desenvolvido bem no começo da psicologia científica. O segundo é a abordagem fenomenológica no sentido estrito, tal como foi desenvolvida por Husserl e seus seguidores. O terceiro caminho baseia-se no uso dos abundantes relatos derivados da prática de meditação, especialmente na tradição budista, Seja qual for o caminho de sua escolha, esses cientistas cognitivos insistem em que não estão lançando um olhar casual sobre as experiências subjetivas, mas sim empregando uma metodologia rigorosa que exige uma capacidade especial e uma formação contínua, à semelhança das metodologias de outros campos de observação científica.

O cenário precisa ser montado e realmente não há como escolher apenas um, agregar as características o tornam mais rico, contudo para que esse olhar se instale, é necessário, como preconiza Tart (1980)²⁵ ocorrer a alteração dos estados da consciência:

[...] um Estado Alterado de Consciência [...] se pode definir como uma alteração qualitativa na pauta global do funcionamento mental, de modo que quem a vivencia sente que sua consciência é radicalmente diferente da maneira em que ordinariamente funciona. Um Estado de Consciência se define, pois, não em função de um conteúdo da consciência em particular, nem de um comportamento específico ou mudança fisiológica, senão em função da configuração geral do funcionamento psicológico. (p. 312-331)

O movimento de alteração da consciência faz com que o ser humano, leia o contexto social, identifique os principais aspectos de uma incongruência

²⁵ TART, Charles. Estados de consciência e ciência dos estados específicos. In: WALSH, Roger & VAUGHAN, Frances. Más allá del ego; textos de psicología transpessoal. Barcelona, Kairós, 1980. pp.312-331.

entre o ser e o estar no mundo, suas impossibilidades para conectar com as coisas do lado de dentro. Capra (2002) diz que a consciência dominante nesses momentos espirituais é um reconhecimento profundo da nossa unidade com todas as coisas, uma percepção de que pertencemos ao universo como um todo.

Sendo assim, destacamos os inúmeros estudos sobre a consciência e a dimensão espiritual, para que nos ajudem a tecer esse elo entre o universo e o humano.

Capra (2002, p. 81), assevera que a espiritualidade ou a vida espiritual, é geralmente compreendida como um modo de ser que decorre de uma profunda experiência da realidade, chamada experiência “mística”, “religiosa” ou “espiritual”. A literatura das religiões do mundo inteiro nos dá numerosas descrições dessa experiência, e todas essas religiões tendem a concordar em que se trata de uma experiência direta e não-intelectual da realidade, dotada de algumas características fundamentais que independem totalmente dos contextos históricos e culturais.

A subjetividade alia-se a espiritualidade ou seria o inverso? Creio que a experiência humana, percebida em sua dimensão plena, coloca-as em um mesmo nível, sendo interdependentes uma da outra e promotoras de uma interação que amplia a sua plenitude e a sua inteireza.

Capra (2002) sintetiza a nossa leitura de mundo quando salienta:

[...] quando olhamos para o mundo à nossa volta, percebemos que não estamos lançados em meio ao caos e à arbitrariedade, mas que fazemos parte de uma ordem maior, de uma grandiosa sinfonia da vida. Cada uma das moléculas do nosso corpo já fez parte de outros corpos – vivos ou não – e fará parte de outros corpos no futuro. Nesse sentido, nosso corpo não morrerá, mas continuará perpetuamente vivo, pois a vida continua. Não são só as moléculas da vida que temos em comum com o restante do mundo vivente, mas também os princípios básicos da organização vital. E como também a nossa mente é encarnada, nossos conceitos e metáforas estão profundamente inseridos nessa teia da vida, junto com o nosso corpo e o nosso cérebro. Com efeito, nós fazemos parte do universo, pertencemos ao universo e nele estamos em casa; e a percepção desse pertencer, desse fazer parte, pode dar um profundo sentido à nossa vida. (p. 82)

Ao emergirmos do caos, teremos reforçados os elos com a interioridade e os níveis da subjetividade humana, pois assim como Capra (2002) pontua, entendemos que o **fazer parte e ser parte [grifo nosso]** são inerentes a condição humana.

O reinventar-se conflui as tessituras entre o universo e o humano, mas acima de tudo, abre as janelas para que compreendamos o irreal e o ideal em uma teia que une as dimensões do humano.

5.1 - AS TEIAS QUE SE FORJAM ENTRE O IRREAL E O IDEAL: caminhos que buscam ir além das amarras, dos nós e dos laços

[...] as pessoas não se precisam, elas se completam... Não por serem metades, mas por serem inteiras, dispostas a dividir objetivos comuns, alegrias e vida.

*Mário Quintana*²⁶

Uma teia tem como função dar suporte para que o outro possa estar nela com segurança. Para nós, o que seria o irreal e ideal? No âmbito educacional, percebemos que temos muitas situações que se estruturam por meio de um movimento real que ultrapassa o irreal e por vezes não alcança o ideal.

²⁶ QUINTANA, Mário. Borboletas. Poema e Multimídia Disponível em <http://deviscience.wordpress.com/2009/06/24/borboletas-de-mario-quintana/> Acessado em 24 de fev. de 2008.

Quintana, célebre poeta, nos diz que somos pessoas inteiras dispostas a dividir o que está em nossas vidas, mas será que temos a real dimensão do que é ser inteiro em uma sociedade que escraviza pelo ter e para alcançar tudo o que existe no ter, sucumbimos ao que seriam os valores éticos e a um projeto ideal de humanidade.

O maior perigo da sociedade atual é não querer soltar as amarras dos nós, mantendo o que aprisiona e esquecendo-se que estamos aqui para um processo de libertação, de construção e novos sentidos.

Trevisol²⁷ (2004) escreve em versos como vemos a consciência humana, música a qual faz parte do CD A Dança do Universo:

Quero lhes falar da vida, do amor de cada coração, da paz que existe no universo, nos versos de uma canção. Palavras já não dizem muito, carecem de explicação. As coisas quando são intensas, são livres de interpretação. Os olhos não percebem tanto enquanto não houver unção, só quando despertar o encanto é que começa uma paixão. Imensas são as avenidas por onde a vida já passou. Estradas livres percorridas, marcadas pela luz do sol. Lá onde brilha a esperança, existe uma luz maior. Mensagens ficam na lembrança, sustentam as razões do amor. Não basta conhecer seu rosto, nem mesmo ir onde ela vai, se o coração não sente o gosto não vai saber viver em paz. Tem coisas que não se repetem e que não voltam nunca mais. Tão fácil também não se esquece daquelas que falaram mais. Da vida e do seu destino, do agora e do amanhã, dos sentimentos tão divinos, dos sonhos que a gente tem, do jeito de gostar da vida, também do jeito de morrer, ninguém tem sua missão cumprida enquanto a noite não vier.

Cada um tendo presente a sua missão, assim como diz os versos de Trevisol (2004), nos levará a estruturar outro panorama para a vida que se manifesta a partir de nós. Somos seres indecifráveis e de inúmeras interrogações, embora o discurso diga ao contrário, pois ele expressa o desejo de ser feliz e assim, tudo fica bem. A experiência da vida humana, não poderia, colocar um ponto final, no que pensamos ou sentimos.

²⁷ TREVISOL, Jorge. A Dança do Universo: Humana Consciência, São Paulo: Paulinas, 2004.

Os dias vividos remetem ao uso das reticências, não termina ali, há outro jeito de pensar e analisar a experiência. Se o sofrimento vier, é porque faz parte da vida, se a alegria for contemplada, também faz parte da aventura do viver. Interessa, portanto, desenhar uma realidade real, invés daquela que está nos sonhos, embora saibamos que os sonhos nos movem, é com certeza, eles que também podem romantizar uma experiência, impedindo o contato com a realidade, ficando a um nível irreal. Na perspectiva da tessitura, nada se exclui, unimos para compreender.

A compreensão que almejamos, vincula-se ao autoconhecimento do ser. O desvelamento é etapa primordial para desatar os nós, tornando clara cada emoção ou sentimento implicado.

Crema²⁸ (2008, p. 84) destaca que o que nos pesa é o que nós retemos, é aquilo ao qual nos apegamos, que não partilhamos, é o que não ofertamos, o que não servimos. Ser capaz de amar é ser capaz de servir. Servir a partir do que temos, a partir do que sabemos e, sobretudo a partir do que somos. O que lhe desejo é que em algum momento de usa peregrinação existencial, você possa afirmar, com um sorriso: confesso que servi. Toda a arte é não morrer antes de morrer... não morrer antes de ter vivido, amado e servido.

Reelaborar o que temos, nos eleva. Tudo o que escraviza pesa e não nos liberta. Crema (2008, p. 84) nos alerta que o amor é a terapia do Mistério. O que pode nos consolar sempre, é a compreensão de que o Amor maior é Absoluto, fonte e destino, enquanto o mal é relativo, é auto-esquecimento, é ignorância existencial. Como disse Cristo, nos ensinando a terapia do perdão: “Pai, perdoa-os, pois eles não sabem o que fazem”. Todas as pessoas que estão praticando violências, crimes e injustiças, são seres que se esqueceram de sua humanidade, que estão perdidos de si mesmos. Sendo o amor Absoluto, é ele quem dirá a última palavra. Isto é o que nos autoriza a sorrir, desde agora. Estamos condenados a amar.

A capacidade inerente ao amor, por vezes é esquecida e acabamos traduzindo o viver com a energia do dissabor. Pensar a aventura do humano é abrir-se a essa dimensão, deixar ser o que pulsa dentro de nós e não nos

²⁸ CREMA, Roberto. Da Normose à plenitude. In. BARROS, Maria Cristina Monteiro de. A Consciência em Expansão: os caminhos da abordagem Transpessoal na educação, na clinica e nas organizações: EDIPUCRS, 2008, p. 84.

preocuparmos com a forma, a manifestação espontânea revela a essência desse amor e os meios para alcançarmos o ideal, que seria uma humanidade voltada para o respeito a toda forma de vida.

Brinha-daranyaka Upanishad²⁹, da terapia perene dos hindus, citado por Crema ainda encerra de forma brilhante o ideal que perseguimos:

[...] o que for a profundidade do teu ser, assim será o teu desejo. O que for teu desejo, assim será tua vontade. O que for a tua vontade, assim serão teus atos. O que forem teus atos, assim será o teu destino. (1975, p. 25)

Temos, portanto um referencial, que pode ser tão sublime, quanto enigmático, tão profundo quanto leve e essencialmente voltado à inteireza do ser humano, pois, seremos como diz o autor, o que nossos atos nos fizerem ao longo da experiência de vida.

5.2 - DA INVENÇÃO AO REDESENHAR: cenários do cotidiano que gestam o previsível e o imaginável

“Não somos seres humanos que estão passando por uma experiência espiritual, mas nós somos seres espirituais que passamos por uma experiência humana”

Teilhard de Chardin³⁰

²⁹ UPANISHAD, Brinha-daranyaka. Apud CAPRA, Fritjof. O tã da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo, Cultrix, 1975, p,25.

³⁰ CHARDIN, Teilhard de. Palestra ministrada por Frei Vítório Mazzuco Disponível em http://www.franciscanos.org.br/noticias/noticias_especiais/retirosefras_06/03.php, acessado em 15 de abril de 2009.

Como seres espirituais, na maioria das vezes, deixamos de vislumbrar a riqueza que vem de cada um e reproduzimos comportamentos que não tornam essa dimensão viva e aberta ao transcendente, com deveria ser já em sua origem.

Santos (2000, p. 28)³¹ destaca que o amor ao outro implica, em primeiríssimo lugar, o amor a si mesmo. Isso quer dizer o seguinte: em primeiro lugar, eu me amo, eu gosto de mim, no sentido de estar satisfeito comigo mesmo, de ser capaz de ter minhas próprias ideias, de ter uma percepção correta do mundo que me cerca e de mim mesmo, bem como de saber sentir e lidar com meus sentimentos; de modo que não preciso do outro para viver, para me completar; quero o outro para amá-lo e ser amado por ele e assim enriquecer a nossa vida, completando-nos.

Para sairmos da invenção ao redesenhar cenários, temos que viver plenamente o amor, pois ele é a medida para desejarmos transformar o que não está bem. Se não tivermos esse sentimento definido dentro de nós, provavelmente todas as outras emoções estarão dissonantes. A busca, embora de proporção infinita, pelo amor, leva-nos a felicidade, mas uma é interdependente da outra, assim como pensar um cenário previsível e imaginável, se não soubermos ler esses sinais em nosso ser.

Talvez um dos grandes equívocos de parte da humanidade tenha sido ignorar a força que a dimensão espiritual associada ao amor instala em nossas vidas, sem esses parece que vivemos manipulados e só expressamos alguma coisa, se o sistema que nos aprisiona permite.

A vida humana é de uma riqueza inexorável, nós humanos carregamos uma marca que por mais que os demais seres vivos realizem as suas funções, nós ainda, somos capazes de amar e transformar o cenário mais triste. Conseguimos atribuir a ele cores e matizes para torná-lo mais vivo e resplandecente dentro de nós e a partir de nós.

Associo nossa reflexão, pensando nos cenários do previsível ao imaginável, com os estudos de Welwood³² (1999), referindo que o amor consciente inclui um nível de consciência e de responsabilidade elevados, nos

³¹ SANTOS, E.F. Ciúme: o lado amargo do amor. São Paulo: Gente, 2000.

³² WELWOOD, J. O amor consciente. In: WALSH, Roger; VAUGHAN, Frances (Org.). Caminhos além do ego: uma visão transpessoal. São Paulo: Cultrix, 1999.

quais, ao mesmo tempo em que aceitamos o outro em sua singularidade, com qualidade e defeitos, nos disponibilizamos para auxiliá-lo em seu amadurecimento emocional, assim como nos auto-responsabilizamos por nosso desenvolvimento emocional e psicológico. Assim, para o autor

[...] cuidar do crescimento de quem amamos nos faz exercitar as mais altas capacidades de nosso ser e nos ajuda a amadurecer. O desabrochar do amor consciente inspira o desenvolvimento de nossas mais nobres qualidades, temos a certeza, de estar utilizando-as ao máximo. As dificuldades de um relacionamento nos coloca diante de uma oportunidade de descobrir o amor como caminho sagrado, que nos inspira a cultivar aquilo que somos como integridade e profundidade. Em sua suprema capacidade de ação, o amor consciente leva [...] para além de si mesmos, em direção a uma maior conexão com a totalidade da vida. Em sua plenitude, o amor [...] alcança um sentimento de afinidade com toda a forma de vida e com o universo. (1999, p. 227),

As vivências amorosas possibilitam o que considero a conexão máxima com o sagrado. Por meio dele, podemos ampliar nossa consciência e trazemos aos cenários transitórios a experiência com o transcendente. Dando vazão a esse processo, saímos dos rótulos e dos padrões e compreendemos o imprevisível que circunda a experiência humana.

Quão previsíveis serão os dias que teremos por viver, não podemos justamente estabelecer um parâmetro, pois queremos romper, ousar e sonhar com espaços que tenham na energia universal, a força para redesenhar um cenário, no qual possamos acolher e dar um novo sentido a vivência do ser humano e mais especificamente ao processo de torna-se do educador.

6 – CONEXÕES E INTERLOCUÇÕES PARA UMA CULTURA DA INTEIREZA: OS CAMINHOS E AS REPRESENTAÇÕES QUE SUSTENTAM UM NOVO CENÁRIO

[...] o outro aspecto é resgatar valores. Escolher certos valores. Hoje estamos vivendo uma crise de valores. A humanidade cuidou da funcionalidade da vida, mas se esqueceu de trabalhar o "ethos humanus", a sua casa interior. O que está dentro de seu coração, de seu núcleo? É a pessoa que tem dentro de sua morada o amor. Tudo o que encanta.

Vitório Mazzuco Filho, OFM³³

Os caminhos que promovem uma nova forma de pensar pressupõem uma constante interlocução com todos aqueles envolvidos. Almejar uma Cultura para a Inteira do humano nos leva um processo intrínseco, ou seja, nos voltarmos para o que somos e pouco a pouco, desbravarmos a grande casa que cada um encerra.

³³ MAZZUCO, Vitório, OFM. Palestra proferida para o grupo de Retiro SEFRAS. Disponível em http://www.franciscanos.org.br/noticias/noticias_especiais/retirosefras_06/03.php, acessado em 15 de abril de 2009.

O cultivo de cada casa é pessoal, todavia o abrir as portas para partilhar o que está lá, inevitavelmente revelará o cuidado ou então o descuido com tudo aquilo que somos.

Valores dos mais diversos ao longo da história da humanidade foram sendo instaurados, objetivando explicar o racionalismo e o capitalismo que encharca as vidas de desculpas e padrões institucionalizados. Repetimos ciclicamente essas demandas e nos distanciamos do cultivo do que realmente poderia promover um salto de qualidade nas relações humanas e no terreno do *ethos humanus*, da casa individual. Um terreno que busca uma transformação no próprio espectro da sua consciência.

Pessoas que agem com a intenção do cuidado e da preservação, têm uma preocupação e abrem espaços em suas vidas para a compreensão das mais variadas experiências, rompendo justamente com os movimentos uniformes e conectando-se com a auto-expressão do que a casa interior suscita a cada nova vivência.

Ao propormos esse foco de pesquisa, sabíamos naturalmente que não teríamos respostas fáceis ou breves, indubitavelmente, estávamos cientes que iríamos provocar uma instabilidade pessoal e institucional. Não que tenhamos a pretensão de encerrar uma discussão sobre a temática da autoformação humana, pelo contrário, sabemos que o caminho é longo. As questões que envolvem a existência humana persistirão ainda de geração em geração, uma vez que não existe uma única face que possa expressar tudo o que liberta ou aprisiona o homem.

A experiência profissional, principalmente com a formação dos educadores, indicava-me que preencher as suas cabeças com teorias não seria o suficiente, como de fato, o cenário educacional nos mostra. Há uma carência existencial, uma necessidade de compreender-se e saber qual o seu propósito, o que os move, para depois, poder ser um elo entre o seu mundo e o dos alunos. Não convencemos por discursos infundáveis, tocamos o outro por aquilo que somos.

Penso que no seio da educação, nos preocupamos muito com as falas, com os números e com as quantidades e acabamos relegando o principal. Influenciamos a vida do outro e para que não sejamos os algozes do próprio

homem, carecemos produzir diálogos que movimentem inúmeras interlocuções sobre a experiência humana.

Frankl (1985) nos insere nesta dimensão de interlocução ao afirmar:

[...] lo que de verdad necesitamos es un cambio radical en nuestra actitud hacia la vida. Tenemos que aprender por nosotros mismos y, después, enseñar a los desesperados que **en realidad no importa que no esperemos nada de la vida, sino si a vida espero algo de nosotros [grifo nosso]**. Tenemos que dejar de hacernos preguntas sobre el significado de la vida y, en vez de ello, pensar en nosotros como en seres a quienes la vida les inquiriera continua e incesantemente. Nuestra contestación tiene que estar hecha no de palabras ni tampoco de meditación, sino de una conducta y una actuación rectas. En última instancia, vivir significa asumir la responsabilidad de encontrar la respuesta correcta a los problemas que ello plantea y cumplir las tareas que la vida asigna continuamente a cada individuo. (p. 79)

As condutas ou ações que Frankl se refere, quanto aos questionamentos sobre a vida, se associam justamente ao foco de nossa pesquisa, pois para além da compreensão do ser humano, precisamos promover um caminho que contemple uma autoformação reveladora de uma cultura que se institui pela inteireza do homem.

Só passará por esse processo, todo aquele que se dispor a penetrar em seus *ethos humanus*, não podemos obrigar ninguém a fazê-lo, mas há uma linha tênue que nos auxilia a provocar a desacomodação e fazê-lo ao menos vislumbrar esse caminho.

A vida que está presente em cada um de nós é única e o que fazemos dela precisa estar conectada com as ações inovadoras no campo educacional.

Frankl (1985) destaca ainda, que podem existir situações diversas, mas que elas dependerão, sobretudo de como percebemos o pulsar na vida em nossa vida:

[...] el significado de la vida, difieren de un hombre a otro, de un momento a otro, de modo que resulta completamente imposible definir el significado de la vida en términos generales. Nunca se podrá dar respuesta a las preguntas relativas al sentido de la vida con argumentos especiosos. “Vida” no significa **algo vago, sino algo muy real y concreto**, que **configura el destino de cada hombre, distinto y único en cada caso [grifo nosso]**. Ningún hombre ni ningún destino pueden compararse a otro hombre o a otro destino. Ninguna situación se repite y cada una exige una respuesta distinta; unas veces la situación en que un hombre se encuentra puede exigirle que emprenda algún tipo de acción; otras, puede resultar más ventajoso aprovecharla para meditar y sacar las consecuencias pertinentes. Y, a veces, lo que se exige al hombre puede ser simplemente aceptar su destino y cargar con su cruz. Cada situación se diferencia por su unicidad y en todo momento no hay más que una única respuesta correcta al problema que la situación plantea. (p. 79)

Entrelaçar os saberes e as intuições nos leva a um elemento que tende a esclarecer o sentido da vida preconizado por Frankl, que é a originalidade da pessoa humana. Queremos compreender sim, os cenários educacionais, mas novamente, reafirmo que essa percepção ou comprometimento com as transformações, terão um sentido, se olharmos para o nosso eu e desejarmos conectar as outras dimensões do viver, ampliando as próprias experiências existenciais.

Leloup (1996) contribui brilhantemente com seus estudos sobre o cuidado do ser, quando propõe-se a recontar a história dos Terapeutas de Alexandria, e neste recorte um destaque especial, para Fílon de Alexandria³⁴. Nos primórdios da civilização, com os gregos, identificamos a elevada busca pela essência, pela contemplação e pela comunhão da ciência, da arte, da filosofia e da mística. Era o desejo por uma Antropologia não dual, uma concepção de um ser humano em sua totalidade (corpo, alma e espírito).

Assim, Fílon refere-se à condição humana dentro de um quatérnio: *basar*, *soma*, a dimensão corporal; *nepshesh*, alma, a dimensão psíquica; *nous*,

³⁴ Fílon de Alexandria – Não há informações precisas a respeito deste Terapeuta ou Filósofo Grego, alguns situam seu nascimento no ano 30 a.C. Outros se referem ao início do *Legatio ad Caium*, no ano 20 a.C, mas para um tempo aproximado seria correto afirmar que seu nascimento ocorreu entre 20 e 10 a.C.; importa destacar que foi contemporâneo de Cristo. Enquanto *nascia na Judéia o cristianismo, como um movimento de crenças singelas, já se formava em Alexandria o embasamento racional de sua teologia trinitária que haveria de encontrar três séculos depois uma formulação mais coerente para a concepção de Deus com pluralidade de pessoas.*

a consciência sem objeto, a dimensão noética da psique em paz e, finalmente, *rouah*, *pneuma*, o sopro, a dimensão espiritual. Saúde plena, para os Terapeutas, refere-se ao corpo, à alma e ao *nous* quando habitados pelo Espírito; é a transparência do essencial no existencial.

A transparência do essencial no existencial associa-se ao processo reflexivo pretendido com esta tese, descer às profundezas do eu e dele fazer renascer uma essência tão resplandecente quanto o cristal.

Poderíamos fazer um tratado sobre a transparência, contudo ela permeia o viver humano, sem ela, não há como evoluir e nem estreitar as relações entre as pessoas, que nos leva a sair do aniquilamento e das amarras que estabelecemos em nosso interior.

Leloup (1996) corrobora a reflexão ao pontuar

[...] que antes de tudo, cuidar do que não é doente em nós, do Ser, do Sopro que nos habita e inspira. Também cuidar do corpo, templo do Espírito, cuidar do desejo, reorientando-o para o essencial; cuidar do imaginal, das grandes imagens arquetípicas que estruturam a nossa consciência e cuidar do outro, o serviço à comunidade, implicando o próprio centramento no Ser. (p. 09)

O cuidado que Leloup resgata dos terapeutas de Alexandria, destaca a função que eles exerciam, eram considerados tecelões, cozinheiros, que cuidavam do corpo, das imagens que habitavam nas almas do outro, do que os deuses diziam à alma, um psicólogo. Cuidavam da ética, para que o homem pudesse se tornar um sábio. Também era um ser que orava pela saúde do outro, queriam que a energia do Vivente estivesse junto a todos, para curar qualquer doença. Assim, o terapeuta não curava, ele cuida, a energia maior trata e cura.

Interessante a ótica, pois para eles, o cuidado do corpo se associava a uma mudança de roupa e da alimentação, o cuidar dos deuses era vigiar as imagens que habitavam em cada um, o cuidar do desejo referia-se a reorientá-lo quando esse se perdia e por último, entretanto não o menos importante, o cuidar do outro, uma busca pelo recentramento de si e do outro.

A busca desse recentramento era “*Chamar o nome do “Ser que É” sobre alguém é religá-lo também à sua Fonte de Vida, reconduzi-lo ao campo do Real, a partir do qual ele poderá, senão sarar, pelo menos relativizar seu sofrimento. Orar não é tanto recitar preces e invocações, mas ter seu ser no Ser a fim de que sua Presença se difunda ou se interiorize através dele na pessoa mal-aventurada.*” (Leloup, 1996, p. 31)

Novamente, está diante de nós, o passado de mãos dadas com o presente. Esse revolver a essência do que o homem foi e sua contribuição para a história da humanidade, nos leva a perceber que a proposta dos antigos terapeutas alexandrinos, tinha no recentramento do ser, o ideal de cada um Ser e Ser com o Outro, respeitando toda a natureza que os constituía.

Os elos continuam se unindo, não podemos desconsiderar o que se construiu, mas redimensionar, ler com outros olhos e até sentir de outra forma. A transparência existencial exige pensar na originalidade do ser e transgredir a própria natureza para nos conectarmos a uma nova cultura.

Leloup (1996) amplia essa ideia ao sintetizar o cuidado do ser:

[...] não significa ocupar-se com uma Existência, que se poderia apreender ou aconchegar no mais íntimo do ser humano; trata-se de uma transcendência interior, que é sempre dentro de nós o Desconhecido e o Inacessível. O Ser não é um “algo” qualquer, mas um Espaço, um Aberto que importa, manter livre. “ Deus é a liberdade do homem”. Cuidar dessa liberdade, não aliená-la a coisa alguma nem a ninguém, conservá-la viva e humilde... “Deus é a Santidade do ser humano”, isto é, o que nele há de Ser não se pode comparar a nada conhecido ou cognoscível. Conservar puro esse inominado..., cuidar no homem daquilo que escapa ao homem, pois se não houvesse em nós esse espaço, essa liberdade, essa santidade, esse incriado, não haveria saída para o que é condicionado, feito, criado... (p. 100)

Poderíamos revisitar todas as correntes históricas, filosóficas, antropológicas ou teológicas para destacarmos os caminhos que o homem decidiu percorrer, principalmente acolhendo a influência racionalista e capitalista na sua forma de ser e agir. Entretanto, estamos diante de um momento de transmutação. O interesse não está tão acentuado na aquisição

de mais comodidade, embora essa não seja ruim, mas há o desejo de pensar no ser humano que sente, fragiliza-se, sofre, alegra-se com as conquistas, com as superações e acima de tudo, carece de uma conexão direta com a sua elevação espiritual. Insisto que não são aquelas vinculadas às práticas das Igrejas, mas toda experiência mística ou não que possibilitará a ampliação dos seus níveis de consciência e compreensão de sua originalidade frente ao outro e a natureza que os une.

Os caminhos não serão os mesmos para todos, pois dependerá da vinculação que cada um fará ao longo de sua trajetória existencial, entretanto a interlocução com os mais diversos seguimentos e vivências tenderão a propiciar um cenário diverso, em que o ser humano possa perceber-se e doravante pautar sua ação profissional, considerando a sua consciência ampliada e o outro como um ser que se constrói mediado pela sua ação que está a desenvolver no seu cotidiano.

Moraes e Valente (2008), torna ainda mais verossímil a argumentação anterior

[...] se realmente reconhecemos a realidade como indeterminada, mutante, complexa, incerta, difusa e, muitas vezes, caótica, constituída de inter-relações e de interconexões lineares e não lineares, precisamos de métodos coerentes com estas características ontológicas. Se a realidade é imprevisível e incerta, precisamos de um observador pensante, reflexivo e criativo, um sujeito estrategista, capaz de criar procedimentos adaptáveis e ajustados à realidade, com possibilidades de enfrentar o novo e o imprevisto que acontecem durante a pesquisa. Tudo isso exige abertura e flexibilidade estrutural por parte do sujeito pesquisador e dos métodos utilizados para que possamos compreender as circunstâncias geradas pela pesquisa e responder às incertezas e às emergências, não apenas cognitivo-emocionais, mas também como produto de uma realidade complexa e, verdadeiramente, mutante. (p. 56)

Sendo assim, os caminhos respondem na maioria das vezes, a um propósito que carrega o desejo de contribuir para uma mudança e a pesquisa ora destacada, lançou-se tendo como objetivo imbricar duas realidades, a humana e a profissional, para tecer uma ação docente, mas também pensar um ser que necessita da sua auto-realização pessoal, para sentir-se pleno.

6.1 - AS PROVOCAÇÕES METODOLÓGICAS E O IR ALÉM DO ESTABELECIDO: O NASCIMENTO E A GESTAÇÃO DE UM CAMINHO QUE OUSA O DIFERENTE

[...] a espiral traz consigo a ideia de processo inacabado, algo em constante vir-a-ser; algo itinerante e impulsionado pela recursividade ou pela retroatividade inicial do processo. Como algo explicativo, a espiral apresenta também um efeito gerador, propulsor do conhecimento e da aprendizagem e expressa o processo interativo contínuo entre sujeito e objeto, superador de dicotomias, de exclusões e de negações do outro, bem como da simplificação das ciências.

Edgar Morin³⁵

Ao propor as espirais da subjetividade revelada na inteireza do educador para a construção do seu processo autoformativo, necessitamos penetrar no universo da originalidade do ser para compreendermos como os olhares passarão da contemplação a uma ação efetiva que proporcione as transformações necessárias para um novo modo de ver, sentir, significar e potencializar o conhecimento.

Moraes e Valente (2008) evidenciam que ao tomarmos como fonte de análise a dimensão subjetiva do ser humano, é preciso vincular essa ação à complexidade e conseqüentemente a um olhar transdisciplinar, pois:

[...] é uma realidade dinâmica, relacional, indeterminada, não-linear, difusa, e imprevisível. Uma realidade multidimensional, constituída de diferentes níveis: o macrofísico, microfísico e o virtual, e possuidora de uma natureza complexa. Assim a complexidade é responsável pela tessitura comum que integra e permeia os diferentes níveis da realidade. É também um fator constitutivo da vida e que permite essa tessitura comum e a existência de diferentes fluxos nutridores da vida e de seus processos relacionais, interdependentes e auto-organizadores. (p.21)

³⁵ MORIN, Edgar. Dimensão Metodológica. In MORAES, Maria Cândida, VALENTE, José Armando. *Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade?* São Paulo: Paulus, 2008

Ampliando o olhar e procurando tecer os fios que unem os diversos conhecimentos e formas de perceber a realidade, carecemos de uma sustentação efetiva para nossa pesquisa. Para tanto, a dimensão transdisciplinar e os princípios metodológicos desenvolvidos por Morin (2000) estarão presentes ao longo desta pesquisa.

Para Morin³⁶ (1996) *a complexidade exige métodos de pesquisa coerentes e abertos ao inesperado, ao acaso, e às emergências. Um método aberto à intuição, à imaginação e à criatividade. Enfim, um método mais de acordo com a dinâmica da vida e que não mais considere a realidade como imutável, estável ou fixa. Busca-se um método que já não despreze a subjetividade, a afetividade, nem as considere como fontes de erro. Almeja-se um método não como roteiro fixo, mas como referência que se transforme em prática, no exercício da própria pesquisa, percebendo que a realidade já não é tão previsível ou mesmo controlada por este ou aquele pesquisador ingênuo ou desavisado.*

O olhar transdisciplinar que envolve o aporte da complexidade revela-nos que compreender a realidade em questão, carrega a cientificidade e todos os meios de comprovação e validação, tais como aquelas intituladas pesquisas quantitativas. Cabe ao pesquisador um compromisso, por meio da interpretação e análise assegurar o teor que a realidade desvela.

Sendo assim, para realizarmos essa pesquisa acadêmica sobre as interrogações que nos acompanham no contexto pessoal e profissional, a metodologia utilizada é o caminho que norteia as ações.

Neste contexto optou-se pelo paradigma naturalista, pois este parte do ambiente natural do objeto de estudo (LÜDKE, ANDRÉ, 1986). Percebemos a importância de encaminharmos o processo de investigação partindo do contexto educacional no qual está inserida, neste caso, a escola e o próprio educador.

A pesquisa proposta está sustentada numa abordagem qualitativa, com ênfase na pesquisa-ação. Carr e Kemmis (1988):

³⁶ MORIN, Edgar. "Epistemologia da complexidade". In: SCHNITMAN, D.F. (org) *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

[...] recomendam aos professores uma oposição ao positivismo na prática, através de uma reflexão-ação permanente que também caracterizam como pesquisa-ação. A pesquisa-ação, assim compreendida, é simultaneamente, coletiva e individual, teórica e prática, envolvendo constante ação e reflexão em grupos de estudos que questionam seu trabalho e buscam aperfeiçoá-lo e aperfeiçoar-se. A interação que se estabelece entre teoria e prática e entre indivíduo e sociedade encontra-se no núcleo desse processo participativo e colaborativo de auto-reflexão. (p. 198)

Ao analisar como as espirais da subjetividade revelada na inteireza do educador podem construir processos autoformativos, desejo contribuir para uma reflexão que favoreça um novo olhar na forma de ser e estar no mundo e assim dar um novo sentido à construção do conhecimento e suas relações com os espaços subjetivos do ser humano, repercutindo em uma prática docente que faça a diferença e dando passos para promover uma cultura para a inteireza.

Para tanto, encontro respaldo na investigação que envolve a pesquisa-ação, pois esta considera os problemas que ocorrem em contextos nos quais os sujeitos estão envolvidos, procurando modificá-los, além de valorizar a participação e autonomia no processo, para assim transformar a realidade a qual está sendo investigada.

Serrano (1990) enfatiza e complementa esta proposta afirmando que:

[...] el proceso de investigación participativa que hemos descrito no termina con la planificación de determinadas acciones que se consideran prioritarias, pues el análisis continuo de la realidad, la ejecución de determinadas acciones con un carácter sistemático, nos llevan al descubrimiento de nuevas necesidades y problemas desde diferentes dimensiones de la realidad. De este modo se establece un proceso de retroalimentación permanente y la acción puede convertirse en fuente de conocimiento y en el camino para generar nuevas hipótesis. (p.152).

O processo descrito por Serrano (1990) envolve as seguintes etapas:

[...] identificação das necessidades, formulação das estratégias de solução, inventário dos recursos disponíveis, encaminhamento das possíveis soluções e elaboração de uma retroalimentação permanente que possa contribuir para uma melhoria social e educativa da comunidade. (p. 152).

Para proceder à realização da investigação na perspectiva da pesquisa-ação, utilizou-se a pesquisa cooperativa.

A pesquisa cooperativa envolve um trabalho conjunto e uma interação progressiva entre o pesquisador e os pesquisados. O objetivo da pesquisa cooperativa é contribuir para modificar as concepções das pessoas que participam da pesquisa, gerando inovações educacionais.

Reason exemplifica que a dimensão da pesquisa cooperativa consiste em uma *idéia simples*: “*consiste fundamentalmente em que as pessoas trabalhem juntas, como co-pesquisadoras, explorando e modificando seu mundo.*”(1988, p.18)

Nesse tipo de pesquisa, a comunicação entre os participantes da investigação é muito importante, a evolução da mesma está condicionada ao crescimento de todos que estiverem envolvidos no processo de reflexão.

Serrano (1990) esclarece que

[...] la investigación colaborativa implica el trabajo en equipo de investigadores, técnicos y profesores, que juntos, caminan hacia la búsqueda de soluciones a un determinado problema. Exige un trabajo en equipo desde el comienzo del proceso hasta el final del mismo. Esto significa que todos tienen la misma responsabilidad en la toma de decisiones, pues al trabajar de forma conjunta, es decir cooperativa, todas las decisiones afectan a la totalidad de los miembros. Ahora bien, como cualquier equipo que funcione con una cierta organización, cada miembro deberá desempeñar unos determinados roles con el fin de que los resultados obtengan un carácter positivo para todo el equipo. (p. 153).

O desafio da pesquisa cooperativa é que o trabalho reúna os recursos em comum, os interesses e a capacidade profissional, para alcançar a construção de propostas que venham beneficiar o ambiente no qual se está inserido.

Nos estudos desenvolvidos por Moraes (1991) sobre a pesquisa cooperativa percebe-se a influência na ação dos educadores:

[...] assumir novos riscos, de produzir constantemente transformações no próprio trabalho, esse espírito inovador parece ser um elemento muito importante nessa fase da vida dos professores. [...] é importante salientar que, pelo que os professores falam parece que há duas forças agindo sobre o professor: uma tendendo para a segurança de um trabalho já dominado pela prática anterior, o que leva à constância e manutenção de determinadas propostas de trabalho. Outra, movida pela necessidade de avançar e de se realizar, o impulso criativo e auto-realizador, que faz com que o professor permanentemente ponha em xeque idéias já estabelecidas na tentativa de aperfeiçoar suas propostas e a si próprio. (p. 173)

A proposta da pesquisa cooperativa, na qual todos trabalhem em prol de um objetivo maior, acredito ser adequado para o propósito desta investigação.

Moraes ratifica esse pressuposto ao afirmar “*sem mudanças não há possibilidade de o professor avançar em sua educação. E, como as mudanças não podem ser feitas individualmente, transparece novamente a importância dos grupos de estudos.*” (1991, p.179)

Quando educadores, por meio de sua subjetividade encontram um espaço para falar das suas dimensões auformativas, inevitavelmente o processo reflexivo se alarga e provoca transformações na ação cotidiana.

6.1.1 - PROPOSTA DE TESE

Potencializando as espirais da subjetividade do educador, os processos autoformativos encontrarão um caminho para desenhar-se e reinventar-se buscando um olhar e uma ação que mediatize as dimensões da inteireza e a interlocução com o fazer pedagógico, propiciando um real entrelaçamento entre o ser e o fazer.

6.1.2 - PROBLEMA

Como as **ESPIRAIS DA SUBJETIVIDADE** podem modificar a **ESSÊNCIA do EDUCADOR** e influenciar no seu processo autoformativo de **SER E ESTAR** no mundo, para contribuir na construção de uma **PEDAGOGIA para a FELICIDADE**, penetrando no real objeto do contra-senso da prática educativa na atualidade?

6.1.3 - OBJETIVOS

- Analisar os aspectos que constituem a originalidade do homem, buscando identificar a dimensão subjetiva que se constrói no seu processo formativo.

- Compreender as limitações que envolvem a autoformação do educador na perspectiva de sua inteireza, identificando as implicações que impedem uma ação docente sustentada em uma visão transdisciplinar e autotransformadora.

- Analisar como a subjetividade revelada pela inteireza do educador pode construir processos autoformativos que propiciem transformações na ação pedagógica e na mediação de novas formas de ser e estar no mundo.

- Propiciar a reflexão sobre as espirais da autoformação, dimensões que podem favorecer um novo olhar frente à reinvenção do educador e ao seu compromisso com uma postura ética e comprometida com a ampliação da consciência universal.

- Estabelecer uma meta-análise das transformações ocorridas com os co-pesquisadores durante o processo da pesquisa, na perspectiva de compreender a ampliação de consciência e as dimensões que compõem a sua inteireza.

6.1.4 - QUESTÕES DE PESQUISA

1 – Como a compreensão da essência que constitui o homem pode tornar possível desenhar uma nova forma de ser e estar no mundo?

2 – O universo do ser e a sua originalidade em interação com o outro, poderão produzir novos olhares na promoção dos processos de complexificação visando às transformações que os espaços sociais exigem?

3 – Como as espirais da autoformação do educador, poderão desencadear possibilidades diferenciadas para empreender um novo olhar e mediatizar o conhecimento e suas interações com o outro e consigo?

6.2 - O HUMANO CONSTRUINDO AS INTERLOCUÇÕES COM AS CONEXÕES TRANSCENDENTES: OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

[...] um educador é inconsciente ou corajoso. Depois da lucidez prudente e da liberdade de apostar, a coragem é sua virtude indispensável. O educador que se quer consciente do sentido de sua ação deve ter coragem de educar, em razão, por um lado, do significado da educação no contexto humano atual e, por outro, do risco que sua ação comporta.

Hubert Hannoun³⁷

A ação educativa pressupõe uma ousadia que Freire já acentuava em suas obras que denunciavam o desprestígio educacional, mas que também faziam alusão, a pessoa do profissional por trás do giz.

No exercício docente, ao longo destes anos, fui me apropriando das suas ideias e estando em um meio não tão privilegiado economicamente, conseguimos traduzir tais postulados em ações concretas para uma proposta pedagógica que nasceu do coletivo, umas das ideias mais acentuadas do famoso educador brasileiro.

Conforme as referências descritas nos capítulos iniciais, sempre tive um sentimento incomodo quanto às expectativas da vida, não queria viver pensando em trajetórias lineares, o convencional não chamava minha atenção, pelo contrário, queria estar à margem, acolher os excluídos e incluir jeitos diferentes de tornar-me educadora.

Uma pesquisa de cunho cooperativo tem esse propósito, assim como os participantes se modificam, a pesquisadora, como parte integrante, também faz esse movimento que envolve uma transformação. Talvez, para nós, que além

³⁷ HANNOUN, Hubert. *Educação: certezas e apostas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 166

de pensar os caminhos da pesquisa, acompanhar a trajetória de cada participante e compreender as mutações que acontecem no nosso íntimo, seja um dos maiores desafios, para quem necessita apontar interpretações para tornar fidedignos os questionamentos de uma tese.

Sinto fortemente o envolvimento com os sujeitos da pesquisa e com o local no qual estão inseridos, uma vez que, motivaram-me a desbravar o previsível e construir um espaço que está se tornando diferente, justamente pela opção em fazer junto, tornar o espaço mais do que democrático, um espaço que tem o princípio do diálogo, da reflexão e da interação.

Poderia dizer que, se chegamos a esse nível estaríamos prontos. Não! Não estamos! Há muito ainda o que fazer. Estamos em um nível satisfatório de um projeto pedagógico, todavia, a unidade na diversidade, a utopia de tocar o coração de nossos alunos, ainda é um divisor que necessita ser alcançado. A fundamentação para o projeto pedagógico está alicerçada em uma filosofia franciscana, ou seja, Francisco e Clara de Assis, expoentes maiores de um período histórico da Idade Média, que ousaram iluminá-lo, pois foi considerado por muitos, como a Idade das Trevas. Não havia espaço para ideias inovadoras ou de liberdade.

Francisco de Assis buscou justamente essa liberdade. Filho de um rico comerciante italiano abdicou de tudo o que poderia ser facilmente conquistado, para percorrer um caminho que trouxesse a sua libertação. Evidentemente, que sua vida teve um divisor de águas, antes e depois de sua conversão ao projeto de Jesus Cristo.

Inicialmente, pelo acesso à riqueza do pai, tudo fazia, desperdiçava muito dinheiro, tratava mal os menos favorecidos e vivia pelas ruas de Assis, na boemia. Aventurou-se nas guerras, a fim de ganhar fama e tornar-se um herói diante de seus amigos, entretanto, algo o tocou profundamente ao ouvir um pedido para reconstruir a igreja de Cristo.

No início não compreendeu o pedido, mas ao deparar-se com a cruz de São Damião, compreendeu que não era a igreja material que deveria transformar, mas, sim, o coração do homem. O conflito entre o auxílio aos menos favorecidos e a riqueza do pai ganhava contornos graves e percebendo que a atitude do pai não seria demovida, rompe com ele, com a casta dos

comerciantes, com a herança, com o nome da família e parte para concretizar o projeto evangélico que havia se comprometido, de restaurar a casa do Pai.

O encontro com o leproso foi um dos momentos mais marcantes em toda a sua trajetória de vida. Um rapaz que tinha tudo, de repente se compraz em querer ser e sentir como os pobres sentem e viver a sua profunda pobreza.

Distantes oitocentos anos da história de Francisco de Assis, podemos ter um olhar romanceado para a sua história de vida, entretanto, pelos relatos biográficos, percebemos que a opção que assumiu em tornar-se tão pobre quanto o pobre, levou-o a uma elevação espiritual que nenhum outro ser humano pode alcançar. Ele é considerado, pela sua santidade, o humano que mais se assemelhou a Jesus Cristo, encarnando seu evangelho.

O homem Francisco de Assis, é na verdade alguém que ousou romper com todos os paradigmas de uma época, enfrentou reis e poderosos em nome de uma causa maior, o auxílio aos necessitados, contudo nele percebemos o que hoje ansiamos uma inteireza quase que total, pelo abandono que se permitiu, ao dar pão àquele que tinha fome e água ao que tinha sede. E se necessário fosse, ficava sem o alimento, para saciar a fome do irmão. Claro, que para os parâmetros daquela sociedade, este foi o caminho encontrado.

Em um dos documentos do projeto político pedagógico da mantenedora³⁸, encontramos o substrato que elucida a importância de Francisco de Assis, na concepção das escolas franciscanas:

[...] entre junho e dezembro do ano 1182 ou 1183, a cidade de Assis, no vale de Espoleto, na Itália, viu nascer uma criança, cuja vida se tornou conhecida e admirada no mundo inteiro. No batismo, recebeu o nome de João de Pedro de Bernardone (Giovanni di Pietro di Bernardone). Como seu pai estivera ausente de casa neste período, em viagem de negócios à França, quando retornou, mudou o nome de João para Francisco. Sua mãe Pica, de origem francesa, educou seu filho nos costumes da burguesia ascendente na época, e na vivência religiosa católica. Na juventude, exerceu a profissão de seu pai no comércio. Era muito alegre e pródigo. Pertenceu ao movimento cavaleiresco. Como jovem alegre e festivo, conquistava a simpatia de muitos. No seu modo de relacionar-se, conservava a cortesia e a sensibilidade com o outro.

³⁸ Associação de Educação Franciscana da Penitência e Caridade Cristã - AEFRAN-PCC. *Projeto Político Pedagógico*, 2002.

Na história de Francisco, não podemos separar dois encontros no processo de mudança de vida. Ambos estão intimamente relacionados. São os encontros com o leproso e o Cristo Crucificado. Francisco ouve da imagem de um Crucifixo, na Igreja São Damião, o seguinte apelo: “*Francisco, não vêes que a minha casa está em ruínas? Vai, pois, e restaura-a para mim.*” De que casa o Crucificado estava falando? Francisco entendeu que era a igreja e tratou de restaurá-la. No entanto, a história foi mostrando, aos poucos, a amplitude da restauração necessária, querida por Jesus Cristo. Cada ser humano é uma casa habitada pelo Sagrado. Cada rosto humano, ferido em sua dignidade, é uma imagem que clama por restauração. Francisco compreendeu essa mensagem e foi ao encontro do leproso. O encontro com o leproso despertou nele um novo olhar e um novo sabor de viver. Francisco reconhece que foi o Senhor que o conduziu ao meio dos leprosos. A força propulsora do amor, que move para o encontro, vem do Senhor. O encontro com o leproso transformou o olhar de Francisco e o colocou no caminho da penitência evangélica, isto é, no caminho da conversão do coração.

O novo modo de vida a partir do olhar do pobre significou, para Francisco, uma ruptura com o olhar dos que se colocam sobre os outros. Essa ruptura implicou um novo modo de conviver e ser no mundo: ser irmão menor, seguindo os passos de Jesus Pobre, Humilde e Crucificado, entre os que estão do lado de fora dos muros de Assis. Tal ideal de vida atraiu muitos jovens de Assis e arredores, que junto a ele se uniram e formaram uma fraternidade, posteriormente chamada de Ordem dos Frades Menores³⁹.

A minoridade caracteriza o movimento franciscano por um modo de ser com os outros, de colocar-se numa relação de fraternidade e cuidado com o outro. A regra primeira a ser observada e vivida na fraternidade é o evangelho de Jesus Cristo. O seguimento de Jesus Cristo Pobre, Humilde e Crucificado mobilizou todo o ser de Francisco na convivência com o outro.

O caminho de Francisco e o seu modo de viver acharam-se sob a grande influência da presença iluminadora de uma mulher, chamada Clara de Assis, que, para a Ordem Franciscana, é a referência co-fundadora do carisma e da espiritualidade.

Inspirada no carisma de Francisco e Clara, uma jovem mulher, com pouquíssima instrução, Catarina Damen, uma holandesa, também desejava contribuir com a causa da evangelização e ousou movimentar tudo o que era

³⁹ O Movimento franciscano é constituído por três ordens: Primeira Ordem: Ordem dos Frades Menores (OFM); Segunda Ordem: Ordem das Irmãs Clarissas; Terceira Ordem: Ordem Franciscana Secular (OFS) e Terceira Ordem Regular (TOR).

impossível para dar forma a um sonho, criou uma congregação que se espalhou pelo mundo, tendo como missão o serviço aos necessitados.

[...] a Fundadora Catarina Damen, filha de simples camponeses, nasceu no dia 19 de novembro de 1787, no povoado de Laak, ao Sul dos Países Baixos. Viveu num período de grande intranquilidade religiosa e política. Durante esses anos difíceis, cresceu sua confiança na amável providência do Senhor. Esta a acompanhou ao longo da vida, de tal forma que, mesmo quando os caminhos se lhe pareciam fechar, Catarina continuou a confiar em Deus.

Muito jovem ainda, empregou-se como auxiliar doméstica no vizinho povoado de Maaseik. A volta do exílio dos frades capuchinhos foi para ela um acontecimento de grande importância, visto que a introduziram na espiritualidade franciscana. A 12 de outubro de 1817, na pequena igreja dos frades, Catarina fez sua profissão perpétua na Terceira Ordem Secular de São Francisco. Muitas vezes se referiu a esse fato como ao maior de sua vida, pois foi nesse dia que fez sua entrega total a Deus.

Catarina e suas companheiras da Ordem Terceira dedicavam seu tempo livre aos pobres, aos doentes e às crianças. Essa experiência preparou-a para ir ao povoado de Heythuysen, quando o Padre van der Zandt, em 1825, solicitou ajuda para o cuidado das crianças abandonadas de sua paróquia. Ao chegar sozinha, Catarina não teve boa acolhida. Contudo, apesar de o Padre ter pouca confiança em suas habilidades, ela não tardou em conquistar o respeito e a estima dos moradores do povoado, especialmente das crianças. Conforme antiga crônica, “ela lhes ensinava trabalhos manuais e lhes falava sobre o Senhor”.

Em 1827, juntaram-se a Catarina três companheiras, atraídas por seu amor a Deus e aos irmãos. Ela recebeu cada uma com singeleza e cordialidade. Durante oito anos, as quatro moraram numa pequena casa, construída por elas mesmas no centro do povoado, compartilhando uma vida de oração e serviço, conforme o espírito de São Francisco.

Quando Catarina, inspirada a fundar uma comunidade de religiosas, levou seus planos ao Bispo de Liège, a recusa do prelado não abalou sua confiança no Senhor: “Nada consegui, mas continuemos a confiar em Deus. Ele proverá.” Suas palavras se cumpriram. Mais tarde o Bispo aprovou seu pedido, e pessoas generosas ajudaram as quatro irmãs a comprar uma casa grande e abandonada, fora do povoado, conhecida como “Kreppel”. Mudaram-se para lá a 10 de maio de 1835, dia que hoje é considerado como data de fundação da Congregação.

A 11 de fevereiro do ano seguinte, as primeiras cinco irmãs receberam o hábito franciscano. Catarina, agora conhecida como Madalena, tornou-se superiora da pequenina comunidade, que seguia a Regra da Terceira Ordem de São

Francisco. Ocupou esse cargo até 1840, quando atendendo à sugestão do Padre van der Zandt, tranqüilamente o entregou à jovem Irmã Theresia Rooyackers. Com alegria e gratidão, viu sua confiança de que “Deus Proverá” inteiramente justificada, à medida que a comunidade crescia contra todas as expectativas humanas. Madre Madalena continuou em oração e humilde servir até sua morte, no dia 7 de agosto de 1858. A Congregação, que seis anos antes recebera a aprovação pontifícia, então já consistia em 17 fundações, exatamente como a Fundadora predissera.

Dos Países Baixos a Congregação se estendeu para o exterior e hoje procura ser presença franciscana também na Alemanha, na Polônia, na Indonésia, no Brasil, nos Estados Unidos, na Itália, na Tanzânia, no México, na Guatemala e no Timor Leste.⁴⁰

Os educadores que trabalham nas escolas franciscanas não sairão descalços pelas ruas para alimentar sua fome, mas herdaram de Francisco e Clara, uma profunda vivência do amor ao outro.

Falávamos dos gregos, passamos pela história da Idade Média e se fossemos destacar mais algum momento da sociedade, perceberíamos que em todos eles, o homem sempre quis a liberdade. Em Francisco e Clara de Assis, fica transparente o desejo de primeiro conhecer-se para então ser como o irmão menor. Decorrem dessa reflexão, os pilares de uma educação franciscana, que deseja educar para a vontade, a inteligência e o coração. Uma tríade que passa pelo coração do homem, educa a vontade e aciona os níveis intelectuais para promover o conhecimento. Conquanto não se constitua uma tarefa corriqueira, subjaz um desprendimento do educador que a formação acadêmica não contemplou. Para tanto, o compromisso das escolas em propiciar a formação continuada dos educadores, para que os mesmos possam viver os princípios franciscanos em seu cotidiano e assim alçar em seu planejamento docente, a possibilidade de seus alunos encantarem-se por essa proposta e darem continuidade, por meio de suas ações, no projeto maior, que a vivência da fraternidade. E essa dimensão fraterna acontece, na medida em que nos desprendemos do ter e caminhamos em busca de um ser que

⁴⁰ O presente texto foi elaborado, no ano de 2002, pela equipe de coordenadoras pedagógicas das escolas da AEFran – PCC, a partir dos marcos referenciais de cada escola, das Fontes Franciscanas e das Constituições Gerais da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã.

compreende as necessidades humanas, todavia se autogesta no confronto do próprio ser e ter.

De uma proposta maior, então encontramos, o Colégio da Imaculada, localizado em Canoas, mantido pelas Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, da Província de Porto Alegre. A missão da mantenedora envolve o trabalho com escolas, hospitais, trabalhos sócio-educativos, assistenciais e missionários.

O Colégio da Imaculada, atualmente conta com cinquenta e dois anos de existência, sendo a instituição mais jovem da província, as demais escolas já contam com mais de cem anos de história. Instalar-se no bairro Rio Branco, deveu-se a necessidade de mais vagas para as crianças. Com a união da própria comunidade e da Igreja, os mutirões construíram a pequena escola. Chegou, no período das grandes indústrias no bairro, atender mais de dois alunos.

Atualmente atende a Educação Básica, contemplando da Educação Infantil ao Ensino Médio e a Educação Profissional – Curso Técnico em Informática, aproximadamente em torno de setecentos alunos. Um fato destaque envolve os alunos, pois esses trazem os filhos e assim sucessivamente, há quase quatro gerações contando a história do colégio e da própria comunidade.

Percebo que o fato de retornarem com os filhos e netos para a escola, envolve um vínculo afetivo que parece não se desfazer com o passar dos anos e com a mudança das pessoas que trabalham no momento atual. O carisma passa pelas gerações e por isso o compromisso mais acentuado daqueles que chegam e começam a fazer parte dessa história.

Comecei a fazer parte desta história em 1996, substituindo duas coordenações, uma que ficou por mais de dez anos e outra que ficou brevemente e não se adaptou ao contexto escolar. Uma marca desde o início foi o estabelecimento da parceira com cada um dos educadores, queria somar e construir alguma coisa de valor junto. Creio que essa ação tenha sido a marca que possibilitou a concretização da pesquisa junto ao grupo de educadores. Havia uma fundamentação filosófica em função da mantenedora, mas não um projeto pedagógico delineado e em ação.

Envolvemos todos os segmentos do colégio, na construção do projeto, o trabalho transcorreu ao longo de dois anos. Nasceu o marco⁴¹ situacional, doutrinal e operativo. Esses conseguiram retratar fielmente os anseios do grupo dos educadores e da realidade escolar.

O Marco Situacional expressa o contexto no qual estamos inseridos:

Vivemos num país Latino-Americano e, pelas razões historicamente conhecidas, pertencemos ao conjunto dos países terceiro-mundistas, em função das condições de sub-desenvolvimento em que nos vemos jogados, em grande parte, causados pela exploração sistemática de nossas riquezas naturais por países europeus que nos submetem à mera condição de colônia.

Ao contrário do que muitos sustentam, apesar da nossa independência política, continua a nossa dependência econômica, cultural, social, tecnológica, científica e - porque não dizer também - ideológica e religiosa. Por isso, a grande maioria da população vive em situações desumanas, sem sequer ter acesso a condições mínimas de dignidade. Apenas uma pequena minoria - as elites econômicas, intelectuais e sociais - concentra e, cada vez mais, as riquezas da nação, na medida em que estão aliados aos interesses dos grandes grupos econômicos internacionais.

Os interesses do capital caminham na direção da globalização da economia, o que virá acentuar ainda mais o desemprego e a conseqüente marginalização, em todos os níveis, de grandes contingentes populacionais que não têm acesso à escola ou a uma preparação profissional de acordo com as exigências do mercado de trabalho pós-moderno.

Nosso dia-a-dia está marcado pelo terrível poder e influência dos meios de comunicação de massa que disseminam a ideologia das classes dominantes, permeada de valores alienígenas e que manipulam a consciência de grande parcela da população que não tem sequer condições de discernimento - são pobres com cabeça de rico - e, por isso, se vêem estimulados incessantemente ao prazer sem limites, à cobiça desenfreada, à desestruturação familiar, à violência, à marginalização...

Os sucessivos planos econômicos-políticos acentuam a opressão, a segregação e a exploração da população que, sem as mínimas condições humanas e econômicas se vê, cada vez mais, empurrada para a economia informal como condição de sobrevivência, quando não cai na prostituição, no roubo, no assalto, na marginalização enfim.

⁴¹ COLÉGIO DA IMACULADA: Marco Referencial. Canoas, 1996

O modelo econômico capitalista incentiva a concorrência, a competição sem limites, o “quem pode mais chora menos”, o “cada um por si e Deus por todos”, o que não se limita apenas à economia, mas também se manifesta nas relações interpessoais. Isto somado à sistemática exploração do trabalho humano e à destruição ecológica inescrupulosa acentua ainda mais as injustiças sociais e vem degradar a dignidade sagrada da pessoa e o seu direito a um trabalho e a uma vida digna, na condição de criaturas e filhos de Deus.

As pessoas têm negado os seus direitos de cidadão uma vez que não podem participar das decisões políticas e econômicas que afetam as suas próprias vidas e que, privilegiam a determinados grupos. Por isso, os cidadãos em geral não têm acesso à saneamento básico, à saúde e atendimento médico-hospitalar decente, enfim, a políticas de assistência social efetiva. As suas contribuições e a de outros, em forma de impostos pagos, são seqüestrados por políticos corruptos e inescrupulosos que deles se aproveitam e/ou os destinam a terceiros, os quais normalmente representam.

O bairro em que nos localizamos é um retrato mais ou menos fidedigno e, talvez até piorado, do que acima descrevemos. A maioria da população vive em condições de confinamento, provocado pelo superpovoamento, originário da migração intensa de famílias sem teto, sem um pedaço de chão para se estabelecer e trabalhar, dentre outros. A quase totalidade deles carece de toda e qualquer infra-estrutura

Para todos os lados, porém, brotam iniciativas na luta pela promoção da vida, da justiça, da dignidade, da solidariedade comunitária e universal, tais como, por exemplo, grupos de jovens cristão-católicos, grupos de casais e outros, preocupados e mobilizados na construção de uma sociedade justa e fraterna.

Na condição de educadores do Colégio da Imaculada, temos consciência da realidade sócio-econômica em que estamos inseridos e nos sentimos no compromisso de contribuir, efetivamente, na transformação da mesma, na direção da justiça, da igualdade e da fraternidade cristãs.

Igualmente, enquanto Instituição Educacional envolvida com educação formal, queremos colaborar ativa e sistematicamente na conscientização de nossa população juvenil sobre a realidade social, política, econômica, cultural e religiosa que nos envolve para que, na condição de cidadãos conscientes, comprometidos e organizados, possam assumir-se como efetivos agentes de transformação. (COLÉGIO DA IMACULADA, 1997, p. 04).

O Marco Doutrinal revela a inspiração para promover a pessoa humana e a sociedade na qual irá viver e conviver:

O Colégio da Imaculada, fundado e mantido pelas Irmãs Franciscanas, juntamente com seus educadores, propõe uma educação inspirada no Carisma de São Francisco e Madre Madalena, fundamentados nos valores da Fé, da Confiança, da Paz e Simplicidade, e empenha-se na construção de uma pessoa:

- que seja sujeito da História, buscando sua identidade, aberta ao diálogo e às diferenças de cada ser humano;

- que resgate a sua dignidade de pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, respeitando o direito de vida do outro;

- fraterna e capaz de acolher as diferenças sociais, valorizando e abrindo espaços para que o outro possa também se sentir agente da sociedade;

- solidária e que lute a favor de um mundo em que há possibilidade de expressar seus afetos e emoções, promovendo a alegria, a partilha e a amizade, privilegiando o processo de aprendizagem de forma cooperativa e participativa;

- conhecedora e convicta dos valores evangélicos, amando-os e vivendo-os numa atitude de fé e esperança, respeitando os diferentes credos;

- dinâmica e criativa, favorecendo um ambiente onde haja troca e partilha, oportunizando um crescimento interpessoal numa relação saudável;

- consciente do valor da vida em si mesmo, assumindo um posicionamento crítico e ético diante das forças manipuladoras do materialismo consumista e tecnicista;

- preservadora de toda a Criação numa relação harmônica com o Cosmo.

Diante desta realidade desejada quanto ao ser e agir da pessoa humana, queremos envidar todos os esforços na busca de uma sociedade:

- libertadora, para que todas as pessoas possam exercer sua cidadania de forma livre, crítica e consciente;

- justa, onde todos tenham os mesmos direitos e oportunidades;

- fraterna, para que todos possam sentir-se parte integrante do todo e cultivar relações interpessoais;

- construtiva, onde todos se sintam desafiados a construir o próprio saber, responsáveis pelo melhoramento e progresso da sociedade da qual fazem parte.

- humana, em que todas as pessoas possam compartilhar seus valores, idéias, sentimentos, emoções num equilíbrio harmônico.

- organizada para que todos possam ter acesso aos bens, aos recursos e às facilidades tecnológicas visando o bem comum;

- promotora de um ambiente sadio e lúdico, onde as relações com a Criação favoreçam a defesa e explosão de vida de todos os seres, em todo o planeta. (Colégio da Imaculada, 1997, p. 06).

O Marco Operacional aponta a união dos dois acima, almejando na prática a concretização do projeto pedagógico:

Buscamos construir a experiência da contemplação, resultado do esforço educativo nosso, onde os frutos de uma educação humanizadora sejam conseqüência de um clima de diálogo, de uma relação recíproca e da ação centrada na entreajuda. Buscamos construir, num espírito de humanização, vivências que permitam a prática da simplicidade, da criatividade, da dinamicidade, da alegria, sobejamente valores encontrados em toda a Espiritualidade Franciscana.

Nosso Colégio quer ser inculturado, encarnado e inserido em seu contexto, deixar-se penetrar e mediatizar toda a sua ação pela realidade tanto a próxima quanto a distante. Ao mesmo tempo em que se insere, assume, em suas práticas diárias, o compromisso com a cidadania, com a valorização da vida e com a vivência dos grandes Princípios Franciscanos da afetividade, da inteligência e da vontade.

Este Colégio que construímos no dia a dia, quer se plantar por uma relação de ética comunitária para que as pessoas que aqui interagem sejam valorizadas por aquilo que são, por aquilo que semeiam e constroem. Os educadores e os educandos são sujeitos interativos neste trabalho, agentes construtores desta história onde a experiência da libertação seja fruto da formação da consciência crítica e da prática da liberdade. Buscamos uma educação que quer contribuir na formação de pessoas efetivamente competentes no domínio do conhecimento, conscientes da realidade e de posse da necessária compreensão das ferramentas para colaborar na transformação desta realidade, assim como, carregados de uma profunda paixão, de uma incessante misericórdia, de uma capacidade de gratidão e de perdão, onde o modo típico de ser franciscano, perpassa o pensar, o sentir e o agir em nosso fazer pedagógico.

A metodologia a ser implementada deve conduzir a um processo que permita situações de auto-avaliação, de avaliação interativa, porque entendemos que devemos desencadear um processo onde o conteúdo programático, os recursos didáticos, as dinâmicas de trabalho contribuam para fazer uma pessoa mais feliz, seguindo o ideal franciscano. Todo trabalho educativo deve ser participativo, condição para a geração de uma comunidade que partilha sonhos e idéias, que viabilizem a unidade, que seja sinal de presença do Reino de Deus nesta realidade ausente da vida e carente de expressões que empolguem e dinamizem o ser humano como sujeito de dignidade e justiça.

Este mesmo modo do fazer acontecer participação deve estimular a capacidade de observar, de contemplar, de contribuir para uma prática pedagógica lúdica e alegre, espontânea, mas com direção e rumo, conforme aqui definidos. Esta forma de planejamento de nossa Escola e do modelo educativo que nos propomos levar à formação de pessoas que

construam seu Projeto de Vida com autonomia, cooperação, reciprocidade e de responsabilidade pela Vida, a de todos e de toda vida.

Almejamos um Colégio onde a educação que aqui se faz provoque o sujeito a buscar cooperativamente a construção do conhecimento, a valorização do ecossistema, a solidificação de uma relação humanizadora, tornado-se assim agentes multiplicadores da espiritualidade franciscana.

Por fim, enfatizamos que a aquisição do conhecimento e do crescimento como pessoa humana se faz mediante um processo pessoal, grupal e comunitário onde muitas vezes, está presente o conflito, mas também a necessária interação entre todos os envolvidos, a fim de conquistar a superação constante.

A ação educativa-pedagógica constrói-se igualmente num incessante “APRENDER FAZENDO”, mediado pela pesquisa, pelo estudo pessoal e pela ajuda indispensável dos educadores, o que fará com que efetivamente nossos educandos possam ser eles mesmos sujeitos de sua aprendizagem. (Colégio da Imaculada, 1997, p. 09).

Enquanto instituição, o Colégio da Imaculada revisou por duas vezes o seu primeiro documento oficial, pois vieram algumas alterações e ratificações na legislação vigente – LDB 9394/96 e para tanto, tivemos que retomar os estudos e nos adequarmos as normatizações solicitadas. Para montar os Planos de Estudos tivemos que novamente nos debruçarmos na literatura acadêmica e jurídica e dar vida às exigências do sistema educacional, mas mantendo as características que são muito particulares do cotidiano no qual vivemos.

Para esse trabalho e os momentos reflexivos, temos na carga-horária do educador, oito horas mensais para reuniões. Muitas escolas reduziram ou suprimiram essas horas. A direção colegiada⁴² do Colégio acredita que a qualidade se estrutura a partir desse movimento de interlocução. Embora tenhamos essa abertura primordial ao avanço das questões educacionais, sabemos que temos muito ainda a caminhar.

A ação precisa ter uma unidade e isso ainda torna-se um limite, mesmo com a exploração dos processos reflexivos na pesquisa do Mestrado em 2002,

⁴² Direção Colegiada – é uma direção partilhada entre o administrativo e o pedagógico, conforme determinação da Socalifra – Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis / Zona Central. A mantenedora encontra-se dividida em três segmentos e nosso colégio, por deter a filantropia, é membro da Socalifra. Ambas participam sistematicamente das reuniões, inclusive.

e com a mudança de muitos educadores, sentimos a necessidade de ir além da análise da prática.

Esta insatisfação parecia corroer-me e eu não estava satisfeita com a minha própria atuação enquanto pedagoga. Teria que novamente desestabilizar-me e o convite foi feito ao grupo de educadores, contemplando todas as etapas da educação básica.

Agora tínhamos como desafio pensar a dimensão subjetiva do educador, objetivando tornar claro, os caminhos para uma autoformação ao longo de sua vida e de que forma poderíamos dar vida a uma cultura que promova a inteireza do humano, manifestado em um novo jeito de educar.

O grupo foi composto por um total de 32 educadores, tendo a idade entre vinte e dois e sessenta e quatro anos. Sendo 12 educadores da Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais e os outros 20 do Ensino Fundamental – Anos Finais, do Ensino Médio e da Educação Profissional.

6.3 - A CULTURA DA INTEIREZA REVELANDO-SE NO AGIR COTIDIANO: A TRAJETÓRIA DO SER E AS ESPIRAIS DA SUBJETIVIDADE QUE TORNAM O HUMANO DIFERENTE

[...] o ser humano é parte de um todo que chamamos de universo, uma parte ilimitada no tempo e no espaço. Ele vê a si mesmo, seus pensamentos e sentimentos como algo separado do resto, uma espécie de ilusão ótica da sua consciência. Essa ilusão de ótica é uma espécie de prisão para nós, restringindo-nos aos nossos desejos e afeições pessoais. Nossa tarefa é nos libertar dessa prisão, aumentando a amplitude da nossa compaixão, para abarcar todas as criaturas vivas e toda a natureza em sua beleza.

*Albert Einstein*⁴³

⁴³ EINSTEIN, Albert. Disponível em <http://blig.ig.com.br/sustentavel/>. Acessado em 15 de maio de 2008.

O agir cotidiano envolve as mais variadas nuances, pois lida justamente com as subjetividades humanas. Cada uma sendo diferente encerra um universo que pretensiosamente imaginamos moldar ou formatar a partir do nosso ponto de vista. Enganamo-nos paulatinamente. Não é um pensar que está em jogo, mas os vários pensamentos das pessoas que estão envolvidas em uma ação coletiva.

Wilber (2000a) ratifica a ideia acima, ao recordar

[,,] tudo o que precisamos notar é que as comunicações globais aumentaram as possibilidades de uma consciência global e integral. Essa rede mundial de tecnologia, esse novo sistema nervoso da consciência coletiva, entretanto, não é uma garantia de que os indivíduos se desenvolverão de fato para um nível integral. Ela facilita, mas não garante. Além disso, global ou planetária não significa necessariamente integral. Afinal, os memes vermelhos podem usar a Internet, assim como os azuis, os laranjas e assim por diante, O nível ou estado de consciência é determinado por fatores internos e não simplesmente por estruturas externas, independentemente do quanto possam ser planetárias ou globais. (p. 44)

A condição da inteireza é uma possibilidade, mas como Wilber aponta, dependerá da caminhada que cada um fará. Estão à disposição todos os meios para possibilitar a ampliação de consciência e conseqüente mudança na forma de perceber as coisas e agir para sustentá-la, entretanto, o primeiro passo é um querer e envolver-se.

Não há mais como dar-se conta da realidade e deixar que os outros tornem a sociedade mais global ou planetária. O envolvimento de todos é necessário, todavia a compreensão do que devo empreender, é condição para que o movimento as espirais humanas vislumbrem uma aproximação mais real da condição de inteireza.

Pensar a ação educativa envolve uma íntima relação entre o interior e o exterior, entre a interioridade e a exterioridade, entre o subjetivo e o intersubjetivo. Dimensões essas que não podem ser dicotomizadas, ao contrário, a tessitura é fundamental. Pensar a pessoa do educador, é ir além das pesquisas que descrevem sua ação docente, antes da prática, há um ser

humano que aprendeu a dividir-se e por isso, penso que as escolas continuam estruturadas da forma que estão. O conhecimento é o objeto da vida escolar, mas antes do aspecto cognoscível, lidamos com vidas, com almas, com espírito humano.

Nesse sentido, a autoformação pretende contribuir para esse olhar diferenciado em relação à pessoa do educador e devolver-lhe as asas para o seu voo de liberdade. Precisamos cumprir normas, montar programas, refletir sobre a ação pedagógica, contudo, sem sabermos o que sentimos, o que pensamos e o que desejamos, não temos como viabilizar uma escola que tenha a face da felicidade.

Crema (2008), faz uma partilha sobre suas reflexões, quanto ao campo da Psicologia e assim temos como perceber os caminhos que praticamente todos atravessam para alcançar uma evolução enquanto seres que pretendem ser plenos

[,,,] às vezes escuto, um pouco cansado, certas celeumas sobre a abordagem transpessoal não fazer parte da psicologia científica. Parece-me que isso apenas denota confusão, desconhecimento e, também falta de humildade. Os físicos, atualmente, afirmam que não existe uma física. Existe a física dos físicos: a física de Newton, a física de Einstein, a física de David Bohn, a de Lupasco, a de Capra, a de Basarab Nicolescu, etc. Com lucidez, fala-se apenas em abordagens da física. Haverá uma psicologia? Ora; há a psicologia dos psicólogos. Quem está autorizado a falar em nome da psicologia? Nas questões da investigação da alma estamos ainda nos primórdios, ainda engatinhamos. Gosto de confiar que o ser humano, no seu estatuto de subjetividade, de intersubjetividade e de realização do potencial de consciência, ainda será a maior descoberta do século XXI. (p.73)

O ser humano encadeia duas dimensões, a subjetiva e a intersubjetiva e nesta trama, pode realmente fazer a diferença em um mundo que se empobrece pela ganância do ter e da supremacia do poder. Para tanto, não deve ficar olhando somente sob um único prisma, acolher as experiências e os conhecimentos das ciências sustentará o seu voo e suas asas conseguirão escolher o que faz crescer. Se necessitar acessar informações da antropologia ou da física, não haverá problemas, deve considerar que esses conhecimentos

Ihe aproximação das respostas sobre a sua existência. Se forem duas, três ou uma das ciências, não importa, o que interessa, são as conexões para compreender-se como ser em processo de transcendência.

Crema (2008) ainda complementa

[...] trata-se, aqui, da tarefa consciente e responsável de explicitação dos pressupostos antropológicos, assumidos pelo psicólogo. Eu respeito um profissional que afirme, conscientemente seu pressuposto materialista, como um behaviorista ou reflexologista, assumindo que a abordagem transpessoal não faz parte da sua psicologia. Considero uma atitude lúcida e responsável. Para alguém que postule um pressuposto psicossomático, a exemplo de um psicanalista ou analista transacional, afirmar que transpessoal não é a sua psicologia. Nestes casos, há uma sabedoria de se reconhecer e respeitar os próprios limites. Agora, se os pressupostos antropológicos que eu assumo incluírem a dimensão ontológica, considerando o ser humano um composto psicossomático-noético, será lúcido e consistente que eu afirme: "Transpessoal não é apenas a minha psicologia; é o seu Oriente." (p. 74)

Se há dentro de cada ciência o conflito, imaginemos como se manifesta no interior do ser humano. Os cientistas, filósofos e psicólogos equivocam-se ao apregoar uma única verdade ou corrente. A riqueza está em destacar de cada uma, o que melhor responde aos anseios e dar-se as mãos para redimensionar os conceitos e continuar ampliando as suas teorias ou conceituações, pois para Crema (2008, p. 75), *o ser humano é um devir, um processo infinito, ou ainda assumir que apenas conhecemos alguns aspectos de uma pessoa, reconhecer nossa ignorância perante a sua dimensão de processo perene, abrindo mão de explicá-lo simplisticamente e rotulá-lo, de forma reducionista.*

Se esse processo de humanização é perene, temos que aceitar que talvez realmente não consigamos chegar a uma plenitude, entretanto, a valia do processo, poderá levar a sociedade ao encontro dos princípios norteadores de uma vida ética e acima de tudo, que considere o homem como um ser inacabado e inconcluso, mutante e protagonista de sua história.

O propósito da pesquisa se insere nesse contexto e para tal, as oficinas de vivência efetivaram-se como um dos caminhos para pensar as espirais da

subjetividade, o processo de inteireza humana e da consequente autoformação.

Segundo Cuberes (1989, p.87), *oficina é um tempo e um espaço para aprendizagem; um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto; um caminho com alternativas, com equilibrações que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer.*

As oficinas podem ainda gestar o vínculo, a participação, a interlocução e a produção de acontecimentos e conhecimentos, propiciando o caminho para autoformação.

Josso (2004), referenda que a autoformação é um processo que possibilita ao sujeito o caminhar para si, na perspectiva do reconstruir-se e responsabilizar-se na relação com o outro e com o mundo. É uma ação educativa que o sujeito realiza na vivência de experiências com outros sujeitos, ou seja, unimos as dimensões subjetivas expressas nas espirais e a intersubjetividade que conduz à transcendência.

Zorzan (2009, p.107) ainda acrescenta a nossa leitura de mundo que a *autoformação enquanto proposta educativo-pedagógica é constituída a partir de práticas vivenciais em que os sujeitos são instigados, por um orientador ou coordenador, ao diálogo, à narração de suas histórias e experiências de vida, à reflexão de suas compreensões e interpretações e à tomada de decisões sobre suas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo.*

Nas oficinas de vivências, que foram propostas nesta pesquisa, além das interlocuções, expressas, no momento da partilha, tivemos a oportunidade como co-pesquisadores, concretizar em algumas técnicas específicas, trabalhos que foram frutos ora da vivência pessoal, ora da coletiva.

Momberger (2006) utiliza a terminologia de ateliês biográficos, nós situamos como oficinas de vivências, tendo as especificidades de cada espiral da subjetividade humana.

Retomo um aspecto significativo das oficinas, elas não pretendem se constituir em um atendimento psicológico. Pelo contrário, elas têm como objetivo potencializar cada espiral a partir das oficinas propostas para que o educador possa gradativamente perceber que a transformação do seu modo de ser e estar no mundo depende da compreensão que ele possui a respeito de si e como ele poderá fazer as conexões necessárias para empreender uma

interlocução no contexto educacional que venha resultar em ações construtivas e que modifiquem a ação docente vigente.

Evidentemente que alguns educadores até necessitam de um atendimento mais individualizado, e os encaminhamentos na medida em que surgiram foram acolhidos e auxiliados na busca específica.

Os encontros para a realização das oficinas de vivência aconteceram semanalmente, às quartas-feiras, no horário das 17h30min às 19h30min, durante os meses de março a agosto do corrente ano, nas dependências do Colégio da Imaculada, no município de Canoas, no estado do RS.

A primeira etapa foi propor a reflexão das Espirais da Autoformação do Educador, por meio de oficinas de vivências que envolviam cada uma de suas espirais subjetivas. Para cada uma das espirais, num total de cinco, oportunizou-se dinâmicas e técnicas específicas para atingir o objetivo específico daquela espiral.

As espirais foram assim definidas:

- a) Espirais da Produção de Sentidos: esculpir a essência do eu;
- b) Espirais da Subjetividade: como revelar a inteireza que me constitui;
- c) Espirais da Interação: abrindo as janelas para ir ao encontro do outro;
- d) Espirais do Movimento: mediação entre teoria e a prática;
- e) Espirais dos Anéis: a reinvenção do ser humano frente às relações intersubjetivas

Essas espirais ao serem desenvolvidas dariam o suporte da reflexão para pensar os caminhos da autoformação do educador e sua contribuição na construção de uma cultura que busca a inteireza do ser humano.

Logo a seguir serão descritas as oficinas de vivências, destacando o seu objetivo, as dinâmicas aplicadas e utilizarei para sintetizar as vivências dos participantes, as *intuições*. De cada, espiral, haverá um processo reflexivo que partirá das intuições levantadas, quer envolvendo a partilha, o portfólio ou os registros de imagens e/ou vídeos.

Por se tratar de uma pesquisa que pretende compreender a inteireza do educador, *a priori* já possuímos parâmetros de categorias, para a análise metodológica, entretanto, elas não serão analisadas de forma isolada, procurarei unir os elementos contemplados nas espirais para responder ao propósito da pesquisa.

6.4 - VIVÊNCIAS DA AUTOFORMAÇÃO: ESPIRAIS DA AUTOFORMAÇÃO DO EDUCADOR

[...] o educador é, portanto, homem de razão pela lucidez que tem, homem de coragem e de ação pela aposta enactante que faz em seus valores, mas também homem de coração pelo entusiasmo que o impele para eles.

Hubert Hannon⁴⁴

No campo educacional encontramos infindáveis tratados, artigos e materiais produzidos que supostamente descrevem os caminhos pelos quais o ensino e a produção dos conhecimentos são estruturados. Eles são e foram importantes, mas será que tudo o que vem sendo produzido responde às

⁴⁴ HANNOUN, Hubert. *Educação: certezas e apostas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 170.

questões essenciais da formação do educador, que mesmo antes de sê-lo é uma pessoa, um ser humano em processo de formar-se?

Continuamos deparando com equívocos, desinformações, atrocidades e menos valia da pessoa do educador. Evidente que no meio desta realidade há experiências significativas e que alcançam sucesso, contudo percebemos que elas são em número muito menor do que as necessidades da grande maioria daqueles que integram o grupo de docentes pelo país afora, sem mencionar a situação que alguns países vivenciam.

Assmann (2000, p.44) complementa essa constatação quando afirma *que não sairemos desses impasses enquanto continuarmos apegados a uma visão dual do mundo e da vida, como a que pervade todo o pensamento moderno sobre a razão, a liberdade, o sujeito, a consciência, etc. Existe uma espécie de brecha epistemológica – não só de difícil superação, mas quase impossível de ser problematizada dentro do pensamento moderno – em toda a conhecida cadeia de binômios falazes sujeito-objeto, indivíduo-sociedade, estado-mercado, micro-macro, consciente-inconsciente, ensinante-aprendente, etc.*

A proposta de rever um dos aspectos da formação do educador deseja contribuir para um avanço das reflexões nesta área e empreender uma experiência que seja marcadamente melhor e se insira em uma nova forma de ser e fazer-se educador.

Josso (2008) contribui com nossa necessidade de mudança quando afirma:

[..] para adentrar o caminho do desconhecido, é preciso poder, querer e saber “colocar-se como sujeito mais ou menos ativo de sua vida, na sua vida”. Para chegar a esse sujeito, uma das condições é ser capaz de “desenvolver sua capacidade de estar *Presente a si (ou desenvolver sua atenção consciente)* em todas as circunstâncias”, através do exercício de nossas competências genéricas transversais. Essas competências genéricas transversais devem ser aplicadas a “desenvolver todas as suas antenas de relação com o mundo” sem esquecer os diferentes registros do pensar as atividades do ser humano tal como as ciências do humano nos propõem (os registros somato-psíquicos, psicossomáticos, psicológicos, psicopatológicos, sociológicos, econômicos, históricos, antropológicos, espirituais).” (p. 21)

Este recorte da realidade é fruto de uma experiência construída ao longo de vinte anos, atuando em instituições educacionais e a partir dela de minha própria formação enquanto educadora que percorreu inúmeros caminhos, buscando sempre uma melhor formação e qualidade nos locais de atuação.

Considerando que estamos vivendo dentro de um novo paradigma, em que o pensamento complexo estabelece relações e parcerias, não podemos descartar as construções que não se sustentam nesta visão. O que necessitamos é propor ações que possam realmente dar um novo tom à sinfonia do ensino e à formação dos educadores.

Ao nos reportamos à história da educação, veremos aqueles que não possuíam a formação específica na área do ensino se arrogando o direito de normatizar ou determinar quais as linhas ou propostas educacionais que deveriam ser empregadas. Nesse contexto, pouca era a preocupação com a pessoa do educador. Resquícios de um ensino sustentando em uma visão mecanicista e usualmente com o objetivo de formar uma massa que servisse aos propósitos do sistema, mostra-se como panorama.

Uma nação carece de uma memória para contar sua história, mas é cruel pensar que movida pelo poder econômico, muitas decisões e encaminhamentos foram equivocados, prejudicando gerações, ao negar a possibilidade de perceberem-se como pessoas que produzem sentido e saberes diferentes daqueles que um governo teria para nortear.

Morin (2000), nos mostra que há outra forma de pensar sobre os caminhos que os conhecimentos podem percorrer e serem construídos:

Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, idéias, teorias, discursos. A organização dos conhecimentos é realizada em função de princípios e regras que não cabe analisar aqui: comporta operações de ligação (conjunção, inclusão, implicação) e de separação (diferenciação, oposição, seleção, exclusão). O processo é circular, passando da separação à ligação, da ligação à separação, e, além disso, da análise à síntese, da síntese à análise. Ou seja: o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese. (p. 24)

Nesse movimento circular e constantemente retroalimentado pelo conhecimento existente e aqueles forjados na experiência, subjaz uma nova essência, que somente poderá ser portadora de uma imagem e um sentido se perpassar pela pessoa do educador e é por isso que ele necessita urgentemente religar-se a sua subjetividade para ali redimensionar o que o move nas suas práticas diárias.

Essa reflexão torna-se um dos elementos que permitirá que a prática seja repensada, renovada e propositiva no sentido de alicerçar sua autoformação nas espirais do seu auto-fazer-se cotidiano.

Mello (2001), ainda enfatiza que:

A temporalidade na formação pode contribuir para nos tornarmos conscientes de que somos, ao mesmo tempo, uma multiplicidade e um espaço único e Uno! Explorar, compreender, articular, auto-gerir e viver com qualidade essas diferentes dimensões de temporalidade certamente nos fará pessoas mais alegres, felizes e livres. Um grande desafio se coloca na formação continuada: dar sentido às múltiplas dimensões de tempo que perpassam as nossas vidas e o mundo, já que elas nos ajudam, com mais competência, a aprender a fazer, a conhecer, a viver em conjunto, a ser, a antecipar, a participar e a buscar Sentido em nossa vida e em nossas ações. (p.06)

O tempo que se necessita para desvelar a essência pessoal e o que irá marcar essa transformação é mais do que único, ele está intimamente ligado ao processo que as espirais autoformativas irão enfrentar na mediação com o cotidiano, consigo, com o outro e com a natureza. Para observarmos esse tempo de transformações, propusemos uma viagem pelas espirais da subjetividade humana para que pudessem potencializar as mudanças prementes e necessárias.

As espirais da subjetividade sustentam-se nos estudos desenvolvidos por Wilber, mas que procura ir além, dando a pessoa à possibilidade de um repensar sobre a sua ação profissional, uma vez que desvendando as suas marcas pessoais, há como pensar uma autoformação intimamente ligada a esse fazer-se ao longo de sua existência.

Cada uma dessas espirais procurou penetrar na essência da pessoa humana, para propiciar esse “voltar-se para dentro” e desenhar um ser que busca a sua perspectiva autoformativa. Ao longo das oficinas esses aspectos merecerão maior destaque e outros uma análise mais aprofundada. Para tanto, serão descritos logo a seguir cada uma das oficinas e as vivências dos participantes.

6.4.1 - ESPIRAIS DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS – ESCULPIR A ESSÊNCIA DO EU

[...] unir e fundir nossas diferenças é a meta para todos nós. Estamos aqui para nos reintegrarmos uns com os outros, no trabalho, nas escolas, em casa. Viemos aqui, para, em conjunto, viver, trabalhar, brincar, criar nossos filhos e para aprender, através desta variedade de experiências, sobre respeito e cooperação. Quando um número maior de pessoas descobrir o significado de nossa presença neste planeta, isso provocará um despertar em massa, abrindo as portas a experiências da quarta dimensão para todos aqueles que quiserem explorar as novas oportunidades desse nível de consciência.

Robert Happé⁴⁵

Mesmo antes de nascermos de certa forma, fomos pensados por alguém, num conceito original, talvez por nossos pais. Carregamos uma quantidade significativa de expectativas que podem ou não ser contempladas a partir do olhar do outro.

⁴⁵ HAPPÉ, Robert. *Consciência é a resposta*. São Paulo: Editora Talento, 1997, p. 66.

Num primeiro momento, as expectativas continuam elevadas, pois levamos algum tempo para construir o conceito da linguagem, da comunicação e o que os outros pensaram sobre nós continua sendo idealizado, pois não temos como modificar uma vez que não conseguimos empreender uma comunicação mais objetiva.

Quanto tempo leva este processo de desenvolvimento? Depende de cada um. Não há como mensuramos ou definirmos um padrão. E é justamente isto que nos difere de tudo o que foi criado. Não pretendemos ser igual a ninguém, numa aproximação semelhante aos nossos pares, contudo por meio da experiência, descobrimos que ser diferente é o objetivo maior.

Mostrar ao outro o que ele não enxerga claramente é algo que se reveste do mistério que é o ser humano. Estreitar relações e afetos é muito bom, mas o ser humano quer mais do que isto. Ele deseja expressar sua originalidade, todavia preservando o seu mundo particular.

Dificuldade de compreensão? Diríamos que desvendar o pensar do ser humano é extremamente desafiador e envolvente, pois ora ele quer se mostrar como é e em outro momento esconder, fechar-se e negar-se. Aqui percebemos o processo da espiral da autodescoberta e da auto-revelação, uma vez que só mostramos o que queremos que o outro veja.

Para Wilber (2000), o nosso “eu” mostra-se sob a forma de duas partes:

[...] primeiro, existe um espécie de eu observador (um sujeito ou observador interior); e, segundo, existe uma espécie de eu que é observado (algumas coisas objetivas que você pode ver e conhecer a respeito de você mesmo – sou pai, mãe, médico, funcionário de um escritório; peso tantos quilos, tenho cabelos loiros, etc.). A primeira parte é sentida como “eu”, a segunda como um “mim” (ou “meu”). Chamo o primeiro de *eu proximal* (pois está mais próximo de “você”), e o segundo de *eu distal* (pois ele é objetivo está “afastado”). Dou a ambos – juntos com qualquer outra fonte de ipseidade – o nome de *eu total*.” (p.48)

Para que possamos criar um processo circular e ao mesmo tempo espiralado, onde os nossos “eus” se encontrem e façam surgir um “eu total”, necessitamos mergulhar no profundo e é isso que falávamos anteriormente, pois as expectativas de “eu” que os outros esperavam ver, não é um “eu” que

desejamos nos tornar e nesse sentido deixar transparecer o que somos é primordial.

Somos mestres em ilusionismos! Deixamos que o outro nos vislumbre conforme queremos e acabamos entrando ou mergulhando em um emaranhado de conexões que abalam a consciência que temos de nós mesmos. Por que fazemos isto?

Hamachek (1979) aponta em seus estudos uma dualidade e ao mesmo tempo uma limitação em compreender quem somos e principalmente o significado da vida em cada um de nós:

[...] nós, seres humanos, somos criaturas interessantes, paradoxais. Procure pensar a respeito. Às vezes nos é mais fácil ser amistosos com quem não gostamos do que ser afetuoso com alguém a quem queremos muito. Olhamo-nos no espelho na esperança de que reflita aquilo que gostaríamos de ser e nos desapontamos quando ele apenas reflete a imagem do que somos. Podemos caracterizar as coisas às quais nos opomos, mas frequentemente temos dificuldades em especificar o que defendemos. Amamos o que desejamos, mas uma vez que o temos não amamos necessariamente o que conseguimos. Podemos identificar o que fizemos, mas nem sempre estamos seguros do porquê o fizemos em primeiro lugar. Podemos dizer nossos nomes às pessoas, mas temos dúvidas quanto à nossa identidade. Achamos mais fácil explicar o que fizemos do que explicar quem somos. Na realidade, em cada uma das nossas buscas individuais de respostas, valores, e de um estilo de vida adequado, nos defrontamos irremediavelmente com o problema do significado – com a questão da significação da vida. (p. 01)

Talvez nem o grande psicanalista Sigmund Freud tivesse a resposta para esses questionamentos, entretanto o fato é que há pouco tempo aprendemos que demonstrar o que sentimos pode nos auxiliar na compreensão de quem de fato somos e o que queremos fazer com nossa vida.

No momento que chegamos a esta vida, tomamos contato com um universo que não nos pertencia, tivemos que pouco a pouco nos inteirarmos e buscarmos associações para senti-la mais nossa do que de nossos pais. O vínculo é importante, mas a vida é contada a partir do olhar deles e permanecemos muito tempo olhando a vida pelas janelas de suas vidas.

Incrível é perceber que o que eles veem não é o que gostaríamos de ver, o colorido não reflete o que olhamos e as limitações são visíveis, uma vez que enxergamos muito além daquele que está vendo o mesmo ponto.

Neste momento, a primeira espiral que nos constitui começa a se estruturar em cada um de nós. **A espiral do eu** desenha-se na primeira compreensão que fazemos de quem somos e daquilo que não queremos ser ou parecer do outro. Começa o caminho em busca da originalidade, da marca única e intransferível que nos foi dada como projeto aqui nesta dimensão.

A subjetividade se reveste com uma túnica que agregará possibilidades, sonhos, desafios, anseios, buscas, sensações, prazeres, medos, frustrações, conquistas e expectativas. A transparência dela será observada pelas experiências que irão fazer ao longo de sua existência, das suas relações com o cosmo, com o ambiente e com o outro.

Percorremos esse caminho na esperança de encontrarmos uma resposta, mas atualmente sabemos que podemos não encontrar uma única resposta, um único parâmetro e isto é muito bom, na medida em que não é a quantidade de respostas que dirão o que fizemos de nossas vidas. Iremos provocar um enfrentamento muito mais pessoal do que coletivo e como sairemos desta experiência somente a própria poderá nos mostrar.

Dos estudos de Happé (1997), podemos corroborar as ideias, pois

[...] precisamos das experiências que atraímos. Quando aceitamos a vida como ela vem e respondemos de uma forma harmoniosa com a Lei do Amor, tudo muda conforme essa nova direção. Nós somos criadores e podemos criar a harmonia e paz; para isso somente precisamos ficar em sintonia com o poder do amor criador. Quando somos capazes de fazer essa escolha e a praticamos, entendemos quem somos, ao mesmo tempo em que nos tornamos conscientes de nossa importância no planeta. Nesse ponto, fazemos o que sentimos que é apropriado. (p. 77)

Esculpir uma essência leva uma vida toda. Deixar ser, considerando o que há de espontâneo, livre e único é uma aprendizagem que não estamos acostumados.

Vivemos em uma sociedade que se acostumou a medir tudo pelo que terá de retorno imediato e pelo que os outros podem oferecer para que se possa ter cada vez mais. E aqui adentramos em uma viagem que está na contramão do previsível, do palpável e do objetivo.

O olhar que a espiral propõe deveria também alcançar a retomada da relação com a natureza, como nos diz Happé (1997)

[...] a natureza é o espelho e o professor mais direto da nossa consciência. As coisas naturais conversam conosco no fundo de nossa alma. Visualize-se, então, caminhando à beira do oceano; permita que a mãe oceano lave seus pés e lhe dê forças; sinta o sol brilhando sobre o seu ser, dando-lhe calor, segurança e luz. Torne-se perceptivo da paz e da quietude poderosa das montanhas e aprenda a compartilhar das qualidades da natureza, porque tudo é você. Sinta as árvores e converse com a grama sobre qual você caminha, passe-lhes o que você sabe e escute o que elas têm a dizer. Desfrute do bem-estar de estar uno com a natureza. [...] nos separamos demasiadamente da natureza e, ao fazê-lo, também nos separamos das qualidades que ela oferece para ajudar-nos a manifestar os milagres em nossas vidas. (p. 78)

Desmistificar tal conceito é importante, pois podemos compreender o que nos cerca, mas o deixar ser é muito mais voltado para o lado de dentro do que o de fora. Equilíbrio sim, mas vital é o encontro com o que foi pensado como projeto de vida para nós. A cor e as matizes nos cabem. Podemos contar com o apoio dos outros, contudo a quantidade de tintas dependerá de nossas escolhas e das opções que fizermos para revelar o que nos constitui enquanto seres em formação, mediados pela relação com a natureza.

ESPIRAIS DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS – ESCULPIR A ESSÊNCIA DO EU

Objetivo Geral	<p>* Potencializar cada espiral a partir das oficinas propostas para que o educador possa gradativamente perceber que a transformação do seu modo de ser e estar no mundo depende da compreensão que ele possui a respeito de si e como ele poderá fazer as conexões necessárias para empreender uma interlocução no contexto educacional que venha resultar em ações construtivas e que modifiquem a ação docente vigente.</p>
-----------------------	---

Espiral	Período	Dinâmicas
- Espirais da Produção de Sentido - Esculpir a Essência do “Eu”	Março / 2009	<ul style="list-style-type: none"> - O nascimento da essência - O encontro com o exterior - O espelho que mostra o “eu” escondido; - Ser e estar revelando os traços de uma escultura.

Objetivo	Aplicação das Dinâmicas
<p>* Propiciar ao educador o re-encontro consigo, buscando em sua essência, as dimensões que compõem sua inteireza.</p>	<p>* Foi proposto ao grupo um momento de sintonizar com o seu “eu” interior, por meio de músicas clássicas que não são comuns ao cotidiano, procurando desta forma fazer com que o educador possa sentir-se participando de uma viagem ao seu mundo interior.</p> <p>* Logo após, sob um caminho tracejado no chão da sala, cada um deverá passar, destacando momentos significativos que marcaram o seu viver e que serão assinalados individualmente com pequenas bandeiras a eles fornecidas, para reflexão e posterior partilha no grupo.</p> <p>* Após a reflexão e partilha da trajetória e das marcas do caminho, cada educador se unirá por livre escolha a outro, formando uma dupla que representará o espelho do outro. Neste contato proximal, cada um destacará algo que foi significativo durante a partilha e procurará expressar ao outro, com o objetivo dele autoperceber-se nas suas marcas e expressões.</p> <p>Ao final da exploração da dupla, individualmente, cada um irá contemplar-se diante de um espelho e, nesse momento, procurará identificar seus traços, suas</p>

	<p>qualidades, suas limitações, refletindo sobre o que idealizava ao longo de sua trajetória profissional e o que se tornou realidade: se há algo que o incomoda, o preocupa, realizações e frustrações. Individualmente fará o registro por escrito para posterior partilha no grupo.</p> <p>* Como etapa culminante deste módulo da Espiral da Produção de Sentido – Esculpir a Essência do “Eu”, cada educador irá esculpir, com argila, a sua face, com traços que o personalizem e ao concluir, deverá apresentar ao grupo, revelando traços que são desconhecidos pelo grupo e uma frase que marque sua história pessoal.</p>
<p>Aporte teórico: Ken Wilber, Fritjof Capra, Marie-Christine Josso, Edgar Morin, Thomas Moore, Basarab Nicolescu</p>	

<p>VIVÊNCIA DAS OFICINAS</p>	
<p>PERCEPÇÕES</p>	<p>No dia 04/03/2009, inicialmente foi exposto ao grupo o objetivo das oficinas, situando-os a partir das necessidades que a vida adulta interpõe ao fazer cotidiano, utilizando o referencial de Jung, Levinson, Erikson, Loevinger, Kohlberg, Fowler e Maslow⁴⁶.</p>

⁴⁶ Autores que fazem referência ao desenvolvimento do ciclo de vida.

Logo a seguir, procurou-se orientar os participantes sobre o encaminhamento das oficinas, esclarecendo as pequenas dúvidas sobre a sistemática que seria utilizada. As sensações foram as mais diversas, alguns se mostraram espontâneos, curiosos, outros receosos e com inúmeras interrogações.

Deixar-se penetrar pela música, procurando ligar-se ao seu eu, não se mostrou uma tarefa fácil. Imaginava propiciar uns cinco minutos nesta dinâmica, mas precisamos de quase quinze minutos para que todos pudessem realmente vincular-se ao seu eu e a partir dali, pensar a sua trajetória de vida. No espaço que cada um poderia transitar, evidenciou-se certa limitação, em determinados momentos, minha percepção visualizava, que por parte de alguns, aquele espaço era pequeno, que até causava certa fobia, no entanto, outros pareciam estar tranquilos e encadeados na proposta oferecida.

Percebeu-se que alguns conseguiram trazer desta interiorização momentos significativos de sua história de vida e outros encontraram dificuldades em partilhar com o grupo as suas verdadeiras motivações para a caminhada enquanto pessoa que se transforma e do profissional que busca uma melhor atuação.

No dia 11/03/2209, convidei-os a olhar para caminho tracejado no chão. Uma parte do grupo, logo começou a visualizar sua trajetória de vida, enquanto outros caminhavam e olhavam inúmeras vezes, pois o caminho indicava o início da vida profissional e ao longo dele, palavras (primeira emoção, conquista, frustração, motivação, desafios, impulsos, formação, inspiração) que deveriam levá-los a situar com as bandeiras as suas vivências.

Experiência significativa, pois ao relatarem as suas motivações que os levaram a assumirem a docência, alguns depoimentos refletiam uma conexão com o seu eu interior, um pensar aprofundado sobre a sua trajetória, outros, ficaram em um nível mais superficial, talvez expressando certa resistência para pensar nas opções profissionais e de certa forma na sua condição de pessoa humana que tende a uma evolução contínua.

Quando analisamos a partir de nossas percepções podemos inferir inúmeras possibilidades, pois nosso olhar capta o previsível do que podemos descrever, a essência fica realmente no que as pessoas vivenciaram e deste modo, os registros nos portfólios, irão com o passar do tempo (desenvolvimento das oficinas) nos remeter a um possível confronto entre aquilo que percebemos e o que as intuições que surgiram na vida de cada um que passou por cada uma das oficinas.

Na etapa posterior, ao confronto com o caminho, e depois de afixar suas pequenas bandeiras, conforme sua trajetória profissional, cada participante, então fez um relato das marcas iniciais de sua caminhada docente e o que os motiva a continuar caminhando distante daquele início profissional.

No dia 25/03/2009, realizou-se a dinâmica do Ser e estar revelando os traços de uma escultura. Utilizar materiais não comuns ao dia a dia do educador é algo um tanto provocativo, mas que fez uma diferença interessante na relação do educador com a sua própria história de vida.

VIVÊNCIA DAS OFICINAS			
EDUCADOR(A)		PERCEPÇÕES	
		INTUIÇÕES Os Marcos da Vida Profissional	INTUIÇÕES Motivações para a Docência na Atualidade
	G.S.R.	“Exemplos, admiração por outros professores.”	“Perseverante (ainda acredito num futuro, num ser humano melhor), com fé.”
	C.M.D.S.S.	“Trabalhar com crianças, usar a criatividade como recurso de aprendizagem.”	“O desafio de compreender na prática as etapas de aprendizagem das crianças. Aperfeiçoar cada vez mais o meu trabalho na busca de auxiliar os alunos nestas etapas. Gosto de estar interagindo com pessoas diariamente, aprender com elas.”
	A.F.S.A.	“O dom foi constatado geneticamente, pois nunca pensei em trabalhar com outra profissão. Na família tiveram prós e contras.”	“Estou no exercício pleno da profissão. Toda a minha caminhada como estudante seguiu a trilha dessa profissão. Com erros e acertos a história vai

			se constituindo e, sobretudo com a vontade de fazer sempre melhor.
	R.S.G.	“Bons exemplos, vocação, acreditar na transformação.”	“Perseverança e fé, transformação, oportunidade dom, paixão.”
	C.R.S.S.	“O início é marcado pela falta de experiência e a busca pelo conhecimento.”	“A cada ano adquiro mais conhecimento e me deparo com novas situações, em que preciso ir em busca de alternativas para desempenhar uma boa caminhada;
	J.T.S.	“Sonhos... de ser professora no Colégio da Imaculada.”	“Esperança de um futuro melhor.”
	V.B.E.	“Busca de conhecimento e inovação.”	“Educação: maior missão”.
	A.M.K.L.	“O desejo de transformação”	“A satisfação de perceber que a educação norteia os caminhos do ser humano.”

	E.A.H.	<p>“Escolha: um rapaz vindo do interior, sem ter referências na cidade grande, tem que pagar aluguel, opta por fazer com 50% de desconto, para tanto tinha que fazer uma licenciatura, mas queria mesmo era fazer Direito. Opta por Português porque a carga horária é grande e teria mais chance de trabalho. Precisa-se mais professores de Português no mercado de trabalho do que professores de Química e Física. Por graça de Deus, ele gostou da profissão; no segundo semestre do curso, começou a trabalhar em Nova Santa Rita. No 2º Ano, passou a trabalhar também em São Leopoldo, em escolas públicas. No 3º Ano de trabalho, começou a trabalhar no Colégio da Imaculada. Sente-se realizado... acredita que tem talento, paciência e qualidades para ser professor...”</p>	<p>“Sente-se bem no trabalho. Tem também outros sonhos: talvez e aguarda isso, trabalhar com o projeto inicial: atividade relacionada ao Direito. Inclusive, fazer graduação em Direito. Como professor, gosta do trabalho na sala de aula e com os alunos, professores, irmãs e coordenação em geral. Sabe que pode ser passageiro, não há estabilidade e salário de professor nem sempre compensa. Há trabalho demais fora da sala: correção e preparação. Isso consome a vida pessoal. É necessário também buscar qualidade de vida fora da sala. Ou seja, ser professor em sala é bom, trabalhar conhecimento vale a pena, mas as atividades burocráticas fora da sala exaurem a vontade (em especial as de correções). Compreende que há necessidade (e sente satisfação em) pesquisar para melhorar as atividades, torná-las mais interessantes, mas a quantidade de correções por vezes complica; Ele não sabe se as avaliações (prova, recuperações, trabalhos, redações...) que são realizadas repercutem como uma forma de melhorar a</p>
--	--------	---	--

			aprendizagem; talvez “sirvam” mais para atender a uma necessidade burocrática (a questão pedagógica das avaliações é preterida) de ter notas, mostrar resultados...
	M.L.F.S.	“O que me motivou foi a minha educação Cristã”	“O que me faz continuar a minha caminhada de educadora é o desejo de transformar o lugar em que vivemos. De plantar boas sementes hoje para colher bons frutos amanhã.
	M.F.P.	“A vontade de ser agente da mudança no mundo, levando Deus e sua bondade a todas as pessoas. A ideia de que se deve persistir em busca de um sonho.”	“A caminhada que busco trilhar é a mesma do início, a de conquistar ideais e sonhos através de ações e méritos, jamais por desfazer ou usar alguém como escada. Buscar ser um meio de ligação entre a Palavra e a ação, o que posso e o que gostaria de poder. A verdade e a luta são o meu caminho, meus alunos a minha realização.”
	V.V.R.F.	“A expectativa de descobrir o novo. Busca por desafios.”	“Desafios, obstáculos, limites.”

	R.C.	“Trabalhar com pessoas, semear amor, alegria e fé.”	“A esperança de um mundo melhor.”
	L.T.A.	“No início estava perdida na escolha do que fazer, gostava de decoração ou estética, mas optou pelo curso de Estudos Sociais, pois gostava muito de saber sobre os países, paisagens e lugares. Iniciei a faculdade trabalhando no comércio e fui até o fim da faculdade estando no mesmo serviço, após consegui um contrato em Nova Santa Rita para lecionar e depois outras portas se abriram, no Colégio da Imaculada, onde estou até hoje – 13 anos.”	“Continuo a caminhada e não me vejo em outra profissão, com muito mais desafios e preocupações que no início, pois a experiência dos anos me fez crescer e refletir. Me inseri no meio deste contexto e me sinto parte deste universo difícil de ser compreendido, pois os problemas dos alunos são enormes e às vezes, não temos tempo para dialogar e ajudar, Sei que é difícil, porém certos momentos, valeram e continuam a valer a pena.”
	U.T.T.	“Trabalhar com pessoas, amor a educação, compartilhar conhecimento.”	“Esperança em futuro mais humano e solidário.”
	S.A.E.	“O início foi assim.... solidariedade ensinar aos que sabiam um pouquinho menos que eu....”	“Continuar ensinando e aprendendo com aqueles que sabem um pouquinho menos que eu,”

	A.T.	<p>“A motivação veio do exemplo. Primeiramente pela minha mãe. Admirava o cuidado que ela tinha com seus alunos. Para a escolha da área, fui motivada pela dedicação de uma excelente educadora. Tal professora despertou em mim a vontade de aprender, investigar e também ensinar. No início da profissão tive a oportunidade de trabalhar com alunos carentes, me encantando e cultivando dentro do coração o amor pela educação.”</p>	<p>“Observo a profissão de professor como uma das poucas formas de revolucionarmos o mundo em que vivemos. Acredito que, como professora, posso fazer a diferença. Além de ensinar conteúdo, vejo a importância de também ser exemplo. Contudo, percebo que os profissionais da educação não são valorizados como deveriam em nosso país, acarretando em desmotivação generalizada. Todavia continuo perseverando... buscando um ideal!”</p>
	G.A.F.	<p>“Prazer em transmitir conhecimento.”</p>	<p>“Dever de transmitir Educação.”</p>
	I.R.M.B.	<p>“Uma nova vivência de via e o conhecimento de algo que para mim era o novo, o desconhecido, uma expectativa de poder fazer alguma coisa para melhorar esta vida com tantas dificuldades que o próximo tinha.”</p>	<p>“A esperança de criar uma pessoa que possa ser diferente em uma sociedade fracassada, corrupta e agressiva e modelar este indivíduo a ser o diferente de todos esses parâmetros, para que o mundo seja cada vez melhor, para os que vão viver após mim, tenham um mundo fraterno, amoroso, compreensivo e que todos sejam iguais</p>

			em todos os sentidos.”
	L.F.F.	“A vontade de aprender. O exemplo dos mestres que demonstravam prazer em ensinar e alegravam-se com as conquistas de seus alunos.”	“O desafio de ser instrumento a serviço da educação e, conseqüentemente, da formação de cidadãos que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.”
	A.M.P.	“Resistência em ir para a escola versus o prazer de estudar. O testemunho da paixão de ser professora das minhas tias. A alegria de estar com as crianças e construir vínculos.”	“Não me vejo em outro espaço de missão a não ser na escola. Creio que por maiores que sejam os desafios, sempre podemos encontrar uma alternativa. A escola é um espaço onde podemos ajudar as crianças e os jovens a construírem um sentido para a sua vida. Podemos viver sempre com novas expectativas. Nenhum dia nos permite permanecer acomodados... os desafios são sempre novos porque nascem da vida das pessoas e seu contexto.”
	E.G.	“Alegria, entusiasmo e esperança.”	“Fé na semente, realização.”

	T.K.C.	<p>“No início era somente a expectativa de transformar a vivência de aluno na prática da docência. Era transformar o conhecimento adquirido em sabedoria para ensinar, de poder desempenhar de forma satisfatória, a vocação de professor.”</p>	<p>“Um sentimento que mistura a satisfação de dever cumprido com a esperança de poder continuar nesta vocação, melhorando a prática e contribuindo para o desenvolvimento de nossa sociedade, não perdendo o desejo de estar vivendo hoje o sentimento que existia no início da caminhada.”</p>
	P.R.P.	<p>“No início, a oportunidade de compartilhar conhecimentos, valores e vivência, além de poder contribuir para uma sociedade que busca ser melhor.”</p>	<p>“A realização de poder ser um agente atuante na contribuição da formação de pessoas que se tornem cidadãos, onde não seja simplesmente uma busca de conhecimentos, mas de todos os valores que dignifique os ser humano por completo.”</p>

<p>PARTILHA DAS INTUIÇÕES</p>	<p>Inicialmente, a partilha começou de forma tímida, mas conforme as pessoas sentiam-se a vontade, criou-se um ambiente bastante favorável, agradável e sintonizado, possibilitando relatos que tivessem a emoção do que era revelado ao grande grupo. Alguns professores eram mais sintéticos, outros conseguiam, nas suas falas, ir além do relato escrito. Este momento se prolongou mais do que estava previsto, mas não houve</p>
--------------------------------------	--

como cortar, pois me pareceu que o envolvimento de todos foi muito significativo. Manifestavam o desejo de saber ou conhecer o que motivou o colega a buscar a docência e conseqüentemente manter-se atuando depois de sua opção.

Recordo que alguns educadores, ainda pontuavam que ao longo de sua formação, muitos enfoques foram analisados ou propostos, mas olhar a partir do que os motivou a buscarem essa profissão ainda não havia sido propiciado. Fato pelo qual, acredito, tenha sido um dos elementos desencadeadores de um clima de confiança, de volta a origem e ao seu próprio autoconhecimento.

As marcas e expressões do fazer-se educador mostravam-se evidentes a partir dos relatos e na sequência, quando se tornaram o espelho um do outro, surgiram novamente percepções curiosas, uma vez que alguns educadores pareciam ter dificuldades em traduzir ao outro o que realmente são ou estão sendo como seres humanos em construção. Nota-se, contudo, que uma parte dos educadores, encarou isto com certa normalidade, interagindo com leveza e naturalidade.

Esta etapa da oficina, na qual, deveriam ser o espelho um para o outro, também se estendeu além do tempo previsto, mas como a etapa posterior era o enfrentamento solitário diante do espelho, conseguimos manter a proposta original. Este enfrentamento diante do espelho, também trouxe intuições interessantes, do riso ao choro, da aversão ao deleite, das caretas ao auto-perceber-se como um ser único. Imaginava que este momento seria um dos mais simples, mas o confronto com aquilo que sou e com o que desejo ser, pareceu-me gerar uma inquietude, para alguns tristezas, em outros interrogações e nos demais curiosidade. Tal postulado se sustenta a partir dos relatos expressos na partilha.

Culminando então, a oficina, os educadores, foram convidados a esculpir a sua face em argila. Nesta ocasião, ficou evidente que alguns docentes possuem dificuldades em trabalhar com materiais alternativos, como a argila, que expressam limitações ao traduzir o seu eu pessoal a um eu coletivo. Houve uma motivação inicial para que pudessem explorar o material, lembrar suas características pessoais, seus traços e suas próprias marcas.

Uma parte do grupo logo a seguir começou a manipular a argila e dar forma a sua própria face, outros falavam muito, pediam auxílio ou verbalizavam que não sabiam fazer. Procurei incentivá-los a fazer da forma que conseguissem, a resistência continuou por um tempo, alguns que tinham maior desenvoltura foram dando algumas dicas de como poderiam fazer.

Solicitei, contudo que procurassem fazê-lo sozinhos, uma vez, que durante a confecção da escultura, deveriam estar relacionando com sua trajetória de vida e com seus traços pessoais, desconhecidos por todos, para depois revelar ao grande grupo.

Algumas esculturas conseguiram expressar uma face bem próxima do real do educador, outras pareciam muito normais, ou seja, comuns, sem caracterizações mais pessoais.

No momento da partilha, as falas remeteram às motivações que os fizeram optar pela docência, os medos e as frustrações emergentes do cotidiano atual e na frase e/ou nos traços particulares, o que de fato os aproximam de um ser que se constrói cotidianamente.

TECENDO E UNINDO AS INTUIÇÕES

Creio que o objetivo da espiral, proporcionar ao educador o re-encontro consigo, buscando em sua essência, as dimensões que compõem sua inteireza, alcançou essa perspectiva. Evidentemente que parece quase inviável que cada um pense a sua vida separadamente do meio educacional, pois elas em dado momento se imbricam, tecem o interior e o exterior e acabamos falando do lugar que acreditamos estar integrados a ele. Inicialmente quando os educadores recontaram suas trajetórias de vida, destacando as vivências do tornar-se um docente, acabou abrindo uma porta que os fizeram mergulhar em etapas de suas vidas que não eram pensadas com regularidade, pelo contrário, algumas lembranças foram acionadas e tiveram uma ação que vejo que nem alguns estavam preparados para recordar. Nesse momento, o grupo já estava tão absorto na partilha, que me causou grande admiração, pois foram extremamente acolhedores e demonstravam querer conhecer as marcas das primeiras experiências de cada colega. As revelações, tais como **“sou o que sou, porque minha mãe, fez o impossível por mim” (A.F.S.A.)**, tiveram um movimento de emoção, choro, ansiedade e o respeito para que no tempo que o colega se sentisse em condições de retomar a fala.

Esse silêncio representava uma entrega para aquele momento e ousou afirmar que quando há disposição e a pertença ao grupo, essas emoções emergem e revelam o interior da pessoa.

Acredito que uma das mais importantes motivações para deixar-se viver momentos como este, deve-se a uma construção que começou há algum tempo como escola, unindo o grupo nas reuniões pedagógicas, mas por outro lado a profunda compreensão pelos momentos da vida pessoal do educador. As pessoas necessitam estar inteiras em todos os momentos. Quando se parte a emoção, tendemos a não agir com todo o potencial e podemos até prejudicar o desenvolvimento dos outros e o nosso também. As vivências do “esculpir a essência do eu” propiciaram ao grupo, na sua maioria, o re-encontro com suas primeiras histórias

de vida e pelo processo que a música os conduziu, considero um dos elementos que potencializaram esse encontro, mas por outro, a disponibilidade e a confiança, fizeram emergir as marcas mais íntimas que cada um carrega em seu interior e conseqüentemente logo a seguir as impressões na face expressaram os diálogos e os relatos partilhados.

A espiral da produção de sentido trouxe a possibilidade do repensar o eu pessoal, mas revelou mais do que isto, fez com que o grupo pudesse refletir sobre o que os levou a assumir a carreira da docência e associado a esse, o que os move a continuar na área e os projetos que optaram em realizar. Na tessitura das intuições, percebo que há uma predisposição para pensar as coisas do seu interior, contudo, o espaço precisa ser oferecido e geralmente no contexto educacional, temos a tendência de correr atrás do resultado e nos esquecemos que antes da produção do conhecimento, encontramos um ser humano que assim como nós, precisa deste tempo para tornar-se e ser melhor. Enquanto educadores em processo, será possível agir compreendendo as limitações dos alunos e ajudá-los, se fizermos isso em primeiro lugar conosco. Requer um tempo que no contexto atual não há, entretanto falarmos em uma cultura para inteireza pressupõe refletir sobre os espaços que o ser humano possui para pensar em si e posteriormente nas relações que estabelece com os outros e com tudo o que está a sua volta.

6.4.2. – ESPIRAIS DA SUBJETIVIDADE – COMO REVELAR A INTEIREZA QUE ME CONSTITUI

[...] lo que verdaderamente importa... no es el conjunto de objetos sólidos y estáticos que se extienden en espacio sino la vida que se desarrolla en ese escenario. La realidad no es el escenario exterior sino la vida interna que la anima. La realidad es las cosas tal como son.

Wallace Stevens⁴⁷

O ser humano na maioria das vezes se assemelha ao mito da *Caixa de Pandora*, com uma diferença, que o objetivo não é espalhar os males do mundo. Parece sim, que desejamos nos esconder ou não revelar o que nos constitui. Quando pequenos nos mostramos sem nenhum sentimento de vergonha ou restrição, mas no decorrer de nosso desenvolvimento acabamos colocando limites, bloqueios e ou até mesmo escondendo o que pensamos e sentimos. Algumas máscaras começam a ganhar forma e se não estivermos atentos, elas incorporam algumas ações no cotidiano, que depois temos dificuldades em retirá-las.

Somos frutos da experiência cultural forjada pelos nossos antepassados, mas é justamente no contato com o cotidiano que podemos reconstruir o olhar e a ação que acabamos movendo no dia a dia. Saber o que somos, descerrar as janelas para fazermos a viagem ao interior é, na atualidade, o movimento

⁴⁷ STEVENS, Wallace. In GROF, Stanislav et Bennett, Hal Zina. *La Mente Holotrópica: los niveles de la conciencia humana*: Editorial Kairós, 1993, p. 13

que pode assegurar uma alternativa possível de redimensionar o que nos cerca e o que nos constitui.

Grof (1993) em seus estudos mostra-nos que a viagem ao nosso interior, desperta os níveis de consciência e estes desestabilizam o que cremos e o que deixamos petrificado em algum lugar do inconsciente, todavia merece ser retomado, para que possamos nos percebermos como seres inteiros;

[...] la exploración de los estados no ordinarios de consciencia nos proporciona evidencia indiscutible de los recuerdos de la experiencias perinatales permanecen realmente almacenados en nuestro psiquismo, a menudo en un nivel celular profundo. Existen personas sin el menor conocimiento intelectual de su nacimiento que han sido capaces de recordar, con extraordinaria riqueza de detalles, acontecimientos ligados a esa época de su vida (como el uso de fórceps, un parto de nalgas o las primeras reacciones de su madre, por ejemplo) que fueron confirmados objetivamente, de manera reiterada, por los registros del hospital o por el recuerdo de los adultos que presenciaron el acontecimiento. Las experiencias perinatales contienen ciertas emociones y sensaciones primitivas, tales como la ansiedad, la agresividad biológica, el dolor físico y el ahogo, por ejemplo, que se hallan típicamente asociadas con el proceso del nacimiento. (p. 53)

As memórias inconscientes acionam os degraus que impulsionam o movimento da espiral, e refletindo com maior rigor, veremos que as marcas do nascimento e dos primeiros anos de vida, retratam uma inteireza, que não deveríamos perder, mas sustentar ao longo da vida.

O que acontece para nos distanciarmos dessa dimensão de unicidade e inteireza? Será que vivemos sendo menos, tendo medo e escondendo a essência e a beleza do que de fato somos?

Para que vivemos? Responder na trama da espiral esse questionamento suscita buscar na memória as marcas e trazê-las para a experiência do real, fazendo o confronto com o ideal.

Sendo assim, acolher esse convite significa mudar os parâmetros, querer realmente mergulhar em uma viagem que tenderá a mostrar o que negamos ou escondemos. Parece-nos que o ponto crucial de uma terapia ou de uma análise é justamente responder quem somos e sabemos que algumas

peças levam uma vida toda para responder a essa questão e outras nem conseguem fazê-lo.

Mariotti (2000) nos faz olhar sobre outro prisma, observando como o “eu” se constitui:

[...] quando dizemos “eu era”, poderemos separar o passado a partir do presente. Mas quando falamos “eu sou”, é impossível ficar de fora. Podemos separar o presente do passado e do futuro, e também estabelecer a divisão entre passado e futuro, mas é impossível separar o presente dele próprio. O presente é unificado, global, não pode ser dividido pelo pensamento. (p.221)

Não pretendemos encontrar uma resposta simplista, pois o que está a nossa frente não é nada pueril ou mágico. Diz respeito à pessoa e tudo o que nela se revela. A inteireza do ser humano é algo complexo e desvelador, na medida em que, faz da experiência o reencontro com a sua própria essência.

Ainda Mariotti complementa que o ego não sabe conviver com o *aqui-e-agora*, isto é, não sabe lidar com a totalidade e por isso tenta dividi-la. É também por essa razão que ele se apega tanto à tradição, que por sua vez o condiciona e o torna praticamente incapaz de reconhecer o que é novo. A observação sem julgamentos e sem divisões não necessariamente anula o ego como muitos pensam: apenas o insere numa totalidade, na qual ele se sente estranho e desconfortável. Eis por que há tanta resistência às iniciativas que visam questionar e complementar o raciocínio linear. (2000, p.221)

Em várias situações percebemos que as pessoas não sabem ou não conseguem, por exemplo, atribuir uma característica a si. Parece uma tarefa complicada, mas isto se deve a ausência deste encontro consigo.

A conexão com o externo é maior e pouco a pouco o vínculo com o mundo interno vai se esmorecendo porque a lei da sobrevivência faz o apelo superficial ao que parece trazer a pretensa felicidade. Engano e angústia que podem levar a uma depressão, doença mundialmente noticiada e apontada como uma das causas que mais faz as pessoas perderem o sentido de viver.

Novamente percebe-se a manipulação de um condicionamento que emerge do externo para o interno e acabamos mascarando o que sentimos. Caímos em círculo vicioso e na verdade ao pensar na espiral da subjetividade o

que pretendemos é propiciar à pessoa, a possibilidade de se perceber tal como ela é e tudo o que contribui para exprimir a construção de sua inteireza.

Desvelar a inteireza envolve um profundo encontro com o seu eu e com toda a sua história e com as futuras marcas que podem desenhar o seu amanhã.

Nesta perspectiva, parece-nos que há um caminho intenso a ser percorrido para um despir-se das máscaras que bloqueiam um possível encontro e um real e comprometido sentido em *ser e fazer* que provoque uma desestabilização, uma complexificação e por último, como utopia, uma ruptura para construirmos uma Pedagogia que envolva a gentileza, a sensibilidade e uma verdadeira acolhida do outro.

Grof (1993) encontra sentido para uma mudança, uma transformação, se realmente fizermos o caminho de volta

[...] si queremos comprender el reino de lo transpersonal debemos concebir la conciencia de una manera completamente nueva. Sólo entonces podremos atisbar más allá de la creencia de que la conciencia es un producto del cerebro humano, que se halla confinada en el interior de la estructura ósea de nuestro cráneo y que, en consecuencia, es el fruto de nuestra vida individual. En la medida en que aceptemos la noción de lo transpersonal podremos empezar a considerar que la conciencia también existe fuera, que es independiente de nosotros y que no se halla intrínsecamente ligada a la materia. Contrariamente a lo que parece mostrarnos la experiencia cotidiana, la conciencia es independiente de nuestros sentidos físicos, aunque se halle, no obstante, mediatizada por ellos en nuestra percepción cotidiana de la vida. (p. 128)

Os níveis de consciência, e sua conseqüente ampliação, potencializam esse desejo, de sair do nível da sobrevivência e ir alcançando mais superiores. Evidentemente que não há como precisar um qual o tempo que se despenderá. Quando nos referimos ao ser humano, temos que ser imprecisos. O processo é pessoal e garantias não existem para mensurar a sua evolução ou ainda a ampliação dos níveis da consciência.

Creio que somente a partir deste encontro poderemos perceber as mudanças necessárias, para um mundo que precisa urgentemente de uma

consciência mais planetária e universal, preservando o que há na teia da vida e as novas redes que tendem a se formar na interação com o outro.

Tal postulado encontra respaldo nas reflexões sobre a consciência integradora da condição humana elaboradas por Trevisol:

[...] o ser humano é uma unidade complexa e integrada de várias dimensões. Essa inteireza, no entanto, precisa ser não só respeitada como também compreendida e conhecida no seu mais profundo significado. Ela é lugar de aprendizagem. É preciso reconhecer o lugar do ser humano no mundo, pois no universo há um espaço bem definido para ele. O que é comum para todos, o que é complexo e multifacetado, diferente e até desconhecido da condição humana precisa ser reconhecido conjuntamente. Da relação triádica espécie/indivíduo/sociedade é que se colhe a essência da humanidade. A consciência, que é também fruto dessa relação, possui a tarefa de manter o dinamismo ótimo dessa complexidade, sem que se percam as autonomias pertinentes a cada uma das entidades, já ricas por si sós. (2003, p. 35)

Desinstalar o ser humano do lugar que o outro o coloca, torna-se uma das primeiras ações para propiciar o movimento da espiral da subjetividade e integra-se ao todo e ritmar uma cadência em que a pessoa possa realmente ao reconhecer-se como tal, permitir que as outras espirais façam a sua ação.

ESPIRAIS DA SUBJETIVIDADE – COMO REVELAR A INTEIREZA QUE ME CONSTITUI

Espiral	Período	Dinâmicas
- Espirais da Subjetividade – Como Revelar a Inteiraza que me Constitui	Abril / 2009	<ul style="list-style-type: none"> - As faces do “eu” frente ao desconhecido. - Como desvelar o que se esconde no interior do “eu”. - Pontos que se unem revelando a inteireza; - As preciosidades que revelam o ser no mundo.

Objetivo	Aplicação das Dinâmicas
* Compreender os estágios do desenvolvimento humano para identificar as dimensões que ainda não estão em equilíbrio e que impedem a ampliação de consciência e o seu sentido de estar no mundo, revelando sua inteireza.	<ul style="list-style-type: none"> - Expor ao grupo a Dinâmica da Espiral de Graves, trabalhada por Wilber, para que percebam que a subjetividade do ser humano envolve uma constante apropriação de informações e significados e que estão em retro-alimentação para que se modifiquem e possibilitem a mudança na forma de ser e estar no mundo. Esse momento será trabalhado com o recurso do datashow para que todos consigam perceber a espiral e os estágios de desenvolvimento. - Propor a cada um que monte o seu Espectro Total, procurando pontuar as marcas que se mostram satisfatórias e insatisfatórias no seu viver (sugerir que

procurem fazer um real desvelamento do seu “eu”);

* Apontar no Espectro Total, as dimensões que compõem a inteireza do educador, destacando a dimensão cultural, social, psicológica, biológica, e cognitiva – descrever com palavras chaves como se percebe em relação a cada uma das dimensões.

* Dinâmica dos Olhos Cobertos – cada um cobrirá com uma faixa os olhos e fará os movimentos que serão orientados pela pesquisadora. Nesses movimentos serão enfatizados o estar só, o encontro com o outro, o toque, o silêncio, o ritmo, a escuta, a interdependência e o penetrar no seu mundo inconsciente. Cada um dos comandos estará acompanhado por músicas. Finalizando as seqüências, cada um expressará em uma folha de ofício, por meio de desenho, os sentimentos e sensações que vivenciou ao longo da dinâmica. Logo a seguir se fará a partilha no grande grupo.

* No encontro anterior será solicitado que coloquem em uma caixa objetos que o caracterizem e que sejam significativos em sua vida. De posse dessa caixa, aleatoriamente será retirado um objeto e colocado em outra caixa que reunirá os objetos de todos os participantes. A seguir, com os olhos cobertos, a caixa passará por cada um, devendo o educador manusear cada objeto e tentar encontrar o seu. A pesquisadora estará anotando se o objeto escolhido foi o seu, pois queremos perceber se esse objeto é realmente significativo para ele e se

posteriormente consegue fazer a associação com as preciosidades que se colocam diante dele no cotidiano e como ele cuida da sua vida, se de fato há a preocupação com o seu bem estar e com as conexões que promovem uma qualidade de vida e por sua vez, uma condição de inteireza.

Aporte teórico: Ken Wilber, Marie-Christine Josso, Thomas Moore, Leonardo Boff, Edgar Morin

VIVÊNCIA DAS OFICINAS

PERCEPÇÕES

No dia 01/04/2009, procurei montar da melhor maneira o material da Dinâmica da Espiral de Graves, adaptada por Beck e Cowan e Wilber. Utilizei o diagrama e depois destaquei os nove estágios:

I – Instinto de Sobrevivência (instintos aguçados e sentidos inatos)

II – Espíritos Ancestrais (busca da harmonia e segurança num mundo misterioso)

III – Deuses de Poder (expressa-se impulsivamente, rompe as amarras, é forte)

IV – Força de Vontade (encontra propósito, instaura a ordem, assegura o futuro)

V – Impulso de Realização (analisa e cria estratégias para a prosperidade)

VI – Ligações Humanas (explora o eu interior e busca a igualdade)

VII – Flexibilidade e Fluidez (integra e sintoniza sistemas)

VIII – Visão Global (sinergia e macrogerenciamento)

IX – Integral-Holônico (está surgindo lentamente) Coral

DINÂMICA EM ESPIRAL

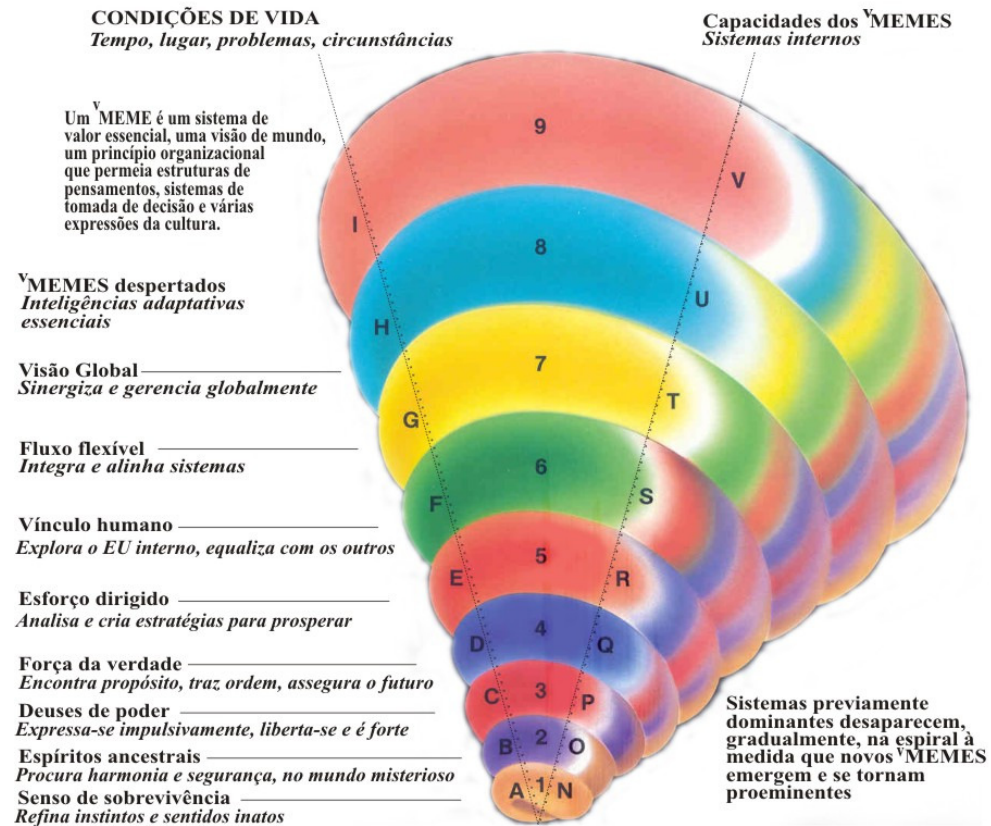


Figura 14 – Dinâmica da Espiral

Fonte - Wilber, Ken, 2000a.

DINÂMICA DA ESPIRAL

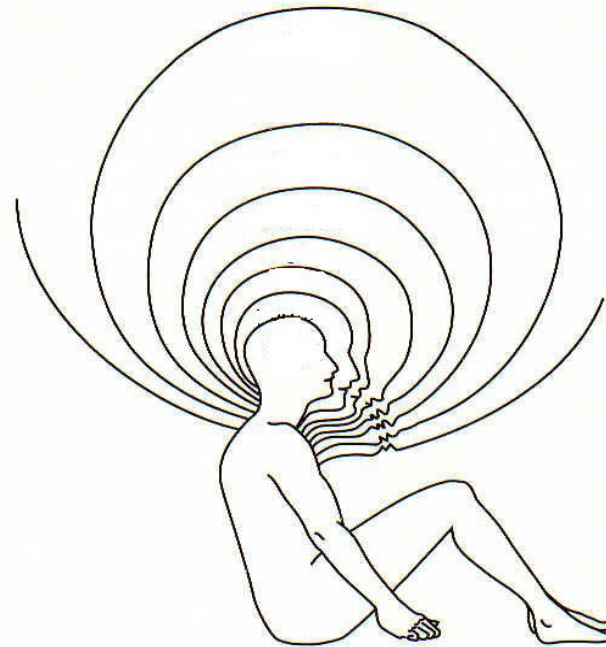


Figura 15 – Dinâmica da Espiral

Fonte - Wilber, Ken, 2000a

Processo pelo qual, cada pessoa vivencia, conforme seus estágios de vida. A espiral se constrói a partir do centro, para justamente, alicerçar todas as outras.

Os estágios referidos encontram-se no quadro, na página 48, do presente trabalho. Para a outra etapa da oficina, utilizou-se o desenho acima como possibilidade de representa a dinâmica da espiral, para que ao pensar no Espectro que se institui em cada um, cada participante pudesse então, associar com as suas vivências e os estágios profissionais que já viveram e no momento se situam.

As dimensões da Inteiraza do Educador poderiam ser analisadas considerando o quadro abaixo, fazendo uso então de palavras significativas, pois durante o processo de todas as oficinas, os co-pesquisadores estarão mediando o seu universo subjetivo, com as experiências da ação docente.

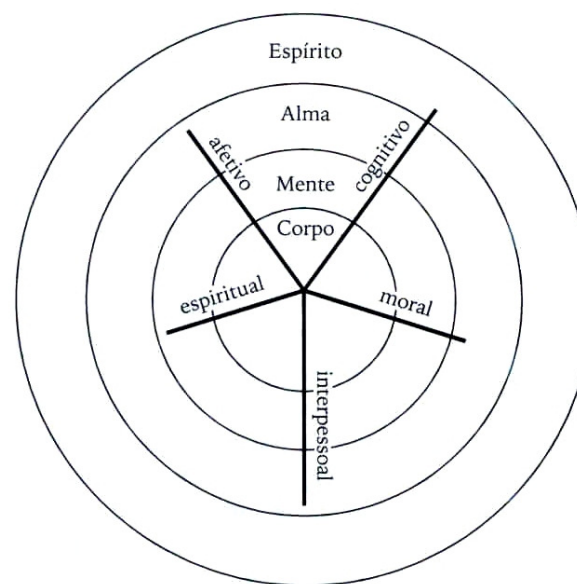


Figura 16 – Dimensões da Inteiraza do Educador

Fonte - Wilber, Ken, 2000a.

No dia, 15/04/2009, fui percebendo que essa temática era nova para uma maior parte dos educadores, enquanto explicava cada uma das cores, o significado e o próprio nível da dinâmica da espiral, havia uma concentração quase que total. Fizem vários questionamentos, entre eles:

- Por que a Psicologia agora fala veementemente nas questões espirituais?
- Que relação há entre isso tudo e a nossa prática pedagógica?
- Vamos mudar o que?
- Não sabemos o suficiente quem somos?

Para cada uma dessas questões, ficamos em torno de metade da oficina debatendo e procurando criar uma relação com a própria proposta da escola. Aqui, percebe-se o sentimento de pertença novamente, claro que não podemos afirmar que sejam todos, mas a maioria, quando reflete, pensa em si, pensa em como sua ação pedagógica acontece, mas também, procura olhar para a história que construímos na instituição.

Inseri um Espectro Total maior no meio da sala, para que todos se sentissem a vontade e pudessem partilhar o seu. O processo da oficina, embora coletivo, vivencial, pressupõe a capacidade do educador em permanecer só, encontrar-se com o seu eu e é visível que para uma boa parte do grupo (em torno de dez educadores) é praticamente impossível, pois fazem a proposta rápido, parece-me que forma automática e não dão o tempo necessário aos outros para pensarem sobre o que está sendo proposto, alguns até tiram a atenção daqueles que ainda não concluíram. Enquanto participante, mas tendo o ranço, da coordenação pedagógica, procuro tornar o ambiente o mais tranquilo, não me preocupando efetivamente com o tempo, pois reproduzir e concluir tarefas não eram o objetivo das oficinas, muito pelo contrário, pensar sobre as nossas coisas, para a sociedade que vivemos, é quase um desafio, uma vez que parte, ainda considera a aceleração exacerbada, um meio de vida.

Embora tenha ocorrido essa situação, os demais educadores, continuaram empenhados em pensar sobre a sua forma de vida.

Destaco que há também um discurso uníssono, que reuniões ou momentos de reflexão não servem para nada, que nada se modifica, talvez por termos procurando ao longo destes anos, torná-las diferentes, uma parte significativa do grupo, tem uma percepção de construção coletiva, agrega valor, até porque nestes momentos estamos todos juntos, não há a divisão entre os anos iniciais ou finais, todos convivem em harmonia e a diversidade dos olhares traz uma ação que continuamente pretende ser uma. No entanto, esse tipo de trabalho, não havia sido realizado.

O grupo de pesquisa, que se formou por ocasião da pesquisa do Mestrado em Educação era das áreas da Linguagem e das Ciências Humanas, tinham como propósito compreender como se instauravam os processos reflexivos para uma prática de maior qualidade e foram voluntários, mas não todos de cada área.

Aqui temos esse cenário diferenciado no que todos foram convidados e aceitaram participar, claro, que considerando que são trinta e duas vidas, tantas formas diferentes de pensar e se situar, mas que almejam eu acredito, serem felizes, estarem plenos em suas vidas e na dimensão profissional.

Para alguns, falarem sobre as dimensões cultural, social, psicológica, biológica, cognitiva, parecia evidenciar um sentimento de muita tranquilidade, no entanto aqueles que fizeram racionalmente a proposta, não há como interpretar os estágios que se encontram, pois as palavras que foram utilizadas no espectro não traduzem as dimensões que foram explicitadas anteriormente.

Dando continuidade a etapa da oficina, no dia 22/04/2009, fomos para o ginásio de esportes, para fazer a outra etapa da oficina, a Dinâmica dos Olhos Cobertos. Uma parte não achou interessante a ideia de cobrir os olhos, falavam muito, mas cederam e colocaram a faixa nos olhos.

Combinei com eles que estaria olhando para todos e se houvesse algum tipo de perigo, eu iria ao encontro deles. Coloquei uma música bem suave, da Loreena Mckennitt – “All Souls Nighth”, com o intuito de sentirem o ambiente e o que poderiam fazer com os olhos vendados. Quando notei que já conseguiam se harmonizar com a música e o fato de não enxergarem, comecei a encaminhar as propostas:

- Como é estar só, embora haja movimento em torno de cada um?
- Como é tocar o outro, esbarrar no outro?
- Como sinto o toque?
- Qual o silêncio que consigo escutar?
- Qual o ritmo que consigo empreender com a música?
- Que ruídos chegam até mim?

Solicitei que procurassem andar mais pelo ginásio, pois alguns ficavam por muito tempo em um único lugar. Troquei a música, “The Old Ways” (Loreena Mckennitt). Após sentirem a mudança da música, novamente comecei a solicitar que fossem mediando os movimentos com as propostas orais:

- Como me sinto em relação a minha vida?
- Quais as coisas mais importantes no momento?

- Quais são as maiores preocupações?
- Que memórias surgem da minha infância?
- Frases importantes dos meus pais ou pessoas que estiveram junto a mim?
- A primeira experiência escolar foi...
- Fazer amizades era...
- Uma grande alegria que está na memória...
- Uma tristeza...
- Fui um adolescente....
- As primeiras relações afetivas foram marcadas por...
- Pensava em terminar...
- Queria ser...
- Estar na faculdade me fez...
- Viver o dia a dia da escola, tornou-me...
- Família envolve...
- As responsabilidades de hoje são...
- Sonho com ...
- Ser feliz é ...
- Ser pleno é ...
- Queria superar as
- A fonte de tudo é ...
- Guardo no coração...
- Fui um bebê...

Todas essas frases foram sendo encaminhadas, conforme cada um se locomovia pelo espaço. Uns com lentidão, outros com maior desenvoltura, sendo que não era isto o que importava, mas o momento de estar só e pensar sobre a sua trajetória de vida.

Novamente troquei de música, “Paint The Sky With Stars” – Enya e pedi que cada um fosse sentido a música e escolhesse um lugar para sentar-se. Tocou toda a música e ao final dela, lentamente, pedi que fossem retirando as faixas dos olhos. Aguardei que se adaptassem a luz, mas que não conversassem ainda. Entreguei uma folha e pedi que tudo aquilo que eles pensaram ou sentiram, pudessem ser expressos naquela folha utilizando palavras, desenhos, frases ou outra forma.

Quando o grupo concluiu, pedi que se aproximassem de quem estava perto e partilhassem as emoções e as reflexões construídas na vivência. Realizada a partilha, pedi que novamente tomassem a folha e procurassem pensar quais as dimensões de sua vida ainda não estão em equilíbrio e relatar na folha.

Na última etapa da Oficina, no dia 29/04/2009, pedi que todos sentassem na grande roda, que marca a quadra de futsal. Esse seria o espaço de trabalho para essa última etapa desta oficina.

Solicitei que buscassem a caixa com os objetos significativos e mostrassem e explicassem ao grupo quais foram inseridos na caixa e porque estavam lá, tivemos inúmeros objetos, desde fotos, bonecas, carrinhos, livros, cartões, camisetas, flores secas, jogo de botão, roupas de bonecas, chaves, CDs/DVDs, entre outros. Verificando que não havia nenhum igual, pedi que colocassem em uma grande caixa e retomassem a faixa nos olhos.

	<p>Coloquei outra música, “ Only If ” – Enya e assim a caixa começou a se movimentar. Toda a vez que a música parava, o educador, deveria rebuscar na caixa, o objeto que escolheu colocar lá. Procurei anotar cada um, para perceber se a pessoa conseguiu localizar mesmo com os olhos cobertos. Os objetos iam sendo retirados na medida em que cada um escolhia aquele que seria supostamente o seu.</p> <p>Ao final, pedi que retirassem novamente as faixas, alguns demonstraram espanto em ver o que haviam pegado na caixa e considerado como seu, outros ficaram felizes (quinze educadores), pois conseguiram localizar o seu objetivo significativo. Aqueles que se equivocaram, trocaram o seu objeto e tornaram a escrever na folha as impressões e intuições da vivência.</p>
--	---

VIVÊNCIA DAS OFICINAS			
EDUCADOR(A)		PERCEPÇÕES	
		Espectro Total: Dimensões que compõem a inteireza do educador: cultural, social, psicológica, biológica, e cognitiva e como percepção da relação entre elas.	Desvelamento do Eu e as Preciosidades Interiores para a Inteireza do Ser
	A.F.S.A.	“Sinto elas um pouco atrapalhadas, não consigo por mais que eu queira, organizar tudo do jeito a equilibrar tudo. Família, Filhos, Trabalho preenchem	“Foi bárbara a experiência, ir pensando a medida que a música vai tocando e pensar ainda sobre a nossa vida. Senti esse tempo só meu como a

		um espaço que às vezes, não nos deixa pensar em nós.”	muito não sentia. Acho que sempre quis uma pessoa bacana, mais as escolhas que fiz não me ajudaram muito.”
	A.M.P.	“Acredito que por mais que saibamos o que é o melhor, as escolhas provocam um desequilíbrio, Estudei por muito tempo o lado psicológico e pensar nas perdas que temos ao longo da vida, não nos faz melhores, ficam os traumas. O ser humano poderia olhar mais para si, só que precisa fazer as coisas com mais calma e sendo inteiro em cada uma.”	“Algumas experiências parecem bem limitantes. Não foi muito tranquilo ficar na escuridão. Passou uma ansiedade, esperando para ver quando tudo ia terminar. Consegui pensar em minha vida até uma parte, depois essa angústia tomou conta e não consegui me concentrar na música ou no que foi proposto. Quanto a caixa das preciosidades, encontrei o meu objeto e isto me fez acalmar, tinha certeza, que mesmo com aquela venda, tinha encontrado, o “Tau”.
	A.M.K.L.	“Vivo correndo, atendendo meus filhos, meu, marido, o meu trabalho, meus alunos. Sempre deixei que minha vida fosse assim. Nada foi fácil. Pouquíssimas pessoas acreditaram que eu podia fazer uma faculdade, me formar. Acho que sou uma pessoa muito preocupada e comprometida com meus alunos,	“Essa vivência trouxe coisas que eu não pensava há muito tempo. O bebê que fui um dia está tão distante do que penso. Engraçado que algumas coisas são muito presentes. A gravidez dos meus filhos, o início da minha vida de casada, mas por outro lado, lembranças da infância ou da

		<p>por eles faço qualquer coisa, quero ajudá-los a melhorar sempre. Meus filhos estão grandes agora, tenho um pouco mais de tempo para mim, para o meu casamento que passou por uma crise, mas que agora estamos conseguindo olhar na mesma direção. Ainda quero fazer mais coisas, inclusive saber usar o computador que é um grande limite para mim.”</p>	<p>adolescência não conseguia fazer vir ao pensamento. Pensar tanto assim em mim não é comum, me acostumei a pensar no que os outros precisavam, que esse tempo para mim, quase que não existe. O que me fez repensar algumas coisas, foi o acidente e o assalto que sofri, em pouco tempo de intervalo, mas que estando sozinha, tive esse tempo para pensar. Quanto a caixa, acho que não sou nenhum pouco ligada, gosto das coisas, mas sou tão detalhista para no meio de tanta coisa, saber o que é meu.”</p>
	C.R.S.S.	<p>“Minha vida é muito boa e acho que sou uma pessoa muito realizada! Já trabalhei em tantos lugares, que estar aqui é uma maravilha, fazer parte deste grupo, que é lindo. Eu acho que as dimensões do espectro estão todas equilibradas, tenho os meus filhos lindos, meu trabalho e meu divertimento. Tudo está bom”.</p>	<p>“Já havia feito algo parecido e foi bom, Lembrei sim de todas as coisas. Minha vida sempre foi muito boa, mesmo depois do susto do problema de saúde do meu marido. Na hora da caixa, fiquei um pouquinho perdida, mas acho porque haviam objetos com o formato parecido.”</p>
	C.M.D.S.S.	<p>“Ainda acho que tenho muito que aprender. Me sinto um pouco atrapalhada. Sempre fui muito calma, mas</p>	<p>“Sabe já mudei muito. Alguns aqui sabem. Era medrosa, indecisa. Não saia de casa. Vivia muito</p>

		<p>depois que os filhos vieram, não consigo ter uma organização tão boa assim. Às vezes, sinto muita insegurança, mas procuro fazer tudo aquilo que me pedem. Queria ser mais independente, ou melhor, não ser tão super protetora com meu filho.”</p>	<p>com minha família. Só que minha vida girou muito rápido e eu tive que aprender em pouquíssimo tempo a coordenar um final de faculdade, um casamento, uma casa e um filho. Acho que não estava prepara para tudo isso desse jeito. Foi um processo difícil, mas agora com minha filha, já me sinto mais tranqüila e não dependendo tanto de meus pais. A dinâmica me ajudou a pensar nestas coisas.”</p>
	D.P.T.	<p>“Gosto de dizer que aprendo com todas as experiências. Ando um pouco ansiosa, pois estou terminando minha faculdade e os estágios, a família e os meus aluninhos parecem ser muita coisa junta e eu quero fazer tudo muito bem e sabe, acho que às vezes não fica legal. Tenho uns altos e baixos, mas tenho muita vontade de acertar, fazer o certo. Gosto muito no meio disso tudo viajar e me sentir feliz.”</p>	<p>“Experiências diferentes nos fazem crescer. Como gosto de música, logo comecei a me sentir com uma paz muito grande. Sentia-me quase que como uma fada, deslizando pelo ginásio, pensando na minha vida, no amor que tenho, nos meus pais, nos meus alunos e o quanto esperei para ser professora. Cada pedacinho da minha vida parecia vir me cumprimentar e depois voltava para a sua caixinha secreta.”</p>

	E.G.	<p>“Tenho uma idade que posso dizer que fiz muitas coisas na vida, umas boas, outras nem tanto, mas que procurava retomar e começar de novo. Tive alguns momentos de muita dor e talvez por isso seja um pouco mais reservada nos dias de hoje.”</p>	<p>“Achei estranho ter que colocar essa faixa nos olhos e ficar pensando em todas essas coisas. Não sei se tem muito sentido. Muito tempo para ficar pensando.”</p>
	E.A.H.	<p>“Tenho como convicção que só seremos melhores quando assumirmos com correção o que nos propomos a fazer. Sou alguém que na necessidade de mudar, de equilibrar todas essas dimensões estou procurando um caminho que possa responder as minhas expectativas, talvez fora da educação. São proposições. No momento, creio que falta um pouco de paciência para equilibrar e me sentir mais livre.”</p>	<p>“Uma experiência bem interessante. Para um rapaz que saiu muito cedo da casa dos pais, pensar em lembranças mais afetivas, foi uma tarefa um pouco demasiada. Sai da casa dos pais, aos doze anos e de lá para cá, muitas coisas se passaram, principalmente na questão financeira. Viver sozinho, pagar as despesas, estudar, concluir a faculdade... Dias se passaram, mas posso dizer que tenho algumas destas lembranças como muito queridas e tanto que hoje quando volto para visitar os pais, sinto-me mais próximo deles. A oportunidade de pensar sobre as coisas ajuda na medida que nos faz refletir o que fomos e o que queremos ser.”</p>

	M.F.P.	<p>“Sou uma pessoa que está sempre tranqüila, não sou de grandes explosões ou conflitos. Quero fazer tudo certo e cumprir corretamente com as obrigações do meu trabalho. Procuro ser amiga e compreender principalmente meus alunos. Me sinto responsável pela minha família, especialmente minha mãe. Mesmo sendo muito pacífica, às vezes, me envolvo em pequenos acidentes não são causados por mim, mas que acabam me envolvendo e eu tenho que tentar ficar bem. Já tive alguns relacionamentos que me tiravam deste bem estar e isto não foi, então agora prefiro estar assim. Sozinha, me divertindo e pensando em retomar os estudos.”</p>	<p>Acho que foi bom, só que me senti um pouco incomodada com os questionamentos. Não sou uma pessoa que pensa muito sobre essas coisas, vivo o presente e dele quero o melhor. Algumas experiências em vez de nos ajudar, elas deixam marcas e faço o possível para apagá-las.”</p>
	G.S.R.	<p>“Quero muitas coisas ao mesmo tempo e encontrar o equilíbrio dá trabalho. Batalhei muito por um espaço em função da minha limitação na fala e agora que recebi, procuro fazer o meu melhor. Não sou uma pessoa das mais fáceis, mas gosto muito de ajudar quem precisa e tenho pelo meu trabalho, um amor muito grande. Agora com a faculdade quero aprender</p>	<p>”Gosto muito deste tipo de trabalho, me faz pensar nos obstáculos que passei, do preconceito dos próprios professores, da direção e coordenação do colégio que fiz o curso do Magistério, que eu não teria condições nenhuma de ser professora. E posso dizer que levou muito tempo, mas eu cheguei lá. Muitas portas se fecharam, quando eu</p>

		mais coisas, para ser uma professora melhor.”	estava quase desistindo, essas portas se abriram. Foi um sonho. Não tenho palavras para dizer da minha alegria, da minha satisfação. Sou feliz neste momento. Minha família sempre me apoiou e lembrar dos momentos de minha vida, foi muito prazeroso, eles foram a minha sustentação e constante aposta em todos esses anos. Posso até dizer que eles não desistiram e isto me manteve viva para alcançar o que queria.”
	G.A.F.	“Sou um cara meio desligado de tudo, não me preocupo com essas coisas aí. Vivendo lá no meu pedaço de terra sou feliz e pronto.”	“Esses papos de Pedagogia, não me convencem, acho que isto não ajuda em nada. Pensar em mim o que vai me trazer de bom? Vou eu lembrar de cada um desses troços? Somos um grupo e se eles fazem eu também tenho que fazer, mas acho que isso não nos leva a nada.
	I.F.	“Estou quase encerrando o meu ciclo. Acho que fui muito feliz na minha vida. Fui uma professora em uma época que não tínhamos os recursos que temos hoje, queria fazer, mas éramos impedidas pelas direções,	“Não sei se tenho essas lembranças todas. Faz muito tempo. Gostei de pensar no meu tempo de menina, das coisas boas. Como fiz cinquenta anos de vida religiosa, isso parece tão longe, pois

		pelos próprios pais. As facilidades hoje são muito maiores, só que vejo um descaso dos pais com a vida dos filhos. Procurei e procuro me cultivar, sendo presença amorosa e solícita entre todos.”	saímos cedo de casa, mas os pais eram bons. A vida foi boa para mim. As irmãs me ajudaram a viver feliz e cultivar momentos de partilha e doação.”
I.A.A.	“Tenho uma vida louca. O lado artista fala alto. Não fico por muito tempo em um lugar, com pessoas que não gosto. A mesmice me incomoda. Estou sempre revolucionando minha vida. Bagunço tudo e depois tento arrumar. Às vezes dá certo, outros embola tudo. Só que viver é isso, não sabemos bem como tudo termina, por isso precisamos ir vivendo e pensar em coisas boas, pois as coisas menos boas vem sem a gente chamar. Não sei se chegamos a um equilíbrio, meus dias são corridos, que até tenho vontade de pensar nestas coisas, só que acaba não dando. É legal essa oportunidade que o colégio está dando.”	“Alucinante! Gosto prá caramba destas músicas e de tudo que é criativo. O meu lado frenético, acaba acalmando e dá para pensar em tudo o que fizemos sim. Divagar é comigo mesmo. Tiveram partes muito significativas, as frases para completar me emocionaram, pois mesmo sendo assim, tenho sentimentos e eles me dizem que ainda quero alcançar a felicidade. A parte da caixa foi muito interessante. Uma coisa é você falar sobre os objetos, outra é tentar com os olhos cobertos, saber qual é o seu, aquilo que é único e verdadeiro.”	
I.R.M.B.	“Temos que ser honestos e humildes e fazer bem o que temos para fazer. Sabe, depois de tanto tempo trabalhando, acho que já aprendi bastante. Temos	“Se tivesse sido sem as faixas, só para escrever eu ia gostar mais. Por que não podemos enxergar o que o outro está fazendo? Não lembro de muita	

		que tocar o coração dos alunos e se assim acontecer, eles vão ser pessoas de bem, com a nossa ajuda. Na faculdade aprendemos as coisas que eram importantes e agora é só transmitir para os alunos.”	coisa não. Trabalhei em tantos lugares e minha família sempre fez o que eu quis. Então lembrar é saber tudo está bem.
J.T.S.	“Mostro-me como de fato sou, uma professora que quer acertar, ser melhor, que busca também esse equilíbrio em todas as dimensões da vida. Sei que sozinha não conseguimos nada e por isso precisamos dar as mãos e fazer o melhor que pudermos. Acho que cognitivamente poderia auxiliar melhor meus alunos, se eu melhor aprender.”	“Podemos aprender com o diferente e isso de parar e pensar sobre nós é algo bem importante, nos ajuda a compreender nossas limitações e saber por onde caminhar. Percebo que pouco pensamos sobre a nossa trajetória de vida.”	
J.T.R.F.	“Sou um cara que procuro estar bem sempre, vivo aquilo que me faz bem e se não gosto não faço. Sou leve e fala pouco sobre as minhas coisas, embora viva brincando com todos. Poucas são as pessoas que realmente me conhecem. Gosto do meu trabalho, da minha vida, de música, da vida no campo, da tradição de meu povo e ainda arrisco uns versos porque penso que muitas coisas tristes já têm a vida e	“Trabalho com o corpo e esse tipo de dinâmica só ajuda, torna leve tudo o que está na volta. Como disse antes, a vida não tem nada de complicado, quem complica são as pessoas. Pensar sobre o que vivemos é bom em parte e em outra não, pois não tem como não lembrar dos momentos que foram de dor. Isso faz parte, mas quem fez como era para fazer, pensando em cada frase, em cada	

		a nossa parte é trazer alegria e viver na paz com todos.“	emoção, deve ter balanceado, como eu balancei. Na caixa com os objetos não tinham como não reconhecer meu chaveiro com a imagem de Nossa Senhora, pois é ela que me acompanha e me protege em todas as coisas que eu faço e eu não paro, preciso da proteção dela.
	L.T.A.	“Sou uma pessoa muito transparente, se gosto digo e se não também. Procuo viver de forma muito simples, quero o suficiente para ser feliz. Já tive que enfrentar situações muito difíceis, muitas distâncias para trabalhar, mas jamais desisti, mesmo com o filho pequeno para cuidar e levar para todos os lados que eu fosse. Hoje estou mais equilibrada em todas as áreas da minha vida, e acredito que para continuar assim, precisa mais trabalho ainda e fazer as coisas com mais calma.”	“No começo achei que tudo isso não ia dar em nada, mas consegui me acalmar e entrar na dinâmica fazendo passo a passo. Tem coisas que ainda prefiro deixar bem guardado lá trás, outras são mais interessantes de serem recordadas. Fiz, creio eu, algumas escolhas que não foram as mais acertadas, as consequências vieram e sofrimento também, por isso não gosto de recordar. Só que tem uma coisa, é bom fazer uma parada para nos darmos conta do que é a nossa vida.”
	L.F.F.	“Procuo agir sendo o mais justo possível, às vezes erro, mas não é de forma proposital. Quando é acerto tudo bem, mas geralmente as cobranças vêm quando	“Vivências como estas nos ajudam a repensar nosso modo de viver. E quantas coisas aparecem. Na maioria do tempo vamos fazendo tudo o que é

		<p>algo não dá certo. A vida é um pouco isto, encontrar esse equilíbrio é o acerto que queremos ter, mas não há garantias, a imprevisibilidade faz parte de todo caminho. Creio que nesse momento, meus dias estão um pouco lotados de compromissos, com pouco tempo para a família, para o descanso, para a leitura dos meus livros. São as opções que fazemos, entretanto, acredito que tudo vem para o nosso melhoramento.”</p>	<p>pedido e não conseguimos perceber que não respiramos, não pensamos nas pessoas que amamos, na melhoria do próprio trabalho e nos sonhos que temos. Algumas etapas são difíceis realmente de serem lembradas, outras surgem com facilidade a nossa mente. Olhando para trás, é bom perceber que avanços aconteceram, sonhos se realizaram, mas ainda tem outras coisas que precisam se acertar e trazer a possibilidade de uma felicidade mais plena.”</p>
	M.L.F.S.	<p>“Uma estrangeira no meio de tantos nativos, só pode dar confusão. Em função, como vocês sabem de todos os conflitos no Uruguai viemos para cá, buscando uma melhor qualidade de vida. Só que encontramos grandes desafios. Os dias no início tinham a barreira da língua, o não emprego, a necessidade de pagar as contas, alimentar as filhas. Dias realmente acinzentados. Com o passar do tempo, as coisas foram se modificando e ainda não está o ideal, mas posso dizer que conquistas houveram e ainda necessito equilibrar a vida pessoal</p>	<p>“Gosto muito de música e estas que escolheste, nos ajudam a penetrar nos nossos esconderijos. Em Uruguai a vida quando menina foi muito boa, com a família, na parte dos estudos, no lazer. Só que o tempo passou, as condições de vida mudaram, houve o falecimento de meu pai e precisávamos fazer alguma coisa. Optamos em vir para cá. Há muitos dias que podem ficar para trás, mas descobrimos a hospitalidade de um povo e embora as dificuldades se somassem, hoje temos dias alegres, não são bem alegres, porque os</p>

		com a profissional.”	horários e os locais de trabalho me afastam de minha família, mas se queremos prosperar, as escolhas precisam existir. Poderia até sonhar, com o filme que passou pela minha cabeça.”
	P.B.M.	“Penso que tenho uma vida mais ou menos equilibrada. Estou longe de minha família, pois casei e vim morar para cá e sinto bastante falta deles, mas por outro lado, estou ao lado do meu marido, estou na minha casa nova e quase concluindo minha faculdade. Então, o equilíbrio, vem em tentar conviver com todos esses momentos, ser menos ansiosa.”	“Não consigo ficar muito calma, sou agitada e tenho uma enorme vontade de falar o tempo todo e na dinâmica estando de olhos cobertos, sem comunicação oral, não me senti muito a vontade. Até conseguia pensar nas propostas, mas esperava que terminasse logo. Não consegui compreender a relação entre as duas dinâmicas.”
	P.R.P.	“Hoje posso dizer que encontrei certo equilíbrio. Sofri muito com algumas perdas e elas ainda me deixam muito emocionado, mas consigo falar sobre elas, há alguns anos chorava e isso parecia aliviar por um período, mas não amenizava a dor. Resolvi sair da área empresarial e investir na educação e vejo que os frutos estão chegando. Estou estabilizado emocionalmente, trabalho em duas escolas que me	“Sou bastante sensível e a dinâmica no seu todo balançou as estruturas, pois tenho em minha história de vida fatos marcantes e que voltar e rebuscá-los me deixa meio estranho. Entretanto, gosto de participar disso tudo, me sinto bem no grupo e eles me respeitam e compreendem, com eles sinto que posso crescer e me sentir inteiro.”

		realizam e estou fazendo planos para que uns dos meus sonhos aconteçam, de ser pai. Ai o equilíbrio ente todas essas dimensões seriam completas.”	
	R.C.	“Minha vida é dez. Minha família está constantemente comigo, trabalho, ajudo meu marido e ainda auxilio meus pais em função dos problemas de saúde deles. Ser educadora é algo que se encarnou e procuro fazer tudo perfeito. Por isso, percebo que existe esse equilíbrio.”	“Temos que ter prazer em tudo o que fazemos e viver esses momentos com o grupo é fundamental. É sempre muito bom lembrar as coisas que me fizeram. Escolhi uma família, cultivei e agora estou ajudando minhas filhas a terem a sua. Quando a família e o trabalho dão certo, não precisamos de mais nada para sermos felizes.”
	R.S.G.	“Vejo que minha vida está em um crescente desde o nascimento da minha filha. Procuro viver fazendo planos. Eles foram acontecendo. Casei, me formei, arrumei minha casa, minha filha nasceu. Trabalho nas duas áreas que escolhi a educação e a fisioterapia. Estou de bem com a vida, creio que esse equilíbrio existe a partir das escolhas que fiz.”	“Sempre gostei muito de fazer dinâmicas com meus alunos e isto me deixa muito a vontade. Logo no início da música, lembrei das músicas que colocava quando estava grávida, queria que a Camille escutasse. A primeira associação que fiz foi essa. Depois deixei que as emoções chegassem uma a uma. Talvez por lembrar a alegria de tudo que foi o seu nascimento, encontro muitos motivos, sentir-me mais plena atualmente.”

	S.A.E.	<p>“Sou filho do tempo e muito já andei pelos lugares. Sinto saudades do tempo que o meu piá estava comigo aqui. Equilibrar essa saudade dói, mas faz parte de um caminho que não temos como modificar. Sendo um dos mais velhos do grupo, não sei se todos compreendem o que digo e o as coisas que faço, mas procuro ser muito verdadeiro em tudo o que faço. Para mim, isto traz o equilíbrio.”</p>	<p>“Um homem vivido tem mais dificuldade em interagir da mesma forma que os demais colegas num trabalho destes, contudo vejo que naquilo que consegui me liberar, fui lembrando e pensando, mas houve momentos que não consegui associar o que era solicitado. Queria que tudo pudesse ter um fim.”</p>
	T.K.C.	<p>“Não sei se chegamos a um equilíbrio nestas dimensões, mas penso que nada é tão importante que a vida, sem ela não podemos fazer os planos que levam a concretização dos sonhos. Alguns aconteceram recentemente para mim e estou procurando cuidar muito, quero saber que minhas filhas (gêmeas) se orgulham de mim e que meu trabalho auxilia muitas pessoas.”</p>	<p>“Pareço desconfiado, mas me interesso por coisas diferentes, minha área, a Informática convive muito com o novo, o diferente. Fiquei pensando o que faríamos com as faixas e por que o ginásio, mas logo fiquei ciente do propósito e acreditei que seria interessante. De fato foi. Não há como dizer que a informação anda a passos lentos, pelo contrário. Vivo esse mundo frenético e não fico pensando nas experiências que vivi. Momento singular de voltar no tempo e ver tudo aquilo que eu fazia com meus irmãos, meus pais e companheiros da bola. Não sei se minhas meninas serão apreciadoras</p>

			dos jogos, mas vale a pena incentivar, para que elas também tenham as lembranças de uma época que embora não pensemos, estão lá.”
	U.T.T.	“Tenho vivido entre superações e talvez isso possa ser caminho para o equilíbrio entre as dimensões humanas. Tenho uma doença que segundo os médicos me impossibilitam de muitas coisas (Lupus), inclusive de engravidar, vocês sabem o que aconteceu, tive o Gustavo e foi o período mais sadio dos últimos anos e por isso, vejo que nossos desafios precisam de superação para alcançarmos esse equilíbrio em todos os aspectos da vida.”	“Tenho algumas dificuldades de interação, mas quando percebi que a dinâmica era individual, consegui relaxar e fazer a proposta encaminhada, Provavelmente pelas limitações que nos últimos anos fui acometida, lembro que nem tudo eu podia fazer e isso me deixava triste, meus amigos faziam tudo e eu não podia, minha mãe era extremamente cuidadosa. Não compreendia, hoje sou eu a fazer esse papel, pois ela encontra-se enferma e precisa dos cuidados. Então, recordar as etapas de nossa vida, até me fizeram amenizar o medo que tenho dela não se recuperar totalmente.”
	V.B.E.	“Sou uma pessoa muito prática e digo o que precisa ser dito na cara, sei que às vezes até pareço meio estúpida, mas prefiro que tudo seja clara. Passei por um momento delicado ao descobrir um câncer de	“Embora tenha passado já o tempo de acompanhamento da doença, essa lembrança é muito forte e não há como não ir as lágrimas. Fui uma pessoa sempre muito segura de si, mas que

		<p>mama, pensei que muitas coisas estariam acabadas, mas não. Venci a doença e vejo que esse equilíbrio pode reacender a esperança. A única dor que é insuperável e provoca então o desequilíbrio é a distância do único filho, mas também sei que abrimos mão de muita coisa para que ele chegasse onde chegou. Tenho orgulho, mas esse equilíbrio total não acontece, em função desta distância.”</p>	<p>não aceitava ser contrariada e os sentimentos foram se acumulando e em um momento estourou, A negação fez parte, o sentimento de culpa, o medo e tantos outros. Só que era necessário enfrentar e a cirurgia foi o caminho. Correu tudo bem, mas se tivesse que pensar uma memória, essa estaria muito presente, pois foi um sofrimento muito grande e difícil de superar.”</p>
	V.V.R.F.	<p>“Acho que tudo caminha bem quando trabalhamos bem e a recompensa da vida é esta. O equilíbrio vem junto.”</p>	<p>“Sou sincero em reconhecer que um professor de Educação Física fica receoso quando inventam dinâmicas, talvez seja o meu lado de presunção. Essa dinâmica, no entanto, trouxe a possibilidade de pensar mais uma vez na minha origem, que vocês já conhecem, mas que um orgulho para mim, lembrar tudo o que houve, as escadas que tive que transpor para ser um professor, realmente me emociono de lembrar do grande esforço que minha mãe sempre fez e no fim da faculdade mais ainda.”</p>

**PARTILHA
DAS
INTUIÇÕES**

A primeira oficina foi muito interessante, mas percebo que essa trouxe mais emoção às vivências propostas.

Na primeira parte, na exposição da dinâmica da espiral, ouvi como disse anteriormente bastante atenção e um debate que levou boa parte da oficina. Considero fator positivo, porque a proposta está sendo compreendida e validada pelos educadores.

Com as informações sobre o espectro total, cada participante escolheu um espaço e procurou, na sua maioria, construir o seu, refletindo sobre a sua vida e como estão cada uma das dimensões: social, cultural, psicológica, biológica e cognitiva. Nesse momento, aqueles que estão mais receptivos às oficinas, pareciam mergulhar em seus pensamentos, procurando ver como estava cada uma das dimensões constitutivas do seu eu. Logo a seguir, no relato, surpreendi-me com as informações que escolheram socializar, algumas eram muito íntimas. Claro que ao viver em grupo, nos inteiramos da vida do outro, mas são esses momentos que revelam uma essência mais profunda e particular.

Conforme a partilha ia acontecendo, e os espectros iam ocupando os espaços laterais do grande cartaz, alguns se sentiam bem entre todos, outros pareciam expressar um sentimento de desconforto e outros ainda não evidenciavam nenhuma reação que nos dissessem o que estariam pensando. Perceptível era notar que havia um desejo por um autoconhecimento maior e que aí poderia ser o início para esse processo acontecer.

Torna-se evidente também por outro lado que alguns educadores, embora estejam participando da proposta das oficinas, não estão suficientemente vinculados a mesma e, neste momento, demonstram pouco interesse pelo seu autoconhecimento.

Compreendo que o tempo das pessoas é diverso, mas vejo que a proposta poderia ter sido oferecida somente para aqueles que assim estivessem realmente interessados em participar, todavia sendo um horário destinado à reunião, uma pequena parcela, não compreendeu os objetivos expostos e prejudica o desenvolver das dinâmicas.

A outra etapa, que foi a dinâmica dos olhos cobertos, emocionou-me, pois procurando manter todos a salvo das arquibancadas, para que não se machucassem, notei que os educadores mais velhos tinham muito receio de se locomover pelo ambiente, arrastavam os pés, para saber onde estavam e permaneciam longo período quase que no mesmo lugar. Parece que a música não fazia o efeito de fazê-los deslizarem pelo ginásio. Quando então, comecei a inserir as pequenas reflexões, os corpos começaram a se movimentar mais rapidamente, parecia uma resposta ao que tinham que pensar. Havia reafirmado a não expressão verbal, para que a dinâmica pudesse atingir os lugares mais preservados de sua consciência. Acredito que no decorrer dos comandos, muitos tinham a vontade de falar ou até manifestar-se sobre cada uma das frases, mas a combinação não era esta. Procurava dar a eles um tempo significativo para que pudessem revolver suas memórias. O objetivo era que, mesmo que imaginariamente, pudessem ir construindo uma linha do tempo, tomando contato com os principais momentos de suas vidas e a memória afetiva que deles se associava.

Ao informar que seria a última viagem, alguns pareceram relaxar o corpo. Voltar a fase inicial, de bebê, não era equivocada, mas fazê-los tomar contato com algumas emoções primárias que o inconsciente guarda e lá no espaço subjetivo armazena.

Dando continuidade, após acostumar-se com a claridade, pedi então que fizessem os seus relatos por escrito. Percebi que alguns ficavam olhando para a folha e nada nela, outros tinham muito que escrever. Respeitei esse momento particular.

Quando se uniram em pequenos grupos (quatro pessoas em cada grupo), relataram sobre a vivência, do que foi marcante, do que não foi bom e se de fato conseguiram recordar cada uma das etapas mencionadas. Novamente destacaram-se aqueles grupos, nos quais os participantes viveram intensamente o momento e tinham o que partilhar. Não interferi diretamente nos pequenos grupos, deixei-os livre pelo tempo que havia estipulado (vinte minutos), para depois, então, convidá-los a partilhar no grande grupo. As falas encontram-se no quadro anterior. A riqueza e a intimidade das informações denotam a confiança no grupo. Esse aspecto é relevante, pois quanto mais a vontade as pessoas estão, maior é a possibilidade de abandonarem-se em sua história de vida e deixarem a dimensão subjetiva falar.

Para encerrar, tomamos a dinâmica das preciosidades que revelam o ser no mundo, com a caixa dos objetos. Esse momento foi também bastante interativo e significativo. Cada educador foi partilhando com o outro os objetos da caixa, sendo que havia também combinado que eles só seriam revelados no momento da oficina. É interessante perceber a história que cada objeto tem na vida das pessoas e porque elas os guardam por tanto tempo. Talvez, a própria explicação não seja suficiente para justificar guardar algumas

	<p>coisas por tanto tempo, mas no íntimo de cada um, essa relação pode ser o elo com a dimensão objetiva/subjetiva. Um a um dos educadores, foram desvelando o seu pequeno universo, nas preciosidades que portavam em suas caixas.</p> <p>Admirei-me mais na segunda etapa, pois ao escolher um dos objetos para estarem em uma caixa maior que já havia sido preparada, eles relutaram em escolher um, pois todos eram importantes, mas como tínhamos um número elevado de participantes, não havia como deixar os objetos de todos.</p> <p>Cada manuseio, tentativa de descobrir o seu objeto (de tanta importância), parecia que era uma última tarefa, se não conseguissem, seriam derrotados. Alguns se sentiram assim mesmo, pois estiveram muito distante dos objetos que haviam trazido e escolhido como o mais representativo. Ao final, quando todos estavam com um objeto, retirando a faixa dos olhos, a reação era de vergonha, de espanto, alegria e outros de conquista, por terem reconhecido aquilo que era precioso em sua vida.</p>
--	---

<p>TECENDO E UNINDO AS INTUIÇÕES</p>	<p>Procurando tecer e unir as percepções desta espiral, percebo que alguns educadores e provavelmente as pessoas, normalmente sentem-se inibidos em expressar ou partilhar o que se esconde em seu interior. As dinâmicas auxiliam, para que fazendo um retorno ao seu universo sagrado, consigam compreender e perceber o que foi deixando para trás em suas trajetórias existenciais.</p> <p>Algumas marcas são profundas e pelas circunstâncias do cotidiano acabam por serem bem escondidas. Para revelar a inteireza do educador, é necessário fazer esse movimento da espiral, ir do exterior ao interior</p>
---	---

e lá identificar as dimensões evolutivas que ainda não propiciam um equilíbrio entre elas, para dar o sentido e o significado da inteireza da pessoa.

Quando educadores desvestem-se dos seus aventais e deixam as barras de giz e procuram responder primeiro as suas questões, há fortemente uma tendência, desse movimento acontecer em sala de aula posteriormente. Percebemos que exigimos do aluno, atenção, concentração e interesse para as nossas aulas, mas não nos permitimos olhar além.

O aluno é um ser humano, com marcas, imagens, sensações, frustrações e um interior cheio de histórias. Nós, não contentes de exigir o que eles não podem nos dar, ainda os rotulamos, muitas vezes, de maus alunos. Por isso, a necessidade de uma compreensão primeira de quem de fato é o ser humano, quem somos nós, na pessoa dos educadores, para depois então, conseguirmos trabalhar também a pessoa do aluno.

Os seres humanos possuem uma ligação muito tênue entre a realidade e a sua subjetividade. A sociedade atual preconiza tanto status, que impede que o ser seja ele. A regra é reproduzir para ter. Nós, em nossa pesquisa, estamos procurando tornar claro, que estamos no caminho inverso, queremos ser para nos tornarmos melhores e co-partícipes de uma cultura que permita esse ser, revelar-se na sua inteireza. A inteireza que postulamos, refere-se ao modo singular que cada um irá viver, mas indiscutivelmente, respeitando o outro e deixando que ele seja e expresse o seu “eu”. Só assim conseguiremos pensar uma sociedade planetária que tenha uma sustentabilidade, a partir da ampliação dos níveis de consciência do humano, a qual poderá vir a respeitar toda e qualquer forma de vida e não compactuar das ações que descartem a vida humana.

	<p>A originalidade do ser humano e, conseqüentemente do educador, passa por esse movimento, de dar-se conta quem ele é nesta história da humanidade e como poderá, compreendendo seu universo subjetivo, expressar um compromisso com a preservação do planeta e da própria condição humana. Sem esse movimento da espiral da subjetividade, há um grande risco, de continuarmos não nos percebendo humanos e dissociados de uma reverência à vida que ainda mantém a nossa espécie.</p>
--	--

6.4.3 - ESPIRAIS DA INTERAÇÃO - ABRINDO AS JANELAS PARA IR AO ENCONTRO DO OUTRO

[...] ante el otro hombre que un hombre puede sin duda abordar como presencia, y que aborda así en las ciencias humanas, ¿es que el pensante no se ha expuesto ya – más allá de la presencia del otro, iluminada sin ambages como visible – a la desnudez sin defensas del rostro, patrimonio o miseria de lo humano? ¿No se ha expuesto a la miseria de la desnudez, pero también a la soledad del rostro, y, por tanto, al imperativo categórico de asumir la responsabilidad por esa miseria? Palabra de Dios en esa miseria, encomendando a la responsabilidad que es irrecusable. Unicidad de irreemplazable y de elegido. De único a á único, más allá de todo parentesco y de toda comunidad de género previa: proximidad y transcendencia fuera de todo sujeto, fuera de toda síntesis de mediador. Pero despertar al indescriptible “yo puro” de la constitución transcendental, reencontrada por la reducción fenomenológica.

Emmanuel Lévinas⁴⁸

Ao propor as primeiras espirais, pensando no eu e na sua subjetividade, compreendemos que a pessoa não pode **ser** e **agir** sozinha carece do referencial do outro para aprender a partilhar e fazer a comunhão do pensar e do agir.

Para tanto, surge a necessidade de abrir as janelas do nosso eu, de tudo o que nos constitui para ir ao encontro. Encontros não são fáceis, pois somos frutos de uma sociedade que sempre nos disse que é melhor o que outro tem. Não temos desenvolvido uma visão de complementaridade, pelo contrário,

⁴⁸ LEVINAS, Emmanuel. *Fuera del sujeto*. Traducción de Roberto Ranz Torrejón y Cristina Jarillot Rodal. Madrid: Caparrós Editores, 2002, p. 170.

descartamos, jogamos fora, e às vezes menosprezamos o que seria o melhor ou o mais acertado.

Incrível a trajetória do ser humano, parece ser um filme que olhamos a todo o momento e continuamos a cometer os mesmos enganos e escolhas que não agregam possibilidades. Acabam gerando conflitos e crises, que por vezes, perduram por muito tempo.

Será que rodar o mesmo filme acrescenta? Penso que nos coloca diante do previsível e atualmente é o imprevisível que dá a cor, a matiz ou o tom. Fazer diferente e acolher o que é diverso potencializam uma interação e uma perspectiva na qual o ser humano estenda a mão e consiga construir algo com o auxílio do outro.

Sung (2006) amplia esse olhar ao dizer que necessitamos viver humanamente e que algumas diretrizes são importantes:

A primeira diretriz, a de partida, é: o sentido da vida humana não pode ser algo que nos reduza a uma condição subumana ou que nos prometa elevar-nos a uma condição supra-humana ou pós-humana. Isto é, o sentido da vida humana é se humanizar, viver humanamente. Isto parece óbvio, mas não é tão simples assim. É claro que o sentido da vida humana não pode ir além da nossa condição humana, no sentido de superarmos a nossa condição, deixarmos de ser o que somos, ou de ir aquém, no sentido de voltarmos a uma condição anterior a do humano. Mas, essas tentações estão sempre muito presentes. Isto pode ser percebido de duas formas: a) a insistência com que diversos autores falam da necessidade de assumirmos a nossa condição humana; b) da constante tentação e promessas de atingirmos a infinitude ou a plenitude (conhecimento absoluto dos mistérios da vida, certezas sobre as realidades sobrenaturais, realização de todos os desejos, uma vida de harmonia plena e total, etc) que no fundo significam nos livrarmos das características da nossa condição. (p.139)

Se realmente queremos um sentido pelo qual viver, somente *com o outro* poderemos construir um novo caminho e essas cores terão a tonalidade de uma linguagem que une, que exprime compaixão, solidariedade, escuta, relações de gentileza e de amor.

A mudança é radical, pois sair de um paradigma que aprisiona e exclui, para um olhar que convida à interação e à comunhão exige um compromisso

profundo e singular conosco e com o outro, para ali então gestar e cultivar essa forma diferenciada de *ser e estar* no mundo.

Segundo Maturana (1998), um elemento primordial na forma de ser e estar, o que conecta-nos um com os outros é o amor.

[...] o amor é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como um legítimo outro na convivência. Portanto, amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências. O amor não é um fenômeno biológico eventual nem especial, é um fenômeno biológico do cotidiano. Mais do que isto, o amor é um fenômeno biológico tão básico e cotidiano no humano, que freqüentemente o negamos culturalmente criando limites na legitimidade da convivência, em função de outras emoções. Assim, por exemplo, toda a dinâmica de criar consciência de guerra, como corre quando há uma luta com outro, consiste na negação do amor que dá lugar à indiferença, e, logo, no cultivo da rejeição e do ódio que negam o outro e permitem sua destruição ou levam a ela. Se não se faz isto, a biologia do amor desfaz o inimigo. (p. 67)

Essa necessidade de re-ligação é fundamental, pois ao nos voltarmos para a compreensão do que o humano carece, poderemos efetivar e manter em um processo ascendente uma transformação nas relações e nas prioridades que sustentarão uma prática diferenciada nas escolas e nas universidades.

Sem a compreensão de que o outro faz a ação, fragmentamos e não queremos mais um ser humano pela metade, uma educação partida e uma sociedade que manipule e despreze a condição humana.

Queremos compartilhar e ir ao encontro. Necessitamos constantemente olhar e rever nossas escolhas e jamais perder a comunhão que nos faz ser mais com o outro para reescrever a história da condição humana e seu sentido no mundo.

Maturana (1998, p. 66) associa-se neste propósito, pois considera que para podermos chegar a compreensão desse sentido, precisamos estar atentos às emoções pré-verbais, e elas mostram-se de duas formas, a rejeição e o amor. Para ele, a rejeição constitui o espaço de condutas que negam o outro como legítimo outro da convivência; enquanto o amor constitui o espaço de

condutas que aceitam o outro como legítimo outro na convivência. A rejeição e o amor, no entanto, não são opostos, porque a ausência de um não leva ao outro, e ambos têm como seu oposto a indiferença. Rejeição e amor, no entanto, são opostos em suas consequências no âmbito da convivência: a rejeição a nega e o amor a constitui. A rejeição constitui um espaço de interações recorrentes que culmina com a separação. O amor constitui um espaço de interações recorrentes que se amplia e pode estabilizar-se como tal. É por isto que o amor constitui um espaço de interações recorrentes, no qual se abre um espaço de convivência onde podem dar-se as coordenações de conduta de coordenações consensuais de conduta que constituem a linguagem, que funda o humano. E é por isso que o amor é a emoção fundamental na história da linhagem hominídea a que pertencemos.

Os relacionamentos humanos necessitam dessa linguagem, mas na maioria das vezes, ela parece aos ouvidos, surda. Não escutamos e ainda, impedimos que o sentimento, se torne real na relação que estabelecemos com o outro. Uma sociedade quase que ensurdecida gera um lamento, um desconforto, pois nascemos para comunicar, falar o que sentimos e pensamos e conviver para gradativamente construirmos novas formas de cultura, de princípios e de valores.

Ao criarmos obstáculos para a vivência pelo amor, pelas relações fraternas, acabamos criando como aponta Maturana (1998, p.68), discursos racionais que negam o amor, e assim tornamos possível a negação do outro. Não como algo circunstancial, mas como algo culturalmente legítimo, porque na espontaneidade de nossa biologia estamos basicamente abertos à aceitação do outro como um legítimo outro na convivência.

Para tanto, alerta-se que *na medida em que há diferentes tipos de relações humanas dependendo da emoção que as sustente, será necessário observá-las para distinguir os diferentes tipos de relações humanas, já que estas as definem. (Maturana, 1998, p.68).*

Ampliar a consciência do humano, portanto, envolve esse despojamento para construir convivências que permitam ao outro ser da forma como é, mas considerando o processo evolutivo pelo qual passa e pelo quanto de espaço abre nessas relações, para perceber-se como alguém melhor, tendo como referencial o próprio outro.

Mosquera (2004), por sua vez, introduz outro elemento além do amor a construção das relações sociais e emocionais. Considera que o ódio juntamente com o amor, são os comportamentos humanos que merecem um estudo mais aprofundado, uma vez que, ambos são eminentemente subjetivos e estão presentes cotidianamente em nossas vidas. Destaca ainda, que tanto o amor quanto o ódio possuem gradações e apresentam aspectos diferenciados, pois não podemos reduzi-los a uma única forma de manifestação comportamental.

Avançando em suas reflexões, chama a atenção para a dificuldade que possuímos em não conhecermos de maneira concreta por que amamos ou odiamos; *damos a nós mesmos razões, mas nenhuma delas é a resposta concreta e definitiva de nosso estado de espírito. [...] esse desconhecimento aguça nossa intranquilidade, pois os sentimentos expressos não deixam de ser importantes para que a maior parte da nossa conduta gire em torno deles. Constatou-se que as pessoas indiferentes, aquelas que não encontram sentido na existência, sofrem as maiores perturbações psicológicas. Já os seres que amam ou detestam são os que, negativa ou positivamente, marcam a história da humanidade. (p.09)*

O ser humano torna-se um construtor de significados e emoções, para fazer com que sua existência tenha um propósito, experienciando o amor, o ódio ou a rejeição. Esses sentimentos podem ser expressos de várias formas, mas serão reais, se vividos em sua totalidade.

Pensar em uma tessitura dessas emoções é por outro lado um desafio que se desenha imediatamente, por sua condição de incompletude, mas ao mesmo tempo de sua finitude. Amar é uma busca real, contudo limitada pelo desejo de querer absolutizar um estado de amor, que se constrói só na relação com o outro.

Para Mosquera (2004) o amor torna-se uma construção pessoal, sendo uma longa caminhada. Revela-nos a necessidade da pessoa estar aberta e receptiva a essa forma de emoção e atentos, pois

[...] alicerça-se na verdade que procuramos e na consideração que temos para com a nossa pessoa e para com o próximo. Mas o amor é também uma aprendizagem, pois nascido das emoções primitivas, vai-se ampliando através daqueles aspectos que constituem complementação, interrogações e necessidade de não estarmos sozinhos, embora a solidão seja o estado mais importante do ser. É evidente que o amor acrescenta muitas facetas e que nunca é vivido do mesmo modo. Há, entretanto, no amor uma profundidade raramente explicável. É aquele sentimento que nos leva a uma afinidade com a natureza, solidários com as outras pessoas e caridosos para conosco. Não é fácil viver o amor. Na metade da vida, quando olhamos o nosso passado, temos a certeza de que todas as experiências que construímos foram válidas, pois nos tornaram unidos com as pessoas. (p. 10)

Provavelmente, ainda não estamos preparados para considerar o bem do outro antes do nosso. Na espiral do desenvolvimento, ao nos situarmos no nível da sobrevivência, podemos simplesmente almejar o melhor, todavia se não permitimos que o outro também se coloque neste patamar, incorremos em uma estagnação da ampliação da consciência e inteireza.

Mosquera (2004, p.10), no entanto, afirma que sendo o amor algo amplo, não pode reconhecer fronteiras, e é indiferente ao tempo, espaço e interesses. Viver o amor é viver a vida em toda a sua plenitude, mesmo com medo, angústia, glorificação e paz. As forças do afeto residem principalmente na segurança que temos, não na outra pessoa, mas na força do nosso sentimento. Sendo, pois, subjetivo, o amor é uma interpretação e essa cabe ao nosso pensamento, principalmente ao estado de espírito de como aprendemos este sentimento. Grande parte dos seres humanos não vive a plenitude do amor, mas estereotipagens, resultando arremedos afetivos que empobrecem, desgastam e maltratam.

Podemos ir aos recônditos de nosso ser, mas lá está a dualidade, a interação e a complementaridade do que somos, sentimos e queremos. Podemos encontrar os subterfúgios que forem, porém a realidade mostra, revela e por vezes aniquila. Nesse sentido, o compromisso com o melhoramento pessoal necessita ser audacioso, para que sejamos felizes e façamos o outro também atingir esse estado de plenitude.

Surge o contraponto da construção pessoal, se não estivermos atentos a esses movimentos audazes, nos deparamos com a destruição pessoal. *Percebe-se que as manifestações de desagrado, emanadas das dificuldades da vida, são corolários da forte agressividade decorrente, provavelmente, da frustração. Os sentimentos negativos são necessários para poder sobreviver e construir a personalidade. Essa manifestação básica para os seres humanos, já que sua expressão significa libertar-se de conteúdos que angustiam e oprimem.* (Mosquera, 2004, p. 12)

Não podemos negar que assim como existe o lado da beleza, do terno, do suave, do enternecimento, temos o menos belo, o hostil, o áspero e o rude. Características que estão presentes em todos e que dependendo das experiências deixarão marcas que valem a pena traduzir em aprendizagens e conseqüente partilha e aquelas que seriam melhor revestir-se de um novo significado para não levar a esse caminho da destruição pessoal.

Para sabermos por onde ir só penetrando no interior do humano e lá rebuscar o que merece vir à tona e do mesmo modo, retirar de lá, o que não contribui para a singularidade da pessoa. Não há garantias, nem para o bem e nem para o mal, somente percorrendo o caminho será possível saber e como tudo isso se manifestará, é prerrogativa de quem trilhar o caminho desta autodescoberta.

ESPIRAIS DA INTERAÇÃO - ABRINDO AS JANELAS PARA IR AO ENCONTRO DO OUTRO

Espiral	Período	Dinâmicas
- Espirais da Interação - Abrindo as Janelas para ir ao Encontro do Outro	Maio / 2009	<ul style="list-style-type: none"> - Janelas do eu frente os olhares do universo. - Caminhos da ampliação de consciência. - Entrelaçamento das mãos nos “eus” que se encontram. - Estar no universo com o outro.

Objetivo	Aplicação das Dinâmicas
* Propiciar no encontro com o outro, a compreensão do “eu” e sua relação com o transcende e com as interfaces do meio cultural, favorecendo a ampliação dos níveis de consciência que contribuem para desvelar a inteireza do ser humano.	<ul style="list-style-type: none"> - Cada um terá liberdade para confeccionar uma janela com papel pardo ou outros materiais a disposição. Em uma das folhas da janela, descrever o que cada um vislumbra ao colocarem-se diante da janela, quais os apelos, percepções ou anseios surge a sua frente. Na outra folha, quais os propósitos que almeja alcançar pensando em sua condição humana. - Logo após, cada um fará a exposição de sua produção. Será proposto que a partir das exposições procurem chegar a um consenso quanto aos apelos, percepções e anseios de todos, destacando aqueles que poderiam revelar um desejo de todos.

- Momento de reflexão: É possível associar anseios e percepções a partir do olhar que se tem sobre a vida e os olhares que desenvolvemos?

- Dinâmica das Escadas: Cada um ficará em frente a uma arquibancada que representará as escadas. Ao subir cada um dos degraus, será feito um questionamento sobre os níveis de consciência e o educador deverá associar a sua trajetória de vida. Para cada degrau, haverá uma folha que deverá unir a outra, para no final, construir sua dinâmica espiral da consciência. Esse momento também será seguido de uma reflexão coletiva.

- Desta reflexão, procuraremos lançar novos questionamentos sobre os relacionamentos que foram constituídos ao longo da sua existência e como eles foram construídos. Após, solicitaremos a cada educador, que escolha o seu parceiro e vá ao seu encontro. A comunicação, a partir deste momento, só poderá acontecer por meio das mãos entrelaçadas, a comunicação verbal cessa. A dupla seguirá orientações, mas não poderá se manifestar oralmente. No decorrer da dinâmica as duplas irão se juntando para gerar novamente um único grupo, sendo que o critério da comunicação continua somente pelas mãos. Para culminar a dinâmica, todos juntos deverão representar, sem soltar a mão do outro, que mundo eles gostariam de ver florescer.

	<p>- Finalizando, cada um irá escolher três colegas e encontrará uma forma de expressar desejos para uma convivência harmoniosa, o registro acontecerá por meio de fotos digitalizadas.</p>
--	---

<p>Aporte teórico: Ken Wilber, Marie-Christine Josso, Thomas Moore, Victor Frankl, Humberto Maturana, Humberto Mariotti</p>

<p>VIVÊNCIA DAS OFICINAS</p>	
-------------------------------------	--

<p>PERCEPÇÕES</p>	<p>No dia 06/05/2009, retomando os principais momentos da última oficina, na qual a espiral falava sobre a subjetividade, buscando compreender a inteireza que constitui cada pessoa, reflexão importante, para que possamos agora nos perceber em relação ao outro.</p> <p>Inicialmente, o grupo ficou pensando como fariam janelas. Uma colega pegou a tesoura e foi cortando pedaços de papel pardo, conforme o tamanho que os demais acenavam. Alguns olhavam para o papel e ficaram por mais de dez minutos em frente a ele sem nada fazer.</p>
--------------------------	--

Outros, mais ágeis foram cortando, desenhando e falando em voz alta como fariam. Demorou um bom tempo, pois só poderia continuar a dinâmica se todos tivessem a janela pronta para poder escrever. As janelas ficaram das formas mais diversas, alguns ainda referiam que havia ficado igual a da sua casa. Se montar as janelas já havia sido um desafio, pensar os questionamentos exigia mais ainda. O primeiro que se referia a se colocar diante da janela e procurar captar que apelos, percepções e os anseios que naquele momento passam em seu íntimo.

Questiono-me se as pessoas conseguem fazer isto em suas vidas, pensar nas suas emoções ou na sua vida profissional, não na reprodução de tarefas, mas como se relacionam com esse espaço de suas vidas.

A continuidade da dinâmica envolvia pensar no que cada um almejava alcançar em sua condição humana e pareceu-me que encontrou um caminho mais acessível para ser escrito. Prosseguindo, houve a partilha nos pequenos grupos sobre a construção das janelas e suas reflexões (relatos nos quadros abaixo).

A ideia foi que ao relatarem o que está em suas vidas, pudessem também, colocar-se no lugar do outro. Para o momento posterior da interlocução, eles procuraram identificar o que se assemelhavam quanto aos apelos, anseios e percepções, escrevendo no meio de uma das janelas construídas. Em seguida, depois de um

pensar mais coletivo, os pequenos grupos refletiram sobre a possibilidade de associar os anseios e percepções, partindo dos seus olhares de vida sobre a vida e os olhares que vamos desenvolvendo? Esta questão levou mais tempo que anterior, pois percebi que discutiram longamente com os colegas sobre o sentido que o questionamento possuía e suas formas de verem o mundo.

No dia 13/05/2009, realizamos a Dinâmica das Escadas.



Figura 17 – Níveis da Consciência - Wilber

Níveis da Consciência – Wilber (1977)

NÍVEIS DA CONSCIÊNCIA:

Nível do Ego – reintegração a sua psique, mas alienado do corpo, o ambiente e o corpo são percebidos como ameaças à existência.

Nível Existencial – superação da dicotomia entre a psique total e o corpo, levando a ampliação da identidade (ser total), consegue apreender a totalidade do organismo ou de sua existência como ser no mundo, contudo ainda estão alienadas do *self* as experiências de contato com o ambiente e com a totalidade do universo.

Nível Transpessoal – senso de identidade se expande para além da individualidade, rompem-se as barreiras entre o organismo biológico e o Universo.

Nível da Mente (Unidade) – consciência é una com a energia básica do Universo, sendo que ela sofre várias divisões, para depois reiniciar de volta o caminho da não-divisão.

Procurei explicitar que as arquibancadas serviriam como uma escada e esta seriam representativas dos níveis de consciência de cada um.

No primeiro degrau, estamos no nível do ego. Pediu-se então, que procurassem identificar os elementos que os mantêm atrelados ao chão, o que os leva a ter medo de buscar o diferente, quais os limites do seu corpo e de que forma a dimensão subjetiva permite unir o corpo a mente?

No segundo degrau, o nível existencial levou-nos a refletir sobre o que no momento mais incomoda a sua forma de viver, considerando a dimensão pessoal e profissional, o que poderia ser melhor, quais os limites que no cotidiano se enfrenta para evidenciar uma totalidade da condição humana.

No terceiro degrau, o nível transpessoal procurou-se identificar quais os princípios importantes para o viver, de que forma nos colocamos diante das experiências e qual o espaço para as conexões com o alto.

No quarto degrau, o nível da mente (unidade) levou-nos a pensar sobre a existência de questionamentos sobre a nossa forma de existir, queremos nos manter assim, por que somos assim, desejamos voltar ao inicio de tudo e construir um caminho que valorize a vida e a experiência transcendente?

Ao percorrer todos os degraus, pediu-se que unindo as folhas que cada um deveria fazer as suas anotações referentes aos níveis da consciência, fossem utilizadas nos pequenos grupos para partilhar a experiência da dinâmica: impressões, a cada degrau conseguiu-se pensar sobre a sua trajetória de vida, considerando os níveis de consciência e de que forma isso tudo pode se associar a ação docente.

A partilha no grande grupo trouxe emoções, contrariedades, indiferença, descoberta e interrogações sobre o modo que vivemos e também sobre o que fazemos com a vida e que espaços o outro tem em nosso viver.

No dia 20/05/2009, encaminhamos à dinâmica, “entrelaçamento das mãos nos “eus” que se encontram”. Fizemos um *feedback* do último encontro, recordando as emoções que emergiram sobre a vida, destacando em quais dos degraus nos encontramos. A interlocução mostrou-se significativa, pois alguns dos questionamentos da semana anterior pareciam ter penetrado o eu pessoal e esteve sendo burilado na mente e redimensionado a partir da vivência.

Logo em seguida, provoqueei a reflexão sobre os tipos de relacionamentos que foram construídos ao longo das suas existências, o que eles revelavam (emoções alegres, tristes...), como sustentam e de que maneira transformam os momentos menos bons. Argumentaram longamente, caracterizando principalmente o

ambiente profissional e algumas experiências de mal estar pelo egoísmo manifesto pelo trabalho do outro.

Solicitei depois desta partilha, que cada um escolhesse um parceiro. Orientei-os para que a partir do momento que iniciasse a música (Shepherd Moons – Enya) e os comandos, a única linguagem seria pelas mãos, não haveria a comunicação oral.

- Colocar as palmas das mãos nas do parceiro, procurando se movimentar conforme o ritmo da música, esse movimento deve expressar o caminho (agitado, calmo, pesado, leve). A representação embora tivesse o descolamento, não poderia desunir as mãos, pois por meio delas, a conexão com o outro estava acontecendo.

- Diante do outro, parando lentamente, fazer uma massagem no rosto do outro. Primeiro um, depois o outro. Nesta massagem fácil, procurar transmitir leveza, para que aquele que está recebendo a mensagem conseguisse pensar nas pessoas que foram marcantes em sua trajetória de vida.

- De costas um para o outro, mantendo as mãos entrelaçadas, caminhar pela sala, mas esse caminhar devia ter um consenso, pois como estavam de costas, um deles daria o comando. Na tentativa do caminhar, solicitei que refletissem sobre os desafios que ainda pensam em colocar em suas vidas.

- A dupla ao próximo comando, deveria encontrar outra dupla e unir as mãos, na cadência da música representar o primeiro encontro com pessoas que foram significativas em suas vidas.

- Logo em seguida, o quarteto, deveria se unir a outro, neste momento, representar as parcerias profissionais que se constrói no seu cotidiano.

- Unindo-me ao grupo, entrelacei todos, tornando-os uma teia, nesse momento, o propósito, sem soltar as mãos, seria formar um grande círculo.

- Finalizando a dinâmica, o grande grupo, unido pelas mãos, deveria expressar a forma que o mundo teria para eles e de que forma poderia florescer.

No relato do grupo, eles disseram que procuraram representar um coração, no qual caberiam suas vidas, as vidas dos alunos e a esperança por um mundo mais humano.

No dia 27/05/2009, culminamos com a espiral, ao realizar a dinâmica “estar no universo do outro”.

Refletindo sobre os princípios da educação franciscana, considerando a pessoa humana um ser puramente

de relações, chegamos ao pressuposto, que para nos tornarmos melhores, no outro encontramos aquilo que precisamos, na maioria das vezes, transformarmos em nós primeiramente.

A proposta então era que cada um dos participantes, escolhesse três colegas e com eles, pensaria uma forma de representar uma convivência harmoniosa, então conforme foram realizando, fui registrando por meio da foto digital. Tivemos expressões muito bonitas, e eram difíceis para os demais colegas captarem o que eles queriam dizer, inúmeras tentativas, com acertos e aproximações. Interessante notar que quase todas as formas retratavam um princípio franciscano: inclusão, humildade, partilha, acolhida, respeito, escuta, compromisso, espiritualidade, clareza e discernimento, trabalho e cuidado.

EDUCADOR (A)		PERCEPÇÕES	
		O que vislumbro ao colocar-me diante da janela? Quais os apelos, percepções ou anseios surgem a sua frente?	Que propósitos almejam alcançar pensando em sua condição humana?
	G.S.R.	Orientar o aluno no caminho da descoberta, motivando-o a sempre procurar a melhor resposta; buscar maneiras, meios, recursos e conhecimentos para ser modelo e incentivo para os alunos.	Estudo, ritmo, dedicação, amor, carinho, persistência, fé, paciência
	C.M.D.S.S.	Profissional em processo de aprendizagem constante diante de tantos desafios impostos no dia-a-dia; confronto.	Busca de um algo mais... sabedoria, bom senso, coerência.
	A.F.S.A.	O tempo parece curto, anda rápido tendo em vista todas as coisas a realizar, porém é importante valorizar os pequenos progressos diários, tanto em relação alunos como nossos... enfim atingir, corresponder expectativas.	Organização, determinação, alegria, reciclagem, objetividade, paciência, dedicação, disciplina.

	R.S.G.	Desafios, confiança, amor, busca e renovação.	Ensinar com dedicação, amor, perseverança e alegria.
	C.R.S.S.	Qualificação, inovação, experiência, encantamento, motivação, criatividade.	Que saiba fazer bom uso dos recursos que despertam interesse nos alunos, envolvendo-os nos conteúdos, tornando a aula um “encantamento” e uma “motivação” para os alunos e para mim. Que eu busque conhecer mais sobre aqueles que eu ensino e sobre o que eu ensino.
	D.P.T.	Conciliar... vida profissional, formação acadêmica, realização pessoal, tempo.	Paixão, equilíbrio, dedicação, perseverança, bom humor.
	J.T.S.	Formação pessoal, família, violência, limites, valores, mídia, desvalorização da vida.	Espiritualidade, reflexão, informação, vontade, comprometimento, paciência.
	V.B.E.	Apelo: Reconstrução de Valores Anseio: Sociedade mais justa	Ser verdadeira, criativa, manter o diálogo, ser “semeadora”.

		Percepção: Acreditar e ter criatividade com o que está por vir.	
	P.B.M.	Falta de estrutura familiar, falta de valores, má influência, falta de limites, falta de diálogo.	Reflexão, diálogo, responsabilidade, construção do conhecimento, resgate de valores, maior comprometimento, respeito
	I.A.A.	A necessidade de manter-se atualizado constantemente, renovando-se, criando e reciclando novos argumentos.	Ficar atento as mudanças e inovações, empenhar-se com a mente e o coração aberto. Partilhar, dedicar-se estar presente e confiante nos desígnios de Deus.
	A.M.K.L.	Escuta, alunos motivados a aprendizagem, comprometimento, pais presentes na educação.	Ter força, estar sempre em busca de conhecimento para enfrentar os desafios do dia-a-dia, ser exemplo.
	E.A.H.	Adequar e compatibilizar realização pessoal, intelectual e cultural às necessidades dos sujeitos com quem me relaciono e que aguardam	Procurar me relacionar com o moral elevado, deixar que o trabalho transmita também alegria, bem-estar e objetivo em consonância à realidade.

		testemunho, respostas, conselhos para formação, cognição e desenvolvimento emocional.	Renovar esperança e crença na capacidade de qualquer ser, “ser” feliz e realizado.
	M.L.F.S.	Anseio de uma sociedade mais flexível. Consciência dos valores que nos sustentam.	Estar sempre atentos as mudanças, motivação, renovação do saber, diálogo.
	M.F.P.	Falta de valores, desigualdade social, falta de apoio familiar.	Fé, busca de valores, aprendizagem significativa, inovação, formação profissional
	V.V.R.F.	Atualização, mudança/novo, desafios, limites, doação (tempo), futuro, formação, sociedade (meio influente)	Paciência, doação, qualificação, entendimento, ajuda.
	R.C.	Falta de limites, agentes externos, mídia, falta de respeito.	Valores, reflexões, esperança.
	L.T.A.	Busca de formação, realização pessoal, valores, entendimento.	Empenho, dedicação, esperança, força de vontade, sabedoria, trabalho, harmonia, tranquilidade.

	U.T.T.	Planejamento, inclusão, como avaliar?, atualização, pesquisa, desinteresse/descomprometimento dos alunos.	Ajuda
	S.A.E.	A prática continua leva à superação. A realização do aluno leva ao reconhecimento. A fixação do conteúdo leva ao entendimento. A motivação é a satisfação a partir da observação da compreensão pelo aluno.	Que o meu desejo enquanto educador possa ser satisfeito, considerando o atendimento às necessidades do meu aluno na preparação para sua formação. A cada dia surgem dúvidas e percebo que devo superá-los. Continuarei com meus propósitos educando e sendo educado.
	G.A.F.	Encontrar o aluno formado e cidadão.	Empenho, gosto e ponderação no ensino.
	I.R.M.B.	Formação de um indivíduo mais harmonioso com seu próximo e com a sua própria natureza; sempre dedicação plena por todas as metas e objetivos da vida; harmonia e dedicação ao que nos envolve.	Todo o ser valorize amplamente aquilo que faz e sempre procurar algo de novo dentro de si, que leva a um bem comum de sua vida e da sua sociedade.

L.F.F.	Qualificação profissional – aprimoramento. Adequação da prática pedagógica à realidade e necessidade do aluno. Compreensão da realidade do aluno.	Desacomodação, busca de conhecimento, interação da realidade do corpo discente.
J.T.R.F.	Perseverança, transformação (retomada) da sociedade (famílias), que possa ter uma participação significativa na formação de nossos alunos.	Sustentar os valores humanos.
A.M.P.	Estar sempre em processo de contínua superação dos desafios que a cada dia são novos, acreditando que sempre haverá novas perspectivas.	Persistência, confiança, coragem.
I.F.	Acompanhar as famílias e alunos no sentido de analisar sua vivência no ar em que vivem; estender as mãos para ajudá-los; amar os alunos e suas famílias; dar conselho, dar bom exemplo, pensar positivamente dos alunos, ser amiga dos alunos. Sempre ter boas mensagens para eles.	Ser disponível, se atualizar, ensinar sempre a verdade, ser justa com todos, não ter medo de dizer a verdade, dar atenção ao aluno mais complicado, ser mulher de paz.

<p style="text-align: center;">Intuições</p> <p>Reflexões nos Pequenos Grupos: Apelos e Percepções que movem o Grupo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de valores, descomprometimento das famílias, influência da mídia, falta de limites. - Atualização, perseverança, transformação da sociedade, sustentação de valores. - Resgate de valores primários da educação; aproveita nossa experiência, pois afinal de contas, somos mais experientes. - Amor, dedicação e humildade. - Cidadania, formação e Felicidade. - Busca de contínua renovação, fundamentada nos valores, orientando o aluno no caminho da descoberta, da sua melhor resposta.
---	---

<p style="text-align: center;">Intuições</p> <p>Reflexões nos Pequenos Grupos: É possível associar anseios e percepções a partir do olhar que se tem sobre a vida e os olhares que desenvolvemos?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Cultivando o que temos no coração, temos como plantar as sementes. - Sim. Não só é possível, como se faz necessário estabelecer essa relação. - Sim! O professor deve dominar os objetivos de qualquer aprendizagem; deve também compartilhar o objetivo com o aluno; deve também propor atividades a partir dos objetivos e anseios dos alunos e da realidade em que eles vivem. Em síntese: deve ocorrer intersecção entre objetivos e sentidos de aprendizagem. - O educador deve perceber a dedicação do aluno ao mesmo modo que o aluno deve perceber a sua dedicação. Tudo que é feito com amor é bom. - Por meio do amor e do diálogo, estabelecemos relações que possam tornar melhor a todos. - Sim, é possível. Se ficarmos atentos às mudanças e inovações, empenhando-se com a mente e o coração aberto, partilhando, dedicando-se e estando sempre presente e confiante nos desígnios de Deus.
--	--

**TECENDO E UNINDO AS
INTUIÇÕES**

Ao propor esta ESPIRAL DA INTERAÇÃO, tinha como objetivo propiciar no encontro com o outro, a compreensão do “eu” e sua relação com o transcendente e com as interfaces do meio cultural, favorecendo a ampliação dos níveis de consciência que contribuem para desvelar a inteireza do ser humano. Durante essa oficina, percebi que há uma parte do grupo de educadores com uma sensibilidade elevada no que se refere ao contato com o outro. Consideram e procuram acolher sempre, mesmo que haja alguns ruídos na comunicação. Revelaram que embora a realidade na qual estejam inseridos seja complexa do ponto de vista, da ausência da família na vida dos alunos, acreditam que há um caminho. Que o cultivo pessoal de cada um dá pistas sim a outro jeito de ser e agir.

O caminho precisa de sementes, dizia um grupo, e somos responsáveis em jogá-las para que possam florescer, entretanto, só colheremos os frutos se estivermos atentos ao que acontece em nosso interior. A mudança que almejamos, vem do interior para o exterior e a interação só acontece se houver um desprendimento do que nos acorrenta, do que aprisiona e impede que se estabeleçam relações intersubjetivas que venham carregadas de um profundo amor e respeito a forma do outro ser.

Entrelaçar as mãos parece-nos uma ação corriqueira, no entanto, ela exige de nós, um sair de si. Se não acreditamos no que estamos vendo, não nos dispomos a fazê-lo e muito menos estendemos as mãos àquele propósito. Unir é muito mais do que um simples toque, envolve uma crença no humano, mas acima de tudo, na verdade do que expressa. Aqui, para além dos níveis de consciência que Wilber propõe, vemos que não temos como passar ou alavancar outro nível, se não temos o sentimento de pertença e unidade, a dicotomia persistirá neste tipo de relação.

O que se deseja, na verdade, é que possamos conviver em harmonia, todavia, o ser humano esqueceu-se que o cultivo pessoal é elemento sinalizador para novas interações e quando elas são negadas não se ampliam as relações intersubjetivas e nem mesmo a própria consciência para dar forma a uma cultura da inteireza.

Compete a nós educadores, considerarmos nossos apelos, emoções, anseios, percepções para que ao ouvirmos o clamor de nosso mundo interior, tenhamos condições de atender às demandas do exterior e sem a mediação e a valorização das experiências, não avançamos. Tendemos a ficar esperando sempre pelo outro e mudança acontece se há um movimento e se somos responsáveis por ela.

Surge, no nível transpessoal, de uma parte do grupo, a conexão com a dimensão transcendente. Marca real e profunda pelos relatos e por crerem em uma educação que transforma o eu pessoal, pela experiência que fazemos de um Deus ou uma forma diferenciada de energia. Esse cultivo leva-nos a um olhar mais humano e sereno, para que tenhamos então as condições de enfrentamento de uma sociedade que manipula e desconsidera a energia sensível e as diversas formas de conexão com o que nos rodeia.

Para ser, precisamos conviver e relacionamentos carecem de desprendimento e compreensão, no intuito de perceber o nosso tempo e o do outro. A melhor compreensão psicológica também vai apontar para essa questão, sabendo quem somos, temos como expressar e melhor desenvolver os estágios ou etapas que o ser humano deve vivenciar. Para tanto, temos que avançar e modificar o foco de análise, partir da essência do humano para o exterior, que é o profissional.

6.4.4 - ESPIRAIS DO MOVIMENTO – MEDIAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

[...] en los asuntos humanos existen momentos de revelación interna y momentos de revelación externa, periodos en los que el alma del individuo parece abrirse a profundidades insospechadas y periodos en los que la sociedad descubre necesidades nuevas y surgen nuevos e indefinidos anhelos. Existen épocas en las que [...] arriesgarse parece la más elevada sabiduría.

William Ellery Channing⁴⁹

As espirais por si evidenciam um constante movimento de ir e vir, revelando que nada pode permanecer por um período longo estático ou sem transformações. Assim se traduz a mediação entre a teoria e a prática, uma vez que a pessoa ao atingir esse estágio, traz consigo o movimento da sua essência e o encontro com o outro.

O ser em ação envolve a experiência construída no mais íntimo de sua essência e no contato com o outro. Esse equilíbrio dará o tom de sua prática, pois somente aquele que aprendeu a ouvir, a conciliar e a compartilhar será capaz de colocar em prática cotidiana.

Novamente iremos perceber o contra-senso de uma prática que discursa algo e faz outra. Continuamos vivendo o que combatemos e não nos envolvemos realmente em uma mudança. Deparamo-nos, ainda, com falas que dizem que o aluno é o centro do processo, que o professor é um facilitador, que a aprendizagem acontece na mediação.

⁴⁹ CHANNING, William Ellery. In GROF, Stanislav et Bennett, Hal Zina. La Mente Holotrópica: los niveles de la conciencia humana: Editorial Kairós, 1993, p. 281

São tantas afirmações que podem se assemelhar a um almanaque de frases, no qual depositamos o que supostamente é belo, mas efetivamente não queremos nos envolver com o que sentimos e, acabamos negando ao outro essa possibilidade.

Chegamos a um momento de decisão. Onde ir? O que fazer? Tantas literaturas são compiladas por ano e o que elas acrescentam? Será que compreendemos o que lemos? Conseguimos ir além do texto? Captamos o que está nas entrelinhas?

Happé (1997) destaca que nesse processo de centramento, entre o interior e o externo, precisamos estar atentos

[...] a única maneira de atingirmos planos de existência mais elevados é completar nosso aprendizado através das lições que nos são oferecidas. Cada vez que criamos equilíbrio, a paz e a harmonia conquistadas nos elevam imediatamente a uma frequência superior. Esta é uma abordagem de vida muito diversa daquela que leva as pessoas a tentarem fugir das situações. Quem não se propõe a buscar o equilíbrio, a exercitá-lo como prática de vida, não está aprendendo, de fato, a lidar com as oportunidades oferecidas. (p. 88)

A possibilidade da aprendizagem está em nós, entretanto, por vezes sucumbimos aos parâmetros sociais e não abrimos canais para desenhar outra forma de viver. Sem o equilíbrio mencionado por Happé (1997), o processo autoformativo do educador também se compromete.

O movimento entre a teoria e a prática envolve uma linha muito tênue entre o ser e o não ser, entre a vida e a morte, entre a criação e banal. No entanto, não é a dicotomia que propicia o diferente, é a compreensão que todos esses aspectos necessitam estar no caminho da aprendizagem.

Romper com o estabelecido é compreender que a ação docente envolve um mergulho profundo na forma como nos constituímos profissionais e o que fazemos para sermos melhores a cada dia. Não é manipular ou utilizar da retórica, mas olhar para si, para o aluno e juntos provocar a mediação que potencializa novos saberes e um processo autoformativo revelador da inteireza que constitui cada um.

Morin (2000) enfatiza que há necessidade de uma reforma em todos os níveis do pensamento:

[...] a exigida reforma do pensamento vai gerar um pensamento do contexto e do completo. Vai gerar um pensamento que liga e enfrenta a incerteza. O pensamento que une substituirá a causalidade linear e unidirecional por uma causalidade em círculo e multirreferencial; corrigirá a rigidez da lógica clássica pelo diálogo capaz de conceber noções ao mesmo tempo complementares e antagonistas, e completará o conhecimento da integração das partes em um todo, pelo reconhecimento da integração do todo no interior das partes. (p.92)

A reforma ou mudança de uma prática precedida por um entendimento de um movimento que é particular, mas envolve um todo. Pela experiência construída na educação, aqui se instala um significativo entrave. Ficamos aguardando que o outro faça, que o outro se envolva, contudo é necessário que haja uma participação em um processo circular e universal. Tudo o que fizermos, provocamos uma interferência na vida do outro e na consciência universal, da qual fazemos parte. Instala-se um olhar transdisciplinar que se sustenta na complexidade.

Nicolescu (1999) traz a relação entre a pessoa e o objeto de conhecimento, mostrando-nos a interação necessária para transformar tudo o que existe:

[...] a unidade aberta entre o objeto transdisciplinar e o sujeito transdisciplinar se traduz pela orientação coerente do fluxo de informação que atravessa os níveis de Realidade e pelo fluxo de consciência que atravessa os Níveis de Percepção. Essa orientação coerente dá um novo sentido à verticalidade do ser humano no mundo. Em lugar da postura ereta sobre esta terra devida à lei de gravidade universal, a visão transdisciplinar propõe a verticalidade consciente e cósmica da passagem de diferentes níveis de Realidade. É esta verticalidade que constitui na visão transdisciplinar, o fundamento de todo projeto social viável. (p. 63)

A percepção do real e da ação que empreendemos denota o quanto ainda é preciso continuar buscando um estado de consciência superior, para que na prática o olhar que funde tudo e todos, tenha o sentido e provoque mais do que o olhar trans, uma vivência para além do humano e da ação.

Nicolescu (1999, p. 116) refere que os seres humanos são os mesmos do ponto de vista físico: são constituídos da mesma matéria, além de sua aparência diferente. Os seres humanos são os mesmos do ponto de vista biológico: mesmos genes produzem as diferentes cores de pele, as diferentes expressões de nosso rosto, nossas qualidades e nossos defeitos. O transcultural mostra que os seres humanos também são os mesmos do ponto de vista espiritual, além da imensa diferença entre as culturas. O transcultural traduz-se pela leitura simultânea de nossos níveis de silêncio, através das inúmeras culturas.

Assim, ao pensar na dimensão transcultural, atentemos para o movimento que deriva, trazendo para si, o viver das pessoas, nas suas diversas constituições (física, biológica, emocional, espiritual, social). A transculturalidade convoca-nos a agir, tendo presente essa totalidade e mais do que isto, o confronto do irreal e do ideal, que potencializa um agir novo e fundante de significados, perspectivados pela autoformação do ser humano.

Os níveis de silêncio associados à transculturalidade evidenciam que o tempo mostra-se como problema, mas também *é a medida da mudança dos diferentes processos. Esse tempo pensado é sempre do passado e do futuro. Ele faz parte do campo do Objeto. Por outro lado, o tempo vivido na súbita irrupção de um acontecimento do ser, o instante presente, é impensável.*

Para Nicolescu (1999, p. 117), o instante presente é o tempo vivo. Ele pertence ao campo do Sujeito ao Objeto. O instante presente é, estritamente falando, um não-tempo, uma experiência da relação entre o Sujeito e o Objeto e, neste aspecto, ele contém em si, potencialmente, tanto o passado como o futuro, a totalidade do fluxo de informação que atravessa os níveis de Realidade e a totalidade do fluxo de consciência que atravessa os níveis de percepção. O tempo presente é verdadeiramente a origem do futuro e a origem do passado.

O tempo transitório carece dos laços que unem o passado ao futuro, mas que se forja no momento presente, dando a ele o sentido pela mudança. E neste movimento encontramos os anseios dos educadores, que carregam o desejo de mudar, de tornar o fazer educação diferente, mas que encontram algumas barreiras e muitas portas fechadas.

Como alertei anteriormente, somos as representações culturais de um tempo passado, todavia essa marca nos caracteriza e deveria conduzir por um limiar de tempo nossa forma de ser. Doravante o espaço cultural deve ter a marca de quem faz a história nesse momento, o apelo chega até nós.

Considerando tempos de complexidade e tessitura, o envolvimento em constituir novas experiências exige a reflexão sobre o passado, os propósitos a serem alcançados, mas efetivamente o que podemos fazer para unir esses dois espaços com o presente, que ora vivemos.

Nesse presente, sabemos que percorremos longos caminhos, nos inculturamos reproduzindo ações que respondiam as necessidades daquele tempo, contudo para esse tempo presente, cabe redesenhar os cenários da escola, da vida escolar e do ser educador.

Ao propormos uma mediação entre a teoria e a prática, buscamos reunir o que há de mais recente nas pesquisas, quer as descobertas sobre a teoria do caos, a teoria da complexidade, o pensamento sistêmico, a visão transdisciplinar e a teoria do tudo. A reunião de todos esses estudos nos ajudaria a construir uma nova concepção de ver o homem e conseqüentemente sua ação diante do seu cotidiano, dando origem a uma pedagogia que priorize **o ser e o fazer com**, entrelaçado pela dimensão do sensível, da gentileza, do conhecimento e da compaixão.

A vivência de uma Pedagogia com esse olhar envolve o compromisso por uma ética que subjaz os elementos de uma cidadania voltadas ao humano, mas ao fazer-se educador.

Rios (2001, p. 125 - 133), une então esses elementos, para dar forma, a felicidadania, considerando seis aspectos:

1 – **Construir a felicidadania, na ação docente, é reconhecer o outro.** O outro, que é o aluno, necessita ser percebido na perspectiva da igualdade na diferença, que é o espaço da justiça e da solidariedade. O reconhecimento do outro envolve fundamentalmente o respeito. Esse respeito relaciona-se ao intervir no sentido de permitir o desenvolvimento das potencialidades e de estimular novas capacidades. Ao educador terá a exigência de ver-se a si mesmo no processo, buscando o seu desenvolvimento junto com o aluno.

2 – **Construir a felicidade, na ação docente, é tomar como referência o bem coletivo**, levando em conta, os princípios que irão nortear a ação do educador (o que, como e para quem ensinar) para que assim na escolha das melhores metodologias, estas atendam as demandas sociais e as necessidades dos envolvidos.

3 – **Construir a felicidade, na ação docente, é envolver-se na elaboração e desenvolvimento de um projeto coletivo de trabalho**, sendo que um projeto de escola não se faz sem a participação de todos os que a constituem e não é uma mera soma de projetos individuais, mas sim uma proposta orgânica, em que se configura a escola necessária e desejada, e na qual se articulam, na sua especificidade, as ações de cada sujeito envolvido. O educador enfrenta então o desafio de mobilizar continuamente na descoberta e na criação das possibilidades de ampliação de seu trabalho e de considerá-lo sempre como constituinte de uma proposta coletiva, que exige empenho e co-responsabilidade.

4 – **Construir a felicidade, na ação docente, é instalar na escola e na aula uma instância de comunicação criativa**, para que a comunicação pedagógica se realize no diálogo. O diálogo se faz na diferença e na diversidade, tendo então na prática docente, a necessidade de um espaço para a palavra do educador e do aluno, para o exercício da argumentação e da crítica. O ato de comunicar, além de “tornar comum” é “fazer saber”, não sendo apenas um viés, a do educador, que leva o aluno atingir algo, mas do próprio aluno que no processo comunicativo, “faz saber”, construindo conhecimento, cria cultura e história, com educadores e colegas.

5 – **Construir a felicidade, na ação docente, é criar espaço, no cotidiano da relação pedagógica, para a afetividade e a alegria**, para além do rigor do conhecimento científico, a ação do educador é trazer uma contribuição à descoberta do mundo pelos alunos, é proporcionar crescimento e alegria com a construção e a reconstrução do conhecimento. Por isso a ação docente deve ser criadora de felicidade. A felicidade não está só no momento do recreio ou das festas, mas quando se aprendem os conteúdos necessários

para a inserção na sociedade, quando se respeitam os direitos de todos, quando se aprimoram as condições de trabalho. Despojada de um sentido romântico, a afetividade traz cor à prática educativa. E beleza. A felicidade tem a ver com a beleza. Importa que o educador possa reconhecer que sua ação será de boa qualidade quando for “plena de vida”, de força, de inteligência e de alegria.

6 – Construir a felicidadania, na ação docente, é lutar pela criação e pelo aperfeiçoamento constante das condições viabilizadoras do trabalho de boa qualidade, para tanto a competência se define como um conjunto de qualidades presentes na ação profissional, diz respeito, à existência de condições, de boas condições. As condições não se encontram apenas no docente, mas também à sua volta, no contexto em que ele desenvolve seu trabalho, por outro lado, não há condição que não dependa dele, uma vez que faz parte mesmo da ação competente de reivindicação de condições objetivas de boa qualidade para que se realizem seus objetivos, a crítica constante, para que se superem os problemas e se apontem e se transformem as condições adversas.

Se colocarmos todos esses aspectos em uma balança veremos que não há como destacar o mais importante, todos tornam-se vitais para o desenvolvimento docente. A técnica, o conhecimento científico, a tecnologia e a dimensão estética surgem como mediadores,

Cada educador é único e insubstituível, entretanto a sua formação continuada depende da ação de outros, quer sejam os colegas, os alunos ou as famílias. Solitária e ao mesmo coletivo essa formação contempla o compromisso com a plenitude do humano e alcançar o estado de plenitude, do bem estar, leva-nos a equilibrar esses aspectos na balança e tornar a experiência do fazer-se docente, um compromisso que movimenta a vida do outro, contribuindo na sua condição de cidadão, mas por outro lado, de uma unidade com a sua própria transcendência.



Figura 18 – Síntese Felicidadania - Rios

Rios, 2001.

Isaia (2000) torna evidente a busca pela formação, quando destaca que esse processo de constituição docente manifesta-se com uma simbiose entre o pessoal e o profissional, está

[...] entretecido pela trajetória pessoal e profissional [...] é uma pessoa que se constrói nas relações que estabelece com os outros que lhe são significativos, com a história social que o permeia e com a sua própria história (p. 21).

Para tanto, pensar em uma ação docente, sem a essência do educador, acaba sendo incompleta e inacessível. As transformações que suscitam dos

diálogos educacionais, visam a uma melhoria, só que na maioria das vezes, mostra-se incongruente e sem o ímpeto. Identificam-se as limitações, infere-se de todos os ângulos, mas na hora de provocarmos um agir diferenciado, repete-se a história de muitos que tentaram fazer diferente. Por vezes, a impressão que captamos da realidade, é que há informações demasiadas e ações pobres e ingênuas.

A pretensão da oficina do movimento carrega em si esse desejo, de conseguir não só caracterizar esses espaços (teoria e prática), mas levar o educador a perceber que sem uma ação ousada e impetuosa que o desestabilize de suas verdades e dogmas, não há mudança e por consequência, vive-se o ser escola de uma forma linear e descontextualizada com a emergência do tempo presente.

Ungaretti (2005, p. 57) introduz a dimensão do *traduzir-se*, considerando que essas questões são de cunho filosófico, no entanto o educador precisa unir a existência humana como algo único a convivência pacífica e feliz. Sendo que *não significa que tal convivência não traga, por sua natureza dialógica, histórica e temporal, a marca da transformação. Isto implica dizer que por mais teorias que já tenham sido criadas, nos mais diferentes períodos, cada momento, cada geração. Cada pedaço de história individual ou coletiva é único e, também, comum, pois é de vida que se está falando. E é isso que faz com que sempre se volte às possíveis respostas, ratificando-as, refutando-as, complementando-as ou reformulando-as, conforme a época experienciada.*

O voltar ao princípio do que éramos mantendo infundáveis interrogações provocam também o movimento pretendido, porém não podemos esquecer que as falácias no campo educativo são em número elevado, queremos um diferencial. O sonho é por um espaço onde haja o diálogo, um processo reflexivo e o compromisso pela construção de saberes efetivos e renovadores, que venham a interferir na forma das pessoas agirem no contexto social.

O traduzir-se do humano, postulado de Ungaretti (2005), envolve o penetrar no âmago do seu ser e das conexões externas, para que os canais de comunicação revelem um caminho que consiga expressar mais do que uma tendência, um agir permeado de sentido, sintonia e modificações do eu pessoal.

Assim, Ungaretti (2005) ainda aprofunda esse traduzir ao afirmar

[...] o processo educativo é um processo formativo de construção do ser como revelação e desvelamento de si para si mesmo, portanto, tradução. Enquanto o construir-se ocorre na interioridade e solidão do sujeito, o traduzir-se supõe a construção na relação, em que o sujeito constitui-se e mostra-se, compartilha consigo mesmo e com o outro, por meio das diferentes linguagens aquilo que é. Se o que somos é linguagem, se ela é fundamento de nossa humanidade, então construir e traduzir-se são indissociáveis, são ações concomitantes que se fundam e se confundem: o ser, que constrói e se revela, traduz-se em toda a sua inteireza. (p. 58)

Os movimentos na espiral do desenvolvimento da consciência humana dependem da evolução de cada pessoa, e aqui, percebe-se uma contradição no que se procura implementar. Queremos que todos mudem na mesma proporção e medida. Isso não ocorrerá, pelo simples fato, que cada um vive o seu momento, cada um, como situa Ungaretti (2005), traduz-se, revelando e desvelando-se a partir das suas instabilidades e elas jamais ocorrerão no mesmo tempo para todos.

Instala-se outro questionamento, conseguiremos irromper o contrasenso da prática educativa, para que realmente as espirais da subjetividade possibilitem ao educador dar conta da sua autoformação, sendo e estando no mundo para realizar o seu propósito em busca da inteireza?

Muitos aspectos, portanto podem dar conta da face social da prática educativa, no entanto, quer seja a felicidade, o processo de traduzir-se ou as espirais da subjetividade, o sentido será real, se nos tempos transitórios da experiência humana, houver o espaço para dar forma a uma ação docente que viva uma constante interlocução entre o ser e o estar no mundo, considerando os níveis da consciência e as construções cognitivas que se entrelaçam para gerar uma cultura que se mediatize pelas relações pacíficas e as dimensões transcendentais do homem.

ESPIRAIS DO MOVIMENTO – MEDIAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Espiral	Período	Dinâmicas
Espiras do Movimento – Mediação entre a Teoria e a Prática	Junho /2009	<ul style="list-style-type: none"> - Unir o ideal e o real; - Intuições e sensibilidades da ação como o outro. - O fazer que une o respeito pelo que o outro é, sente e vive; - Inspirações que suscitam uma nova interlocução com o ser e o agir.

Objetivo	Aplicação das Dinâmicas
<p>* Analisar como é possível construir um movimento diferencial entre teoria e prática, priorizando o SER do educador como mediador de processos autoformativos, favorecendo as mudanças necessárias a um novo jeito de ser e estar no mundo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Montar uma linha do tempo na qual os educadores percebam as transformações ocorridas ao longo da história da Educação a partir de referencial teórico oferecido. Nesta linha do tempo, cada educador irá situar seu processo autoformativo, criará símbolos para fazer as marcas desta trajetória. - Com o decorrer da partilha, provocar uma reflexão sobre ações que poderiam ter sido diferentes se cada um tivesse outro olhar sobre a sua evolução e conseqüente formação profissional. - Montar um varal, com folhas, sobre as intuições e sensibilidades que emergiram

	<p>a partir da fala dos colegas. Esse varal representará a caminhada de cada um e logo a seguir, será estendido outro varal para que em grupo, elejam os elementos para uma interlocução pedagógica que contemple o aluno em sua inteireza e a pessoa do educador.</p> <p>- Desenhar um mapa, dividindo-o em dois pólos, no qual perceba-se o ideal e o real do Ser educador, que elementos estariam presentes numa forma de constituir seu agir pedagógico.</p>
<p>Aporte teórico: Ken Wilber, Marie-Christine Josso, Thomas Moore, Rafael Porlán, Clara Romero Pérez, Paulo Freire, Boaventura Souza Santos</p>	

<p>VIVÊNCIA DAS OFICINAS</p>	
<p>PERCEPÇÕES</p>	<p>No dia 03/06/2009, primeiramente realizamos a dinâmica “Unir o ideal e o real”. Inicialmente, espalhei pela sala alguns pequenos cartazes, caracterizando os principais períodos da História da Educação. Conversamos sobre os destaques e o que recordavam desses momentos.</p> <p>Os Períodos dos Caminhos da História que destacamos foram:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Primitivo, Oriental, Grego, Romano, Medieval, Renascimento e Moderno



Figura 19 – Caminhos da História da Educação



Período Romano

- Não existia democratização;
- A educação dava ênfase à formação moral e física (formação do guerreiro);
- O ideal de Direitos e Deveres.



Período Medieval

- Ponto de início: doutrina da igreja católica;
- Conhecido como o século das trevas
- Educação conservadora;
- Criticava a educação grega (liberal) e romana (prática);
- Fundação da Companhia de Jesus (jesuítas).



Período Renascimento

- Conhecido como o século das luzes;
- Interesse pela educação grega e romana;
- Privilégio aos que detinham o poder;
- Principais pensadores: João Amós Comenius e Jean Jacques Rousseau.



Período Moderno

- Surge no século XVII;
- Separação entre a igreja católica e o estado;
- Principais pensadores: Pestalozzi, Herbat e Froebel;
- Consolidação da burguesia.

Figura 20 – Caminhos da História da Educação

Depois de situar os períodos históricos, relacionamos em uma linha do tempo, as principais escolas que influenciaram os caminhos da educação:



Figura 21 – Linha do Tempo: Escola Tradicional

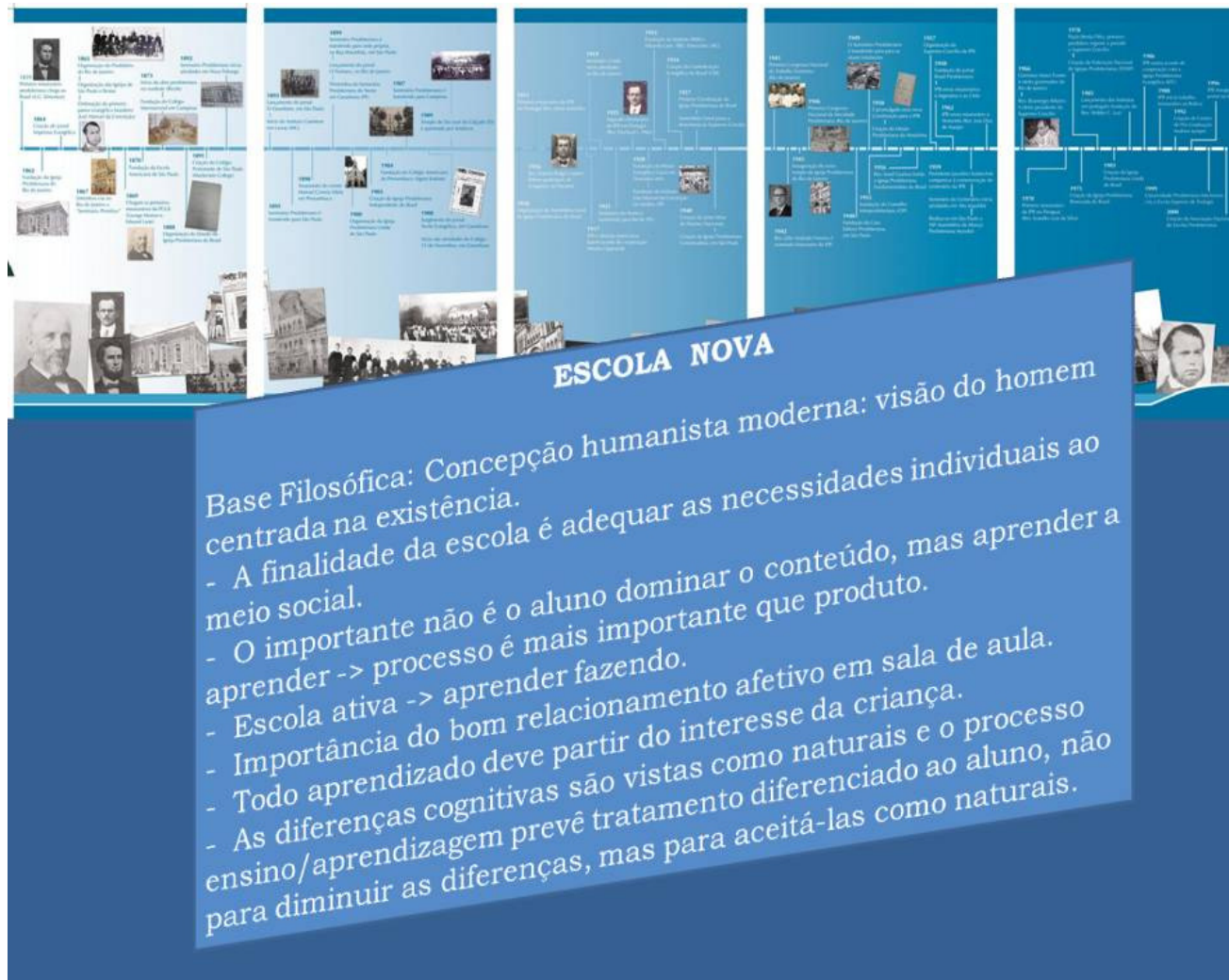


Figura 22 – Linha do Tempo: Escola Nova

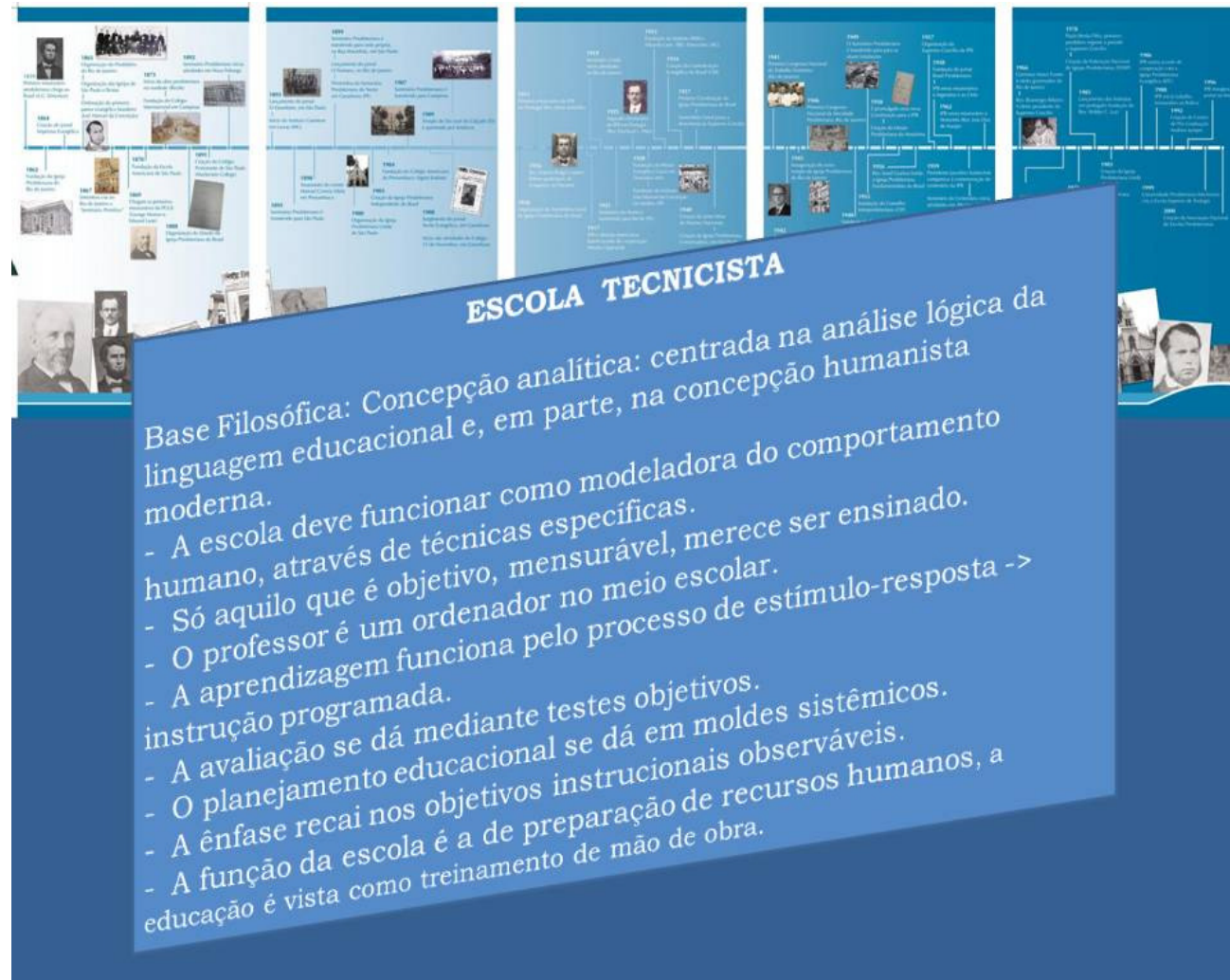


Figura 23 – Linha do Tempo: Escola Tecnici



Figura 24 – Linha do Tempo: Escola Progressista ou Crítica

Após relacionar os períodos históricos e as principais escolas, os educadores, montaram pequenos símbolos para colocar na linha do tempo estendida no chão. Os símbolos necessitam ser diferentes, para que ao final, todos possam identificar como está construindo seu processo autoformativo e como percebe as próprias influências no campo educativo. No final, quando todos tiverem colocado seus símbolos e pontuado sua trajetória profissional, realizamos a partilha e se encaminhou-se outro questionamento que irá refletir sobre **como teria sido sua trajetória, se as influências e ações carregassem outro olhar.**

No dia 10/06/2009, coloquei novamente a linha do tempo, com os símbolos que o grupo havia construindo no encontro anterior. Caminharam em torno, procurando rever a trajetória e os caminhos da educação, bem como o seu. Retomaram as anotações, principalmente aquelas que se referiam as influências na ação profissional. Entreguei a eles, folhas em branco, cada um deveria destacar os principais momentos de sua caminhada profissional, colocando em forma de palavras, frases, desenhos, associando as intuições e sensibilidades também da fala dos colegas do encontro passado.

Após todos terem realizado os registros, cada um irá pendurar no varal a sua folha, destacando ao grupo o que considera fundamental em sua caminhada até o momento. Finalizada a montagem do varal, estenderei outro varal para que agora consigam chegar a um consenso dos elementos fundamentais para uma interlocução pedagógica que contemple a inteireza do aluno e do próprio educador.



Figura 25 – Varal da Ação Pedagógica e Interlocução Pedagógica

No dia 17/06/2009, repensando as vivências anteriores, procurando unir as reflexões, foi proposto ao grupo que contemplasse o mapa exposto:

- Como era o mundo no passado?
- Como vemos hoje esse mundo?
- O que ele nos diz?
- O que dizemos a ele?
- Contribuições que podemos oferecer?
- Como agimos sobre ele?
- Minha ação docente faz a diferença neste mundo?
- Sonhamos com um mundo....

A reflexão acima primeiramente foi encaminhada em pequenos grupos, logo após fizemos a partilha no grande grupo. Concluída a partilha, inseri duas tarjas na parte superior do mapa (ideal e real do ser educador) e pontilhei o mapa ao meio.

O propósito foi que tomando a reflexão acima, pudessem vislumbrar o que é ideal e o que é real na ação cotidiana de ser educador. Para tanto, utilizando pequenas bandeiras, eles foram contemplando o mapa e inserindo o que pensavam sobre a realidade que o faz agir da forma que age e o que seria ideal, destacando que o real e o ideal estão um no outro e ambos não existem sozinhos, levando a uma nova forma do agir pedagógico.



Figura 26 – Olhares sobre o Mundo e o Real e o Ideal do Ser Educador

VIVÊNCIA DAS OFICINAS		
EDUCADOR (A)	PERCEPÇÕES	
	O OLHAR REAL SOBRE A AÇÃO DOCENTE	O OLHAR IDEAL SOBRE A AÇÃO DOCENTE
A.F.S.A.	<p>“creio que como professora procuro atender as necessidades dos meus alunos, só que conciliar as demandas da vida e os problemas familiares que atualmente estão presentes, sinto fraqueza, me confundo e não alcanço o limite do meu aluno.”</p>	<p>“gostaria de ver uma escola onde todos pudessem ter as mesmas condições, que o planejamento favorecesse mais momentos de troca e que o todo da escola visse o educador como uma pessoa que além do conhecimento, tem problemas e ai precisa do tempo para se refazer.”</p>
A.M.P.	<p>“vivemos um contexto de muitos desafios, fazer educação hoje exige uma dose de muita paciência, energia e compreensão das necessidades do aluno, das famílias e da sociedade. A firmeza precisa existir, mas ao mesmo tempo, acolher o aluno é fundamental, pois ele não tem na maioria das vezes o afeto que precisa. Aí, nós educadores, temos que ajudar e tornar sua vida mais alegre.”</p>	<p>“queria muito que buscando os referenciais cristãos, pudéssemos ouvir mais, respeitar mais, amar mais, compreender mais, colocar-se em serviço para ajudar o outro. Continuar estudando e vendo o que ajudaria mais no fazer educação.”</p>

	A.M.K.L.	<p>“vivi muitos períodos da educação e procurando me adaptar a todos eles, sempre colocando em uma posição de aprendizagem, só que hoje, falta um preparo melhor do educador, sua formação possui lacunas e não tem como ensinar sem estarmos preparados, os alunos tem demandas, e quando essas são psíquicas, o conhecimento precisa existir. A ação docente dos dias de hoje precisa em parceria responder as questões do conhecimento, mas também pensando em como fazer para atender os limites que aparecem pela condição pessoal que cada um.”</p>	<p>“quero um mundo mais humano, mas para isso precisamos ajudar nossos alunos a ver assim. Eles conseguirão agir diferente se entenderem que também tem uma parte por fazer. Só mudamos quando somos convencidos a isso e por tudo aquilo que deve ser novo, criativo, diverso, para chamar a atenção deles. Tentar fazer o que há muito se fazia, não responde as expectativas deles e assim, não se sentem motivados a fazê-lo.”</p>
	C.M.P.	<p>“vejo uma realidade educativa na maioria, com ausência de amor em suas vidas, nós educadores queremos cobrar o que por vezes eles não podem nos dar, porque não tiveram isso. Acarinhar nossos alunos é ajudá-los a perceber que podem ser mais do que o dia a dia mostra, que eles também têm condições de fazer bonito, se envolver em projetos sociais que ajudem, que façam a diferença e torne a vida de alguém mais feliz.”</p>	<p>“sonhar, Francisco de Assis, sonhou com a Paz. Esse sonho eu queria ver acontecer no mundo, na escola, em nossas ações. Temos um desafio muito grande, mas podemos esperar. Quem pode mudar alguma coisa, tem que fazer no hoje, precisamos ser mais humanos, mais atentos e acima de tudo, pessoas que busquem a paz, a harmonia.”</p>

	C.R.S.S.	<p>“queremos fazer o diferente, que diferente é esse em um mundo que por vezes não aceita o diferente. Vejo que temos muito que caminhar, a realidade é excludente e em alguns momentos não considera aquele que não responde ao que todos fazem.”</p>	<p>“um mundo ideal, para nós educadores, é aquele que não exclui ninguém, que congrega a diferença e aprende com as limitações.”</p>
	C.A.S.	<p>“poderíamos ver através da beleza, no entanto olhamos e vemos muitas manchas. Há sofrimento e parece que as vezes educamos para manter uma única forma de perceber o mundo. O ato pedagógico para além do confronto, hoje, apela para nos mantermos atrelados a convenções que não cuidam da pessoa, do aluno, do próprio educador.”</p>	<p>“o ideal para a ação docente, é colocar cores e permitir que os alunos vejam a partir da beleza, façam suas vidas com alegria, abrindo espaço para as conquistas e para aprender junto com o outro.”</p>
	C.M.D.S.S.	<p>“vejo que incentivamos os alunos, mas uma parte das famílias parece nem olhar para o filho. Fazemos combinações com eles, só que o descompromisso acaba sendo dos pais, porque não dão o tempo para que cumpram aquilo que é a sua pequena tarefa e isso torna-se um circulo vicioso, um mau exemplo.”</p>	<p>“quero poder dizer aos meus alunos que tal tarefa é importante e eles fazerem, porque é importante. Que os pais consigam compreender isso e organizar suas vidas, para que as crianças tenham o espaço para tornar-se autônomos e responsáveis por tudo aquilo que é construindo.”</p>

	D.P.T.	<p>“procuro pensar em um planejamento que ajude meus alunos a ampliarem suas informações e visões de mundo, no entanto sei que eles sofrem influência de muitos lados e eu não consigo atingir todos como eu queria. Vejo que as famílias precisam auxiliar mais, só que também nós, educadores, não podemos parar de evoluir, ler a realidade do aluno é importante, mas ler que deixamos de fazer e o que impede o desenvolvimento do outro também é fundamental.”</p>	<p>“uma escola que respeite o ritmo do aluno e do educador, que juntos possam planejar o que aprender e como aprender. Uma cumplicidade em ações e pensamentos. Espaços para o lúdico, para a arte, para a música, para a invenção. Uma ação pedagógica que promova o ser mais em todas as dimensões.”</p>
	E.A.H.	<p>“quem pode dizer que olhamos e não vemos? A sociedade hoje possui muitas frentes e exigências e nós, educadores, temos um desafio gigante frente a todos esses apelos tecnológicos e científicos. Concorrer com tudo o ritmo frenético e alucinado das coisas nos faz reféns. Precisamos criar muito para concorrer com um conteúdo, com objetos, provas ou trabalhos que por vezes são organizados na mesmice de um ensino, de uma escola do século passado.”</p>	<p>“Penso em uma ação pedagógica que responda as necessidades dos alunos, mas que se veja como uma escola do presente, que concorra simultaneamente com projetos que agreguem a tecnologia e a cientificidade, que lhes dê o direito de escolher o que aprender, que o conhecimento valorize as suas vidas e que por meio dele, o sentido de viver se torne mais evidente.”</p>

	M.F.P.	<p>“cada dia temos uma surpresa, às vezes é o próprio aluno, outras os pais ou as circunstâncias do momento que nos fazem ter certa instabilidade do que pensar sobre a educação hoje. Vejo que minha ação procura atender todas as necessidades do contexto, mas me pergunto se meus alunos percebem isso, se eles se dão conta do quanto abro mão das minhas coisas, para atendê-los da melhor maneira, considerando suas particularidades e desejos. Sou uma educadora bem comprometida com meu trabalho.”</p>	<p>“o comprometimento que tenho, poderia ser algo a ser alcançado por todos, pois queremos agir diferente, mas ainda existem colegas que impedem que isso aconteça pela falta de responsabilidade, aí não podemos querer que o aluno aja dessa forma, se o adulto não cumpriu o que estava planejado. Falta ainda esse olhar que carrega realmente o coletivo junto.”</p>
	G.S.R.	<p>“carrego ainda muitos sonhos, talvez uma leitura da realidade muito florida, embora para chegar até aqui não tenha trilhado um caminho dos mais fáceis, noto que existe o desrespeito em relação ao aluno, aos educadores, as famílias e de forma geral, sobre tudo o que deveria elevar a pessoa. Falamos muito, mas alguns lugares continuam colocando a pessoa em segundo plano e não consideram o que a torna alguém feliz e realizada.”</p>	<p>“anseio por um espaço onde todos possam aprender e construir juntos. Quero ver o sorriso dos meus alunos pelas suas conquistas, pelas descobertas que fazem, mas que tenham um mundo melhor para viver e isso é nossa responsabilidade. Os que estão junto a nós, necessitam receber o melhor, para que sejam melhores e a sociedade então tenha pessoas melhores.”</p>

	G.A.F.	“no meu tempo de aluno era diferente, hoje falamos e eles não fazem nada, não estudam e esperam que tudo aconteça num passe de mágica.”	“queria uma gurizada mais responsável e preocupada com o seu estudo, com a sua vida e com o que irão fazer no futuro.”
	I.A.A.	“a expressão deveria marcar a ação pedagógica, a expressão da arte, da sensibilidade, do toque. Entretanto, vivemos dias em que há pouco espaço para esse movimento. As pessoas estão preocupadas com as aparências e esquecem que no interior há riquezas ilimitadas. Procuro pela expressão fazer o aluno revelar essa essência, mas ainda está longe deste despertar.”	“ainda quero ver a sensibilidade em todos os currículos, na ação de todo educador, quero ver os alunos expressarem o sonho, quero ver a felicidade nos seus dias, quero dar o tom certo a minha ação pedagógica, considerando as sugestões e atendendo as exigências desse mundo moderno, para que eles sintam e eu também que podemos escrever a história de outro jeito.”
	I.R.M.B.	“não sei se estou certo ou errado, mas meu aluno tem que entender de tudo um pouco, só que para isso precisa estudar, tem que querer e eu como educador conseguir passar os conhecimentos que eles usarão para serem bons profissionais e responsáveis no que fazem.”	“preciso aprender a escutar mais e o que falta para nós é a ajuda da família, pois os alunos não estudam e sem estudo não são nada.”

	J.T.S.	<p>“a escola ainda não consegue atender aqueles alunos que apresentam dificuldades, nossa formação nos preparou para dar aula, mas não existem alunos em série, eles não aprendem da mesma forma e nós ficamos tentando equilibrar o conhecimento do que não sabemos para chegar o mais perto desses alunos e também dos outros.”</p>	<p>“queria poder ver uma escola que conseguisse mediar à realidade dos alunos que aprendem e daqueles que possuem dificuldades. Queria que os educadores não parassem de estudar para compreender essas limitações e tornar a ação pedagógica efetiva e promotora de saberes.”</p>
	J.T.R.F.	<p>“o educador é aquele que ajuda o aluno a ser mais e para isso, ele precisa ser amigo, escutar e se necessário, ajudá-lo a voltar para o caminho do bem, da verdade, da justiça. Nosso trabalho é exaustivo, só que tendo essa realidade, com ausência de comunicação entre pais e filhos, precisamos ajudá-los a se encontrarem e além do conhecimento, tornarem-se pessoas de bem.”</p>	<p>“acredito que podemos nos melhorar para ajudar os alunos. A forma de trabalhar, de dar aula, importa, mas o mais importante é vê-los como pessoas e pessoas que precisam encontrar o seu caminho, com nossa experiência podemos ajudar um pouquinho e toda vez que ajudarmos, estaremos nos melhorando também como pessoas, estaremos evoluindo.”</p>
	L.T.A.	<p>“às vezes me sinto cansada, por ver tanta coisa errada, as pessoas estão muito egoístas, não querem se ajudar, pisam por cima, ofendem,</p>	<p>“embora mudar o foco seja difícil, do ter para o ser, do desrespeito para o respeito, do grito para a escuta, acredito que ainda há um sentimento bom</p>

		maltratam e são mesquinhas, querem ter tudo e não se dão conta que assim não poderão ser felizes e ensinam na mesma medida os filhos e ai chegam na escola e reproduzem comportamentos semelhantes, não valorizam o planejamento, as atividades diferenciadas que procuramos oferecer, reclamam sempre e dizem que o educador não os entende e o pior é os pais avalizarem esse tipo de postura.”	dentro das pessoas e é ele que poderá mudar alguma coisa. Precisamos de uma escola que os ajude, uma prática que fale dos valores e que a superficialidade dê lugar a reflexão. Que os dias que ainda virão, tenham em nós uma mudança, mas que juntos possamos ajudar os outros a fazerem a mudança e fazer então surgir uma dimensão humana que respeite a si e aos outros.”
	L.F.F.	“tudo o que está no mundo, tem a nossa mão, a nossa interferência. Se deparamos com a hipocrisia, a maldade, a violência, a intolerância, contribuímos para tal, talvez pela omissão ou pelas ações errôneas, mas não podemos dizer que não temos nenhuma parcela na instituição da cultura que vivemos. A escola enfrenta talvez uma das suas piores crises, pois disputa com inúmeros segmentos a atenção para um fazer pedagógico quase ultrapassado. Os métodos, as técnicas e os recursos não respondem ao querer dos alunos. Queremos fazer educação, com as teorias da atualidade, mas com recursos de um tempo passado.”	“o que seria um ideal para a ação pedagógica? Não sei se consigo responder, pois temos essas frentes de ações que exigem uma demanda de conhecimentos e de recursos que por vezes não estão ao nosso alcance. É necessário dar as condições que cada situação demanda, mas o foco precisa ser no bem estar da pessoa, no respeito a sua forma de ser, na escuta, na fraternidade e não sei se estamos preparados dentro da escola para mudar o foco, da transmissão/construção do conhecimento, para o olhar da pessoa na sua real condição de aprendizagem dos valores humanos.

	M.L.F.S.	<p>“olho, torno a olhar e penso que muitas coisas não vão bem, precisam ser modificadas para que a escola seja o espaço de uma convivência harmoniosa. Temos que tentar resolver uma infinidade de problemas, e na maioria das vezes, ficamos só nessa resolução e o ampliar as informações ficam comprometidas, pois quando a mente está perturbada, não há como aprender e isso vem crescendo num ritmo significativo, o que impede que possamos ir além na construção dos conhecimentos dos alunos.”</p>	<p>“precisamos ajudar as famílias, para que venhamos como escola conduzir nossas ações para um caráter mais pedagógico e não assistencialista. Enquanto houverem conflitos tão emergenciais, não temos como atender só as demandas do conhecimento, uma vez que ele é uma parte da formação da pessoa e não o todo.”</p>
	P.A.	<p>“penso que a realidade escolheu um caminho que não ajuda o aluno ser o que ele precisa ser. Há uma falta de responsabilidade impede uma ação que comece certa já com os pequeninos.”</p>	<p>“quero que meus alunos possam iniciar sua caminhada escolar, sabendo que a verdade é o caminho, que não somos bons se usamos de inverdades.”</p>
	P.B.M.	<p>“talvez por minha imaturidade, pois sou muito nova, sinto que os alunos ouvem pouco e às vezes nos desafiam em coisas simples. E se não ouvem, nossa</p>	<p>“quero aprender a ser mais tolerante e saber ouvir para poder ensinar meus alunos a escutarem, pois sei que só podemos exigir algo, se assim o</p>

		ação fica comprometida, qualquer atividade precisa dessa escuta e uma boa parte de meus alunos não sabe fazer silêncio para ouvir o que é necessário.”	fazemos, caso contrário, não terá eco. A educação precisa ter essa compreensão, pois assim o grupo conseguirá se ouvir e levar a efeito um projeto que seja comum.”
P.R.P.	“é um olhar que se estabelece entre o materialismo e o humanismo. De um lado, queremos conquistar muitas coisas e precisamos do capital e por outro, queremos ser pessoas melhores, mais sensíveis. O equilíbrio não é fácil e ficamos num sobe e desce, parece que agimos como as ondas do mar, umas vezes forte, outras fracas e o ir e vir, embora diferente, não muda o que precisa.”	“o ideal na educação, na minha forma de trabalhar, seria aproximar o mais que se pudesse a dimensão humana do capital, tentando fazer nascer um equilíbrio entre eles. As pessoas podem ter certa comodidade, mas desde que não tenha que abrir mão dos valores éticos.”	
R.C.	“vivemos várias realidades dentro de uma mesma escola e contornar todas elas leva tempo e em algumas, acaba prejudicando o próprio processo de aprendizagem, a flexibilidade acaba sendo constante e não circunstancial. As demandas pedem lentidão ou rapidez, dependendo da situação em questão e não há como não atender.”	“tomara que ainda tenhamos como ver um mundo mais consciente do que é sua responsabilidade e assim na escola, pudéssemos cumprir com o nosso papel.”	

	R.S.G.	<p>“podemos ver tantas coisas e ao mesmo tempo, ficamos limitados a fazer somente uma, pois nem sempre as combinações são realizadas. Isso não é comum só ao espaço educacional, por exemplo na saúde também vemos essas situações acontecerem e justamente pela falta do que foi combinado, muitas coisas se confundem ou se complicam.”</p>	<p>“quero para a minha filha, que ainda é um bebê, um espaço onde toda a vivacidade dela possa encontrar atividades que a ajudem a se desafiar constantemente, que não seja apresentado a ela o que vivemos no hoje, tudo muda, os bebês estão cada vez mais precoces e isso no processo educativo também precisa ser levado em conta.”</p>
	S.A.E.	<p>“penso que o mundo está bem atrapalhado e se nós não percebemos, acabamos ficando atrapalhados também. Há muita cobrança, parece que o educador tem que salvar o mundo.”</p>	<p>“se eu pudesse escolher, queria um mundo bem tranquilo, para eu dar minha aula de Matemática e que os alunos tivessem vontade de aprender.”</p>
	T.K.C.	<p>“a tecnologia mudou muito o ritmo de tudo, temos que lidar com o imprevisível, e a maioria das pessoas não estão acostumadas a isso. O previsível ainda é o suporte, mas dentro de uma nova perspectiva educativa temos que nos adaptar e atender a essa demanda, pois caso contrário, nossos alunos podem nos ver como os velhos computadores.”</p>	<p>“quero ajudar meus colegas a perceber que a tecnologia pode ajudar, pode trazer benefícios e facilidades, até unindo disciplinas, conhecimentos e criando projetos interativos, que poderão despertar o interesse e a vontade de querer aprender mais e até quem sabe, abrir espaços para descobertas.”</p>

	U.T.T.	<p>“as oportunidades surgem se nos disponibilizamos a querer aprender algo diferente. Hoje vemos ainda muitas práticas que se arrastam por não quererem ter trabalho ou por crerem que isto deu certo até agora, porque modificar. Assim, se estagna a escola, a ação do educador e do aluno, acostumando-se com o menos.”</p>	<p>“gostaria de ver acontecer uma pequena revolução, para que os alunos vejam que além do livro há outras formas de aprender, de construir conhecimento e que o educador não estará ao seu lado só para somar as notas, mas para auxiliá-lo nas suas conquistas, na invenção de um novo jeito de aprender.”</p>
	V.B.E.	<p>“tive uma formação sólida, procuro junto aos alunos dar o limite, construir os hábitos e atitudes, no entanto, não é assim que uma parte dos colegas age. Eles são muito permissivos, cobram pouco em relação à escrita, a própria aprendizagem.”</p>	<p>“a escola é o espaço para a aprendizagem, então é isso que queria que estivesse aqui dentro, mais conhecimento e compromisso de todos em construir isso desde os pequenos.”</p>
	V.V.R.F.	<p>“a escola tem que ser um espaço de socialização e percebo que estamos ficando distante objetivo. Inventam-se diversas atividades para preencher o tempo do aluno, mas ele acaba sendo um tarefeiro e não vive cada um desses momentos e não consegue optar por um e o conhecimento fica comprometido.”</p>	<p>“uma ação pedagógica que vá além do conhecimento deve ter atividades diversificadas, mas também dar ao aluno, a oportunidade dele escolher aquela que se sente bem e que consegue traçar paralelos para novas aprendizagens.”</p>

TECENDO E UNINDO AS INTUIÇÕES

Uma oficina que a meu ver, gerou um movimento. Provavelmente um dos fatores tenha sido poder falar do lugar que estão instalados e que cotidiana refletem, o lugar da prática. Falar sobre a dimensão subjetiva encontra maior resistência, mas olhar a ação docente acaba sendo um foco de maior fala e envolvimento.

Olhando os caminhos da História da Educação, percebi que muitos educadores, não tinham presente esse processo que ocorreu desde a antiguidade para os dias de hoje e a influência das escolas pedagógicas. Evidente que ao colocar os símbolos, a maioria procurou situar na altura da Escola Progressista. Os relatos se referiam a Escola Tradicional, que tipo de aluno cada um tinha sido, que experiências recordavam, quais as marcas estavam presentes no ser educador.

- “Sinto que me tornei uma pessoa muito melhor quando assumi a educação, trabalhei em outros segmentos, mas que esse universo de planejamento, avaliações, interação com os alunos, criação de projetos e afeto dos alunos, é a opção da minha vida.” (D.P.T.)
- “Por ter uma limitação psicológica, muitas pessoas diziam que eu não seria professora e hoje vejo que embora tenha recebido tantos “nãos”, sinto-me uma professora extremamente feliz e em contínua formação.” (G.S.R.)
- A História marca minha vida, mas cada uma dessas etapas demonstra o quanto o homem é um ser pode se transformar e para o melhor, por isso podemos mudar sempre e mostrar aos alunos, embora hajam barreiras e caracterizações de uma época, somos mutáveis”. (L,F.F.)
- Se os outros tiveram a oportunidade de construir algo e que outros vieram e tornaram melhor, nós também temos essa possibilidade, entretanto não podemos esperar, temos que agir e nesse presente unir o conhecimento herdado com novas formas de aprendizagem que serão, construídas na

interação com os alunos.” (E.A.H.)

- Não há nada mais fascinante do que perceber que somos seres privilegiados, tivemos a oportunidade de viver um tempo diferente, com acesso a recursos, tecnologia, liberdade de expressão e relações afetivas que fazem o ser humano ser diferente. Os apelos são outros, porém podemos agregar os conhecimentos anteriores e ampliá-los, para que assim o ciclo se recrie em todos os tempos. (T.K.C.)

Os educadores que refletem sobre a sua prática são aqueles que experienciam sobre sua ação docente, mas estão em um constante processo de formação. Uma parte que concluiu a primeira etapa formativa de sua trajetória profissional (faculdade) e ficou nessa etapa, apresenta maior resistência em fazer o movimento de reflexão entre a teoria e a prática e conseqüentemente, reproduzem posturas imutáveis.

Não há como desprezar a historicidade da vida profissional do educador, por meio dela, é possível fazer essa retomada e encontrar os limites que impedem uma prática mais coerente e atualizada ao momento presente. Nesse sentido, ao montar o Varal da Ação Pedagógica - Intuições e Sensibilidades, tornou-se evidente que os educadores que realizam o processo reflexivo de sua ação docente, possuem maior facilidade em externar os sentimentos que lá estão ao descrever a sua vivência educativa, tais como:

- “sinto o afeto dos alunos para comigo. Eles sentem confiança em contar-me as suas coisas, pois sabem que eu não irei contar a ninguém, mas também se abre um canal para levar avante o conhecimento que precisa ser construído.” (J.T.R.F.)
- “erro muito no meu planejamento, penso que todos irão adorar a atividade e chega no momento de aplicar, os alunos acham uma droga. Acolho as sugestões e conseguimos ajeitar juntos.” (L.T.A.)
- “sinto um desconforto toda vez que tenho que apresentar um conteúdo sobre anatomia, parece que

alguns alunos vão estar atentos para o momento de me deixar encabulada.” (A.T.)

- “estou vivendo um momento familiar bem delicado, sinto que tenho que me segurar para não chorar na frente dos alunos.” (U.T.T.)

Uma parte dos outros colegas, expressa tanto a dimensão da racionalidade, que a sensibilidade não se evidencia em suas falas:

- “estudamos para ter uma profissão e o que os outros fizeram não interfere na forma de darmos aula.” (S.A.E.)
- “estudar essas coisas é balela, não muda nada, porque está tudo errado no mundo, aqui no colégio ainda tentamos fazer diferente.” (G.A.F.)
- “temos que separar o que vivemos na vida pessoal, do profissional, ficar falando sobre o que pensamos não modifica o fazer educação.” (V.B.E.)

Compreendo que as oficinas não têm como objetivo que todos pensem e sintam da mesma forma, entretanto uma constatação emerge: as histórias de vida influenciam o ser profissional do educador. Aqueles que continuam imunes ou irredutíveis na sua forma de pensar, necessitam desse tempo e ele é particular, pois depende exclusivamente do nível de ampliação da consciência que se encontra. No grupo fará a diferença sim, mas como há outros que conseguem influenciar a ação docente, creio que conseguiremos avançar na caminhada.

Nos olhares do mundo e do ser educador, apontando o real e o ideal, algumas falas foram de uma profundidade latente, destacando o cenário educacional, as causas principais e os olhares sobre a profissão.

Conforme quadro anterior, veremos que há por parte do grupo, uma preocupação significativa com a constituição das famílias nucleares, que se transformaram rigorosamente nestes últimos anos e as funções maternas e paternas são exercidas por diversas pessoas, mas acarreta na vida da criança uma confusão, uma falta de referencial. Chegando assim na escola, o conflito amplia-se, pois os colegas cobram, o educador exige o cumprimento das tarefas e aqueles que não possuem esse referencial, não fazem e também não respondem ao que é solicitado. Fatores esses que geram uma instabilidade na sala de aula e dicotomizam a ação do educador, uma vez que necessita considerar o universo particular de cada um e aqueles que estão bem, por vezes, tem seu desenvolvimento retardado em detrimento desses que precisam ser incluídos, por serem pessoas humanas e porque no momento a família está tão frágil e fragmentada que não enxerga na criança, um ser com necessidades.

A realidade mostra-se triste, com algumas nuances de alegria, mas carece de uma compreensão elevada do educador para não torná-la mais sombria. Sabemos, contudo que sozinhos não haverá mudança, mas ao trabalhar com a criança, acreditamos que podemos chegar aos pais e iniciar uma pequena transformação. Sendo assim, apontar um ideal fica comprometido, a utopia deveria mover a vida das pessoas, mas há quase uma cronicidade de algumas relações que impedem a esperança de redesenhar as ações educativas.

A espiral do movimento, procurando mediar a teoria e a prática encontra seu ponto alto nesse vir-a-ser do educador, pois somente quando ele consegue se despojar das práticas que não atendem a realidade presente, é que ele consegue ir além e propiciar isso a seus alunos. De outra forma, impede a sua evolução na sua condição de ser educador.

6.4.5. - ESPIRAIS DOS ANÉIS – A REINVENÇÃO DO SER HUMANO FRENTE ÀS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS

[...] o tipo de esperança sobre a qual penso frequentemente,... compreendendo-a acima de tudo como um estado da mente, não um estado do mundo. Ou nós temos a esperança dentro de nós ou não a temos: ela é uma dimensão da alma, e não depende essencialmente de uma determinada observação do mundo ou de uma avaliação da situação...[a esperança] não é a convicção de que as coisas vão dar certo, mas a certeza de que as coisas têm sentido, como quer que venham a terminar.”

Václav Havel⁵⁰

O que pode unir tudo o que vivemos são as alianças que fazemos entre as pessoas e para isto precisamos criar um elemento simbólico que permita essa comunhão, a espiral dos anéis une todas as dimensões e todas as espirais constitutivas da pessoa e leva-nos a pensar que o humano pode ser reinventado quando volta a sua origem, ou seja, quando mergulha na essência de sua intersubjetividade.

A experiência humana é um potencializador nato para a reinvenção da pessoa. Nesse contato direto consigo alcança-se o topo da espiral e faz com que a pessoa compreenda que chegou lá, porque se fez pequena diante de si e precisou estreitar alianças com os outros para fazer a leitura do mundo no qual vive.

Levinas (1993) complementa essa aliança que o ser humano estabelece quando reflete sobre o tempo e o outro:

⁵⁰ HAVEL, Václav. In CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2002, p. 273.

[...] el tiempo y el otro no presenta el tiempo como horizonte ontológico del ser ente, sino como modo del más allá del ser, como relación del pensamiento con lo Otro y – mediante diversas figuras de la socialidad frente al rostro de otro hombre: erotismo, paternidad, responsabilidad respecto del prójimo – como relación con lo Absolutamente Otro, con lo Transcendente, con lo Infinito, Una relación o una religión que no está estructurada como saber, es decir, como intencionalidad. Esta última entraña la representación y conduce a lo otro hasta la presencia o la compresencia. El tiempo, en cambio, significaría, en su diacronía, una relación que no compromete la alteridad del otro, asegurando sin embargo su no-indiferencia al pensamiento. (p.68)

No entanto, o tempo que Levinas (1993) se refere, depende da experiência que o ser humano se dispõe a participar, considerando os espaços de tempo para a convivência, procurando nela, alternar os estados de alteridade, que inevitavelmente pressupõe as relações pessoais.

Para Levinas (1993, p.74) [...] *la alteridad humana no si piensa a partir de la alteridad puramente formal y lógica por la que se distinguen unos de otros los términos de toda multiplicidad (una multiplicidad en la cual o bien cada uno es ya otro como portador de atributos diferentes, o bien, si se trata de una multiplicidad de términos iguales, cada uno es – el otro del otro -, merced a su individuación).*

O ser e estar vivem uma constante experiência de alteridade, mesmo que tenhamos a compreensão, que nos estudos de Levinas (1993), este se refere às relações intersubjetivas, experienciado o lugar do outro, na espiral dos anéis, o outro precisa alterar o seu modo de *ser e estar*, para que depois tenha essas condições de redesenhar o seu eu em uma relação com o outro.

Aprender a ser neste mundo caótico e repleto de conflitos envolve um despir-se de tudo o que traz a classificação e a seriação; é necessário ser uno e irreptível para contar sua história e atrelá-la aqueles que compartilham de seus ideais. Se quisermos um mundo diferente, essa originalidade deve ser revelada e compartilhada, uma vez que a interlocução com o imaginário e o real propiciará esse tão desejado modo de *ser no mundo*.

Ser no mundo é **estar** aberto ao conhecimento, às novas formas de aprendizagens e à autonomia na escolha de construir novos conceitos e olhares frente à consciência cósmica universal.

É preciso conceber o sujeito como aquele que dá unidade e invariância e uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades. Isso, porque, se estamos sob a dominação do paradigma cognitivo, que prevalece no mundo científico, o sujeito é invisível, e sua existência é negada. No mundo filosófico, ao contrário, o sujeito torna-se transcendental, escapa à experiência, vem do puro intelecto e não pode ser concebido em suas dependências, em suas fraquezas, em suas incertezas. Em ambos os casos, suas ambivalências, suas contradições não podem ser pensadas nem sua centralidade e sua insuficiência, seu sentido e sua insignificância, seu caráter de tudo e nada a um só tempo. Precisamos, portanto, de uma concepção complexa do sujeito. (MORIN, p. 128)

Essa concepção da complexidade faz com que a pessoa busque incessantemente seu melhoramento e suas conexões com o todo, mas evidentemente que a ação pedagógica necessita de uma praticidade que se tender a ficar no mundo das ideias encontraremos algumas resistências. Precisamos unir a vivência, a experiência e a informação para levar a um pensamento reflexivo que se volte a sua origem e mediatize desta forma a essência de sua subjetividade com a vivência coletiva, dando espaço para gerir um autoconhecimento que envolva um constante processo de formação.

A alteridade envolve o sair de si, para que o outro possa ser e a concepção da complexidade leva o ser humano a buscar a sua auto-superação e as tessituras para tornar suas relações repletas de significado. Aqui falamos em um processo que não é temporário, ele envolve uma plenitude que se alcança talvez só no momento de sua transcendência. Porém, pensar nos caminhos da humanidade, no qual o homem sempre será uma das espécies mais estudadas, uma vez que o novo paradigma refere que não somos os únicos seres no universo, leva, retorna e aponta sempre para o homem.

Não haverá como pensar a sua subjetividade, sem associá-la às vivências intersubjetivas com o outro. O outro é quem nos impele a continuar

na compreensão de quem somos e o que queremos tornar como autêntico a partir dessa relação.

Levinas (2002) caracteriza essa relação quando fala da construção da humanidade:

[...] en la humanidad, de individuo a individuo, se establece una proximidad que no adquiere sentido a través de la metáfora espacial de la extensión de un concepto. Inmediatamente, el uno y el otro, es el uno frente al otro. Es yo para el otro. La esencia del ser razonable en el hombre no designa solamente el advenimiento a las cosas de un psiquismo en forma de saber, en forma de conciencia que si niega a la contradicción, que englobaría a las otras cosas bajo conceptos desalienándolas en la identidad de lo universal; designa también la aptitud del individuo que resulta, en un principio, de la extensión de un concepto – del género hombre – para erigirse en único en su género y, así, como absolutamente diferente de todos los otros, pero en esta diferencia – y sin constituir el concepto lógico del que el yo se ha liberado – de ser no in-diferente al otro. No-indiferencia o socialidad-bondad original; paz o deseo de paz, bendición; - “shalom” – acontecimiento inicial del encuentro. Diferencia, no-indiferencia, en la que el otro – sin embargo absolutamente otro, “más otro”, por así decirlo, de lo que lo son, entre ellos, los individuos del “mismo género del que el yo se ha liberado” – donde el otro me regarde; no para “percibirme”, sino “concerniéndome”, importándome como alguien del que tengo que responder”. El otro que – en este sentido – me regarde, es rostro. (p. 139)

Os “eus”, segundo Levinas (2002), podem fundir-se e recriar-se para tornar-se um para o outro. Na consecução dessa interação, a humanidade não pode esquecer-se que há um sentido para essa busca. Frankl (1990, p. 71) afirma que *sentido nós encontramos ao indagarmos para que algo serve, para o que algo é bom. Sentido da vida se nos depara no entendimento de que um valor, reconhecido como tal, nos afeta e insta ao desempenho de uma tarefa. O valor se torna, pois, sentido através do entendimento, não assumindo coativamente ou obscuramente adivinhado. Como se vê, a Filosofia do sentido está estreitamente vinculada à ideia de valor. Assim como o verdadeiro autovalor e o verdadeiro ser-homem reciprocamente se convém, “a Filosofia do valor... nesse exato ponto de união metafísico se torna uma Filosofia do sentido de ser”, proclama W.Stern. Pela fé no valor o eu... indica a ele próprio um sentido dentro de um cosmos pleno de sentido.”*

Como Frankl, **postulo** que o **sentido leva o ser humano**, para **auto-compreensão de si, abrindo o horizonte para sua autoformação**, mas principalmente, para o **“tornar-se pessoa”** (Rogers e Justo - 1982/2001), o **“traduzir-se”** (Ungaretti - 2005) ou ainda **“a educação a partir da interioridade”** (Trevisol - 2008). Percebe-se que não há como pensar a reinvenção do humano, dissociado dos elementos essenciais de sua originalidade. Sua trajetória passa e faz história junto à humanidade, reconhece no outro o seu eu distante, para tornar-se alguém melhor, traduzindo sua essência em uma inteireza que rompe os limites de sua interioridade e de sua dimensão subjetiva, transcendendo o tempo e o espaço.

Portanto, as relações subjetivas e intersubjetivas, revelam as marcas da evolução biopsicossocial, tornam possível a ampliação de consciência, modificando a personalidade por meio da insatisfação, da procura e da introspecção, para então levar o ser humano a sua condição de inteireza.

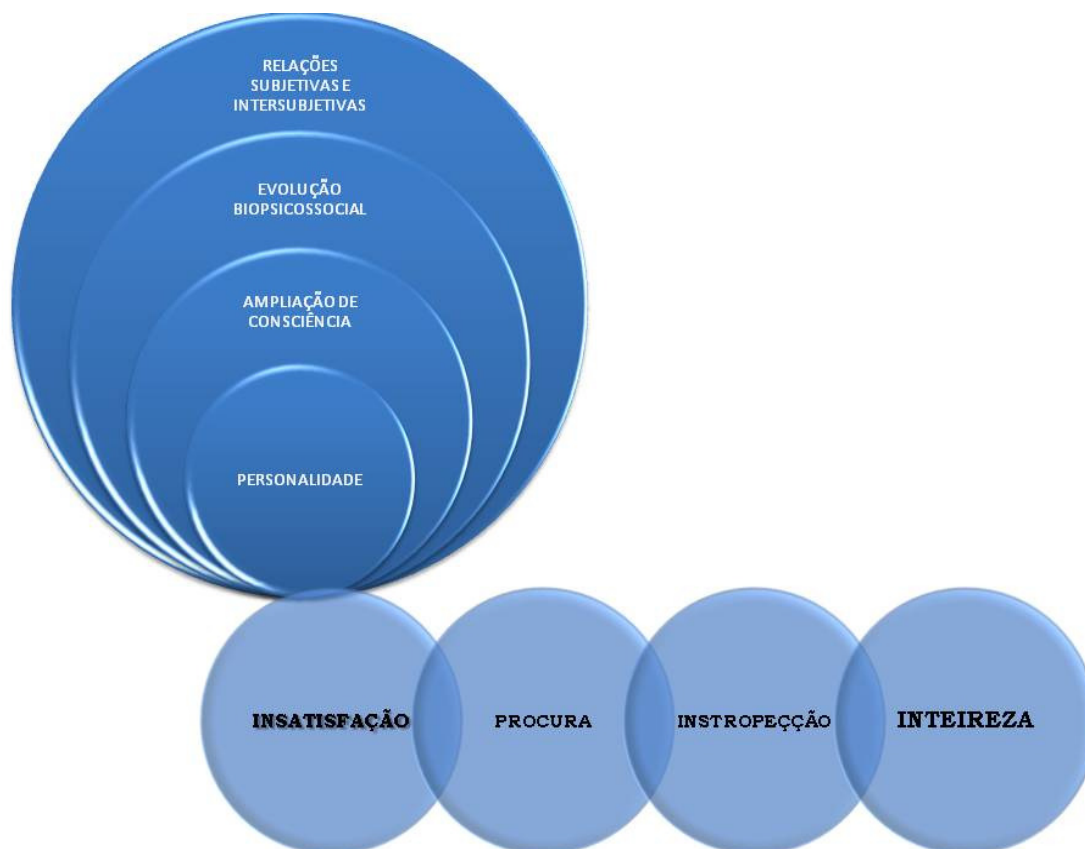


Figura 27 – Movimento das Espirais da Subjetividade
Movimento das Espirais da Subjetividade - GOULART, 2009.

A pessoa vislumbrando esse movimento dessa forma poderá fazer uma constante realimentação do seu agir e buscará em si, pela sua experiência reflexiva, um caminho para se reinventar e deixar ao mundo uma herança que preserve e possibilite as futuras gerações projetar-se a partir da espiral dos anéis, ou seja, tecendo alianças e *novas formas de ser e de aprender com e no mundo* consigo, com o outro e com o cosmo.

ESPIRAIS DOS ANÉIS – A REINVENÇÃO DO SER HUMANO FRENTE ÀS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS

Espiral	Período	Dinâmicas
- Espirais dos Anéis – a Reinvenção do Ser Humano frente às Relações Intersubjetivas.	Julho e Agosto /2009	<ul style="list-style-type: none"> - As uniões que os anéis promovem. - O “eu” no ir e vir dos sentidos e das emoções; - Desenhar-se na compreensão de sua inteireza; - A reinvenção do “eu” frente à alteridade.

Objetivo	Aplicação das Dinâmicas
* Desencadear uma tessitura da dimensão sócio-cultural com o humano, promovendo a reinvenção do SER que se constrói e reconstrói na interação com o outro, consigo e com o transcendente, para qualificar e dar novas cores ao ser fazer pedagógico e ao seu processo autoformativo.	<ul style="list-style-type: none"> - Colocar em uma mesa, vários anéis, junto a cada um haverá um questionamento que o educador deverá refletir e expor ao grupo, considerando suas dimensões autoformativas. - Retomar o caminho da primeira espiral, levando os educadores a fazerem uma retrospectiva de sua trajetória e as marcas que foram sendo desenhadas em sua história de vida. Nesse caminho, as bandeiras serão recolhidas e todos irão montar uma única bandeira que representará a aliança que é necessário estabelecer para uma forma de fazer educação e promover o processo autoformativo do educador.

* Cada educador dará forma a um quadro, no qual expressará sua trajetória de vida e as transformações que sofreu ao longo da vivência das oficinas.

Aporte teórico: Ken Wilber, Marie-Christine Josso, Thomas Moore, Victor Frankl

VIVÊNCIA DAS OFICINAS

PERCEPÇÕES

No dia 01/07/2009, iniciamos a última oficina das espirais da autoformação do educador. No centro da sala havia uma mesa na qual havia alguns anéis e cada um possuía um questionamento:

- Que destaques você faria da sua essência, enquanto ser humano e educador?
- De que forma você revela a sua interioridade?
- Que marcas surgem quando você se defronta com o espelho?
- O seu eu é perceptível quando enfrenta uma situação desconhecida?
- Como você desvela o esconde em seu eu?
- Que pontos se unem para dar a inteireza de seu ser?
- Que preciosidades permanecerão como marcas em sua vida?
- O que você capta ao olhar o universo?

- Como você percebe sua consciência se ampliando?
- Suas mãos se unem espontaneamente com o outro?
- Estar com o outro no universo é prazeroso?
- Que nível real você uniria ao nível ideal do ser educador?
- Quais são as intuições e sensibilidades que mais estão presentes na sua ação pedagógica?
- Como vivo o respeito em relação ao outro e a sua forma de ser?
- Quais são as inspirações que suscitam uma nova interlocução com o ser e o agir do educador?
- Que emoções emergem do ir e vir do seu eu?
- Que representação você faria da sua inteireza?
- Como seria o redesenhar das relações consigo, com o outro e com o cosmo?



Figura 28 – Dinâmica dos Anéis

Cada educador deveria ir até a mesa, pegar um dos anéis que tinha um questionamento, responder por escrito e depois no momento da socialização partilharia no grande grupo.

No dia 08/07/2009, havia o caminho que fora construído na espiral da produção de sentido, com todos os elementos que os educadores haviam colocado. Enquanto caminhavam em volta do caminho, deveriam refletir sobre a sua caminhada, ou seja, olhando de hoje para trás, quais as marcas, algo se modificou, podemos afirmar que somos os mesmos?

Logo a seguir a partilha desse momento, cada um deveria levantar a sua bandeira e reunir-se ao grande grupo, para construir uma única bandeira, representando a aliança de todo o trabalho em conjunto que realizaram nas oficinas e que é preciso existir para que haja uma educação voltada para a inteireza do humano.

A montagem demorou significativamente, pois o objetivo era que todos pudessem colocar a sua bandeira, de forma que fosse lido em um mesmo sentido.



Figura 29 – Relato dos Educadores - I Oficina: Espirais da Produção de Sentido

	<p>No dia 05/08/2009, realizamos a última dinâmica das oficinas. Pedi que trouxessem um quadro em branco no encontro anterior.</p> <p>Coloquei a disposição vários materiais e com eles agora teriam que dar forma a um quadro que mostrasse a sua trajetória de vida e as transformações que ocorreram no desenvolver das oficinas. Pedi, no entanto que procurassem não conversar, fazendo comentários, pois gostaria que ao mostrar a tela, o grande grupo fizesse uma releitura do que cada um produziu.</p>
--	--

VIVÊNCIA DAS OFICINAS	
EDUCADOR (A)	PERCEPÇÕES
	A.F.S.A.

	A.M.P.	<p>“Mudanças surgem quando fazemos o movimento para que aconteçam. Acredito muito nisso. Olhando essa pequena trajetória, muitos passos foram dados e o avançando na forma de ver as coisas estão acontecendo. A teimosia que caracteriza o meu eu, está um pouco mais estacionado, não que tenha sumido, até como disse antes, mudanças acontecem, mas precisamos respeitar o ritmo de cada um e o meu ainda não está preparado para tudo. Creio que a ação docente, terá uma melhoria, pois além de pensar as coisas da escola, pensar sobre o pessoal de cada um, vai ajudar nosso projeto e pensar o todo da escola.”</p>
	A.M.K.L.	<p>“Fazer algo diferente é importante para nos darmos conta que ainda sabemos pouco e podemos aprender mais, ser pessoas melhores. Cada uma das etapas das oficinas, me fez pensar muito nas minhas coisas, como atuo frente aos meus alunos, que a escola não é um segmento separado um do outro, sem uma unidade não avançamos e não promovemos uma melhor qualidade para a escola, para a educação e para o que necessita mudar. Se queremos de fato, uma escola diferente, nossa ação deve partir de outro foco e não daquele que nos acostumamos vê.”</p>
	C.M.P.	<p>“Um propósito deve caminhar com a gente durante toda a vida. Acolher o que não está bem nós, é graça. E diariamente necessitamos exercitar tal virtude. O que está errado em nós merece ser revisto e conversado para melhorar. Os outros podem dizer o que não está bem em nós, mas somente no encontro com as nossas coisas é que vamos nos dar conta do que incomoda e fala ao ouvido. A ação docente que tanto refletimos, melhora se nos tivermos a paciência de ajudar a melhorar.”</p>

	C.R.S.S.	<p>“Não consegui responder a todos os questionamentos que os colegas iam relatando nos anéis, sei dizer, contudo que esses momentos serviram para um pensar sobre as coisas da gente, o dar aula não está bom, só que tudo ao mesmo tempo não se modifica. Precisamos acreditar mais em nós, conseguir como foi a proposta das oficinas, nos leremos mais vezes, sabermos o que sentimos, o que não queremos, as opções que temos que continuar fazendo. Assim é possível, olhar o que somos e também o que a escola necessita receber.”</p>
	C.A.S.	<p>“Vejo dessa forma: todos nós tivemos a oportunidade de encontrar com alguém que está lá junto de nós, mas dia após dia, não ligamos, não damos o devido valor e ela vai murchando e que cuidado não devemos ter para não deixar morrer antes do propósito realizado. Compreender o sentido de nossa existência envolve um dar-se conta e um profundo desejo de mudar. Esse movimento vai levar a outro que entender o como exercemos a profissão. E com certeza, terá sentido, se resolvermos ter ações que respondam a esse anseio.”</p>
	C.M.D.S.S.	<p>“Já fiz algumas mudanças em minha profissão, algumas com muito desafio, com medo, incertezas, em outros com alegria, por acolher o desafio. Esse, de pensar sobre nosso eu, está me deixando maravilhada, pois em algumas coisas jamais pensei. Talvez a maioria das pessoas seja assim, vai vivendo e não pensa, mas é impossível não manifestar pelo menos uma incomodação e a vontade de crescer, de fazer algo diferente para nós e para nossos alunos.”</p>

	D.P.T.	<p>“Não há como repetir a história dos outros, fazemos o nosso caminho e ele será exitoso se tivermos empenho em querer fazer diferente. A ansiedade tomou conta de mim, talvez por estar concluindo minha faculdade, vivendo um período de estabelecimento de uma relação afetiva, percebo que nascemos para fazer o certo e sem o autoconhecimento não auxiliamos, pelo contrário, às vezes prejudicamos o avanço do grupo.”</p>
	E.A.H.	<p>“Quem pode afirmar que os dias não trarão novidades? Essa premissa se volta para a experiência de revistarmos o nosso eu e fazer algumas aproximações com o jeito que trabalhamos na sala de aula. Não foi uma tarefa fácil, no entanto desvelei um eu que andava meio adormecido, que faz planos de mudança sim, que não quer acabar vivendo uma rotina sem volta. Ouso dizer, que as oficinas me ajudaram a pensar que mesmo trocando os espaços, posso continuar sendo educador, mas tendo o direito a viver de uma forma mais tranquila e prazerosa.”</p>
	M.F.P.	<p>“Cada dia é único. Se escolhermos não viver, lentamente vamos deixando nosso ser sem vida. Essa foi uma aprendizagem das oficinas. Penso que esperar pelo certo também não fará que tudo melhore, precisamos estar onde é necessário, e pensar a ação docente considerando o que move o educador, é um dos caminhos. Compreendendo a realidade, o que influenciemos e como somos influenciados, nos ajudará a dar um sentido mais abrangente a prática educativa. Não tem como ficar esperando nos tempos atuais por uma mudança, uma melhoria nas condições de trabalho do educador, sem colocarmos a nossa mão para ajudar na mudança.”</p>

	G.S.R.	<p>“as aprendizagens acontecem em um ritmo rápido e de repente somos nós que não estamos preparados para essas mudanças. O investimento na pessoa do educador é fundamental para que tenhamos outro jeito de pensar as coisas. Se queremos fazer alianças, precisamos nos dispor a mudar, a olhar o outro de outra forma. Olhando todo esse movimento que fizemos, tenho a dizer que estou pensando que mesmo tendo limitações, de ordem orgânica, posso ser tão grande quanto os outros, que a ação do meu trabalho, depende do que eu fizer, os outros estão lá, mas sou eu quem vai escolher para onde ir e como caminhar. Escolhi há muito tempo fazer diferente e mesmo tendo muitos empecilhos, desafio constantemente a lei natural das coisas, para ser diferente. Isso a meu ver, é um movimento que acontece para o melhoramento de todos.”</p>
	G.A.F.	<p>“tem coisas que por mais que os outros digam, não faz muito sentido, os outros podem até estar certos, só que na educação as coisas acontecem diferentes. Temos que fazer os alunos se darem conta do valor do estudo e entender que estamos ali porque queremos o melhor para ele. Esse lance de ficar pensando sobre o que fazemos, não sei se muda muita coisa.”</p>
	I.F.	<p>“bonito é ver que tanta gente jovem tem vontade de acertar, de tentar fazer diferente. Não sei quanto tempo ainda vou ficar aqui para ver, mas sinto que muitas coisas mudaram e mudaram para melhor. No meu tempo de professora fazíamos muitas coisas, diferentes disso tudo, queríamos o melhor para nossos alunos, mas não pensávamos em nós e nos sentimentos que tínhamos, pois o que importava era passar muito conhecimento e hoje precisamos pensar na pessoa que está por trás do conhecimento.”</p>

	I.A.A.	<p>“se pudéssemos olhar com os olhos da arte, alguma coisa seria diferente nesse mundo. Os artistas parecem loucos, acho que eles querem olhar de outra forma o que todos já olharam e procuram um ponto para isso e aí nos damos conta, que falar de outro jeito incomoda as pessoas, nós nos incomodamos porque não nos aceitam como somos e não queremos ser na verdade aceitos. Queremos que os ouvidos ouçam nossa fala, que embora tenha um foco diferente, quer o bem, o melhor. Assim ser educadora, pensando sobre minhas coisas, continua levando-me a estar na contramão do que é dito, pois o meu diferente nunca será igual ao do outro e do meu jeito, acho que fiz pequenas mudanças a partir dessas oficinas.”</p>
	I.R.M.B.	<p>“para mim, ser educador, é uma escolha e procuro fazer o meu melhor. Não sei se todos enxergam assim, mas cada dia vivo pensando nisso. Nem sempre acerto, mas quero o melhor do meu aluno, dou o meu melhor e espero que as coisas dentro da educação mudem. Quando vai acontecer não sei, mas tenho uma esperança comigo, que um dia vai ser diferente e nós daí temos que dar essa ajudinha, fazendo o nosso melhor.”</p>
	J.T.S.	<p>“essa experiência tem feito com que eu pense sobre muitas coisas, meus alunos precisam de mim, mas esse precisar necessita levar uma ajuda efetiva. Não aprendemos tudo no curso de Magistério e na faculdade ainda estamos aprendendo, então esses tempos precisam se unir para levar essa ajuda. Ajudar no que eles não sabem é poder reconhecer que também ainda não sabemos bem, mas que podemos tentar juntos fazer algo diferente para o bem deles e o nosso.”</p>

	J.T.R.F.	<p>“as pessoas falam muito, se incomodam pelo que dizem em momentos que não são os melhores e sofrem por isso. O bom seria pensar antes, agir tendo presente que se não posso ajudar, eu não devo atrapalhar, é respeitar o outro e nós respeitarmos também. Falamos muito e sentimos pouco e isso faz diferença, a escuta do silêncio também é importante. Escutando o que pensamos nos leva a agir diferente. Vejo que as dinâmicas fizeram com que tivemos a oportunidade de escutar, de nos vermos como somos, mesmo que não tenhamos mostrado o tempo todo isso. O olhar para dentro nos faz falar menos e isso tínhamos que conseguir também fazer com nossos alunos, ajudá-los a escutar e ver que o diferente também faz crescer.”</p>
	L.T.A.	<p>“queria aprender a fazer as coisas mais devagar, ver além da correria o que está no mundo e contemplar sua beleza. Quero sempre tudo tão certinho que penso faltar tempo para as coisas acontecerem como tem que acontecer. Quando agimos assim, não permitimos que sejam como tem que ser. Isso me incomoda. Já tentei mudar, mas logo me vejo fazendo a mesma correria. Sou muito preocupada, aprendi isso do meu pai e da minha mãe, fazer o certo e quando não acontece, eu sofro. Por isso queria saber agir de outro jeito. Acredito que ajudaria melhor meus alunos e a mim mesmo, não sofrendo por coisas tão pequenas.”</p>
	L.F.F.	<p>“a unidade é uma busca e faz parte de uma jornada que pode ser longa ou não, dependendo do quanto de energia colocamos para chegar ao seu alcance. Somos seres humanos em uma busca constante por melhoramento e às vezes, esquecemos, que amando e respeitando o outro naquilo que é, isso aconteceria de forma simples. Dificultamos tudo quando queremos explicar o que não se explica, algumas coisas</p>

		<p>vamos viver pela experiência e não haverá como definir. A vida é assim e o Criador não explicou todas as coisas, para que pudéssemos nos admirar com o inesperado. A construção do ser educador é um pouco isso, precisamos dar o tempo necessário para a construção de suas coisas, mas por outro, compreender que algumas coisas não serão explicadas, acontecerão porque necessitam acontecer. Nossa tarefa será viver e partilhar a experiência. O entendimento existe, mas parece que complicamos o que não teria porque, pensando essas coisas, abre-se um caminho para unir o pensar com a ação e ela será melhor na medida em que colocarmos a essência na ponta de tudo.”</p>
	M.L.F.S.	<p>“na vida está o segredo para nos mantermos livres e amados. Sem eles não somos inteiros, completos e felizes. O desequilíbrio, embora seja necessário, precisa também nos ajudar a colorir os nossos dias. E se isso não está lá, nossa prática começa a sofrer os impactos do que não sentimos. Cobramos do aluno aquilo que não temos ou sentimos. Isso não dura! O testemunho é pelo que somos e fazemos e se não tornamos coerente, corremos o risco de no final nos perguntarmos o que fizemos com os dias que tínhamos para viver? A pergunta é uma forma de conhecimento, mas o aluno também, pelo meu testemunho deve se sentir provado a mudar.”</p>
	P.A.	<p>“certo ou errado, existe uma verdade, fazemos tudo do jeito que queremos. Pode haver orientações magníficas, mas acabamos fazendo as coisas conforme sentimos e supomos ter aprendido. A criança pequena tem um olhar bonito, ela vai fazendo e como sua alma é pura, ela vive aquilo intensamente, talvez nos falte isso, viver o dia a dia que nossa profissão de uma forma mais pura, acreditando que aquele momento é único e por ele temos que fazer acontecer muitas coisas.”</p>

	P.B.M.	<p>“vou aprender muitas coisas ainda e sei que vou errar muito também. Só que quero qualificar meu trabalho, quero entender e ampliar informações, para torná-las mais claras aos alunos e ao meu próprio conhecimento. Penso que essa maturidade vem com o tempo, mas não podemos esperar de braços cruzados. Essa foi uma oportunidade muito boa para entender um pouquinho mais e ver que em nossos cursos de formação, é muito limitado o que aprendemos, a experiência vai além.”</p>
	P.R.P.	<p>“como eu digo, estar embrenhado na educação é uma opção e sinto que meu coração também está aqui. Descobrir cada dia uma coisa nova mantém essa minha paixão. Estive em outras áreas, mas sinto-me vivo estando no meio da gurizada, ajudando-os a descobrir seus mundos como eu descobri. Minha emoção fala alto quando vejo que as pessoas têm coisas boas para oferecer, sou um cara que chora muito, que deixa o coração falar. Sinto-me muito bem nesse meio e me alegro com o crescimento do grupo, estamos crescendo, temos problemas para resolver, mas não são todos que tem a oportunidade de fazer parte desse grupo e abrir tanto espaço para qualificar um projeto e fazer refletir sobre ele. Consegui ver que minha história de vida e todas as perdas estão se transformando, os cantinhos que estavam trancados pela dor, começam a ter um alento novo.”</p>
	R.C.	<p>“que bom que podemos olhar para o que fizemos em nossa trajetória de vida e nos darmos conta que muitas coisas foram boas, algumas mais tristes, mas a maioria muito boa. Construí uma família, meu porto seguro, criei minhas filhas e elas estão encaminhadas, e profissionalmente, estou chegando a uma etapa que quero colher o que plantei.”</p>

	R.S.G.	<p>“a sensação de tornar uma vida plena de conhecimento é fascinante. Quando a criança chega, ela sabe algumas coisas, mas ainda não em a leitura e a escrita como apropriação e quando ela torna-se produtora dessas informações, nossa ação docente parece ficar tão cheia de alegria que não cabe em si. Ajudamos no processo, mas quem constrói é a criança. Não há emoção maior que esta. Bem por isso, que precisamos continuar aprendendo para que sejamos melhores e consigamos alcançar a todos, claro que respeitando o ritmo de cada um, mas tentando trazer para esse momento de graça, todos. Pensar sobre as nossas coisas, mantém uma motivação e o desejo por essa melhoria.”</p>
	S.A.E.	<p>“uma verdade é esta, o educador tem que querer aprender. Se não quiser, não tem como crescer. Crescer quer dizer ir por onde não conhecemos e para fazer isso, tem que querer. Quem não quer fica pelo caminho e não cresce, fica menor que o conhecimento do aluno.”</p>
	T.K.C.	<p>“não é nos programas da tecnologia da informação que encontraremos a resposta para os desafios da educação, eles podem ajudar, só não podemos esquecer que quem manipula a informação é o homem e se ele não faz, não coloca lá as informações, a máquina não reproduzirá nada. O investimento tem que ser na pessoa, ele agirá para o bem se for ensinado a isso. Vemos tantas pessoas fazendo atrocidades com a tecnologia, manipulando, prejudicando. Aí que está à questão, a ética precisa ser vivida em sua máxima, fazer o bem, para o bem de todos. Ao contrário ajudamos a construir uma sociedade que manipula, que mata e que fere. O educador aqui, precisa cultivar valores éticos para que alcance esse propósito com os alunos, mas primeiro deve tomar isso como um principio de vida.”</p>

	U.T.T.	<p>“muitas fórmulas dão respostas definitivas. Entretanto entender de gente, de pessoas e da vida, não há como encontrar em um único teorema a resolução para as questões que dela fazem parte. A aprendizagem é essa procura por respostas para resolvermos o que desconhecemos. Quantas incógnitas precisarão ser utilizadas dependerá do quanto queremos aprender. A vida trás muitas incógnitas e quando começarmos a compreender o que elas querem dizer, seremos pessoas melhores e nossa ação mais qualificada.”</p>
	V.B.E.	<p>“você faz o que tem que fazer, no entanto a motivação está dentro de ti. Os dias precisam ter um colorido para que nos sintamos motivados e com vontade de viver. Sou a referência de alegria para os meus alunos. Tenho que estar bem, sorrir para eles, fazer com que queiram estar perto de mim e isso acontece se eles sentem um sentimento verdadeiro. Os sentimentos verdadeiros são uma aprendizagem da vida e se enxergamos o que é bom e menos bom, estamos nos avaliando e tentando fazer diferente, para que todos se sintam bem.”</p>
	V.V.R.F.	<p>“uma certeza eu tenho, se não está bom onde estou, tenho que procurar por um lugar me deixe mais relaxado e com vontade de fazer, de trabalhar. Fui aluno, sou educador, a escola faz parte da minha vida e da vida da minha família e eu quero que ela venha fazer parte da vida do meu filho. Para isso preciso ajudá-la a qualificar seu trabalho, só que antes disso eu preciso melhorar o meu trabalho, tenho que planejar melhor minhas aulas, tenho que ser uma pessoa mais inteira no que faço.”</p>

**TECENDO E UNINDO AS
INTUIÇÕES**

As impressões que ficam após um longo trabalho é a sensação que ainda poderíamos fazer mais e melhor. A dinâmica dos anéis tornou real um propósito que tinha muito medo de como iria acontecer, pois dependia da empatia e do interesse das pessoas participarem. Evidentemente que não posso afirmar que todos participaram motivados para tal, mas vejo que alguns já demonstram, por pequenas ações, uma reação diferente em seus relacionamentos e na sua própria prática.

A dinâmica procurando envolver todas as outras oficinas levou quase todos a darem-se conta do que haviam vivido, pois os questionamentos que constavam dos anéis tinham a ver com as dinâmicas e com os processos subjetivos que tiveram que movimentar. Alguns depoimentos retratavam as pequenas mudanças:

- “não imagina que meu interior era tão repleto de interrogações e que eu não ouvia o que ele tanto insistia para eu mudar ou transformar.” (D.P.T.)
- “não queria ser assim, queria ser alguém mais amoroso, mais atento e sintonizado com as coisas de dentro e externar um cuidado maior com as pessoas.” (J.T.R.F.)
- “olhar-se no espelho foi um dos maiores desafios, não consigo ainda ver quem eu quero, preciso de um trabalho longo para encontrar a pessoa bacana que fui.” (I.A.A.)
- “Não imagino me desfazendo do que é precioso para mim, eles ainda precisam me acompanhar, preciso da força deles, mas talvez algum dia, não seja tão depende.” (J.T.S.)

Por outro lado há as reações daqueles que por suas falas não expressam nenhum movimento de transformação, o nível racional ainda apodera-se das suas manifestações.

- “Não vejo o que alguns enxergam tão bem. As pessoas não mudam tão rápido. Um cara que foi sempre explosivo, desatento e desorganizado não deixa de ser em tão pouco tempo.” (G.A.F.)
- “Não me leva a mal, mas as mudanças na educação não acontecem por um monte de dinâmicas aplicadas e por ficarmos falando sobre os problemas que existem na escola. Para mim, precisa muito mais que isto, os outros tem que fazer a sua parte.” (S.A.E.)

Acredito que o movimento de pensar sobre as suas coisas, sobre o eu já instalou em uma boa parte do grupo. Não há nenhuma pretensão de uniformidade, mas de levá-los a pensar sobre o seu eu e como suas constituições surgem na ação pedagógica.

Ao retomar a dinâmica do caminho da primeira espiral, percebeu-se que alguns não se lembravam das suas construções, no entanto, ficaram por mais tempo olhando as suas buscas e as dos colegas. Havia admiração e curiosidade em seus olhares. Alguns colegas trocaram de lugar as suas bandeiras, pois naquela ocasião, eles deviam colocar no ponto inicial a sua trajetória inicial e conforme cada um já havia caminhado situar o que desejam ao longo do caminho. Esse então foi modificado, para mais distante do fim provisório do caminho ou mais perto.

Na confecção do quadro também percebi um movimento diferenciado, enquanto alguns pegavam e iam dando as formas, com facilidade, tinham aqueles que ficavam olhando para aquela tela em branco e nada faziam. Minha intuição leva-me a pensar que a inércia tem a ver com o fato que ainda não estão preparados para assumir uma mudança ou que não estão ampliando os níveis de consciência para uma efetiva transcendência do que são e poderiam vir a ser.

6.5 - A AMPLIAÇÃO DOS NÍVEIS DA CONSCIÊNCIA E A COMPREENSÃO DO SER FRENTE À SUBJETIVIDADE HUMANA: reflexões e interpretações que nascem da experiência do “eu” e do “não-eu” em um contexto cultural

[...] o ser humano leva uma vida inteira para poder compreender-se. Muito mais ainda para compreender os outros e o significado dos fatos e mecanismos do mundo em que ele está inserido. Por isso, desenvolver a dimensão da compreensão é fundamental para tornar-se um ser mais consciente no Universo. Compreender é muito mais que a apreensão intelectual do significado das realidades. É, antes de tudo, envolver-se com o outro, criar empatia, compreender até mesmo sua incompreensão. Tem a ver com a comunicação mais profunda, que está além dos gestos e dos símbolos, tocando a intencionalidade mais profunda do outro. Para isso, precisa da ferramenta da interpretação. A compreensão está intimamente ligada com o nível de consciência do indivíduo, uma vez que é daí que ele faz suas leituras. Ela é a base para muitos valores humanos, principalmente a paz.

Jorge Trevisol⁵¹

Uma sociedade se institui pelo olhar e pela ação do homem independente do tempo que esteja situada. Muitas civilizações conquistaram espaço pela guerra, pela violência, outras aniquilaram a psique humana; algumas transformaram homens e mulheres em escravos e robotizaram seus pensamentos, outras ainda, manipulavam os recursos econômicos, tornando-os reféns de um capitalismo maquiavélico. O olhar para o humano pouco

⁵¹ TREVISOL, Jorge. O reencantamento humano: processos de ampliação da consciência na educação. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 103.

existia, pelo contrário, muitas pessoas sucumbiram pela falta do afeto, do amor, do cuidado e da possibilidade de ser o que eram.

Um retrato triste, para um Universo que tem o infinito para conquistar. O homem é o *ser do tempo*, um aprendiz ao longo da sua existência que já cometeu tantas atrocidades, foi e é inventor de tantos benefícios para a humanidade, mas que, no entanto, *chega a um tempo*, que precisa reinventar-se, conhecer o outro lado, o da subjetividade humana para ser promotor da sua autoformação e mediar a construção de uma cultura que revele a sua inteireza.

Os cenários da modernidade são os mais diversos, pessoas continuam sucumbindo pela falta de condições, são aprisionados pelas doenças sociais, vivem um estado de morte-vida, tornam-se andarilhos em busca de privilégios, escravizam-se pelo ter, manipulam a própria vida humana e na maioria das vezes acabam esquecendo-se que há uma dimensão transcendente que eleva, que promove, que trás a redenção e nos conduz a uma inteireza, traduzindo pelas experiências humanas, os dois mundos que nos constitui.

Não existe uma receita ou um padrão de informações que nos levem a esse estado transcendente. Há um caminho que necessita ser percorrido e não há garantias de ser igual para todos e na verdade nem poderá sê-lo, pois somos únicos, temos uma originalidade que não se repete em nenhum outro ser, por isso a necessidade da interação e de estar unido com outras pessoas.

Zorzan (2009, p.312) aponta que *ampliar as consciências espiritual e social é permitir-se sair das cegueiras com relação a si e ao outro; é desvelar o Eu que está no Outro e o Outro que está no Eu. Então, sejamos únicos, mas coletivos. Sejamos questionadores, mas não incrédulos. Sejamos autênticos e não hipócritas. Sejamos verdadeiramente seres humanos, que buscam a cada instante da vida aprender a arte de viver sua própria existencialidade.*

Como vemos, temos o desafio da construção, da vivência e da própria experiência para tornar esses cenários diferentes e compreendermos qual o propósito de estarmos aqui e vivendo esse momento.

Assim, como me instituo “eu”, as influências, podem tornar-me um “não-eu” e no processo educativo, encontramos inúmeras situações que causam essa dualidade, pois entendo que ambas devem co-existir em uma pessoa e não torná-las excludentes. Entretanto, o cenário educacional, com a exceção de algumas experiências, procura romper com os canais de comunicação, da

linguagem e da interação, para continuar formando e padronizando comportamentos e pensamentos. Não há como continuar reiterando a necessidade da mudança, se não modificamos a forma de pensar e interagir com elas e com os outros. **Serei um “eu” inteiro, se puder refletir sobre o “não-eu”, para recriar um novo “eu”.** Síntese perfeita! Evidentemente que não, por trás desse postulado há um universo particular que só pode ser transformado se o ator principal assim o desejar.

Se esse processo depende de cada um, como é possível pensar em mudança estrutural da escola, da ação docente, se são tantas pessoas e cada uma carrega e porta uma originalidade única?

Provavelmente o que tanto idealizamos para a escola não tenha acontecido como queríamos, porque não abrimos o espaço para pensar o subjetivo de cada um e esse não pensar elenca sugestões e propostas inovadoras, mas não se estruturam pelo fato de não ter alcançado o interior do educador e como para ele, não carrega um sentido, não se transforma em algo que seja seu e instituído em seu “eu”.

Ungaretti (2005, p.175), contribui na reflexão sobre esse “eu”, ao associá-lo ao *“eu-tudo” que é o próprio conceito de inteireza do ser: é o humano que se reconhece em tudo o que existe, conforme a metáfora do holograma, em que o todo está na parte, e a parte está no todo, numa relação sinérgica cujas dimensões ecológica, societal, praxeológica, espiritual e cósmica representam a consciência do entorno, bem como a noção de união e identidade com tudo o que existe. Por isso as atitudes de tolerância, solidariedade, respeito, justiça, alegria, paz e amor são os valores da inteireza que no processo de vida, em seus diferentes estágios devem ser perseguidos para que se possa (re)descobrir-se continuamente no outro.*

A vinculação com o outro, além de contribuir para o espectro pessoal, potencializa a sua ampliação, principalmente no que concerne aos níveis de consciência, que se entrelaçam com a natureza e com as suas manifestações.

Para tanto, considerando o cenário acima, as espirais da autoformação do educador, tornaram-se um dos caminhos, para penetrar nesse Universo, no qual, temos a subjetividade humana e a ação docente.

As reflexões e as interpretações da experiência humana nos levaram a uni-las, pois não há como falar em inteireza, se nesse momento, tivermos que

fragmentar as vivências. Optamos por realizar uma tessitura das intuições e impressões, para agora, tecermos um olhar e percebemos se para contribuir na construção de uma PEDAGOGIA para a FELICIDADE, penetrando no real objeto do contra-senso da prática educativa na atualidade, as ESPIRAIS DA SUBJETIVIDADE, podem modificar a ESSÊNCIA do EDUCADOR e influenciar no seu processo autoformativo de SER e ESTAR no mundo.

Os questionamentos parecem mais que envolventes, necessários a um tempo que vê a escola com ranços e com ações enfadonhas. No entanto, como dissemos anteriormente, estamos cientes que não podemos esperar um milagre. As pequenas mudanças só podem se transformar concretamente se aqueles que agem sobre elas, fizerem esse processo.

O grupo de educadores que se aventurou em participar dessa experiência tem um perfil bastante eclético, quer seja no quesito idade, área de atuação ou nível de ensino. Há mais de oito anos trabalham conjuntamente nas reuniões pedagógicas, as quais fazem parte da sua carga-horária. O processo reflexivo se amplia justamente porque contam com a colaboração de todos os segmentos, não há somente o grupo das Ciências Humanas ou das Ciências da Natureza, eles estão misturados em todos os pequenos grupos.

Há também um compromisso em qualificar, ser melhor. Aconteceu assim com a revisão do projeto político pedagógico, com os planos de estudos, com os planos de trabalho, com o regimento escolar e com as reflexões sobre a pedagogia e filosofia franciscana. Não nos reunimos eventualmente, isso é uma prática que se mantém por acreditar que a via de qualificação é pelo repensar a ação pedagógica.

Nesse sentido, a abertura para um pensar diferente foi acolhido pela direção, mas, principalmente pelos educadores, pois se não houvesse a anuência deles, as oficinas de autoformação não teriam sentido para existir.

A proposta das oficinas de autoformação surgiu porque embora conhecendo todo o processo do grupo de educadores, ainda temos desafios a serem superados. Ser um grupo que reflete e mantém uma unidade é maravilhoso, mas na singularidade as ações docentes, de alguns, carecem de outro olhar, um repensar de sua prática pedagógica.

O movimento é uma constante quando queremos dar uma qualidade à ação docente, no entanto, como o processo é particular, pois sabemos que o

outro não muda ninguém, precisamos mediar uma interlocução que leve o educador a contemplar sua incompletude e conseqüente melhoria da prática educativa.

Enquanto educadora que conduz um processo, sinto uma responsabilidade muito grande em relação aos alunos, pois temos diante de nós pessoas sedentas por conhecimento, por interações e desafios. Não há como repetir práticas pedagógicas que não respondam ao tempo presente. E novamente ganha contornos o ser educador que necessita estar em um constante aprimoramento e atento as novas formas de aprendizagem.

Seria fácil, se todos estivessem conscientes que essas novas aprendizagens situam-se entre as conexões e interações de um pensar complexo, que desestabiliza e leva a construções inéditas. Infelizmente a realidade não é esta. Ainda percebe-se que muitos educadores continuam reféns de um conhecimento fechado e limitado e por sua vez, acabam fazendo o aluno reproduzir o que julgam ser o correto, em função de terem ensinado por muito tempo aquele conhecimento.

Vivemos então a urgência de novos tempos, que contemplem práticas educativas inovadoras e produtoras de sentido. Para isso, precisamos de educadores que queiram viver contextualizando seus saberes e suas experiências de vida, para então gerir uma ação docente verdadeiramente autoformativa.

Assim, as oficinas de autoformação e seus participantes se inserem em contexto de ousadia pela experiência que acolheram realizar, mas por outro lado, com o intuito de contribuir para a ruptura ou desestabilização de paradigmas que aprisionam e impedem um viver mais pleno.

Csikszentmihalyi (2008, p.71) aponta a incessante busca do homem pela felicidade e nesse transcórrer, a complexidade promove o crescimento da personalidade e por sua vez, favorece o seu modo de estar no mundo: *[...] la complejidad frecuentemente se considera como algo negativo, sinónimo de dificultad y confusión, Y esto puede ser cierto, pero únicamente si lo igualamos sólo con diferenciación. Porque la complejidad también involucra una segunda dimensión: la integración de las partes autónomas. Una maquina compleja, por ejemplo, no solamente tiene muchos componentes individuales, cada uno con una función diferente, sino que también manifiesta una alta sensibilidad porque*

cada uno de estos componentes está en contacto con los demás. Sin la integración un sistema diferenciado sería una masa confusa. El flujo ayuda a integrar la personalidad porque en este estado de profunda concentración la conciencia está extraordinariamente bien ordenada. Los pensamientos, las intenciones, los sentimientos y todos los sentidos se enfocan hacia la misma meta. La experiencia está en armonía.

O fluir que Csikszentmihalyi (2008) descreve em seus estudos, portanto deve levar a esse estado de complexidade, todavia considerando todos os elementos que modificam a experiência humana e possibilita a integração entre o ser e o não-ser.

No gráfico abaixo, observamos os níveis das espirais da autoformação e os elementos que movem a passagem de um estágio para o outro.



Figura 30 – Espirais da Autoformação do Educador
GOULART, 2009

Explorando, conforme o gráfico a ***primeira espiral da produção de sentidos – esculpir a essência do eu***, percebemos que o grupo de educadores inicialmente começou de forma muito tímida e com receios de desvelar a sua essência, surpreenderam-se ao ver que o caminho estava vazio e seriam eles a dar vida a ele. Um dos educadores analisou profundamente a sua opção pela educação:

“Escolha: um rapaz vindo do interior, sem ter referências na cidade grande, tem que pagar aluguel, opta por fazer com 50% de desconto, para tanto tinha que fazer uma licenciatura, mas queria mesmo era fazer Direito. Opta por Português porque a carga horária é grande e teria mais chance de trabalho. Precisa-se mais professores de Português no mercado de trabalho do que professores de Química e Física. Por graça de Deus, ele gostou da profissão; no segundo semestre do curso, começou a trabalhar em Nova Santa Rita. No 2º Ano, passou a trabalhar também em São Leopoldo, em escolas públicas. No 3º Ano de trabalho, começou a trabalhar no Colégio da Imaculada. Sente-se realizado... acredita que tem talento, paciência e qualidades para ser professor...” (E.A.H.)

O desvelamento da essência para muitos não é fácil, envolve um desprendimento e a confiança que é sentida com o passar do tempo. Considerando que é um espaço de relações estáveis. Não há como instigar as pessoas a mover-se para uma partilha, quando não se sentem à vontade. Nesse sentido, o grupo conseguiu expressar uma maturidade significativa e a escuta foi um elemento propiciador para esse clima.

Outro relato, que além de ser educadora, foi aluna revela o quanto somos referência para o outro:

“A motivação veio do exemplo. Primeiramente pela minha mãe. Admirava o cuidado que ela tinha com seus alunos. Para a escolha da área, fui motivada pela dedicação de uma excelente educadora. Tal professora despertou em mim a vontade de aprender, investigar e também ensinar. No início da profissão tive a oportunidade de trabalhar com alunos carentes, me encantando e cultivando dentro do coração o amor pela educação.” (A.T)

O caminho foi preenchendo-se da vida dos educadores e o mais bonito foi perceber o quanto aquele momento estava sendo significativo e importante para eles, pois conseguiram depois verbalizar que ficaram surpresos com a opção inicial dos colegas.



Figura 31 – Caminhos da Formação do Educador

As dinâmicas que fizeram parte da primeira espiral foram vividas com muita intensidade, mesmo que o sentimento inicial tenha sido de interrogações, receios e por alguns de vergonha.

Verificamos que uma parte significativa dos educadores acredita na educação como caminho e projeta os propósitos que envolvem sentimentos de valorização e respeito à vida.

Podemos inferir, pois os caminhos da subjetividade podem ser descritos como aproximações, pois a personalidade é particular e mesmo que fossemos utilizar a análise do discurso, assim mesmo não teríamos a integralidade do pensar das pessoas.

O objetivo de propiciar ao educando o re-encontro consigo, buscando em sua essência as dimensões que compõem sua inteireza, foi contemplado e seguramente, os que estiveram nas vivências, saíram ao menos refletindo sobre o sentido de sua vida e o que está a fazer com ela.

A espiral da subjetividade – como revelar a inteireza que me constitui, também conseguiu trazer para o real, para o exterior algumas marcas muito escondidas. Depoimentos carregados de emoção e reflexivos sobre o seu viver:

“Vivo correndo, atendendo meus filhos, meu, marido, o meu trabalho, meus alunos. Sempre deixei que minha vida fosse assim. Nada foi fácil. Pouquíssimas pessoas acreditaram que eu podia fazer uma faculdade, me formar. Acho que sou uma pessoa muito preocupada e comprometida com meus alunos, por eles faço qualquer coisa, quero ajudá-los a melhorar sempre. Meus filhos estão grandes agora, tenho um pouco mais de tempo para mim, para o meu casamento que passou por uma crise, mas que agora estamos conseguindo olhar na mesma direção. Ainda quero fazer mais coisas, inclusive saber usar o computador que é um grande limite para mim.” (A.K.L.)

No entanto, também convivemos, com pessoas que vivem uma racionalidade maior que a emoção:

“Sou um cara meio desligadão de tudo, não me preocupo com essas coisas aí. Vivendo lá no meu pedaço de terra sou feliz e pronto.” (G.A.F.)

Emocionante ao extremo foi a dinâmica dos olhos cobertos, pois com as pequenas reflexões que foram conduzidas ao longo da vivência, criaram no grupo uma reciprocidade e uma sensação de bem estar. O objetivo de compreender os estágios do desenvolvimento humano para identificar as dimensões que ainda não estão em equilíbrio e que impedem a ampliação de

consciência e o seu sentido de estar no mundo, revelando a inteireza, também encontrou respaldo para ganhar notoriedade.

Essa dinâmica por si é reveladora, não para os outros, mas para a própria pessoa que vive esse processo, embora simbolicamente, retornar as suas primeiras memórias afetivas e poder então, identificar que algumas marcas foram desenhadas naquelas experiências de suas vidas. Percebo que existem emoções muito tocantes, principalmente para aqueles que por alguma razão tiveram suas vidas familiares transformadas e houve em suas trajetórias ausência da figura feminina ou masculina, independente de terem quem o fizesse. Esse regresso e o confronto com a realidade desestabilizam e sensibilizam o nosso “eu”. Surge a necessidade de um abraço universal que acontece entre o que está no tempo passado e o que vivemos no presente. Há muita energia entre esses dois estados que interferem no desvelamento desse “eu” que anseia pela união entre o ser e o estar.

D'Ambrosio (1997, p. 167) nos fala que *a descoberta do outro medeia a relação entre o indivíduo e a sociedade. A busca do outro, um mero mecanismo para a continuação da espécie nos demais seres vivos, adquire outra dimensão no homem. A procura e a descoberta do “tu” é o primeiro passo para a transcendência do espaço pessoal, para que a pessoa se projete. Na verdade, trata-se de um passo preliminar, necessário para a transcendência da própria existência da pessoa. O reconhecimento do “tu” e a busca de um “tu” compartilhado levam naturalmente à criação de mitos e símbolos, tradições e normas, sabedoria e conhecimento – cultura, em seu sentido mais amplo. Os indivíduos subordinam-se a essas categorias de comportamento, que intermedeiam suas relações com os semelhantes. Essas categorias dominam as relações entre os indivíduos e as sociedades, bem como entre as sociedades de indivíduos e a realidade em si. A força impulsionadora da sobrevivência das espécies é, assim, modificada por fatores dessas mediações.*

Para tanto, o *estar do outro*, nos leva a reinvenção do que somos e esse processo pode ser compreendido pelas espirais da autoformação, que se sustenta na espiral anterior, para redimensionar o seu estado do “eu-tu”.

O relato dimensiona essa relação:

“Sabe já mudei muito. Alguns aqui sabem. Era medrosa, indecisa. Não saía de casa. Vivia muito com minha família. Só que minha vida girou muito rápido e eu tive que aprender em pouquíssimo tempo a coordenar um final de faculdade, um casamento, uma casa e um filho. Acho que não estava prepara para tudo isso desse jeito. Foi um processo difícil, mas agora com minha filha, já me sinto mais tranqüila e não dependendo tanto de meus pais. A dinâmica me ajudou a pensar nestas coisas.” (C.M.D.S.S.)

A inteireza do humano é um indecifrável código que só podemos pressupor algumas inferências, uma afirmação contundente, leva-os a um juízo errôneo e não agrega o seu sentido.

E penetrando mais ainda nesse universo que envolve o desconhecido, chegamos à ***espiral da interação – abrindo as janelas para ir ao encontro do outro.***



Figura 32 – Espiral da Interação: Abrindo as Janelas para ir ao Encontro do Outro

Estivemos atentos à originalidade e aos espaços subjetivos que constituem a pessoa, no entanto, precisamos de uma dimensão a mais para compreender a jornada humana a qual fazemos parte. Surge à necessidade da interação, revolver e vislumbrar, admirar e crer no que o outro é e nos mostra. As tessituras das vivências encontram o caminho das relações intersubjetivas, que segundo Josso (2004), caracteriza por um projetar-se.

É na fase do trabalho intersubjetivo sobre cada narrativa que a revelação das projeções de si, que caracterizam as buscas, poderá se efetuar graças à integração dos diferentes registros, que acabam de ser evocados, numa nova complexidade compreensiva. (p. 179)

A complexidade compreensiva que Josso (2004) alerta, pode representar a leitura de mundos que cada pessoa encerra, todavia para além de uma leitura única, as imbricações com o outro, reescrevem a vida e projetam novas buscas, para que esse livro do humano tenha sempre páginas a serem escritas.



Figura 33 – Espiral da Interação: Construindo as Janelas dos Olhares de Si e do Outro

Estar diante da vida é abrir as janelas para que essa complexidade compreensiva eleve o nosso olhar e busquemos mais do que imaginávamos. Os educadores, diante dessa oficina, tiveram olhares diversos sim, contudo aproximados quanto aos propósitos coletivos.

Dos apelos e anseios frente às janelas da vida, encontramos:



Figura 34 – Espiral da Interação: Apelos e Anseios
frente às Janelas da Vida

“Orientar o aluno no caminho da descoberta, motivando-o a sempre procurar a melhor resposta; buscar maneiras, meios, recursos e conhecimentos para ser modelo e incentivo para os alunos. (G.S.R.)

“Qualificação profissional – aprimoramento. Adequação da prática pedagógica à realidade e necessidade do aluno. Compreensão da realidade do aluno.” (L.F.F.)

“Acompanhar as famílias e alunos no sentido de analisar sua vivência no ar em que vivem; estender as mãos para ajudá-los; amar os alunos e suas famílias; dar conselho, dar bom exemplo, pensar positivamente dos alunos, ser amiga dos alunos. Sempre ter boas mensagens para eles.” (I.F.)

Perseverança, transformação (retomada) da sociedade (famílias), que possa ter uma participação significativa na formação de nossos alunos. (J.T.R.F.)

“Formação de um indivíduo mais harmonioso com seu próximo e com a sua própria natureza; sempre dedicação plena por todas as metas e objetivos da vida; harmonia e dedicação ao que nos envolve.” (I.R.M.B.)

A multiplicidade de olhares nos faz como situa Levinas (1993) esperar o tempo do outro, ou seja, a alteridade pressupõe que estejamos continuamente fazendo esse movimento de mediação. Ir em busca quem somos, mas projetarmos a partir do outro o que somos.

Podemos associar a alteridade ao que Grof (1993) descreve na questão da identificação com outras pessoas:

[...] quizá la experiencia transpersonal más familiar sea la que afecta a nuestra relación con las personas más próximas. Así, por ejemplo, cuando hacemos el amor, o cuando compartimos un momento de éxtasis con los demás, la demarcación habitual entre tú y yo parece desvanecerse. Entonces comprendemos súbitamente que nuestra consciencia es completamente independiente de nuestro cuerpo. Las dos consciencias se entremezclan y terminan fundiéndose desafiando las fronteras físicas que normalmente consideramos inamovibles. Esta experiencia también puede ir acompañada de la unión con la fuente creativa de la que procedemos o de la que formamos parte. (p. 138)

As fontes fundantes entre a consciência e a experiência, dependem na verdade, do movimento da alteridade e identificação que o “eu” estabelece nas vivências com o outro e consigo. Desta forma, o pensar a condição humana para os educadores envolve:

*“Paixão, equilíbrio, dedicação, perseverança, bom humor.”
(D.P.T.)*

“Ficar atento as mudanças e inovações, empenhar-se com a mente e o coração aberto. Partilhar, dedicar-se estar presente e confiante nos desígnios de Deus.” (I.T.A)

“Procurar me relacionar com o moral elevado, deixar que o trabalho transmita também alegria, bem-estar e objetivo em consonância à realidade. Renovar esperança e crença na capacidade de qualquer ser, “ser” feliz e realizado.” (E.A.H.)

“Fé, busca de valores, aprendizagem significativa, inovação, formação profissional.” (M.F.P.)

“Estar sempre atentos as mudanças, motivação, renovação do saber, diálogo.” (M.L.F.S.)

Querendo conhecer os recantos de uma personalidade emergente de uma originalidade que não se descreve, percebe-se que a maioria dos anseios das pessoas, é perseguir o bem estar, a felicidade e a plenitude e nós educadores, queremos compreender o que está em nós, mas tão vital ou até, por vezes, mais importante é deixar que o aluno consiga fazê-lo e para atingir esse estado, necessitamos abrir o horizonte, deixar-se contemplar e estar na vida um do outro.

Provavelmente para nós educadores essa ação é extremamente desafiante, centramos o querer e a vida de todos os alunos e não nos damos conta que não somos nós a conduzir essa vivência. Surge a **espiral do movimento – mediação entre a teoria e a prática**, por meio dela, o objetivo de analisar como é possível construir um movimento diferencial entre teoria e prática, priorizando o SER do educador como mediador de processos autoformativos, favorecendo as mudanças necessárias a um novo jeito de ser e estar no mundo, encontrou um eco retumbante.

Falar desse lugar parece muito fácil, é um chão de estrelas, no qual até poderíamos flutuar, entretanto, existem práticas que não respondem ou não contribuem para um novo jeito de ser e estar no mundo. Os apelos estão em muitos lados e frentes, mas não encaminham o que precisa ser transformado. Há um olhar real que aponta para nuances variadas:

“no meu tempo de aluno era diferente, hoje falamos e eles não fazem nada, não estudam e esperam que tudo aconteça num passe de mágica.” (G.A.F.)

“vivemos um contexto de muitos desafios, fazer educação hoje exige uma dose de muita paciência, energia e compreensão das necessidades do aluno, das famílias e da sociedade. A firmeza precisa existir, mas ao mesmo tempo, acolher o aluno é fundamental, pois ele não tem na maioria das vezes o afeto que precisa. Aí, nós educadores, temos que ajudar e tornar sua vida mais alegre.” (A.M.P.)

“poderíamos ver através da beleza, no entanto olhamos e vemos muitas manchas. Há sofrimento e parece que as vezes educamos para manter uma única forma de perceber o mundo. O ato pedagógico para além do confronto, hoje, apela para nos mantermos atrelados a convenções que não cuidam da pessoa, do aluno, do próprio educador.” (C.A.S.)

“cada dia temos uma surpresa, às vezes é o próprio aluno, outras os pais ou as circunstâncias do momento que nos fazem ter certa instabilidade do que pensar sobre a educação hoje. Vejo que minha ação procura atender todas as necessidades do contexto, mas me pergunto se meus alunos percebem isso, se eles se dão conta do quanto abro mão das minhas coisas, para atendê-los da melhor maneira, considerando suas particularidades e desejos. Sou uma educadora bem comprometida com meu trabalho.” (M.F.P.)

“a escola ainda não consegue atender aqueles alunos que apresentam dificuldades, nossa formação nos preparou para dar aula, mas não existem alunos em série, eles não aprendem da mesma forma e nós ficamos tentando equilibrar o conhecimento do que não sabemos para chegar o mais perto desses alunos e também dos outros.” (J.T.S.)

“é um olhar que se estabelece entre o materialismo e o humanismo. De um lado, queremos conquistar muitas coisas e precisamos do capital e por outro, queremos ser pessoas melhores, mais sensíveis. O equilíbrio não é fácil e ficamos num sobe e desce, parece que agimos como as ondas do mar, umas vezes forte, outras fracas e o ir e vir, embora diferente, não muda o que precisa.” (P.R.P.)

Para contrapor esse olhar real sobre a educação, sobre o fazer docente, os educadores vislumbram um ideal

“gostaria de ver uma escola onde todos pudessem ter as mesmas condições, que o planejamento favorecesse mais momentos de troca e que o todo da escola visse o educador

como uma pessoa que além do conhecimento, tem problemas e ai precisa do tempo para se refazer.” (A.F.S.A.)

“sonhar, Francisco de Assis, sonhou com a Paz. Esse sonho eu queria ver acontecer no mundo, na escola, em nossas ações. Temos um desafio muito grande, mas podemos esperar. Quem pode mudar alguma coisa, tem que fazer no hoje, precisamos ser mais humanos, mais atentos e acima de tudo, pessoas que busquem a paz, a harmonia.” (C.M.P.)

“embora mudar o foco seja difícil, do ter para o ser, do desrespeito para o respeito, do grito para a escuta, acredito que ainda há um sentimento bom dentro das pessoas e é ele que poderá mudar alguma coisa. Precisamos de uma escola que os ajude, uma prática que fale dos valores e que a superficialidade dê lugar a reflexão. Que os dias que ainda virão, tenham em nós uma mudança, mas que juntos possamos ajudar os outros a fazerem a mudança e fazer então surgir uma dimensão humana que respeite a si e aos outros.” (L.T.A.)

“quero ajudar meus colegas a perceber que a tecnologia pode ajudar, pode trazer benefícios e facilidades, até unindo disciplinas, conhecimentos e criando projetos interativos, que poderão despertar o interesse e a vontade de querer aprender mais e até quem sabe, abrir espaços para descobertas.” (T.K.C.)

Há uma realidade que assusta do ponto de vista social, no qual a educação sucumbe aos sucateamentos impostos pelos governos, porém pior que a situação sócio-econômica é vermos que os sonhos dos educadores desmoronam ou desfalecem diante deste cenário. Todavia, não há como deixar de envolver-se e projetar um sonho, um ideal educativo. Educadores podem ser agentes de transformação, mesmo que o sistema não permita mudanças efetivas, por isso o olhar do ideal não pode ser perdido. O compromisso pela retomada da prática educativa passa por esse movimento que se refere aos princípios da autoformativos que se estruturam a meu ver, a partir das espirais da autoformação.

Ao refletir sobre a prática, o educador está repensando o seu estado do “eu”, a sua subjetividade e para unir todas as espirais anteriores, **a espiral dos anéis – a reinvenção do ser humano frente às relações intersubjetivas** propõe uma aliança, desencadear uma tessitura da dimensão sócio-cultural com o

humano, promovendo a reinvenção do SER que se constrói e reconstrói na interação com o outro, consigo e com o transcendente, para qualificar e dar novas cores ao ser fazer pedagógico e ao seu processo autoformativo.

Retomando a construção de todas as espirais, passando pelos caminhos que foram construídos e vividos, os educadores, conseguem dar-se conta, que esse olhar para as suas vidas, é na realidade o princípio para pensar a autoformação. Teremos um cenário educativo diferente, quando houver o compromisso real com a formação docente e fundamentalmente com a essência que cada educador encerra em si. Não podemos falar em mudança, se não nos propusermos a mudar ou transformar aquilo que não está bem em nós.

O estado de continuar sendo associa-se às vivências autoformativas, destacando:

“as aprendizagens acontecem em um ritmo rápido e de repente somos nós que não estamos preparados para essas mudanças. O investimento na pessoa do educador é fundamental para que tenhamos outro jeito de pensar as coisas. Se queremos fazer alianças, precisamos nos dispor a mudar, a olhar o outro de outra forma. Olhando todo esse movimento que fizemos, tenho a dizer que estou pensando que mesmo tendo limitações, de ordem orgânica, posso ser tão grande quanto os outros, que a ação do meu trabalho, depende do que eu fizer, os outros estão lá, mas sou eu quem vai escolher para onde ir e como caminhar. Escolhi há muito tempo fazer diferente e mesmo tendo muitos empecilhos, desafio constantemente a lei natural das coisas, para ser diferente. Isso a meu ver é um movimento que acontece para o melhoramento de todos.” (G.S.R.)

“se pudéssemos olhar com os olhos da arte, alguma coisa seria diferente nesse mundo. Os artistas parecem loucos, acho que eles querem olhar de outra forma o que todos já olharam e procuram um ponto para isso e aí nos damos conta, que falar de outro jeito incomoda as pessoas, nós nos incomodamos porque não nos aceitam como somos e não queremos ser na verdade aceitos. Queremos que os ouvidos ouçam nossa fala, que embora tenha um foco diferente, quer o bem, o melhor. Assim ser educadora, pensando sobre minhas coisas, continua levando-me a estar na contramão do que é dito, pois o meu diferente nunca será igual ao do outro e do meu jeito, acho que fiz pequenas mudanças a partir dessas oficinas.” (I.A.A.)

“certo ou errado, existe uma verdade, fazemos tudo do jeito que queremos. Pode haver orientações magníficas, mas acabamos fazendo as coisas conforme sentimos e supomos ter aprendido. A criança pequena tem um olhar bonito, ela vai fazendo e como sua alma é pura, ela vive aquilo intensamente, talvez nos falte isso, viver o dia a dia que nossa profissão de

uma forma mais pura, acreditando que aquele momento é único e por ele temos que fazer acontecer muitas coisas.” (P.A.)

“que bom que podemos olhar para o que fizemos em nossa trajetória de vida e nos darmos conta de que muitas coisas foram boas, algumas mais tristes, mas a maioria muito boa. Construí uma família, meu porto seguro, criei minhas filhas e elas estão encaminhadas, e profissionalmente, estou chegando a uma etapa que quero colher o que plantei.” (R.C.)

“muitas fórmulas dão respostas definitivas. Entretanto entender de gente, de pessoas e da vida, não há como encontrar em um único teorema a resolução para as questões que dela fazem parte. A aprendizagem é essa procura por respostas para resolvermos o que desconhecemos. Quantas incógnitas precisarão ser utilizadas dependerá do quanto queremos aprender. A vida trás muitas incógnitas e quando começarmos a compreender o que elas querem dizer, seremos pessoas melhores e nossa ação mais qualificada.” (U.T.T.)

Acredito que conseguimos tecer alguns olhares e mais do que isto, as alianças entre o ser e o não ser mostram-se conectadas e procurando responder a um contexto cultural. Como educadores de uma escola inculturada em um meio que tem inúmeros problemas sociais, percebemos que fazer sozinho não é garantia de sucesso ou realização de um projeto, ao contrário. A dimensão coletiva subjaz como uma das vias de melhoria do que se instala dia a dia no interior da escola, mas, principalmente no interior dos alunos e dos educadores. Queremos espaços autoformativos, mas necessitamos, no entanto, a parceria para compreender os espaços subjetivos que se instalam entre o ser e o não-ser.

Não podemos afirmar que a leitura dessa realidade particular se transformou, cremos que há um movimento que desestabiliza e nos faz olhar de formas diferenciadas para uma ação pedagógica que se preocupa com a inteireza do ser humano e sua plenitude enquanto co-autor de novas aprendizagens.

7 – A AUTOFORMAÇÃO E AS RELAÇÕES SUBJETIVAS TECENDO A INTEIREZA E UM JEITO NOVO DE EDUCAR

[...] no mais profundo do ser humano existe um espírito natural de contextualização das experiências do viver. Mas essa potencialidade precisa manter-se ativada. Despertar essa dimensão da consciência é desenvolver a capacidade de organização do mundo externo num contexto amplo, interconectado e sinérgico. Assim como é a consciência quem mantém a unidade interna do indivíduo, é também ela que vai criar essa ordem no plano externo, pois a organização da realidade feita pelo indivíduo provem da sua capacidade intencional consciente de experimentar, intuir, refletir e decidir. Para isso, é preciso educar com base em métodos que permitam a relação entre as partes e o todo deste mundo complexo.

Jorge Trevisol⁵²

Para toda a ação, existe uma complementaridade capaz de transformar o que já não caminhava bem. Pensar os caminhos da educação, considerando o cenário atual, remete-nos a um estado de estagnações que nos impedem de agir contemplando a inteireza do ser e suas conexões.

⁵² TREVISOL, Jorge. O reencantamento humano: processos de ampliação da consciência na educação. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 21.

Como foi descrito nos capítulos anteriores, não podemos apregoar que um ou outro está certo ou errado. Para tempos de complexidade, unir o que já existe com as novas experiências promovem esse jeito novo de educar.

A Pedagogia insistentemente provoca esse movimento, no entanto, ainda não conseguiu dimensionar a importância de reflexionar sobre o seu objeto de mudança. O sistema carrega o ranço de inúmeras experiências que trouxeram modismos, mas não responderam as necessidades preconizadas. O engano maior é supor que existe uma única via de mudança. Não há. Concorrem paralelamente os vários olhares, das diversas ciências para tecer e entrelaçar os conhecimentos, tornando-os novos frente às vivências e a apropriação das compreensões da realidade.

Ao retomarmos na oficina sobre as espirais do movimento – mediação entre teoria e a prática, os caminhos percorridos pela História da Educação, percebemos as influências, as quais respondiam sobre o momento presente.

O presente real, no qual estamos inseridos, aponta-nos o compromisso com os elementos além do cognoscível. Pensar e considerar o todo da pessoa e suas conexões, por meio das relações intersubjetivas, na atualidade, instam-se como proposta que pode levar a esse novo jeito de educar.

Hannoun (1998, p.175) reafirma nossa reflexão, pois considera que a educação é um empreendimento fundamentado, em apostas enactantes que constituem a unidade e o sentido de seus componentes. É coordenação significativa daquilo que, disperso ou sem relações aparentes, se apresentaria sem significado. No plano do corpo, é coordenadora dos componentes da motricidade pessoal em torno de uma imagem física que propicie o melhor desenvolvimento possível e a melhor adaptação ao meio ambiente. No plano da bioafetividade, é coordenadora dos afetos como motores onipresentes do comportamento em sua relação permanente com o prazer e com a dor. No plano das relações pessoais, prepara para a substituição da agressividade segregativa pelo relacionamento que une e enriquece, por se basear em certa ideia de coesão interindividual e social. No plano da moral, tenta organizar as tendências humanas fundamentais segundo uma norma de bem que, mesmo variando de uma cultura para outra, não deixa de existir na base de nossas ações. É como organizador do mundo, à luz de normas humanas, que o

empreendimento educação poderia então ser integrado no universo, para que seu sentido seja descoberto.

A educação carrega as várias dimensões do humano, contudo, não permite, em algumas vezes, que esse processo desvele ou possibilite as construções necessárias a sua auto-realização. A condição humana e a sua existencialidade precedem aos constructos epistêmicos. Não podemos pensar nos aspectos cognitivos sem vinculá-los *ao tornar-se*, processo que agrega as demais dimensões, principalmente a subjetividade, que foi objeto desta tese.

Assim, os caminhos da autoformação, considerando as espirais da subjetividade, mostram-se como mais uma possibilidade para repensar a prática educativa. Para tanto, um dos princípios inerentes é pensar no educador enquanto ser em processo, porém não somente pela questão da aquisição do conhecimento, necessita perpassar os níveis da interioridade, pois são por meio deles que projeta no exterior e na sua prática, a mudança gestada em seu interior, dando-lhe o sentido e o significado do real no ideal que foi um dia sonhado.

Sabemos que esse movimento não se torna parte da cultura rapidamente, pelo contrário, há um enamoramento e um tempo para validar tais projeções para que depois, insira-se como elemento de transformação. O sentir e o fazer conectam-se pela crença que o ser humano pode ir além do que é. Suas interrogações levam-no a penetrar em outro estágio mais avançado justamente pelo que foi vivenciado e reconstruído em seu interior.

Tal processo se dá então do interior para o exterior, não podendo haver uma mudança nas práticas educativas, pelo caminho inverso. Propiciar a reflexão sobre a condição da existencialidade do ser humano, ou seja, do educador, torna-se a perspectiva real para pensarmos na autoformação, que vem a ser o conhecimento do que o “eu”, mediado pela cultura, que revela ações inovadoras e respondem também por uma nova forma de gestar o conhecimento.

Delors (2001) elucida a reflexão acima, ao apontar:

[...] tudo nos leva, pois, a dar novo valor, à dimensão ética e cultural da educação e, deste modo, a dar efetivamente a cada um, os meios de compreender o outro, na sua especificidade, e de compreender o mundo na sua marcha caótica para uma certa unidade. Mas antes, é preciso começar por se conhecer a si próprio, numa espécie de viagem interior guiada pelo conhecimento, pela meditação e pelo exercício da autocrítica. (p. 16)

A viagem interior citada por Delors (2001) associa-se aos elementos que procuramos analisar ao longo de toda a pesquisa, no qual fica evidente o compromisso com a formação em prol de um cenário diferente para a educação, todavia vivenciado pelo “eu” que se forma e transforma pela experiência cultural.

Delors (2001, p. 47) salienta que a experiência cultural então passa pela compreensão do mundo e do outro *para ajudar a transformar a interdependência real em solidariedade desejada, corresponde a uma das tarefas essenciais da educação. Deve, para isso, preparar cada indivíduo para se compreender a si mesmo e ao outro, através de um melhor conhecimento do mundo. Para podermos compreender a crescente complexidade dos fenômenos mundiais, e dominar o sentimento de incerteza que suscita, precisamos, antes, adquirir um conjunto de conhecimentos e, em seguida, aprender a relativizar os fatos e a revelar sentido crítico perante o fluxo de informações. A educação manifesta aqui, mais do que nunca, o seu caráter insubstituível na formação da capacidade de julgar.*

Por isso, não há como pensar em um espaço de vivências, sem exercitarmos a compreensão e a escuta do que o outro tem a nos dizer. O escutar o outro pressupõe a alteridade, que tão bem Levinas (1993) desenvolve em seus estudos, e ela passa ser reveladora dos movimentos espiralados que os níveis de consciência proporcionam ao ser humano em seu processo de autoformação.

Delors (2001) ratifica esse olhar, ao afirmar:

[...] compreender os outros faz com que cada um se conheça melhor a si mesmo. É de fato complexa a forma como nos identificamos. Cada indivíduo define-se em relação ao outro, aos outros, e aos vários grupos a que pertence, segundo modalidades dinâmicas. A descoberta da multiplicidade destas relações, para lá dos grupos mais ou menos restritos constituídos pela família, a comunidade local, e até, a comunidade nacional, leva à busca de valores comuns, que funcionem como fundamento da “solidariedade intelectual e moral da humanidade.” (p. 49)

A interculturalidade perpassa o ser, fazendo o movimento do sair de si e junto com, o outro, projetar uma cultura que tenha valores essencialmente voltados à preservação da vida e de tudo o que está ao seu redor. A vida, nesse paradigma, relaciona-se não só a vida humana, mas a toda forma de vida presente no universo.

Capra (2002) não classifica a vida, como ainda tendemos a fazer, sendo frutos de um pensamento dual e excludente, pelo contrário, destaca:

[...] a visão unificada, pós-cartesiana, da mente, da matéria e da vida também implica uma reavaliação radical da relação entre os seres humanos e os animais. A filosofia ocidental, na grande maioria das suas manifestações, sempre concebeu a capacidade de raciocinar como uma característica exclusivamente humana, que nos distinguiria de todos os animais. Os estudos de comunicação com chimpanzés demonstraram de maneiras dramáticas a falácia dessa crença. Deixam claro que entre si a vida cognitiva e emocional dos seres humanos e a dos animais só há uma diferença de grau; que a vida é um todo sem solução de continuidade, no qual as diferenças entre as espécies são gradativas e evolucionárias. A lingüística cognitiva confirmou plenamente essa concepção evolutiva da natureza humana. Nas palavras de Lakoff e Johnson, “A razão, mesmo em suas formas mais abstratas, não transcende a nossa natureza animal, mas faz uso dela... Assim, a razão não é uma essência que nos separa dos outros animais; antes, coloca-nos no mesmo nível deles.”
(p. 79)

O respeito a toda forma de vida, considerando as conexões que podemos estabelecer nos contextos nos quais vivemos, permite que

ampliemos a consciência sobre quem somos e doravante estreitemos as redes que se formam a partir das interações que fazemos. Percebe-se então, que a teia da vida, se constrói e reconstrói pelo tanto de energia que colocamos nas relações e nos conhecimentos que gestamos.

Decorre desse processo, a preocupação com a autoformação humana, para que mediados pela influência cultural – pois ao mesmo tempo que captamos da cultura o que já existe, influenciemos numa mesma proporção, novos elementos culturais; e nesse movimento circular penetramos, em um horizonte que só pode ser tecido se houver o compromisso com a evolução pessoal, mas sobretudo da humanidade. Não podemos ter a pretensão que nos melhorando, tudo ficará bem. Não é esta ótica que queremos enaltecer ou fazer nascer.

Queremos ver uma sociedade que tenha valores éticos, que se compreenda e saiba que o outro é mais do que aquele fora de nós, ele é parte do que somos e se não respeitamos o que somos, não podemos ver as mudanças e não teremos forças para em parceria fortalecer os elos de uma cadeia que une todas as formas de vida.

Inegável é perceber que o movimento da espiral encadeia quase todas as nossas ações, se falamos em ampliação de consciência é inerente, se destacamos a interculturalidade também iremos vislumbrar essa dimensão e tratando-se especificamente da subjetividade humana, chegamos a um elemento fundamental, que é a motivação para a auto-superação do que se é, para tornar-se alguém melhor.

Maslow (1970) destaca que o homem motivado tem a necessidade de auto-atualização, do autodesenvolvimento e da autodireção, para alcançar a sua maturidade humana. Carece satisfazer as suas necessidades, as quais não se encontram em um mesmo nível, destacam-se nessa sequência: fisiológicas, segurança, de pertença e amor, de estima, de auto-atualização.

Para o autor parece haver um certo mecanismo que movimenta o alcance dessas necessidades:

[...] A dinâmica principal que anima esta organização é a emergência, na pessoa saudável, de necessidades menos poderosas a partir da gratificação de necessidades mais poderosas. As necessidades fisiológicas, quando não satisfeitas, dominam o organismo, pressionando todas as capacidades para o seu serviço e organizando estas capacidades para que possam ser o mais eficientes neste serviço. A relativa gratificação submerge-as e permite que o nível seguinte mais elevado na hierarquia surja, domine e organize a personalidade, de forma a que o ser deixe de estar obsessivamente ligado à comida, para se tornar obsessivamente preocupado com a segurança. O princípio é o mesmo para os outros conjuntos de necessidades na hierarquia, isto é, amor, estima, e auto-atualização. (1970, p. 59)

A motivação humana orienta-se pela necessidade de gratificação das necessidades, sendo que enquanto os níveis mais baixos de necessidades não forem assegurados, a pessoa não se preocupará com os níveis seguintes, estando centrada para satisfazer as necessidades do momento.

Para Maslow (1970), a pessoa está em constante crescimento, com o desejo de ser mais, alcançar a sua auto-atualização. Essa evolução quer atingir a maturidade, no entanto, não finaliza a sua caminhada ao chegar nesse nível, uma vez que envolve a busca por um crescimento contínuo da pessoa.

CARACTERÍSTICAS DA MATURAÇÃO DA PESSOA

CARACTERÍSTICA	DESCRIÇÃO
- Maior eficiência na percepção da realidade e relações mais confortáveis com o mesmo	- O indivíduo vê a realidade não com os seus olhos e seus preconceitos, mas procura <i>perspectivar</i> a realidade de uma forma aberta. Por isso, está disponível para a novidade, e não se fecha numa capa de segurança e defesa perante o desconhecido.
- Aceitação (eu, outros, natureza).	- A aceitação de si próprio significa aceitar a sua natureza mesmo com todas as discrepâncias em relação à imagem ideal que deseja e tem de si próprio:
- Espontaneidade, simplicidade, naturalidade.	- A pessoa madura orienta-se por princípios.
- Focalização em problemas.	- A pessoa madura geralmente não está preocupada com os seus problemas; ou seja, não está centrada em si.
- A necessidade de privacidade.	- Na sequência do aspecto anterior, a relação com os outros não é de forma alguma possessiva e egoísta. São pessoas com capacidade crítica, capazes de se distanciarem das opiniões comuns, modas e propaganda.
- Independência da cultura e do ambiente.	- O indivíduo em processo de auto-actualização <i>"não tem a sua motivação dependente das satisfações principais do mundo real (...), em satisfações extrínsecas."</i> (p. 162). Assim, é capaz de enfrentar com serenidade os problemas e as circunstâncias adversas.

Figura 35 – Quadro Síntese com as características da Maturação da Pessoa, segundo Maslow

- Novidade contínua nas apreciações.	- A pessoa em auto-atualização encara todas as coisas com um espírito de abertura e de novidade, evitando, assim, a rotina, não se cansando das pessoas, coisas e acontecimentos que o rodeiam.
- Experiência mística.	- Bastantes indivíduos apresentam alguma preocupação e interesse acerca da última natureza da realidade. Trata-se, pois, do fator religioso na maturidade humana.
- Sentimento social.	- As pessoas em processo de auto-atualização sentem uma ligação profunda em relação à existência humana.
- Relações interpessoais.	- Os indivíduos maduros são capazes de relações interpessoais mais profundas com poucas fricções, apesar do círculo das pessoas mais chegadas poder ser pequeno.
- Carácter de estrutura democrática.	- O indivíduo maduro sente um respeito por todo e qualquer ser humano, não sentindo qualquer reserva em aprender seja com quem for. Assim, aceita toda e qualquer pessoa independentemente de raça, religião, cultura, etc.
- Distinção entre meios e fins, entre bem e mal.	- A pessoa madura rege-se por princípios éticos, indo as suas noções de certo e errado, de bem e mal, para além dos padrões convencionais. Por isso, a sua vida não é inconstante nem confusa.
- Senso de humor não hostil.	- A pessoa madura possui um senso de humor diferente do comum, não se pactuando com humor que "fere" a pessoa ou que goza com a sua inferioridade. O seu sentido de humor é espontâneo em vez de planeado, e está intrinsecamente ligado à situação em vez de ser adicionado à mesma.
- Criatividade.	- A pessoa em processo de auto-atualização vive muito menos constrangida e inibida, dando largas à sua espontaneidade, tornando-se criativa, fazendo as coisas de maneira diferente.

Figura 36 – Quadro Síntese com as características da Maturação da Pessoa, segundo Maslow

Como podemos perceber no quadro anterior, Maslow (1970) também não se sentia satisfeito com as definições sobre a pessoa e as suas necessidades para alcançar a maturidade, procurou em seus estudos, principalmente unindo-os a psicologia transpessoal, elucidar a hierarquia das necessidades humanas.

Para tanto, nos faz reflexionar sobre as etapas que a pessoa vivencia e suas necessidades que decorrem das escolhas e dos relacionamentos que constrói. Assim, constatamos que a compreensão do ser humano é objeto de estudo de muitos, que conseguiram responder as necessidades da sua época; todavia, hoje, precisamos dessa tessitura, agregando tudo o que foi construído para desestabilizar o ser humano que calçou estabelecer seu modo de viver no ter.

A ruptura entre o *ter* e o *ser* instala-se como princípio inerente de uma mudança estrutural no jeito de ser e atuar profissionalmente. Capra (2002) adverte que precisamos olhar e agir para o bem e para a sustentabilidade da vida e do universo, sem esses, nos mantemos aprisionados na cultura do ter e do consumismo que escraviza e por vezes, nos torna reprodutores de uma cultura vazia e sem sentido.

O ciclo da vida revela-se, portanto com uma construção que é contínua e voltada para pensar o ser humano em sua inteireza, perspectiva a qual postulo, considerando os estudos vinculados ao paradigma da complexidade e da própria subjetividade humana, que encaminha, portanto, a autoformação, como etapa da autoconstrução de novos conhecimentos e mudança da ação profissional.

Portanto, uma ação docente pautada na inteireza do ser, compreenderia, conforme Nicolescu (2001):

- Intersubjetividade (relação entre as pessoas);
- Interatividade (ações mútuas, recíprocas);
- Complexidade (emaranhado de ações, interações, retroações);
- Emergência (qualidades emergentes, propriedade novas de um sistema);
- Auto-organização (autotransformação contínua);
- Mudança (transformação no tempo e espaço);

- Autonomia e criatividade (gestão de algo novo em contexto novo);
- Incerteza (probabilidade, imprevisibilidade, instabilidade);
- Inter e transdisciplinaridade (transgressão da dualidade, causalidade circular retroação, recursão que impulsionarão e inspirarão novas reflexões e compreensões no processo de construção do conhecimento, na aprendizagem e nas possíveis implicações pedagógicas.

Todos esses elementos destacados por Nicolescu (2001) mostram que há sim outro caminho a ser trilhado. As questões da educação não se encontram perdidas, podemos auxiliar na concretização de práticas diferenciadas, as quais valorizem a condição humana e as relações que se estabelecem. Não há mais como ficar discutindo as temáticas de forma fragmentada, não haverá uma avaliação diferenciada, por exemplo, se o educador, não considerar a trajetória do aluno. E assim é com todos os elementos constitutivos da escola e da aprendizagem.

As temáticas ficam em segundo plano, pois são decorrência de uma mudança de visão, da pessoa do educador e da forma como percebe a sua atuação frente aos alunos.

O jeito novo de educar, portanto, surge de uma profunda convicção instalada no educador do que o constitui enquanto ser em processo, das suas limitações e principalmente da compreensão de sua subjetividade. O espaço para transformar a sua prática alicerça-se na interculturalidade e na autoformação.

8 - A PROVISORIEDADE INCONCLUSA DA CONCLUSÃO - DIAS FUTUROS SONHADOS ALICERÇADOS NAS AÇÕES COTIDIANAS DOS DIAS PRESENTES: a originalidade do eu e as relações intersubjetivas como pistas do caminho que se constrói a partir de um homem conectado com a experiência transcendente e sua autoformação

“O desafio do tempo presente é o de resgatar as utopias esquecidas, reescrever o nosso sonho comum.”

Leonardo Boff⁵³

O caminho trouxe inúmeras interrogações e não podemos encaminhar um fechamento, mesmo que provisório, sem tecermos juntos algumas considerações.

Posso afirmar que há muito tempo sonhava em contribuir na construção de algo inédito e vejo que ainda não é, está em um caminho significativo e com possibilidades de ousar ser mais.

As interrogações que carregava comigo, não davam conta de responder pela realidade na qual estamos inseridos. É preciso um movimento que

⁵³ BOFF, Leonardo. Palestra proferida durante o Fórum Social Mundial, Belém, Pará, janeiro de 2009. Disponível em <http://redesocial.unifreire.org/municipio-que-educa/transcricao-do-video-de-leonardo-boff>. Acessado em 13 de outubro de 2009.

agregue as várias vias de conhecimento, mas para isso, precisamos de pessoas que queiram acolher o projeto e ir adiante.

Como educadora, percebo que existem inúmeras situações sociais que identificamos como tal e não conseguimos auxiliar na medida em que se necessita, fazemos rodeios e ficamos nas bordas dos problemas, alheios em buscar uma alternativa. Poderíamos dizer então: - “tem sido assim e não muda”. Os discursos não podem se perpetuar frente à realidade. Para o contexto do agora, carecemos de pessoas que queiram se desafiar e penetrar no universo real da educação.

Para tanto, propusemos como temática refletir sobre as Espirais da Subjetividade reveladas na Inteiraza do Educador para a construção do seu processo reflexivo, desejando analisar se ***ao potencializar as espirais da subjetividade do educador, os processos autoformativos encontrarão um caminho para desenhar-se e reinventar-se buscando um olhar e uma ação que mediatize as dimensões da inteireza e a interlocução com o fazer pedagógico, propiciando um real entrelaçamento entre o ser e o fazer.***

Para responder a essa interrogação, nos lançamos nas Oficinas de Vivências – Espirais da Autoformação do Educador, que tinham por objetivo geral: *potencializar cada espiral a partir das oficinas propostas para que o educador possa gradativamente perceber que a transformação do seu modo de ser e estar no mundo depende da compreensão que ele possui a respeito de si e como ele poderá fazer as conexões necessárias para empreender uma interlocução no contexto educacional que venha resultar em ações construtivas e que modifiquem a ação docente vigente.*

A experiência construída ao longo de cinco meses, nas Oficinas de Vivências, no Colégio da Imaculada nos dá alguns indícios por onde caminharmos. O **SONHO** era grande, mas aos poucos fomos percebendo que modificar a estrutura de uma sociedade ou sistema de uma hora para outra não é viável, podemos sim contribuir com algumas ações e a partir dali, as instituições proverem as mudanças mais emergentes.

No entanto, não nos interessa o produto final, pois ao discutir a dimensão da Inteiraza do Ser, não chegaremos a uma terminalidade, pelo contrário, estaremos sempre em processo de construção. Assim, ao penetrar na discussão proposta, despertamos para a **compreensão da subjetividade**

humana, como **elemento propulsor de transformação** e suporte para interpenetrar a **autoformação como processo** que será construído ao longo da existência humana.

Não tínhamos a exata dimensão de quantos conhecimentos são acessados nessa área, pois ela não se sustenta unicamente dessa ciência, ela conta com a tessitura da Psicologia, da Filosofia, da Antropologia, da Teologia, e de tantas outras. Tivemos que nos aprofundar em alguns conceitos e reflexões para tornar credível o resultado de nossa pesquisa, pois entendo que ao tratarmos da subjetividade, surge um dos primeiros limites, conseguiremos chegar à aproximação mais fiel dos dados que emergem de uma pesquisa que tem esse teor.

Evidentemente que não conseguimos colocar todos os referenciais existentes, mas procuramos destacar aqueles que sustentam a nossa forma de pensar e perceber o paradigma que ora vivemos. Wilber e Frankl sobressaem-se por tratar do que postulo ser um dos caminhos para a mudança das atitudes dos educadores, os **níveis de ampliação da consciência**, que gestam um olhar e uma forma diferente de agir. Unindo em uma grande teia, veremos a importância de Jung, Capra, Tart, Levinas, Nicolescu, Grof e tantos outros que estão ligados aos estudos mais recentes sobre a ampliação da consciência, a psicologia transpessoal e a autoformação.

O problema de pesquisa que gerou nossas insatisfações também carregava uma profundidade na reflexão, que embora complexo, conseguimos discorrer sobre ele: *como as ESPIRAIS DA SUBJETIVIDADE podem modificar a ESSÊNCIA do EDUCADOR e influenciar no seu processo autoformativo de SER E ESTAR no mundo, para contribuir na construção de uma PEDAGOGIA para a FELICIDADE, penetrando no real objeto do contra-senso da prática educativa na atualidade?*

Acredito que é possível transformar a essência do educador, mas a premissa deve estar sustentada na sua vontade de modificar a sua realidade, pois não é o externo que age, mas sim o interno mediado pela exterioridade, fazendo com que cada um tenha interesse em compreender-se como ser em processo e tenha assegurado o seu lugar no mundo.

Inventariar das vivências o que cada educador experienciou é um trabalho que exige rigor, mas ao mesmo tempo, perspicácia para não inferir na caminhada da pessoa.

Penso, que ao longo de todo processo do doutorado, estive como co-pesquisadora, mas como pesquisadora também, sofrendo influências que modificaram radicalmente a minha forma de ser e estar no mundo. Distante quase cinco anos, do início dos estudos, pois um ano estive ausente, percebo que foi nesse tempo que as transformações e exigências da vida se alocaram em meus dias.

Estou experienciando muitas perdas e em um período muito curto de intervalo, pessoas que possuíam um significado muito importante para mim e que agora estou, pouco a pouco, procurando compreender a ausência física. Meus avós foram sempre pessoas importantíssimas para mim e não tê-los é algo que ainda deixa muitas marcas, associado a outras perdas de pessoas próximas. Compreendo que temos uma trajetória de vida que podemos traçar, no entanto, existem questões que só compreenderemos quando tivermos que vivenciar tal situação.

Pontuei tal fato, para elucidar os sentimentos dos educadores ao estarem frente aos seus mundos interiores. Não fomos acostumados a pensar sobre o que nos sustenta, qual o eixo que nos move e principalmente apontar o que nos torna felizes ou tristes. Envolvemos-nos em dar uma resposta ao contexto capitalista, nos aprisionando no ter e deixamos de lado, a preciosidade que é a experiência humana, pensar a inteireza da vida.

Não há porque achar culpados, não é isso que tinha como proposta, porém precisamos identificar o que nos mantém fragilizados e o as possibilidades que libertam, que ampliam nossa forma de ver o mundo.

Ao acompanhar o grupo de educadores, percebi que cada uma das Espirais é um desafio extremo, uma vez que, pensar sobre o que somos, acarreta, tomada de posição e no exercício da ação docente, é o que menos desejamos fazer, a acomodação não modifica as estruturas.

Precisamos sim, considerar a ação docente como um movimento que desestabiliza e promove as mudanças emergentes. Como disse ao longo do trabalho, não podemos procurar fora de nós, o que se encontra lá dentro e enquanto esse movimento não unir as naturezas que nos constitui,

continuaremos reproduzindo e massificando os alunos. **A inteireza do ser é a busca pela plenitude**, pelo ser mais, não aquele que se sobrepõe ao outro, mas aquele que conhece a profundidade do seu “eu”, consegue compreender a sua originalidade e vai ao encontro do outro, para mediar uma relação que o leva a níveis de transcendência e conseqüente autoformação.

Acredito que a contribuição para os educadores do Colégio da Imaculada, está entrelaçada nas trajetórias que cada um deles vem construindo há mais tempo, pois talvez, uma experiência desse nível, não tivesse êxito se as pessoas não se conhecessem e não ampliassem a intimidade a cada vivência. A subjetividade passa pela sutileza e pela sensibilidade do outro em captar aquilo que torna o outro fraco naquela circunstância, para que mais tarde, ele possa repensar os seus limites e torná-lo forte diante da outras experiências.

A proposta das oficinas foi sugerida como continuidade no processo de formação dos educadores, claro que considerando dinâmicas diferenciadas, mas que pudessem continuar trabalhando as dimensões que foram destaque em cada oficina.

Surpreendi-me com a sugestão, pois querer manter uma experiência que é transitória envolve um apeço pelo que foi vivido, mas aponta para um dos objetivos, que era despertar nos educadores o desejo pela autoformação. Temos, no entanto, alguns educadores que não compactuam desse desejo, foram aqueles que mais se sentiram incomodados ao longo das dinâmicas e talvez o fator idade, não permita que eles sintam-se impelidos a mudar a sua prática.

Certamente, teríamos muitos outros elementos a serem destacados, mas é importante considerar que um trabalho desse porte, carece de um tempo maior e que os recursos disponíveis, no que se refere à interpretação das informações, pudessem abarcar a questão da subjetividade com certa precisão. Senti limite de minha parte em analisar com profundidade o que cada um dos educadores estava a contemplar, minhas inferências podem estar associadas ao compartilhar de visões que o grupo já possuía anteriormente. Contudo, vejo que a maioria dos educadores sente-se mais a vontade e conseguem falar sobre as limitações pedagógicas com maior liberdade. Ao penetrar nesse contexto, vejo que passos foram dados e a experiência trouxe a

escola, um salto na qualidade de atuação dos profissionais, todavia contemplou a sua essência e o fez refletir sobre a sua origem, a sua opção, as conquistas e os limites que o impedem de agir com maior desenvoltura e considerando os anseios dos alunos.

Tenho a convicção que podemos com essa experiência auxiliar outros locais a repensarem suas práticas, que pessoas resolvidas conseguem implementar uma ação pedagógica que tenha um diferencial, que considerem as relações humanas, como elementos a ser sempre cultivado, mas acima de tudo, que a escuta seja em primeiro lugar para o nosso “eu”, pois se não fizermos esse processo, de nada adiantara encontrarmos um “tu”, para propiciar um “nós”. A inteireza do ser é a plenitude, mas as espirais necessitam de um constante revisitar, para não perderem a perspectiva do processo autoformativo.

Pessoas que conseguem dar sentido ao seu “eu”, serão pessoas voltadas para as questões de sua existencialidade e poderão contribuir para uma sociedade que tenha uma face mais humana, mais fraterna e mais justa. Podemos alçá-las ao nível da utopia, no entanto, prefiro retomar a ideia do princípio, que um **SONHO**, consegue ser tão profundo, mas também tão suave que consiga unir a interioridade e a exterioridade do ser, para que ele mova as suas dimensões subjetivas ao encontro de um ser e estar no mundo que valorize os princípios éticos e a VIDA em sua plenitude.

Quintana, o poeta dizia, **SOMOS PESSOAS INTEIRAS**, precisamos entrelaçar as mãos para nos sentirmos plenos e talvez aqui resida o nosso maior desafio enquanto pessoas, que emprestam a sua existencialidade, em determinado tempo no espaço para serem educadores. Os dias futuros nesse tempo presente só terão sentido, se o homem buscar o seu sentido da existência e mediar pela interlocução novas formas de se comunicar e construir novas relações, caso contrário a sua jornada humana precisará recomeçar para que tenha a face da Felicidade, propósito maior do ser humano.

REFERÊNCIAS

ARNTZ, William e et al. *Quem somos nós? – a descoberta das infinitas possibilidades de alterar a realidade diária*. Rio de Janeiro: Prestigio Editorial, 2007.

Associação de Educação Franciscana da Penitência e Caridade Cristã - AEFran-PCC. *Projeto Político Pedagógico*, 2002.

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes, 2000, 4ª ed.

ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BARROS, Maria Cristina Monteiro de. *A Consciência em Expansão: os caminhos da abordagem Transpessoal na educação, na clínica e nas organizações*: EDIPUCRS, 2008.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

BECK, Don Edward, COWAN, Christopher. *Dinâmica da espiral*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

BELÁUSTEGUI, Gustavo Daniel. *Representaciones Interpersonales: imágenes y huellas del Self – 1ª. Ed.* – Buenos Aires: Educa, 2007.

BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*. Campinas, Verus, 2002.

BOFF, Leonardo. Palestra proferida durante o Fórum Social Mundial, Belém, Pará, janeiro de 2009. Disponível em <http://redesocial.unifreire.org/municipio-que-educa/transcricao-do-video-de-leonardo-boff>. Acessado em 13 de outubro de 2009.

BREHONY, Kathleen A. O crescimento e a busca da Inteiraza. Rio de Janeiro: Disponível em <<http://www.rubedo.psc.br/Artlivro/inteirez.html>>. Acesso em 02 fev. 2009.

CANDAU, Vera Maria; KOFF, Adélia Maria Nehme Simão e. Conversas com... Sobre a Didática e a Perspectiva Multi/Intercultural. IN: Revista Ciências da Educação - Educação & Sociedade. Campinas: CEDES, Vol 27, Maio/ago – 2006.

CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2002.

CARR, Wilfred. *Una teoria para la educación – hacia una investigación educativa crítica*. Madrid: Morata, 1996.

CARR, Wilfred, KEMMIS, Stephen. *Teoria Crítica de la Enseñanza: la investigación-acción en la formación del profesorado*. Barcelona: Martinez Roca. 1988.

CAVALCANTI, Raissa. *O retorno do sagrado: a reconciliação entre ciência e espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 2000.

CLAXTON, Guy. *O desafio de aprender ao longo da vida, tradução Magda França Lopes*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHARDIN, Teilhard. Palestra ministrada por Fr. Vitório Mazzuco Disponível em http://www.franciscanos.org.br/noticias/noticias_especiais/retirosefras_06/03.php, acessado em 15 de abril de 2009

COLÉGIO DA IMACULADA: Marco Referencial. Canoas, 1996

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *A Psicologia da Felicidade*. 1ª. Edição. São Paulo: Saraiva, 1992.

_____. *Fluir (Flow); uma psicologia de la felicidad*. Barcelona: Editorial Kairós, 1996.

COLOM, A. J. *A (des) construção do conhecimento pedagógico: novas perspectivas para a educação*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CREMA, Roberto. Da Normose à plenitude. In. BARROS, Maria Cristina Monteiro de. *A Consciência em Expansão: os caminhos da abordagem Transpessoal na educação, na clinica e nas organizações*: EDIPUCRS, 2008.

CUBERES, Maria Teresa G. *El taller de talleres*. Buenos Aires: Estrada, 1989.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Athena, 1997.

DELORS, Jacques et al (org.) *Educação: um tesouro a descobrir*. 5ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2001.

EINSTEIN, Albert. Disponível em <http://blig.ig.com.br/sustentavel/>. Acessado em 15 de maio de 2008.

ELIOT, Thomas Stearns. *Quatro quartetos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

ERIKSON, Erik H. *Identity: Youth and crisis*. Nova York: Norton, 1968.

_____. *O Ciclo de Vida Completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FOSSATTI, Paulo. A produção de sentido na vida de educadores: por uma logoformação. 2009. 271f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul / PUCRS, Porto Alegre, 2009.

FRANKL, Viktor E. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. 2. ed. Aparecida, SP. Santuário, 1989.

_____ et al. *Dar sentido à vida: a Logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1990.

_____. *Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990a.

_____. *A presença ignorada de Deus*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Logoterapia e análise existencial*. Tradução de Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Editorial PSY II, 1995.

_____. *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. Traducción, Héctor Piquer Minguijón. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2000.

_____. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 18. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial*. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 2003a.

_____. *Sede de sentido*. 3. ed. São Paulo: Quadrante, 2003b.

_____. *Lo que no está escrito en mis libros: Memorias*. Traducción de Ingrid Ostrowski. 2. ed. Buenos Aires: San Pablo, 2003c.

_____. *La psicoterapia al alcance de todos*. 7. ed. Barcelona: Herder Editorial, 2003d.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983a.

_____. “Escuela pública y educación popular”, in FREIRE, P.: Política y educación. México. Siglo XXI, 1992.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *A la sombra de este árbol*. Barcelona: El Roure, 1997.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e ousadia: cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GAZZANIGA, Michael S., HEATHERTON, Todd F. *Ciência Psicológica: mente, cérebro e comportamento*; tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2. imp.rev. – Porto Alegre: Artemed, 2005.

GOULART, Mônica Riet. *Educação Continuada de Professores: Desenvolvimento Profissional através de processos reflexivos mediados pela ação do pedagogo*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul-PUCRS, 2003. Dissertação (Dissertação em Educação), 141f.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner e CAMPBELL, John B. *Teorias da Personalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

HAMACHEK, Don E. *Encontros com o Self*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

HANNOUN, Hubert. *Educação: certezas e apostas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

HAPPÉ, Robert. *Consciência é a resposta*. São Paulo: Editora Talento, 1997.

HAVEL, Václav. In CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2002..

HOLLIS, James. *Nesta jornada que chamamos vida: vivendo as questões*. Tradução Alessandra Siedschlag. São Paulo: Paulus, 2004.

HUFFMANN, Karen, VERNOY, Mark, VERNOY, Judith. *Psicologia*; coordenação da tradução Maria Emilia Yamamoto; revisão técnica Agostinho Minucucci. São Paulo: Atlas, 2003.

HUGO, Victor Marie. Fantine – Los Miserables. In GROF, Stanislav et Bennett, Hal Zina. *La Mente Holotrópica: los niveles de la conciencia humana*: Editorial Kairós, 1993, p. 15

ISAIA, Silvia Maria de Aguiar. Professor universitário no contexto de suas trajetórias como pessoa e profissional. In: MOROSINI, Marília Costa (org.). **Professor do ensino superior**: identidade, docência e formação. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000. p. 21-33. 218

_____. *Processos de Ensinar e Aprender: sujeitos, currículos e cultura: Livro 3 / Org. Eliane Peres... [Et al.] – Porto Alegre: EDIPUCRS. 2008, 697p.*

JOURARD, Sidney M. e LANDSMAN. *La Personalidad Saludable: El punto de vista de la Psicología Humanística*. México: Trillas, 1987.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de Vida e Formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. *Trajetória e Processos de Ensinar e Aprender Práticas e Didáticas: Livro 2 / Org. Clarice Traversini... [Et al.] – Porto Alegre: EDIPUCRS. 2008, 691p.*

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

_____. *O Desenvolvimento da Personalidade*. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *O Eu e o inconsciente*. Obras Completas de C.G. Jung. Vol. VII / 2; tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1987a.

_____. *Presente e Futuro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

_____. *A Energia Psíquica*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Ab-reação, análise dos sonhos, transferência*. Obras Completas de C.G. Jung. Vol.XIV /2. tradução Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUSTO, Henrique. *Você também é diferente*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Cresça e faça crescer*. Canoas: La Salle, 2001.

KUENZER, A. Política educacional e planejamento no Brasil. Os descaminhos da transição. In: Kuenzer, M.J.C.Calazans e W. Garcia (orgs). Planejamento e educação no Brasil. São Paulo: Cortez, 1990.

LAWRENCE, David Herbert. Phoenix. In GROF, Stanislav et Bennett, Hal Zina. *La Mente Holotrópica: los niveles de la conciencia humana*: Editorial Kairós, 1993.

LELOUP, Jean Yves. Cuidar de Ser: Fílon e os Terapeutas de Alexandria: Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

LEVINAS, Emmanuel. *El tiempo y el otro*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A.; 1993.

_____. *Fuera del sujeto*. Traducción de Roberto Ranz Torrejón y Cristina Jarillot Rodal. Madrid: Caparrós Editores, 2002.

_____. *Ética e infinito*. Tradução de João Gama. Portugal: Edições 70, 2007.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARIOTTI, Humberto. *As Paixões do Ego: complexidade, política e solidariedade*. São Paulo: Palas Athena, 2000.

MASLOW, Abraham. *Motivation and personality*. New York: Harper & Row, 1970.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas, Editorial PSY II, 1995.

MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto e REZEPKA, Sima Nisis. *Formação humana e capacitação*; tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MAZZUCO, Vitório, OFM. A ESPIRITUALIDADE HOJE. Disponível em http://www.franciscanos.org.br/noticias/noticias_especiais/retirosefras_06/03.php, acessado em 15 de abril de 2009.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

MELLO, Maria F. de. Cronosformação. In CETRANS – Centro de Educação Transdisciplinar. São Paulo, 2001.

MOMBERGER, Christine Delory. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. IN: **Revista da Faculdade de Educação da USP**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 32, nº 2, maio\agosto de 2006.

MOORE, Thomas. *O Self Original- Meditações: vivendo com o paradoxo e a originalidade*. São Paulo: Verus Editora, 2004.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

MORAES, Maria Cândida, VALENTE, José Armando. *Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade?* São Paulo: Paulus, 2008

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. In: Educação. Porto Alegre, Ano XXII, n. 37, 1999. p. 7-31.

_____. Análise de Conteúdo: possibilidades e limites. In: ENGERS, Maria Emília Amaral (org) Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação: notas para reflexão. Porto Alegre: Edipucrs, 1994. p. 103-111.

_____. A educação de professores de Ciências: uma investigação da trajetória de profissionalização de bons professores. Porto Alegre: UFRGS, 1991. (Tese de Doutorado).

MORIN, Edgar. *O Método III. O conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 1989.

_____. "Epistemologia da complexidade". In: SCHNITMAN, D.F. (org) *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

_____. *A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. Dimensão Metodológica. In MORAES, Maria Cândida, VALENTE, José Armando. *Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade?* São Paulo: Paulus, 2008

MOSQUERA, Juan José Mouriño. O amor e o ódio: construção e destruição pessoal. IN: Revista da ADPPUCRS. FAGED. Porto Alegre, nº 5, dezembro de 2004

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.

_____. *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO, 2001.

OLBRZYMEK, Marilda Regiani. O despertar da Inteiraza: Recriando o ser, o saber e o fazer. Blumenau: Editora da Asselvi/Nova Letra, 2001.

OLIVER, Mary. *"The Journey" in Dream Work*. Nova York: Atlantic Monthly Press, 1986.

PESSOA, Fernando. Não sei quantas almas tenho. Disponível em <http://www.vidaem poesia.com.br/fernandopessoa.htm>. Acessado em 25 maio de 2009.

PÉREZ, Clara Romero. *Conocimiento, Acción y Racionalidad en Educación*. Madrid, España. Editorial Biblioteca Nueva. 2004.

PIERRAKOS, Eva. *O caminho da autotransformação – The pathwork of self transformation*. São Paulo: Cultrix, 1990.

PIVATTO, Pergentino Stefano. Visão de homem na educação e o problema da humanização. IN: **Revista Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**. Faculdade de Educação – Programa de Pós-Graduação. Porto Alegre\RS, ano XXX, nº 2 (62), maio\ago. 2007.

PONSANCINI, Mauricio. Sonhar. São Paulo: [2007] Disponível em <http://br.groups.yahoo.com/group/massoterapias13/message/131?o=0&var=1>. Acesso em 15 out. 2008.

PÖPPEL, Ernst. *Fronteiras da Consciência: a realidade e a experiência do mundo*. Lisboa: Edições 70, 1985.

PORTAL, Leda Lísia Franciosi. Enciclopédia de Pedagogia Universitária – Glossário / Vol. 2. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

PORLÁN, Rafael, RIVERO, Ana. *El conocimiento de los profesores*. Sevilha: Díada Editorial, 1998.

PORLÁN, Rafael et al. *La relación teoría-práctica em la formación permanente del profesorado*. Sevilha: Díada Editorial, 2001.

QUINTANA, Mário. Borboletas. Poema e Multimidia Disponível em <http://deviscience.wordpress.com/2009/06/24/borboletas-de-mario-quintana/> Acesso em 24 de fev. de 2008.

REASON, Peter. *Human Inquiry in action*. London: Sage, 1988.

RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*; tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

RIOS, Terezinha Azerêdo. *Compreender e Ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

ROGERS, Carl. *Client-centered therapy: Its correct practice, implications, and theory*. Boston: Houghton Mifflin, 1951.

_____. *Tornar-se pessoa*. Tradução de Manuel José do Carmo Ferreira). 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

SACRISTÁN, J. Gimeno e GOMÉZ, A.I. Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 4ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 396 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Um discurso sobre as Ciências. Porto: Afrontamento, 2002.

SANTOS, E.F. *Ciúme: o lado amargo do amor*. São Paulo: Gente, 2000.

SCHAIE, K. Warner; WILLIS, Sherry L. *Psicología de la edad adulta y la vejez*. Madrid: Perarson-Prentice Hall, 2003.

SHORES, Elizabeth; GRACE, Cathy. *Manual de Portfólio – Um guia passo a passo para o professor*. Porto Alegre: Artmed., 2001.

SELIGMAN, Martin E. P. *Felicidade autêntica: usando a nova psicologia positiva para a realização Permanente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SERRANO, Maria Gloria Perez. *Investigacion-Accion: aplicaciones al campo social y educativo*. Madrid: Dykinson, 1990.

SOLOMON, Robert C. *Espiritualidade para céticos: Paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O Conhecimento de si – Estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

STAUD, John-Raphael. *O Desenvolvimento Adulto de C.G. Jung*. São Paulo: Cultrix, 1995.

STEINBECK, John. In GROF, Stanislav et Bennett, Hal Zina. *La Mente Holotrópica: los niveles de la conciencia humana*: Editorial Kairós, 1993, p. 283

STEVENS, Wallace. In GROF, Stanislav et Bennett, Hal Zina. *La Mente Holotrópica: los niveles de la conciencia humana*: Editorial Kairós, 1993, p. 13

SUNG, Jo Mo. *Educar para Reencantar a Vida*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TABONE, Márcia. *A Psicologia Transpessoal: introdução à nova visão da Consciência em Psicologia e Educação*: São Paulo: Cultrix, 2003.

TART, Charles T. *Psicologias Transpersonales: las tradiciones espirituales y La psicología contemporánea*. Tomo I. Buenos Aires: Paidós, 1979.

TART, Charles. Estados de consciência e ciência dos estados específicos. In: WALSH, Roger & VAUGHAN, Frances. *Más allá del ego; textos de psicología transpessoal*. Barcelona, Kairós, 1980. pp.312-331.

THOMPSON, Letícia. *A Inteiraza da Vida. Poema e Multimídia*. Disponível em http://www.leticiathompson.net/a_inteiraza_da_vida.htm , acessado em 21 de junho de 2007.

TREVISOL, Jorge. *O reencantamento humano: processos de ampliação da consciência na educação*. São Paulo: Paulinas, 2003.

TREVISOL, Jorge. *A Dança do Universo: Humana Consciência*, São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *Educação Transpessoal: um jeito de educar a partir da interioridade*. São Paulo: Paulinas, 2008.

TRILLA, Jaume. *A Pedagogia da Felicidade: superando a escola entendiante*. Porto Alegre: Artemed, 2006.

UNGARETTI, Regina Leitão. A educação como processo do traduzir-se: o (re) descobrir da inteireza do ser. 2005. 204f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul / PUCRS, Porto Alegre, 2005.

VASCONCELLOS, Luís Alfredo. *Consciência Individual: o eu e as pressões coletivizantes*. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.

WALSH, Roger; VAUGHAN, Frances. Qué es una persona? In: Más Allá del ego; textos de psicologia transpessoal. Barcelona, Kairós, 1980.

WELWOOD, J. O amor consciente. In: WALSH, Roger; VAUGHAN, Frances (Org.). Caminhos além do ego: uma visão transpessoal. São Paulo: Cultrix, 1999.

WILBER, Ken. *Transformações da Consciência: O Espectro do Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Cultrix, 1986.

_____. *Psicologia Integral: Consciência, Espírito, Psicologia, Terapia*. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. *Uma Teoria de Tudo: Uma Visão integral para os negócios, a política, a ciência e a espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 2000a.

WOLMAN, Richard. *Inteligência Espiritual. Um método revolucionário para você avaliar e expandir seu nível de consciência espiritual*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. QS – O que faz a diferença. *Inteligência Espiritual*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ZORZAN, Adriana Loss. Consciência espiritual e social na escola: processo educativo necessário para a formação humana. 2009. 349f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul / PUCRS, Porto Alegre, 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G694e Goulart, Mônica Riet

As espirais da subjetividade reveladas na inteireza do educador para a construção do seu processo autoformativo / Mônica Riet Goulart. – Porto Alegre, 2010.

326 f.

Tese (Doutorado) – Fac. de Educação, PUCRS.
Orientador: Profa. Dra. Leda Lísia Franciosi Portal.

1. Educação. 2. Professores – Atuação Profissional.

3. Professores – Formação Profissional. 4. Subjetividade.

5. Filosofia Humana. 6. Conhecimento (Educação).

Bibliotecária Responsável: Dênira Remedi – CRB 10/1779